



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ISAQUE DA SILVA MORAES

**REPRESENTAÇÕES POSIT(HIV)AS NA LITERATURA JUVENIL
BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DE *O DONO DOS PÉS* (1996), DE
JUSSARA ROCHA KOURY**

JOÃO PESSOA

2024

ISAQUE DA SILVA MORAES

**REPRESENTAÇÕES POSIT(HIV)AS NA LITERATURA JUVENIL
BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DE *O DONO DOS PÉS* (1996), DE
JUSSARA ROCHA KOURY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito necessário para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura, Teoria e Crítica

Linha de pesquisa: Leituras Literárias

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Maria Segabinazi

JOÃO PESSOA/PB

JULHO/2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M827r Moraes, Isaque da Silva.

Representações posit(hiv)as na literatura juvenil brasileira: uma análise de o dono dos pés (1996), de Jussara Rocha Koury / Isaque da Silva Moraes. - João Pessoa, 2024.
173f. : il.

Orientação: Daniela Maria Segabinazi.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura juvenil. 2. HIV/aids. 3. Romance juvenil. I. Segabinazi, Daniela Maria. II. Título.

UFPB/BC

CDU 89-93:616.97(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)
ISAQUE DA SILVA MORAES

Aos três dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: “Representações posit(hiv)as na literatura juvenil brasileira: uma análise de O dono dos pés (1996)”, apresentada pelo(a) aluno(a) ISAQUE DA SILVA MORAES, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(A) professor(a) Doutor(a) Daniela Maria Segabinazi (PPGL/UFPB), na qualidade de orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte o(a)s Professores Doutore(a)s Marinês Andrea Kunz (PPGL/UFPB) e Rosa Maria Hessel Silveira (UFRGS). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: Aprovado. Proclamados os resultados pelo(a) Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu,) Daniela Maria Segabinazi (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 03 de julho de 2024.

Parecer:

A pesquisa apresenta originalidade e atende os critérios de uma investigação com base sólida nos fundamentos teóricos e metodológicos. É uma contribuição importante para os estudos literários, em particular, para a literatura juvenil brasileira. A banca recomenda publicação da dissertação em artigos e a divulgação em eventos.

Documento assinado digitalmente
gov.br DANIELA MARIA SEGABINAZI
Data: 07/07/2024 11:05:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>
Profa. Dra. Daniela Maria Segabinazi
(Presidente da Banca)


Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br ROSA MARIA HESSEL SILVEIRA
Data: 08/07/2024 15:57:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>
Profa. Dra. Rosa Maria Hessel Silveira
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br ISAQUE DA SILVA MORAES
Data: 07/07/2024 11:27:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Isaque da Silva Moraes
(Mestrando)

Aos primeiros soldados de uma batalha épica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fortalecer e nortear até o final desse bonito e complexo caminho traçado.

Aos meus pais, Fernando e Marcia, pelo amor, disponibilidade, dedicação e responsabilidade no cuidado familiar e no incentivo à educação.

À minha orientadora, professora e inspiração profissional, Daniela Maria Segabinazi, pela escuta atenta, o acolhimento e os direcionamentos que foram fundamentais para que esse percurso formativo tenha sido realizado com êxito.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ), pelo fomento que foi essencial para a construção desta pesquisa.

Às professoras Rosa Hessel e Marinês Kunz, pela leitura atenta e as considerações primorosas ao texto da dissertação.

À Jussara Rocha Kouryh, pela disponibilidade para participar da pesquisa e pelo afeto demonstrado no processo.

Às minhas amigas Israela Rana e Stéfane Almeida, por serem a minha fortaleza e o meu porto seguro nas inúmeras vezes que pensei em desistir, por acreditarem e enxergarem a importância dessa pesquisa, por serem quem são e, por isso, serem as melhores pessoas do mundo.

Aos meus amigos Gabriel Moraes e Akim de Paula, pelas inúmeras partilhas que ampliaram a minha visão sobre a temática.

Aos meus amigos Phelippe Messias, Anabelle Azevedo, José Etham Barbosa, Ana Paula Herculano, Tainá Farias, Letícia Simões, Mariana Ramalho, Beatriz Almeida e Joseany Lunguinho, por fazerem parte incentivando e apoiando, cada um ao seu modo, esse período da minha vida.

Ao projeto de extensão *Cultura literária na escola: para ler, ver, ouvir e sentir*, por me ensinar a viver literariamente em casa, na escola, na universidade, em todos os lugares...

Ao projeto de extensão *Falando sobre aids*, por me oportunizar o redimensionamento da minha atuação social nas ruas, praças e espaços formativos.

Ao Grupo de Pesquisa *Jovens e Literatura: leitura, pesquisa e crítica* (JoLi/UFPB), pelas discussões teóricas e literárias.

Aos grandes mestres que fazem parte do professor e pesquisador que me tornei, representados nas figuras de: i) na Educação Básica: Claudinete, Vilani, Kátia e Débora; ii) no Ensino Superior: Amanda Ramalho, Rildo Cosson, Franciane Silva, Fabiana Costa, Alyere Farias, Marcelo Rodrigo, Fernando Domingos Aguiar, Kalina Paiva, Valnikson Viana, Tauan Tinti e Arturo Gouveia.

Aos meus alunos, por me fazerem enxergar todos os dias que sonhar é necessário e conquistar é possível.

Aos pesquisadores Marcelo Secron Bessa, Leandro Noronha da Fonseca, Maurício da Anunciação, Alexandre Nunes de Sousa, entre outros, que deram início e continuam construindo perspectivas sobre a aids e a literatura.

Às pessoas no passado, presente e futuro que vive(ra)(rão)m com HIV/aids, pela continuidade em memória, aqui e agora...

Aos escritos daqueles que me constituem como sujeito.

Ao meu cachorro e melhor amigo Trevis (*in memoriam*), pelo companheirismo e proteção.

“Estou fazendo um inventário de uma dor coletiva. A dor torna-se dilaceração quando se fecunda no jardim da indiferença. Na paisagem da intolerância”.

Herbert Daniel (1991)

RESUMO

As duas últimas décadas do século XX foi um período de grande ebulição cultural no Brasil. No campo literário, por exemplo, ocorreu o amadurecimento e a consolidação da literatura direcionada ao público jovem, por meio das instâncias de consagração, do aumento da produção de textos e da distinção de autores que deram esse enfoque aos seus livros. Paralelamente a isso, no cenário social despontou a epidemia de HIV/aids, que gerou respostas políticas, educacionais e culturais de diversos âmbitos da sociedade. À vista disso, diversos textos literários surgiram com a temática em questão, uma vez que a relação entre literatura e sociedade é intrínseca, como evidenciou Candido ([1965] 2023). Posto isso, a presente pesquisa objetiva compreender as representações do HIV/aids a partir do romance juvenil *O dono dos pés* (1996), de Jussara Rocha Koury. De modo específico, são finalidades do estudo: i) investigar o cenário brasileiro da década de 1990; ii) realizar um panorama histórico das obras com a temática; iii) apontar como a inclusão dessa e de outras temáticas auxiliou na consolidação de tal literatura e no apagamento dos textos na crítica literária; iv) produzir material para a fortuna crítica da autora; v) comparar as edições do livro que configuram o corpus; e vi) analisar como se deu a tematização no romance e a sua abordagem dentro do escopo da *teen sick-lit*. Como percurso metodológico, o estudo possui uma abordagem qualitativa e segue o método dialético, uma vez que investiga o surgimento e as transformações de tal temática na literatura juvenil, e, para tanto, foi procedido tecnicamente o levantamento dos dados de maneira bibliográfica e documental. Para o levantamento dos dados sobre a escritora, especificamente, foi realizada uma entrevista episódica (Flick, 2013), na qual ela narrou acontecimentos diretamente relacionados ao cerne da pesquisa. A base teórica deste trabalho está fundamentada em dois campos principais: a) estudos sobre literatura juvenil e sobre a tematização de doenças nesses textos, com autores como Coelho (1991), Lacerda (1998), Ceccantini (2000), Souza (2006), Gregorin Filho (2011), Elman (2012), Souza (2015), Silveira e Silveira (2016; 2019) e Lajolo e Zilberman (2022); e b) estudos teórico-críticos sobre a relação entre literatura e HIV/aids, a partir de estudiosos como Bessa (1997; 2002), Moriconi ([2006] 2020), Sousa (2015a; 2015b; 2016), Inácio (2016), Fonseca (2022; 2023), dentre outros. O percurso empreendido, a título de resultados, permitiu: a positivação (ou seja, ter ciência acerca) da produção literária juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids, publicada de maneira impressa, no período delimitado entre 1980 e 2020; a compreensão do contexto de surgimento e das transformações da representação do HIV/aids nessa literatura; os aspectos que propiciaram o apagamento dessas obras nos estudos teórico-críticos; a tessitura de procedimentos críticos para o alargamento das relações entre os campos; o delineamento das especificidades dessa produção literária no Brasil; indicadores para a fortuna crítica da autora; a identificação das particularidades das edições do romance juvenil e seus efeitos de sentido; e o arranjo multifacetado do HIV/aids presente na narrativa, precipitando, inclusive, aspectos do manejo temático que se sucederam com o avanço da compreensão sobre o vírus e a doença.

Palavras-chave: Literatura juvenil; HIV/aids; *Teen sick-lit*; Representação; Romance juvenil; Jussara Rocha Koury.

ABSTRACT

The last two decades of the 20th century was a period of huge transformation in the cultural scenario in Brazil. In the literary field, for example, we had a maturation and consolidation of literature aimed at young people, through the instances of consecration, the increase in the production of texts and the distinction of authors who have given this focus to their books. In parallel with this fact, in the social scenario the epidemic of HIV/aids emerged, which generated political, educational and cultural responses from various spheres of society. Related to this, various literary texts have emerged with the theme in question, since the relationship between literature and society is intrinsic, as Candido ([1965] 2023) pointed out. This research aims to understand the representations of HIV/aids in the youth novel *O dono dos pés* (1996), by Jussara Rocha Koury. Specifically, the aims of the study are: i) to investigate the Brazilian scene in the 1990s; ii) to carry out a historical overview of works with this theme; iii) to point out how the inclusion of this and other themes helped to consolidate such literature and the erasure of texts in literary criticism; iv) to produce material for the author's critical fortune; v) to compare the editions of the book that make up the corpus; and vi) to analyse how the novel was thematised and its approach within the scope of teen sick-lit. As a methodological approach, the study takes a qualitative approach and follows the dialectical method, since it investigates the emergence and transformations of this theme in youth literature, and, to this end, data was technically collected from bibliography and documents. To gather data on the writer an episodic interview was conducted (Flick, 2013), in which she narrated events directly related to the core of the research. Our theoretical framework is based on two main fields: a) studies on youth literature and the thematization of diseases in these texts, with authors such as Coelho (1991), Lacerda (1998), Ceccantini (2000), Souza (2006), Gregorin Filho (2011), Elman (2012), Souza (2015), Silveira and Silveira (2016; 2019) and Lajolo and Zilberman (2022); and b) theoretical-critical studies on the relationship between literature and HIV/aids, based on scholars such as Bessa (1997; 2002), Moriconi ([2006] 2020), Sousa (2015a; 2015b; 2016), Inácio (2016), Fonseca (2022; 2023), among others. The results of the study were: to have knowledge (i.e. being aware of) of Brazilian youth literature on HIV/aids, published in print, between 1980 and 2020; to understand the context of the emergence and transformations of the representation of HIV/aids in this literature; the aspects that led to the erasure of these works in theoretical-critical studies; the development of critical procedures to broaden relations between the fields; and the delineation of the specificities of this literary production in Brazil; indicators for the author's critical fortune; the identification of the particularities of the editions of the youth novel and their effects of meaning; and the multifaceted arrangement of HIV/aids present in the narrative, even precipitating aspects of the thematic handling that followed with the advance of understanding about the virus and the disease.

Keywords: Youth literature; HIV/aids; Teen sick-lit; Representation; Youth novel; Jussara Rocha Koury; *O dono dos pés*.

Lista de Figuras

Figura 1 – Capa da edição de 1996.....	108
Figura 2 – Capa da edição de 2013.....	110
Figura 3 – Contracapa 1996.....	112
Figura 4 – Contracapa 2013.....	112
Figura 5 – Mudança de cena e título corrente (1996)	114
Figura 6 – Mudança de cena e título corrente (2013)	114
Figura 7 – Capítulo e capitular (1996).....	114
Figura 8 – Capítulo e capitular (2013).....	114
Figura 9 – Núcleos principais da constelação de personagens.....	118
Figura 10 – Núcleos secundários da constelação de personagens.....	118
Figura 11 – Núcleos terciários da constelação de personagens.....	119

Lista de Quadros

Quadro 1 – Panorama da Literatura Juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids (1980-2000)....	45
Quadro 2 – Panorama da Literatura Juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids (2001-2020)....	58
Quadro 3 – Obras literárias de Jussara Rocha Kouryh.....	99

Lista de Abreviaturas e Siglas

APLE	Academia Palmarense de Letras
aids	Síndrome da imunodeficiência adquirida
APCA	Associação Paulista de Críticos de Arte
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EDUCAIDS	Encontro Nacional de Educadores na Prevenção de Aids
ENONG	Encontro Nacional de ONGs que Trabalham com Aids
EUA	Estados Unidos da América
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
GAPA	Grupo de Apoio à Prevenção à Aids
HIV	Vírus da imunodeficiência humana
HQ	História em quadrinho
ISTs	Infecções sexualmente transmissíveis
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ONGs	Organizações não governamentais
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEP	Profilaxia pós-exposição ao vírus HIV
PREP	Profilaxia pré-exposição ao vírus HIV
PSE	Programa Saúde na Escola
SPE	Saúde e Prevenção nas Escolas
SUS	Sistema Único de Saúde
TARV	Terapia Antirretroviral
UNAIDS	Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
YA	Young Adult

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA POSIT(HIV)A: CENÁRIO EMERGENTE E ATUAL.....	21
1.1 Atravessamentos do HIV/aids no cenário brasileiro das últimas décadas do século XX...	23
1.2 A década de 1990 e as temáticas na literatura juvenil brasileira: processo de consolidação	34
1.3 Panorama das obras juvenis brasileiras que tematizam o HIV/aids	42
1.3.1 Os primeiros escritos (1980-2000): literatura emergencial e tonalidade educativa	45
1.3.2 Os escritos do século XXI: novas abordagens e literatura <i>Young Adult</i>	57
2. LITERATURA JUVENIL E HIV/AIDS NA ESTEIRA DOS ESTUDOS CRÍTICOS	65
2.1 Literatura brasileira e HIV/aids: campo e intersecções	66
2.2 Literatura juvenil e temáticas fraturantes: a doença em foco	76
2.3 Literatura juvenil e HIV/aids: pontos de confluências	85
3. UMA AUTORA, UM LIVRO JUVENIL E UMA(?) TEMÁTICA, O RESULTADO DEU POSIT(HIV)O	95
3. 1 “A escrita é a minha cachaça” – Jussara Rocha Kouryh	97
3.1.1 A atuação social de Jussara Kouryh frente à aids.....	101
3.2 <i>O dono dos pés</i> (1996) e suas edições: paratextos e os efeitos de sentido	103
3.2.1 O projeto gráfico de <i>O dono dos pés</i> (1996; 2013) e suas mudanças.....	108
3.3 Representações do HIV/aids em <i>O dono dos pés</i> (1996)	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS.....	146
APÊNDICE I	157
APÊNDICE II.....	158
APÊNDICE III	160

INTRODUÇÃO

Agora vejo construções brancas e frias além das grades deste lugar onde me encontro. Não sei o que virá depois deste agora que é um momento após a Coisa Estranha, a turvação que desabou sobre mim. Sei que você não compreende o que digo, mas compreenda que eu também não compreendo. Minha única preocupação é conseguir escrever estas palavras — e elas doem, uma por uma [...] A única coisa que posso fazer é escrever — essa é a certeza que te envio, se conseguir passar esta carta para além dos muros.

(Primeira carta para além dos muros, de Caio F. Abreu)

Quando o escritor Caio Fernando Abreu escreveu a *Primeira carta para além dos muros* (Abreu, 2006a), em 21 de agosto de 1994, ele enfrentava as consequências do estágio avançado da doença que findaria sua vida anos depois, a aids¹. Naquela crônica confessional, havia o desejo de que sua escrita ultrapassasse os muros brancos do hospital em que se encontrava e revelasse também o desconhecimento do eu perante o que lhe afligia. O que há para ser feito anos depois, quando estamos do outro lado do muro? É provável que uma das respostas seja justamente fazer com que a literatura alcance ainda mais outros sujeitos e propicie meios para que eles possam ter suas experiências estéticas. É considerando esse caminho como profícuo para o alargamento dos horizontes que, aqui, do outro lado do muro, pretendemos fazer circular as vozes da literatura que tematizam o HIV/aids, em especial da literatura juvenil brasileira. O recorte desse campo no escopo da literatura se dá em virtude de sua consolidação no Brasil ocorrer no período concomitante ao surgimento da epidemia, a saber, no final do século XX. Ademais, é imperioso considerar o escanteamento que os textos voltados para jovens sofrem(ram) por causa do poderio canônico que concentra majoritariamente títulos direcionados ao público adulto; e, quando consideramos a temática cerne, há ainda o estigma relacionado ao HIV/aids decorrente do imaginário social sobre o vírus e a doença construído nos anos iniciais de seu surgimento e que perdura até os dias atuais. Como consequência, há

¹ Nesta pesquisa, optou-se pela utilização da sigla da síndrome da imunodeficiência adquirida (aids) com letras minúsculas, na esteira do que defendeu Herbert Daniel ([1991] 2018b) como indicativo de um significante que se refere muito mais do que somente à doença, e ainda adotado por outros autores como Mello (2018) e Fonseca (2023), considerando os aspectos sociais, culturais e políticos que a envolvem. Como orientou o jornalista Josué Machado (1996), trata-se de uma acografia, ou seja, de uma abreviatura silabável. Apesar disso, outras ocorrências como “Aids” e “AIDS” foram redigidas quando pertencentes à títulos de trabalhos de outros autores e em citações diretas.

uma escassez de estudos teórico-críticos que discutam sobre a temática nesses textos literários. Na medida em que tais tensionamentos foram constatados, surgiram algumas questões que orientam a pesquisa: Quais são as obras que tematizam o HIV/aids na literatura juvenil brasileira? Elas foram/são sistematizadas e analisadas pela crítica?

Essas questões revelam que, além de um desconhecimento sobre títulos com tal enfoque, ocorre ainda um apagamento de sua abordagem em diferentes estudos. Uma das vertentes que justificam essa problemática é o caráter paradidático que é conferido nesses textos, tanto por ser uma literatura que surgiu e circulava, no período das primeiras publicações, sobretudo nas escolas, quanto por retratarem uma temática que parecia ser relacionada apenas ao domínio discursivo biomédico, o que obliterou a discussão. No entanto, o caráter literário desses textos coincide com o período em que surgem, avançando qualitativamente conforme se desenvolve uma compreensão sobre a doença que suplanta o adoecimento e afeta também as subjetividades dos sujeitos. Sob essas perspectivas, a compreensão de como sucede a representação do jovem impactado pela temática, vivente e/ou convivente, é uma necessidade, e a literatura, assim como outros objetos culturais, não escapa de tais representações, uma vez que possui potencial de construir novos e/ou manter discursos e imaginários.

Posto isso, esta pesquisa, de maneira geral, objetiva positivar a literatura juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids, uma vez que essa produção possui características específicas e demanda olhares investigativos que evidenciem a singularidade da representação da temática nesse escopo literário. A ideia de “positivar” está diretamente relacionada ao diagnóstico positivo para o vírus HIV, uma vez que ele implica profundamente a percepção do sujeito sobre si e na maneira como ele é percebido socialmente pelos outros. Nesse sentido, o *status* positivo envolve uma mudança de cenário. Ao relacionarmos com a literatura juvenil, positivá-la diz respeito a lançar luz sobre uma produção que por muitas décadas foi escanteada e até mesmo desconsiderada dentro do escopo desse sistema literário. Logo, ao positivarmos essa produção literária indicamos o início de uma trajetória de exploração dos textos que pode ser empreendida e expandida, o que representa uma relevante contribuição aos estudos sobre a literatura juvenil brasileira, principalmente da vertente histórica dessa literatura.

Para tanto, configura-se como *corpus* do estudo o romance juvenil *O dono dos pés* (1996), da autora pernambucana Jussara Rocha Koury², haja vista a escassez de trabalhos

² Atualmente, a escritora assina suas obras da seguinte maneira: “Kouryh”. No entanto, pelo fato de o livro que será analisado ser publicado com a grafia original de seu sobrenome, ainda sem o acréscimo da letra “h”, sempre que nos referirmos a ele especificamente utilizaremos a assinatura que está presente no suporte, ou seja, a primária. Já quando fizermos referência somente à autora, sem uma vinculação específica com o romance juvenil de 1996, empregaremos a forma como o seu nome tem sido grafado nos últimos anos.

acadêmicos que focalizam a produção literária da escritora, assim como por ser uma narrativa que escapa do eixo sudeste-sul, regiões em que foram produzidas a maior quantidade de obras voltadas ao público juvenil nas quais a temática figura. E ainda por mesclar em sua diegese certo grau estético com discursos pedagógicos e engajados que caracterizam vários textos produzidos na década de 1990, período de transformação da compreensão sobre o vírus e a doença socialmente, através da distribuição de medicamentos que redimensionaram o horizonte mortífero dos sujeitos para a vivência com o HIV.

Enquanto objetivos específicos, a pesquisa desdobra-se da seguinte maneira: (i) investigar o cenário político, educacional, social e cultural da década de 1990 no Brasil; (ii) realizar um panorama histórico da literatura juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids (1980-2020); (iii) apontar como a inclusão dessa temática e de outras doenças foi essencial para a consolidação da literatura juvenil brasileira e os aspectos que proporcionaram o apagamento dessas obras nos estudos teórico-críticos; (iv) produzir material que sirva de subsídio para a fortuna crítica da escritora do romance, como sua biografia e a sua importância para a literatura juvenil pernambucana; (v) comparar as duas edições do romance *O dono dos pés* (1996; 2013); e (vi) analisar a categoria temática do HIV/aids no romance, a partir de um viés sociocultural.

Metodologicamente, esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois evidencia “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32). Este estudo se constitui a partir do método de abordagem dialético, pois considera que todos os objetos se relacionam entre si. Nesse sentido, ao compreendermos a aids como uma problemática social, diretamente relacionada aos sujeitos, e os textos literários como uma produção cultural humana, entende-se que as obras são elaboradas a partir de questões da sociedade e condicionadas por elas. Além disso, esse método opera a partir da ideia de que tudo se transforma e quando observamos os textos literários juvenis com a temática, constata-se uma transformação ao longo do tempo, tanto em virtude do avanço biomédico sobre a doença quanto das abordagens estéticas dela na literatura, configurando então o caráter qualitativo dessa mudança. Logo, o objeto livro não pode ser encarado isoladamente, e, por isso, dentro da dialética, “o pesquisador precisa estudá-lo em todos os seus aspectos, suas relações e conexões, sem tratar o conhecimento como algo rígido, já que tudo no mundo está sempre em constante mudança [...]” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 35)

Na investigação empreendida, quanto aos meios técnicos, foram aplicados os métodos histórico e comparativo, uma vez que o surgimento da doença no final do século XX e, conseqüentemente, a tematização dela por diferentes autores, como também a consolidação da

literatura juvenil no cenário brasileiro refletem diretamente na compreensão atual sobre o tema. Além disso, os textos literários apresentam outras configurações no século XXI, o que torna produtiva a comparação da vertente histórica. No que diz respeito aos objetivos, esta é uma pesquisa descritiva e explicativa, já que os dados sobre questões políticas, sociais, educacionais e culturais da década de 1990 e os livros impressos no período entre 1980 e 2020 foram ordenados e descritos, mas ao mesmo tempo explicados, relacionando as causas e consequências para tais manifestações, bem como, apontando meios para a compreensão do amadurecimento da produção literária para jovens no Brasil a partir da diversificação temática, e, por último, as especificidades do romance que será analisado e de sua autoria.

Para a obtenção dos dados, foi procedida tecnicamente uma pesquisa bibliográfica e documental, sendo a principal vantagem da primeira o “fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 2002, p. 45). Tal empreitada se dá em virtude da realização de uma revisão bibliográfica de vários estudos publicados em livros, artigos, periódicos, teses e dissertações, a fim de identificar as lacunas relacionadas à tematização do HIV/aids na literatura juvenil. Outrossim, diversos arquivos, principalmente diretrizes educacionais e do Ministério da Saúde sobre a aids no Brasil, foram manejados para uma maior proficuidade da discussão, pois, segundo Gil (2002, p. 46), “os documentos constituem fonte rica e estável de dados”.

O estudo está fundamentado teoricamente em dois campos principais, a saber: a literatura juvenil brasileira e os estudos críticos sobre a relação entre literatura e HIV/aids. Acerca do primeiro campo, a discussão segue o aporte teórico das contribuições de Coelho (1991), Lajolo e Zilberman (2022), Gregorin Filho (2011), Ceccantini (2000), dentre outros, no que diz respeito à história, características e a consolidação da literatura juvenil no cenário nacional. Sobre o segundo campo, críticos como Bessa (1997; 2002), Moriconi ([2006] 2020), Sousa (2015a; 2015b), Fonseca (2022; 2023) e outros autores, para articular os aspectos característicos já consubstanciados da produção literária direcionada ao público adulto que tematiza o HIV/aids nos anos iniciais da epidemia e contemporaneamente. Com vistas à ampliação e articulação dos campos mencionados, são relacionadas as contribuições de Antonio Candido ([1965] 2023) acerca do encadeamento entre literatura e sociedade; e ainda as reflexões de Julie Elman (2012) no tocante à *teen sick-lit* e os estudos de Gross, Goldsmith e Carruth (2010) sobre narrativas juvenis em língua inglesa em que a temática é constatada.

A pesquisa foi organizada e estruturada do seguinte modo:

a) No primeiro capítulo, intitulado *Literatura juvenil brasileira posit(hiv)a: cenário emergente e atual*, há uma centralização no surgimento da aids no Brasil e os seus efeitos,

principalmente nos campos da política, educação e cultura, a partir de estudiosos que enfocam a história da doença, a exemplo Teodorescu e Teixeira (2015) e Jardim (2019); seguido por um discussão sobre o amadurecimento da literatura juvenil brasileira na década de 1990 e, conseqüentemente, a sua consolidação no cenário brasileiro, por intermédio de autores como Lacerda (1998) e Souza (2006), e ainda do apagamento da tematização do HIV/aids na crítica; por último, é apresentado um panorama dessa literatura publicada de modo impresso em que a temática está presente, com suporte nos escritos de Chartier (2017) – na vertente da História Cultural –, que considera a materialidade do livro e as múltiplas relações entre produção, recepção e circulação para a ampliação da compreensão de tal objeto cultural, no período delimitado entre as décadas de 1980-2000, considerada como uma produção emergencial, e entre 2001-2020 no qual novas abordagens são constatadas;

b) No segundo capítulo, intitulado *Literatura juvenil e HIV/aids na esteira dos estudos críticos*, o foco recai sobre o apagamento da literatura para jovens na crítica sobre literatura e HIV/aids, e do vírus e da doença na crítica sobre a produção literária destinada aos jovens em que as doenças figuram. Para tanto, no primeiro tópico concentram-se as discussões sobre as relações entre literatura e sociedade, o surgimento dos textos literários brasileiros com a temática, as características deles e suas transformações ao longo do tempo, principalmente a partir do “ponto de mutação”, em 1996, definido por Sousa (2015a; 2015b; 2016), com o início do tratamento antirretroviral no Brasil e a cronicidade da doença. No segundo tópico, por sua vez, são trazidos à baila estudos sobre literatura juvenil e doenças, principalmente a partir da *teen sick-lit*, movimento literário que inicia no cenário norte-americano nas últimas décadas do século XX, e dos temas fraturantes, dos quais as doenças fazem parte, e ainda comparações entre o panorama brasileiro proposto e de outros contextos. No último tópico, encontram-se pontos de confluência entre todos esses aspectos para a crítica sobre os textos literários juvenis que tematizam o HIV/aids;

c) Por fim, no terceiro capítulo, intitulado *Uma autora, um livro juvenil e uma(?) temática, o resultado deu posit(hiv)o*, empreende-se a análise da representação do HIV/aids no romance *O dono dos pés* (1996), de Jussara Koury. Para tal propósito, no primeiro tópico, questões relativas à biografia da autora e seu percurso na literatura, com ênfase nos textos infantis e juvenis, são apresentadas em interlocução com os resultados de uma entrevista episódica realizada³. De acordo com Uwe Flick (2013), esse método de entrevista une as narrativas e a indagação, por isso, “[...] podem elucidar mais sobre os processos de construção

³ A pesquisa obteve parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS.

das realidades por parte dos entrevistados do que outras abordagens que se concentram em conceitos e respostas mais abstratos” (Flick, 2013, p. 118) e ainda apresenta o enfoque “[...] em situações e episódios em que o entrevistado teve experiências relevantes para a questão em estudo” (Flick, 2013, p. 118). Por isso, considera-se também a atuação social da escritora frente à temática. Em seguida, são comparadas as duas edições do romance, publicadas em 1996 e 2013, respectivamente, considerando elementos como as transformações do projeto gráfico e dos paratextos, tal qual as influências do mercado na composição dos livros, e aspectos da produção e circulação do texto. No terceiro tópico, a análise é direcionada para os aspectos que constituem a narrativa, a exemplo do jovem que vive com HIV, as respostas à aids – como a solidariedade –, os discursos e imaginários construídos sobre a doença e configurados no texto verbal, as relações sociais dentro do universo da trama, entre outros.

Desse modo, espera-se ultrapassar outros muros brancos além daquele mencionado por Caio F. Abreu e tornar visível uma produção literária bastante diversificada que foi suprimida historicamente. Por fim, desejamos que o leitor, ao entrar em contato com essa pesquisa, possa escrever também estas palavras num diálogo contínuo.

1. LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA POSIT(HIV)A: CENÁRIO EMERGENTE E ATUAL

Entre 1950 e 2000, no Brasil, foram realizados diversos programas de apoio à leitura e, consequentemente, à literatura, em decorrência da crise do desábito à leitura constatada na segunda metade do século XX. Ao mesmo tempo, o cenário político e social sofreu intensas transformações, desde a influência dos movimentos sociais norte-americanos ao regime ditatorial e, posteriormente, ao processo de redemocratização. Nesse contexto, as duas últimas décadas, 1980 e 1990, foram ainda marcadas pela epidemia de HIV/aids. Como resultado, diversos escritos sobre diferentes temáticas emergiram no campo literário brasileiro, em consonância ainda à compreensão de parcelas da sociedade até então escanteadas, como os adolescentes que, neste período, passaram a ser reconhecidos como sujeitos de direito, amparados, inclusive, legalmente pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Sob essa perspectiva, outro fator preponderante dessa época é a efervescência de livros e a publicação dos primeiros textos teóricos/acadêmicos voltados à literatura infantil e juvenil brasileira. No entanto, ainda são encontradas diversas lacunas nesses estudos no que diz respeito à relação entre alguns temas e a forma como eles foram abordados nos textos direcionados para crianças e jovens. Com a finalidade de propiciar novos olhares para esse campo, neste capítulo, intencionamos discutir alguns aspectos no período que compreende 1980-2020 sobre a literatura juvenil que foi publicada e que tematiza o HIV/aids. Nesse sentido, em primeiro plano, salienta-se que, ao realizarmos uma busca no repositório de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) sobre a relação entre as duas vertentes principais dessa pesquisa, encontramos trabalhos em três distintas tendências: 1) estudos que localizam determinado título com a temática no conjunto da obra de um autor; 2) estudos que utilizam textos literários como auxílio no processo de compreensão saúde-doença do sujeito criança/adolescente que vive com HIV/aids; e 3) estudos que mencionam a temática dentro do escopo da literatura LGBTQIAPN+ direcionada para o público juvenil.

Acerca da primeira tendência, ressaltamos a dissertação intitulada *Produção literária infantil e juvenil de Walcyrr Carrasco: uma análise da construção narrativa e da representação de grupos sociais (1979-2010)*, de Patrícia Tiuman (2011). A partir do título, é possível perceber que a temática do HIV/aids não está diretamente relacionada à pesquisa. Contudo, dentro da produção literária juvenil do autor que é corpus do trabalho, o livro *A corrente da vida* (1993) versa sobre a questão. À vista disso, salienta-se que uma das abordagens analíticas empreendidas pela autora é a temática que está presente nos textos por ela selecionados. Desse modo, um dos resultados da pesquisa é que o escritor aborda em suas narrativas temas

polêmicos e atuais dentro do recorte temporal proposto. Entretanto, o que discorre a autora sobre o HIV/aids dentro do romance em questão não toma o vírus e a doença como cerne da publicação.

No tocante à segunda tendência, a dissertação de Jeanine Brondani (2012), intitulada *A história infantil como recurso para a compreensão do processo saúde-doença pela criança com HIV*, exemplifica o direcionamento realizado. A pesquisa da autora não parte dos estudos literários, mas sim do campo da enfermagem. Por isso, para o estudo, foi produzida uma narrativa infantil que, em seguida, por meio de uma prática de contação de histórias, foi compartilhada com crianças que realizavam tratamento em um ambulatório. Apesar de não tomar o texto literário como foco do trabalho, conceitos do campo, como a catarse, foram utilizados para elucidar os resultados da pesquisa, que objetivava depreender os efeitos do texto na compreensão da vivência e do tratamento do vírus por parte das crianças. Isso significa dizer que um estudo de recepção foi empreendido, mesmo que terminologias do campo da teoria literária não tenham sido empregadas. Logo, como exposto, a relação entre texto literário e a temática não é o enfoque de Brondani (2012).

Por último, a terceira tendência está diretamente relacionada ao campo da literatura; entretanto, a temática do HIV/aids não é o foco. Dentro desse escopo, destacam-se os estudos *Literatura infanto-juvenil de temática homoafetiva: impasses entre a abordagem dos PCN e a representação ficcional*, de Lúcia Costa (2011), e *Configurações homoafetivas em romances juvenis brasileiros*, de Kyssia Silva (2012), ambas dissertações. No primeiro, as análises, sob o enfoque dos estudos culturais, não estão centradas em obras com a temática do HIV/aids; ela apenas é apontada como uma das propulsoras do movimento homossexual no Brasil e que, posteriormente, propicia também essa abordagem nos textos literários em consonância com os temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. O segundo, por sua vez, também segue na mesma esteira; contudo, nele é possível encontrarmos a discussão de temas polêmicos nas narrativas juvenis e nas escolas, dentre os quais a aids chega ao âmbito escolar por meio das diretrizes educacionais do final do século XX. Isso significa dizer que, apesar de as pesquisas situarem a aids como uma temática pertinente, ela não é abordada nem evidenciada em textos voltados ao público juvenil.

Portanto, depreende-se desses estudos que há uma lacuna no que diz respeito à relação entre HIV/aids e literatura juvenil dentro dos estudos literários que se debruçam sobre esta modalidade. Todavia, é importante destacar que a aids propicia a fusão entre o social e o individual, entre o universal e o regional, com ressalvas às formas como é construída culturalmente em cada lugar. Paralelo a isso, os recursos para a produção cultural foram

significativos na segunda metade do século XX no Brasil, o que implicou uma profusão de livros naquele contexto no qual a temática esteve presente, especialmente na produção literária. Sendo assim, torna-se evidente a necessidade de estudos que relacionem esses aspectos e que propiciem leituras veementes.

Posto isso, o capítulo está dividido em três subtópicos. No primeiro, a discussão gira em torno das décadas de 1980 e 1990, apontando de que forma o HIV/aids atravessou os âmbitos sanitário, cultural, educacional e social brasileiros, a partir de autores como Galvão, Bastos e Nunn (2012), Teodorescu e Teixeira (2015), Herbert e Parker (2018), Jardim (2019), dentre outros. Em seguida, o segundo tópico discorre sobre o processo de consolidação da literatura juvenil brasileira como campo específico de produção e pesquisa. As asserções realizadas sobre esse assunto tomam como base Coelho (1991), Lacerda (1998), Ceccantini (2000), Lajolo e Zilberman (2022) e Souza (2006). Por último, no terceiro tópico, foi realizado um panorama da literatura juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids, com base nas premissas da História Cultural, evidenciada por Chartier (2017), dividido em dois recortes temporais, a saber, 1980-2000 e 2001-2020. Foram considerados ainda como questão norteadora os aspectos pré e pós-coquetel das produções culturais em que o HIV/aids está presente, de acordo com Sousa (2015a; 2015b; 2016).

1.1 Atravessamentos do HIV/aids no cenário brasileiro das últimas décadas do século XX

Na segunda metade do século XX, uma doença afligiu o cenário mundial e deixou marcas que reverberam até os dias atuais: a síndrome da imunodeficiência adquirida (aids), proveniente da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV). Apesar de ser uma problemática que ultrapassa as fronteiras do país, é nesse território que estão concentradas as asserções que serão abordadas nesta pesquisa, uma vez que, como defende Bessa (1997), a epidemia no Brasil possui características próprias, decorrentes de um contexto específico que gerou diferentes respostas, tanto a nível biomédico quanto social. Considerando esses fatores, as proposições estão circunscritas em categorias, sendo elas: sociedade, política, educação e cultura.

A princípio, é necessário demarcar que o advento da aids no país antecede a descoberta e a divulgação dos primeiros casos da síndrome por parte da comunidade médica e dos sistemas de saúde. Acerca dessa primeira fase da epidemia, Daniel e Parker (2018), em um ensaio

intitulado *A terceira epidemia: o exercício da solidariedade*, originalmente publicado em 1991, afirmam:

Mesmo antes que a AIDS tenha de fato se tornado estatisticamente significativa, entretanto, atraiu ampla atenção, particularmente nos meios de comunicação e, por extensão, tornou-se um importante tópico de conversação inclusive na vida cotidiana. Muito antes que muitos brasileiros tenham tido qualquer contato direto com a doença já circulavam concepções dela que tomaram formas complexas e frequentemente contraditórias. Essas concepções basearam-se amplamente nas imagens e representações da AIDS, dos doentes, ou daqueles que estariam em maior risco de contrai-la, produzidas e reproduzidas pelos meios de comunicação e daí estendidas e desenvolvidas nos discursos da vida do dia a dia. (Herbert; Parker, [1991] 2018, p. 17)

Conforme sustentam os autores, os meios de comunicação foram os primeiros a abordar a temática, de maneira tal que as imagens por eles construídas e veiculadas foram compositoras dos diferentes imaginários sobre o vírus e a doença que afligem os sujeitos até a atualidade. Um exemplo dessa disseminação de concepções sobre a doença está em uma matéria publicada no dia 3 de junho de 1983, pela Folha de São Paulo, um dos principais veículos de comunicação do país, intitulada “Congresso debate doença comum entre os homossexuais”, que faz referência ao 2º Congresso Brasileiro de Infectologia realizado no mesmo ano. Nela é possível deparar-nos com a conjuntura da época, visto que evidenciava o fato de ainda existir o desconhecimento acerca do agente causador da doença, isto é, o vírus HIV, assim como situava o contexto norte-americano à época, mais especificamente o da cidade de Nova York, com a taxa de mortalidade dos sujeitos que chegava a cerca de 50% dos casos conhecidos pelos médicos americanos. Além disso, apontava duas parcelas da população em que o estigma iniciava, os homossexuais e os usuários de drogas injetáveis, que já eram especificadas no texto com grande incidência da doença.

O viés sensacionalista de diversos noticiários no país cristalizou imagens da aids e dos sujeitos por ela acometidos que influenciaram diretamente a compreensão por parte da população do que eram o vírus e a doença. Em decorrência disso, durante as décadas de 1980 e 1990, um clima de pânico se instaurou no Brasil, reforçado ainda por discursos médicos preconceituosos e que se baseavam na imprensa, distanciando-se dos fatos científicos sobre a questão (Teodorescu; Teixeira, 2015). Com o avanço da doença, a descoberta das formas de contaminação e o surgimento dos primeiros indicativos daquilo que posteriormente seria considerado como prevenção, os discursos moralistas se intensificaram e ideias errôneas como “castigo divino”, “câncer gay” e “peste gay” alçaram um lugar de periculosidade àqueles que enfrentavam em seus corpos o estado de adoecimento.

Nesse cenário de incompreensões e deturpações de sentidos sobre a temática, surgiram respostas à aids em diferentes setores da sociedade. No que diz respeito ao cenário político, é necessário destacar que a doença começou a circular no país enquanto ainda se enfrentavam os últimos anos da Ditadura Militar iniciada em 1964, governada entre 1979 e 1985 pelo então general João Figueiredo. Os primeiros 20 anos da epidemia foram demarcados pelo processo de transformação da política brasileira, que, após 1985, caminhou em direção à redemocratização com o governo de José Sarney até 1990, seguido por Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, cujo último mandato encerrou em 2003. Cada um deles contribuiu de maneira significativa para o enfrentamento à aids, desde o período inicial em que se ignorou o fato, passando pela criação dos primeiros programas brasileiros para lidar com a questão até o Brasil tornar-se referência mundial no enfrentamento e prevenção à aids.

Embora somente na década de 1980 tenham sido confirmados os primeiros casos da doença no país, o contexto sanitário ao qual ela desaguou estava em tensão desde as décadas anteriores. De acordo com Teodorescu e Teixeira (2015), entre 1960 e 1970 ocorreu o movimento de reforma sanitária brasileiro que visava políticas públicas de saúde, pois tinha como referencial a teoria social da medicina e a noção de saúde coletiva. Esse movimento culminou na 8ª Conferência Nacional de Saúde em 1986, que mais tarde “levou à criação e implantação do SUS, pela Constituição de 1988 e pela Lei Orgânica da Saúde de 1990” (Teodorescu; Teixeira, 2015, p. 17).

Entretanto, até 1985, ainda no regime autoritário, uma grande onda de negacionismo atravessou a política nacional e a comunidade médica, com influência significativa das contradições sobre o vírus e a doença que estavam sendo reproduzidas. De acordo com Jardim (2019), uma das principais problemáticas relacionadas ao negacionismo foi a falácia da ideia de “grupo de risco” sustentada por muitos anos, mesmo que desde 1983 já existissem comprovações, por exemplo, da transmissão vertical, ou seja, de mãe para filho. Sob essa perspectiva, a demarcação de parcelas específicas da população (homossexuais homens jovens, usuários de drogas injetáveis e hemofílicos principalmente) acometidas pelo vírus gerou um apagamento acerca de outras comunidades que, nos anos seguintes, começaram também a desenvolver a aids, a saber, crianças e mulheres.

Essa questão afetou de diferentes maneiras os “apagados”, uma vez que quando iniciou o desenvolvimento de tecnologias medicamentosas para o tratamento da doença, essas eram voltadas e testadas especificamente nos indivíduos que compunham os “grupos de risco”. Ademais, segundo Jardim (2019), muitas mulheres sofreram violência física, abusos e foram discriminadas social e economicamente. No Brasil, diversas autoridades do campo da saúde

destinaram à aids um lugar insignificante em comparação com outros problemas sanitários do país nos anos iniciais da epidemia. Tal fato resultou no aumento expressivo do preconceito, das discriminações e até mesmo da violência contra pessoas vivendo com HIV/aids.

Apesar disso, a comoção causada pela doença também propiciou que a intervenção governamental ocorresse em diferentes âmbitos: nacional, estadual e municipal, e a partir de instituições não governamentais, como igrejas, ONGs e a própria imprensa. Em decorrência do movimento sanitarista, muitos sociólogos passaram a compor a Secretaria de Saúde de São Paulo, auxiliando, assim, a ter uma visão da aids que ultrapassava os efeitos nocivos da doença no corpo, pois era uma problemática também social. Sendo assim, por ser o estado com maior concentração de casos notificados à época, foi também lá que se iniciou uma resposta governamental com a criação do Programa Estadual de DST/Aids, em 1983 (Teodorescu; Teixeira, 2015).

Da articulação com as outras esferas, o Ministério da Saúde cria o Programa Nacional de Aids em 1985, sob a premissa dos direitos humanos, o que principiou diversas políticas públicas voltadas a lidar com a doença no Brasil, que tinha como mote propulsor a relação entre movimentos sociais/sociedade civil (ativistas) – que defendem tanto a prevenção quanto o tratamento – e Estado (Galvão; Bastos; Nunn, 2012). Além disso, anos depois, em 1989, foi aprovada no Encontro Nacional de ONGs que Trabalham com Aids (ENONG) a *Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa Portadora do Vírus da Aids*, na qual estão garantidos direitos à informação, liberdade, assistência e tratamento, vida civil, afetiva, profissional, sexual, cidadania, dentre outros (Brasil, 2022a).

Na década de 1990, o empréstimo financiado pelo Banco Mundial para o governo brasileiro, denominado Aids I (1994-1998), auxiliou ações efetivas para lidar com a epidemia, propiciou a expansão de centros de tratamento e ambulatorios especializados em lidar com a síndrome da imunodeficiência adquirida, consolidando o então Programa Nacional de DST/Aids⁴, e, posteriormente, renovado para o Programa Aids II (1998-2002) (Brasil, 1999). Com esse apoio em consonância à contrapartida nacional, muitos projetos foram financiados em parceria com organizações da sociedade civil que já atuavam veementemente no país (Galvão; Bastos; Nunn, 2012).

⁴ Em 2009, o programa foi elevado à categoria de Departamento do Ministério da Saúde, que integrou também o Programa de Hepatites Virais, e foi renomeado como Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Com o avanço do conhecimento, a sigla “DST” foi substituída por “ISTs”, isto é, infecções sexualmente transmissíveis, por se compreender que nem todas as infecções chegam ao estágio de doença. Ademais, outras doenças foram incluídas no departamento, que atualmente é denominado de Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Nos anos seguintes sucederam diversas ações, dentre as quais uma das principais foi a disponibilização da terapia antirretroviral (TARV), que ficou popularmente conhecida como “coquetel”, em 1996, pelo já então estruturado sistema nacional de saúde pública, em conformidade com o reestabelecimento da democracia no país. Tal medida é decorrente da Constituição Federal de 1988 que garante a saúde como direito a todo cidadão brasileiro e uma resposta aos diferentes movimentos de ONGs, instituições religiosas, pessoas trans e travestis e outros grupos da sociedade que exigiam assistência e tratamento às pessoas vivendo com HIV/aids. Paralelo a isso, novos medicamentos estavam surgindo e possibilitavam novos horizontes para os sujeitos até então em processo de adoecimento. De acordo com Galvão, Bastos e Nunn (2012):

Essa política trouxe reconhecimento internacional ao país como modelo no combate à epidemia de aids, bem como à vanguarda da batalha internacional para garantir o acesso ao tratamento de pessoas vivendo com HIV/aids. (Galvão; Bastos; Nunn, 2012, p. 4, tradução nossa)⁵

No período do Aids II, a UNAIDS já considerava o programa brasileiro como o melhor do mundo e um exemplo a ser seguido por outros países no enfrentamento à epidemia (Whertein, 2000). Ao passo que o desenvolvimento acontecia e a política pública de acesso à prevenção e ao tratamento estavam sendo exitosas, novos desafios também surgiram. Nessa conjuntura, os preços dos medicamentos aumentaram consideravelmente e, em 2001, o Brasil desafiou diversas empresas a diminuïrem os custos das novas tecnologias medicamentosas, afirmando que começaria a produzir antirretrovirais genéricos, o que resultou positivamente, como elucidam Galvão, Bastos e Nunn (2012). Os autores ainda apontam que, em seguida, o programa nacional foi descentralizado para os estados e municípios brasileiros e, nos últimos anos, entre 2010 e 2020, muitas organizações da sociedade civil que foram essenciais para uma resposta inicial à aids não estão mais em atividade, por causa da falta de financiamento, tanto externo quanto interno.

Nesse período mais recente da história, o governo tem concentrado suas ações na manutenção do que foi construído e traçando novas metas. De acordo com Hallal (2020), o Brasil adotou como estratégia, em 2014, o slogan “testar e tratar”, ou seja, todas as pessoas diagnosticadas com o vírus deveriam iniciar imediatamente o tratamento, apesar de ainda haver prioridades nos protocolos clínicos para os sujeitos que já estivessem clinicamente no estágio

⁵ No original: “This policy brought international recognition to the country as a model in the fight against the AIDS epidemic, as well as to the forefront of the international battle to insure access to treatment for people living with HIV/AIDS.” (Galvão; Bastos; Nunn, 2012, p. 4)

da aids. Nesse mesmo ano, também foi aprovada a Lei 12.984, de 12 de junho de 2014, que determina como crime a discriminação de pessoas vivendo com HIV/aids (Brasil, 2022a). Em 2015, a Profilaxia Pós-Exposição (PEP), já disponível desde 1999 para evitar casos de transmissão vertical e em situações específicas, passou a ser inserida no âmbito da prevenção combinada enquanto estratégia (Brasil, 2022b). Anos mais tarde, especificamente em 2017, a dimensão do tratamento se expandiu para outro viés da prevenção, com a adoção no SUS da Profilaxia Pré-Exposição ao vírus do HIV (PrEP).

Paralelamente, o movimento em resposta à aids no campo da educação iniciou também por meio das ONGs, sendo a primeira delas o Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (GAPA), fundado em 1985. Essa ONG se destacou pelo trabalho educativo de prevenção ao HIV e pelo enfrentamento à epidemia por meio de campanhas não discriminatórias. O exemplo do GAPA aponta uma dinamicidade significativa ao refletir sobre o campo da educação e sua relação com o HIV/aids, uma vez que as atividades desse âmbito surgem primeiramente em espaços educacionais não formais e somente anos depois é que esse debate chega às escolas brasileiras. Sob essa perspectiva, a década de 1990 teve impacto expressivo, pois com a mudança da faixa etária da população atingida, ou seja, como o HIV começou a atingir uma população mais jovem do que nos anos anteriores, a educação foi compreendida como uma importante ferramenta para lidar com a questão (Whertein, 2000).

As ações educativas sobre HIV/aids surgem nos espaços formais por diferentes vertentes, desde ações governamentais – algumas dessas dentro do plano nacional em desenvolvimento no período – até iniciativas de diferentes atores sociais. Além disso, essas ações também receberam financiamento e auxílio de instituições internacionais, a exemplo da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), que apoiou também o Encontro Nacional de Educadores na Prevenção de Aids (EDUCAIDS), que discutia diferentes articulações dentro do âmbito da educação para pensar questões como a interdisciplinaridade. Isso ocorre a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e parcerias com a área da saúde para refletir sobre prevenção, vivência e convivência dos estudantes com o vírus e a doença (Whertein, 2000; Pinto, 2000).

Historicamente, a articulação inicia com o “Projeto Escolas” (1994-1999) e, posteriormente, com o programa “Salto para o Futuro” (1999-2000) (Brasil, 2006). A compreensão de que era necessária uma articulação entre o campo da saúde e o da educação para o enfrentamento à aids e o controle da epidemia é evidenciada no documento que descreve os princípios, diretrizes e estratégias do Plano Nacional de DST/Aids (1999). Nele foram asseguradas a democratização do acesso à informação, a prioridade da prevenção para controle

da epidemia, a promoção de campanhas contínuas, o respeito às características culturais de cada região do país e a promoção da responsabilidade social e individual sobre a saúde (Brasil, 1999).

Em um levantamento dos projetos educacionais em atuação no Brasil sobre prevenção do HIV/aids até meados dos anos 2000, Eliane (2000) afirma: “questões como gravidez, DST, aids, e drogas vêm marcando severamente os tempos atuais, exigindo novos paradigmas e uma pedagogia inovadora, para facilitar o processo de ensino/aprendizagem na escola” (Eliane, 2000, p. 129). Nesse sentido, em decorrência das temáticas relacionadas aos jovens da época e em consonância com os grandes avanços que a última década tinha proporcionado à criança e ao jovem, através do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – marco legal e regulatório dos direitos humanos direcionado a essas parcelas da população – promulgado em 1990, surgem iniciativas nesse período para discutir com o jovem diferentes dimensões da saúde. Isso porque, como garante o documento, é assegurado à criança e ao adolescente o seu desenvolvimento integral, sendo a saúde um dos direitos para a concretização desse processo.

Nesse ínterim, Eliane (2000) aponta que os programas⁶ da época eram desenvolvidos em diferentes segmentos educacionais, conforme o Programa Nacional, como no âmbito universitário, da Educação Infantil ao Ensino Médio e para indivíduos em situação de rua, sendo alguns exemplos mencionados pela autora respectivamente: *Universidade na prevenção às DST/AIDS e drogas: a formação de agente multiplicadores nas Universidade; Educação em saúde escolar para a prevenção das DST/AIDS; e drogas e Malandro, sem camisinha não dá*. Ademais, esses projetos e programas circulavam também nos meios de comunicação, a fim de democratizar a informação sobre o vírus e a doença, como o projeto de rádio *Aprendendo a conviver com as DST/AIDS*, que tinha como público-alvo os indivíduos que não estavam inseridos no sistema escolar, porque a rádio era o principal meio de acesso à informação, principalmente daqueles que trabalhavam (Eliane, 2000).

Em 2003, por sua vez, o programa “Saúde e Prevenção nas Escolas” (SPE)⁷ é lançado pelo Ministério da Saúde em parceria com o Ministério da Educação, como parte da política intersetorial nacional, e com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), do

⁶ Uma questão muito presente nesses programas era a formação de multiplicadores e agentes de prevenção, tanto professores e agentes comunitários e/ou de saúde quanto adolescentes, a fim de que o compartilhamento e o acesso à informação sobre o vírus e a doença alcançassem diferentes segmentos da sociedade. Para tanto, foram ministradas diversas formações e treinamentos para esses públicos, à distância e presencialmente, e produzidos manuais de instruções, gibis, jornais informativos, dentre outros materiais.

⁷ É válido salientar ainda que o programa aborda outras questões referentes à saúde que balizam o universo juvenil, promovendo ações de educação sexual, violência, relações de gênero, vivências da sexualidade, gravidez na adolescência, dentre outras temáticas.

Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e de organizações da sociedade civil, com a finalidade de promover ações de prevenção e atenção à saúde na rede pública de ensino e que é expandido em 2005 (Brasil, 2006). No âmbito do projeto são produzidos diversos materiais didáticos⁸ e informativos que auxiliam professores e profissionais da saúde a trabalhar com a temática na escola, uma vez que se considera a escola como espaço de diálogo em que o jovem é o protagonista, como orientam as diretrizes para a implementação do programa (Brasil, 2006; Brasil, 2008).

Anos depois, em 2007, é instituído pelo Decreto nº 6.286 o Programa Saúde na Escola (PSE), que objetiva “o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros” (Brasil, 2011, p. 6). O SPE tornou-se integrante como uma linha de ação desse novo programa, como a “principal estratégia para trabalhar as questões de educação para a saúde sexual, saúde reprodutiva, prevenção das DST/aids e de hepatites virais, riscos e danos do uso de álcool, tabaco, crack e outras drogas no cotidiano da escola” (Brasil, 2011, p. 39). Com essa integração, o PSE, que é destinado à população escolarizada, orienta que o SPE seja realizado a partir de diferentes metodologias participativas, como debates por meio de expressões artísticas, e o envolvimento de toda a comunidade escolar: professores, direção, coordenação pedagógica, estudantes e famílias. Este programa ainda está em vigor, sendo de responsabilidade das diferentes esferas (federal, estadual e municipal) realizarem ações que visem o cumprimento dos objetivos nele propostos.

Por último, no que diz respeito à cultura, é necessário primeiro regressar ao momento inicial da epidemia e às primeiras notícias sobre ela no Brasil, pois, como bem atestam Daniel e Parker ([1991] 2018), a doença assume as características sociais e as reverberações do cenário em que se desenvolve. À vista disso, no decênio de 1980 são refletidos os efeitos de um movimento cultural que esteve muito presente na década anterior em decorrência do regime militar instaurado, isto é, a contracultura, que foi uma “reação à repressão política e policial vigente desde o Ato Institucional nº 5, decretado em dezembro de 1968” (Jardim, 2019, p. 28). Enquanto movimento reativo, a contracultura possibilitou que, no campo das artes e da literatura, normas e padrões vigentes até o momento fossem subvertidos.

Essa tônica corrente pode ser percebida com a chegada da doença no país, visto que ela estabelecia um embate com o ímpeto enviesado que os meios de comunicação retratavam a

⁸ Dentre os materiais produzidos, uma coleção de 6 volumes de histórias em quadrinhos foi elaborada e disponibilizada para ser trabalhada por professores na sala de aula, que estão no site da UNFPA Brasil. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/publications/hq-spe-hist%C3%B3rias-em-quadrinhos-projeto-sa%C3%BAde-e-preven%C3%A7%C3%A3o-nas-escolas?page=7>. Acesso em: 10 mai. 2023.

aids. Também por essa razão, as primeiras respostas governamentais despontam por exigências de ativistas que eram ligados ao campo da cultura. De acordo com Teodorescu e Teixeira (2015):

No Brasil, o que prevaleceu foi a atitude dos primeiros ativistas. Desde o início, perceberam que, para evitar uma onda moralista, deveriam atuar junto aos profissionais de saúde e participar da construção do discurso social sobre a aids. Mostrar a cultura do mundo homossexual com naturalidade, de maneira a barrar qualquer tentativa de moralização dos valores sexuais e atuar como voluntários nas ações de informação e prevenção nos locais de frequência gay, foi o caminho escolhido. (Teodorescu; Teixeira, 2015, p. 50)

No entanto, é importante destacar que, nesse período, o movimento em prol dos homossexuais e seus direitos estava desorganizado (Jardim, 2019). Em 1981, foi publicada a última edição do *Jornal Lampião da Esquina* (1978-1981), que “denunciava e trazia reflexões sobre os direitos e as condições de existência dos homossexuais, mas também de outras minorias oprimidas como indígenas, os negros e as mulheres, além de reflexões sobre problemas ecológicos” (Teodorescu; Teixeira, 2015, p. 41), e era o principal veículo de reivindicações dessa parcela da população. Esse periódico possui relevância porque era organizado por intelectuais de diferentes áreas, como a classe artística, as letras e as ciências sociais, integrantes do Grupo Somos, que posteriormente foi desarticulado por tensões internas (Teodorescu; Teixeira, 2015).

Apesar disso, foram jovens integrantes do antigo grupo, como o escritor e cineasta Jean-Claude Bernadet, o escritor e jornalista João Silvério Trevisan e o artista plástico e cenógrafo Darcy Penteado, pioneiros do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil, que, em 1983, foram recebidos pela equipe do então secretário João Yunes, após uma ligação de Jean-Claude para a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, na qual manifestava seu descontentamento com o tom alarmista e preconceituoso com que estava sendo abordada a temática e cobrava medidas efetivas do sistema de saúde (Teodorescu; Teixeira, 2015). Conforme salienta Jardim (2019, p. 29), “o ato foi significativo, pois ajuda a explicar o processo que terminou por delegar ao Estado o papel de protagonista principal na luta contra a aids no país”. Sendo assim, a atitude de combater os discursos estigmatizantes – construídos e difundidos no período inicial da epidemia – por parte dos ativistas possibilitou que ações fossem tomadas com relativa brevidade no que tange ao surgimento dos primeiros casos da aids.

Como exposto, a relação entre o universo cultural e a resposta à aids é própria daquela época. No decurso dos anos, diferentes objetos culturais foram utilizados por diferentes esferas – governamentais, midiáticas e biomédicas – para auxiliar na resposta à aids, tanto de maneira

preventiva quanto de modo a reforçar discursos estigmatizantes, assim como outros foram produzidos a partir desse contexto. Em 1988, durante o governo de José Sarney – cujo slogan era “Tudo pelo social”, em virtude do processo de redemocratização – foi lançada a campanha “Brasil x AIDS” do Ministério da Saúde. Em um dos comerciais da campanha, que tinha como foco a prevenção à doença, uma adaptação do poema *Quadrilha* de Carlos Drummond de Andrade foi disseminada. Nele é possível depararmos com um entrelaçamento entre os discursos literário e o midiático, pois alterações substanciais foram realizadas no texto poético, o que gerou outros efeitos de sentido.

No produto audiovisual que circulou naquele ano, há o acréscimo de alguns personagens, em que se destaca o fato de que Joaquim, no comercial, amava Silvio – personagem que não aparece no poema drummondiano. Ademais, a segunda estrofe é omitida, pois há um desdobramento no encadeamento de personagens que se amavam: “Joaquim que amava Silvio que amava Ana que amava Zeca que amava Rita que amava Fábio [...]”. Por fim, o último verso proposto estabelece a relação com a epidemia: “que morreu de Aids”. Além disso, o comercial é alusivo à prevenção, e, nesse sentido, após a retextualização do poema, o narrador afirma: “Não morra de amores. Use camisinha!”.

Apontar a relação entre Joaquim e Silvio naquele contexto também é correlacionar à falsa equação “Aids = homossexualidade”, que constitui o imaginário de muitos indivíduos. Para além dessa proposição, o novo encadeamento de personagens funciona como uma espécie de “alerta” acerca do que se relacionar com diferentes pessoas pode acarretar, reafirmada pelo último verso que remete ao horizonte final de todos os indivíduos que eram infectados pelo vírus e desenvolveram a doença na década em questão. Outro fator que proporciona uma profusão de sentidos é justamente a conjuntura proposta no comercial de que as pessoas não deveriam “morrer de amores”, que na verdade tenta encobrir a ideia de que apenas as relações monogâmicas funcionam, e que naquele período pode ser alusiva à promiscuidade pressuposta para os sujeitos que foram infectados pelo HIV.

Além de situações como essa, a aids atingiu diversos músicos, escritores e artistas nas duas primeiras décadas de circulação. Alguns deles morreram e tiveram a causa da morte publicizada e outros tornaram público o seu diagnóstico e, por conta disso, foram convertidos em símbolos da doença no país. O primeiro deles foi o estilista Marcos Vinícius Resende (1952-1983), mais conhecido como Markito, que veio a óbito no ano de 1983 em Nova York. A notícia do falecimento dele circulou de maneira significativa na imprensa brasileira e é este fato que torna a aids pública no Brasil (Teodorescu; Teixeira, 2015). No dia 7 de junho de 1983, a Folha de S.Paulo publicou uma matéria intitulada “Markito será enterrado hoje em Uberaba”, na qual

era indicada a causa da morte em decorrência da aids e possui trechos de uma entrevista com o antropólogo Eduardo Mc Rae, sob o intertítulo “Choque”, que afirmava sua apreensão de que fosse construída no imaginário social uma imagem do homossexual como doente e que já apontava para a necessidade de uma ampla discussão sobre o tema.

Outra figura pública noticiada no país por causa do estágio avançado da síndrome da imunodeficiência adquirida foi Cazuzza, nome artístico de Agenor de Miranda (1958-1990), que revelou seu diagnóstico positivo em 1989. A importância do artista para a discussão sobre a aids no Brasil é inegável, visto que foi um dos primeiros a debater abertamente sobre o tema que ainda era rodeado de inverdades, e, desse modo, auxiliou a ampliar a discussão sobre a aids. Naquele período, a imprensa publicou diversas matérias de cunho sensacionalista – muito comum nas grandes mídias que intencionavam “informar” sobre a doença – sendo a mais conhecida a capa de uma edição da revista *Veja*, publicada em 26 de abril de 1989, com a manchete “Uma vítima da aids agoniza em praça pública”, que personifica o cantor como a “cara da aids” (Bessa, 2002).

Nas artes plásticas, por seu turno, a figura mais representativa talvez tenha sido a do pintor, desenhista e escultor José Leonilson (1957-1993). Em sua produção artística, principalmente a partir de 1990, quando já possuía o seu diagnóstico positivo para o vírus, retrata o processo de adoecimento e como é estar nesse lugar de sujeito que vive com HIV/aids. Um dos principais exemplos é a série *O perigoso* (1992)⁹, com a técnica de tinta preta à pena sobre papel, em que a obra que dá título à série é a representação de uma gota de sangue seguida pelo enunciado, indicando, assim, qual lugar na sociedade era destinado ao indivíduo à época.

No campo literário, a figura de Caio Fernando Abreu (1998-1996) desponta como o principal escritor de evidência nacional que, além de tematizar a aids em seus textos, também tornou público o seu diagnóstico em uma série de crônicas publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1994. A última é intitulada “Última carta para além dos muros” (Abreu, 2006b), na qual afirma, após voltar de uma viagem da Europa, ter feito o teste e seu resultado ser positivo para HIV. Por último, também merece destaque Herbert Daniel, que faz parte de uma espécie de movimento literário de escrituras autobiográficas com a temática da aids despontado nas duas últimas décadas do século XX no Brasil. Como situa Jardim (2019, p. 62), “a urgência da militância da causa antiaids desmobilizou o escritor em sua vocação”. Esse movimento foi considerado muitas vezes à margem do campo literário – ou da chamada “alta literatura” – que

⁹ A série pode ser encontrada na Enciclopédia Itaú Cultural que possui a reprodução fotográfica das obras de Leonilson, a partir de uma parceria com o Projeto Leonilson. Este último foi criado em 1993 com o objetivo de manter viva a memória e a expressão artística do artista plástico.

privilegia textos de trato ficcional (Bessa, 2002). Sobre essa afluência de final de século, Jardim (2019) reitera que:

Seus autores eram jovens escritores. A aids forçou a entrada em suas obras e, em muitos casos, em suas vidas, ou porque foram contaminados pelo vírus, ou porque ela marcou a fisionomia da época de que falavam. (Jardim, 2019, p. 61-62)

Posto isso, durante o percurso estabelecido neste tópico, é possível constatar que a aids e a sua relação com o jovem era intrínseca desde o seu surgimento. Seja por parte dos primeiros indivíduos atingidos pelo vírus, isto é, homossexuais jovens do sexo masculino, seja por parte dos primeiros a exigir uma resposta das autoridades sanitárias do país, isto é, ativistas jovens que se preocuparam com as imagens e discursos oriundos do cenário norte-americano e reproduzidos pela mídia brasileira, seja pela virada epidemiológica da década de 1990, que alcança os adolescentes e jovens, seja pela produção cultural emergente nesse cenário majoritariamente produzida por jovens e representantes dessa juventude.

No campo da literatura brasileira, não foi diferente, pois parte da produção da época é elaborada por jovens. Todavia, seu público destinatário é majoritariamente adulto, uma vez que os receios em torno da doença desautorizam o diálogo sobre ela com a juventude. Em contrapartida, uma produção literária juvenil que tematiza o HIV/aids emerge ainda na década de 1990, uma vez que as transformações acerca da compreensão do vírus, da doença, do próprio adolescente/jovem, além de um contexto que favorecia essa tematização, como as novas diretrizes dos documentos oficiais, propiciaram tanto a produção quanto a circulação desses livros. Entretanto, é necessário primeiramente compreender qual o estatuto da literatura juvenil brasileira no período em que a aids emerge.

1.2 A década de 1990 e as temáticas na literatura juvenil brasileira: processo de consolidação

Para despertar uma reflexão sobre a literatura juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids no final do século XX, é preciso evidenciar, em primeiro plano, o processo de consolidação dessa literatura no cenário nacional que advém de intensas transformações sociais, políticas e culturais do país. Além disso, desde já é válido salientar a dificuldade encontrada no levantamento bibliográfico de textos teóricos e críticos sobre essa produção literária que abarca o período que compreende as décadas de 1980 e 1990, uma vez que a maioria dos estudos

realizados de cobertura panorâmica e que intencionam contar uma história desses textos encerram o percurso pouco tempo depois do início dos anos 1980. Quando encontradas considerações sobre essa demarcação temporal, foram apenas generalizações que incorrem em um movimento de condensação perigoso. Dito isso, apesar de existirem diversas mudanças nessas décadas que influenciaram diretamente na produção literária, parece haver um apagamento da aids (e de outras temáticas) como um dos aspectos que figuram na literatura juvenil.

A fim de remontar a trajetória desses textos, rememora-se em primeiro lugar as décadas de 1930 e 1940. De acordo com Coelho (1991), a orientação pedagógica daquele momento demandava realismo nos textos literários para crianças e jovens. Nesse contexto, Monteiro Lobato (1882-1948) subverte a tendência didatizante ao produzir textos em que se mesclam o maravilhoso, o real e o viés educativo exigido pela época. Logo, o escritor apresenta rupturas de convenções que serão determinantes para a produção literária subsequente. Na década de 1950, por seu turno, as histórias em quadrinhos fizeram grande sucesso e o teatro infantil despontava como uma das principais vertentes do direcionamento pedagógico, era também o momento de eclosão dos novos meios de comunicação e informação, como a televisão.

O período que compreende as décadas de 1960 e 1970, por sua vez, é demasiadamente influenciado pela comunicação. No primeiro decênio, a música popular e os festivais de música, a poesia e as inovações decorrentes do concretismo, assim como a importância de os sujeitos estarem bem-informados sobre a realidade que os cercava foram propulsores dos produtos culturais que dele originaram (Coelho, 1991). Ao mesmo tempo, foi uma preparação para a década seguinte na qual ocorre o *boom* da literatura produzida para crianças e jovens no país, em consonância com a inauguração de muitas instituições voltadas para a leitura e a literatura no Brasil (Lajolo; Zilberman, 2022). Contudo, não se pode esquecer que muito dessa produção decorre da grande crise de leitura que afetava o cenário nacional e, por isso, muitos livros literários são considerados como elementos essenciais na formação básica dos indivíduos, o que abriu margem para o estudo da gramática e da língua predominarem em detrimento do caráter estético dos textos.

É também por causa disso que são acoplados aos livros as fichas e suplementos de leitura, questionários e roteiros de compreensão textual com vistas a auxiliar o professor a trabalhar com esses textos e demarcando o principal espaço de circulação dessa literatura: a escola (Coelho, 1991; Lajolo; Zilberman, 2022). Acerca da literatura juvenil, especificamente, Coelho (1991) afirma que “nesse período multiplicam-se as traduções e adaptações juvenis de

livros consagrados na literatura mundial” (Coelho, 1991, p. 258), ou seja, não há uma produção propriamente brasileira desses textos em evidência.

Paralelo a isso, na literatura infantil, nos anos 1970, acontece a profissionalização de muitos escritores que produziam textos literários para as crianças, ao passo que essa literatura também respondia à atualização cultural do período (Lajolo; Zilberman, 2022). Diante disso, observa-se ainda que uma “tendência contestadora se manifesta com clareza na ficção que envereda pela temática urbana, focalizando o Brasil contemporâneo, seus impasses e suas crises” (Lajolo; Zilberman, 2022, p. 217). Essa tendência propicia ainda uma ampliação das abordagens da literatura infantil e juvenil, pois nos textos são tematizadas questões consideradas tabus e impróprias, como miséria, injustiça, marginalização, preconceitos e autoritarismo.

Dando sequência ao encadeamento do pensamento de diversos teóricos que compilaram textos e considerações teórico-críticas sobre literatura juvenil – e aqui acrescenta-se ainda a infantil – é a aproximação aos textos não infantis e juvenis, isto é, do universo adulto, que garante a consolidação dessa literatura. Nesse sentido, são diferentes as vertentes que contribuem para esse processo de amadurecimento: temática, linguagem, forma e abordagem. Contudo, essa questão está além dos próprios textos, uma vez que também dizem respeito ao próprio estatuto que esses interlocutores alcançam nesse período. Isso significa dizer que eles não são mais subestimados e pomenorizados, mas sim singularizados e reconhecidos, distanciando-se, assim, da caracterização convencional desse público.

Desse período também sucedem os primeiros estudos acadêmicos sobre a literatura infantil e juvenil brasileira (Lajolo; Zilberman, 2022). No entanto, esses trabalhos não consideravam a literatura juvenil como independente à infantil, sendo englobada por muito tempo como uma modalidade literária única ou sob terminologias como “infantojuvenil” ou “literatura infanto-juvenil”. À vista disso, João Luís Ceccantini (2000), em sua tese precursora dos estudos sobre literatura juvenil brasileira, aponta que havia um “escamoteamento sistemático da questão do ‘específico juvenil’” (Ceccantini, 2000, p. 23), e acrescenta ainda que “embora ignorada pela teoria, a categoria ‘juvenil’ é largamente utilizada em diferentes instâncias” (Ceccantini, 2000, p. 24), dentre elas o autor sistematiza: o mercado editorial, escritores, a escola, a prática de professores, leitores, guias de leitura e instituições sobre livros, leitura e literatura.

Dentro do escopo de pesquisa analisado por Ceccantini (2000), as obras constituem aquilo que a crítica afirmava serem narrativas de qualidade literária. Não obstante, a análise é centrada em livros juvenis que receberam o Prêmio Jabuti – uma das maiores premiações

literárias do país —, o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), e o Prêmio Orígenes Lessa, este último da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), nas categorias “juvenil”, “o melhor para o jovem” e “autor juvenil”/“literatura infantil e juvenil”/“literatura infanto-juvenil”/“literatura juvenil”, respectivamente. Dos escritores pelo teórico destacados, ressaltamos a importância de: Giselda Laporta Nicolelis, premiada em 1982 por *Macaparana* (APCA) e, em 1985, por *Awankana* em parceria com Ganymédes José (Jabuti); Isabel Vieira, premiada em 1990 por *Em busca de mim* (Orígenes Lessa); e Pedro Bandeira, premiado em 1986 por *A marca de uma lágrima* (APCA). Esses escritores já consagrados, posteriormente irão tematizar o HIV/aids em seus textos juvenis, como apontaremos no próximo tópico desta pesquisa.

Do levantamento realizado, Ceccantini (2000) aponta como resultado algumas questões interessantes sobre o estatuto dessa literatura, que são relevantes para compreender a produção literária em que a temática do vírus e da doença estão presentes. Entre elas estão a preponderância do gênero narrativo e o predomínio da narrativa longa (novelas e romances). Paralela a essa produção de qualidade evidenciada pelo teórico, é importante salientar também que muitos livros juvenis não resistiram à tentação didática característica de sua formação (Lajolo; Zilberman, 2022). Logo, há uma convergência de aspectos estéticos nas narrativas desse período, em que um ou outro sobressai a depender dos arranjos da obra. Sob essa ótica, por mais que diversos estudos tentassem dar conta dessa literatura, isso não acontece, dado que a pluralidade desses textos, motivados também por um contexto de fomento à literatura, ultrapassa as sistematizações empreendidas.

O que propicia, então, a consolidação desse cenário é justamente aquilo que Lajolo e Zilberman (2022) denominaram de “amadurecimento” dessa literatura. Para as autoras, a literatura infantil e a juvenil assumiram “traços que a aproximavam tanto de uma certa produção literária não infantil coetânea sua, quanto a fizeram recuperar o atraso incorporando conquistas já presentes na literatura não infantil” (Lajolo; Zilberman, 2022, p. 276), uma vez que há um descompasso entre esses textos e a literatura destinada ao público adulto ou não adjetivada. Assim, no contexto de efervescência dessa literatura, sobressalta também o que afirma Gregorin Filho (2011):

Num cenário de lutas pela liberdade de expressão, a sala de aula recebeu diversos títulos que procuravam discutir não apenas a realidade dos problemas enfrentados pelo país em vários campos, como também, de maneira bem mais contundente, os conflitos do jovem e seu papel nesse universo social.” (Gregorin Filho, 2011, p. 39)

Ao considerar o jovem nesse processo, a literatura juvenil ganha contornos bastante específicos no período da década de 1990. Como tendência para esse período, Coelho (1991) aponta três perspectivas para uma nova atitude narrativa nos textos literários, que buscavam desmistificar, no plano formal e ficcional, valores e formas não mais condizentes, sendo elas: a realista, com objetivos de testemunhar, informar, apelar para a curiosidade e preparar psicologicamente – muito recorrente nos textos que tematizam o HIV/aids como será exposto no panorama; a fantasista (maravilhoso); e a híbrida (parte do real para introduzir o maravilhoso). Lajolo e Zilberman (2022), considerando o contexto de redemocratização, destacam a permanência de uma preocupação educativa aliada com valores libertários, uma ampliação do público, a intertextualidade e a metalinguagem como sinal de maturidade, além do aparelho escolar que se mantém como principal espaço de circulação, o que gera, por seu turno, a escolarização de muitos textos – que ultrapassa os séculos e se apresenta também nos paratextos.

Gregorin Filho (2011) acrescenta que, no período correspondente ao decênio de 1990, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, agora já consolidada, promove “a possibilidade de discussão de novas temáticas no âmbito da literatura juvenil, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais e dos temas transversais” (Gregorin Filho, 2011, p. 39). No documento do Ministério da Educação que versa sobre os temas transversais, neste caso especificamente o da saúde, direcionado para as até então 5^a a 8^a séries do Ensino Fundamental, diz:

Deve-se considerar também que, nas últimas décadas, além dos temas tradicionalmente trabalhados sobre saúde e nutrição, as questões biopsicossociais adquiriram maior visibilidade, e a escola foi compelida — pelas circunstâncias e pelo reclamo da própria sociedade — a lidar com problemas emergentes, como a contaminação crescente do meio ambiente, a Aids, o consumo abusivo do álcool e outras drogas, a violência social e as diferentes formas de preconceito. E não há como lidar com esses temas por meio da mera informação ou da prescrição de regras de comportamento. (Brasil, 1998, p. 262)

Portanto, é possível afirmar que as inovações da literatura destinada ao jovem estiveram em consonância com o contexto emergencial de sua consolidação, procurando sempre dialogar com a realidade cotidiana, o que diz muito do aspecto realista evidenciado por Coelho (1991). Cabe aqui uma ressalva, pois, apesar de os documentos oficiais explicitarem a importância da discussão sobre a aids, o que se constata nos textos teóricos sobre literatura juvenil desse período é um apagamento dela até mesmo como contexto histórico-social. Isso é evidente na mais recente edição de *Literatura infantil: história & histórias* (2022), de Marisa Lajolo e

Regina Zilberman, originalmente publicado em 1984, que – após a revisão e ampliação – na seção intitulada “Cronologia histórico-literária”, ao fazer uma espécie de topicalização dos principais assuntos (históricos, políticos e sociais) anualmente entre 1980-2020, não apontam a epidemia de HIV/aids em nenhum período. Em contrapartida, a pandemia de Covid-19 já aparece na demarcação do último ano empreendido na organização.

De maneira análoga, Gregorin Filho (2011) ao sintetizar aspectos da literatura juvenil brasileira contemporânea, por ele compreendida no período entre 1985 até a data de publicação do livro *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores* (2011), estabelece fatores que influenciaram diretamente os textos literários, como aspectos políticos e sociais, sendo eles: a abertura política na concepção de educação; a Constituição Federal de 1988; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996; os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997; os temas transversais nas propostas curriculares; os movimentos sociais e de minoria e a reação ao preconceito. Acrescenta ainda aspectos da literatura e da leitura, a saber: apelo à curiosidade, preparo psicológico, dialogismo, questões realistas, textos inquietantes e questionadores, apelo à visualidade, a tecnologia, hipertextualidade e múltiplas linguagens (Gregorin Filho, 2011, p. 52); todos direcionados ao campo da recepção, isso significa dizer, o leitor.

A partir disso, recorreremos então a duas autoras que se propuseram a discutir a década de 1990 com maior especificidade, Gloria Pimentel Souza (2006) e Nilma Gonçalves Lacerda (1998). Esta última, além de pesquisadora e crítica de literatura juvenil, também é escritora premiada nessa modalidade. De acordo com Lacerda (1998), em um ensaio intitulado “A literatura para crianças e jovens nos anos 90”, essa década simboliza a herança de Lobato para a literatura juvenil, uma vez que a matéria dessa literatura passa a ser, a título de exemplo, a sexualidade e os escândalos da sociedade. Segundo a autora, o leitor estava imerso em um manifesto contexto de utopia, que enxergava na biblioteca, ou seja, nos livros, um espaço de amparo frente aos infortúnios do período. Desse modo, para ela, a literatura que ocupa esse espaço é, antes de outras adjetivações, Literatura e ponto.

Ainda sob essa perspectiva, Lacerda (1998) informa que os temas agora abordados na produção literária para jovens eram anteriormente salvaguardados para as prateleiras mais altas das bibliotecas, quase que inalcançáveis, mas que nos anos 1990 passam a ser acessíveis também a esse interlocutor singular. Logo, “abrem gavetas e encontram assuntos como crime, tortura, suicídio, corrupção, estupro, Mefistófoles e Faustos” (Lacerda, 1998, p. 67). Em conclusão, ela atesta que “a problematização do Mal é provavelmente a linha de força mais consistente na literatura para jovens dos anos 90 e os títulos de obras de qualidade são muitos”

(Lacerda, 1998, p. 67). Sendo assim, o que possibilita essa linha na modalidade é o seu destinatário, que naquela época ganhava novos contornos como sustenta a autora ao dizer que:

O jovem anseia por participar do debate ético e espera encontrar uma posição edificante nas experiências que lhe permitem essa participação. Não rejeita, porém, a consciência do abismo, ciente de que esta é uma condição à qual o homem não foge e cuja travessia, bem ou malsucedida, é que melhor fala de sua condição. Também as crianças e os jovens enfrentam tal travessia, e devem, portanto, encontrar uma literatura que tome esses assuntos por tema, permitindo ao leitor discutir o lado escuro, a sombra, do homem, Não para trazer respostas, e sim para deixar perguntas – segundo Proust em seu belo *Sobre a leitura* –, os livros oferecem a experiência do humano. (Lacerda, 1998, p. 67, grifos da autora)

Compreende-se, então, que o grau de maturidade alçado pela literatura, apontado por Lajolo e Zilberman (2022), também o alcança o seu leitor. Esse viés de maior atuação do jovem frente ao contexto social em que está inserido propicia que o protagonismo dele seja apreendido com perspicácia também pelos produtos culturais, em especial, neste caso, o mercado editorial que enxerga nesse público uma possibilidade comercial. Acerca disso, Lacerda (1998) critica a relação simbiótica entre leitura literária e escola, que, em última instância, estabeleceu uma *indústria de sucata livresca* – nas palavras da autora – consequentes de clichês, receitas temáticas e uma fórmula única do jovem a que recorreram diversos escritores. Dessa forma, por meio de duras críticas, ela evidencia o contraponto entre duas marcas desse período: as inovações e a permanência de formas; que, paradoxalmente, estão presentes em narrativas juvenis na última década do século XX.

Essa contraposição revela duas categorias a que os livros juvenis – e infantis – foram destinados, a primeira dela são as narrativas de alto grau estético e/ou qualidade literária, e, à margem dela, os textos ditos como pedagógicos, ou como conceitua Turchi (2016, p. 83), “que oscilam entre as fronteiras da intencionalidade e do valor estético”. Para Antunes (2019), esta última é direcionada para a transmissão de saberes e, em tese, opor ia-se àquela considera “boa literatura”, no qual o caráter estético seria mais evidente. Essa visão pragmática da literatura para jovens incorre também em duas problemáticas primeiramente evidentes: 1) o fato de que aquela de qualidade literária não abarcaria então um viés pedagógico; e 2) de que a pedagógica não dispunha em sua composição de caracteres estéticos. Ambas as visões restritivas desses textos literários incidem em uma intercorrência teórica da formação dessa literatura no Brasil, que uma vez operante desde a sua primazia em consonância ao aparelho escolar, incorporou-o em sua estrutura formal e temática em maior ou menor grau. Logo, em certa medida não existe nexos ao procurar estabelecer uma hierarquização qualitativa desses textos, e, a nosso ver, parece

ser mais profícuo buscar compreendê-los em sua gênese e seus efeitos sobre o receptor destinatário.

Esse tensionamento da produção literária juvenil é também evidenciado por Souza (2006), que, na tentativa de empreender considerações acerca das tendências dessa literatura nos anos 1990, afirma que o aspecto literário – o que entendemos ser associado ao caráter estético – passa a ser preponderante, mas existiam textos de cunho mais didático que se mantinham na esteira produtiva. Indaga-se, então, seria este o fator que exclui os livros que tematizam o HIV/aids desses estudos? Seria o fato do viés pedagógico um diminutivo para esses textos? Conclui-se, portanto, que a hierarquização qualitativa é uma tendência dos estudos teórico-críticos que aspiram englobar a época em questão. Sobre essa produção didática, Souza (2006) ressalta ainda que são textos que seguem a trajetória do processo de formação do leitor, com valores éticos e morais, que são garantidos pelos PCN's. Acerca disso, não se pode esquecer que essa literatura é apoiada por leis e propostas pedagógicas governamentais, como esclarece Gregorin Filho (2011). Em síntese, Souza (2006) sustenta:

Os escritores que publicaram na década de 1990, em sua maior parte, iniciaram sua vida literária nas décadas de 1970 e 1980. Ao longo desse tempo, o que se observa é a maturidade alcançada por alguns. E, embora eles sejam muitos e estejam inseridos num mesmo contexto, existem diferenças na construção da trama, no desenrolar do tema, na utilização da linguagem e do vocabulário. E, se na década de 1970 a presença de Lobato era bem viva, hoje ela é referência, marco, e fecundamente se desenvolveu, assumindo outras facetas bastante diversas da do original Lobato. Há livros cuidadosamente elaborados e geralmente voltados para a análise e reflexão da cultura brasileira, identidade e história do Brasil, desdobradas, na maior parte das vezes, em aventura e suspense. (Souza, 2006, p. 110)

A autora também pontua a questão do amadurecimento, mas agora por parte dos escritores de literatura nesse período, ou seja, é uma maturidade que atravessa todos os polos do processo de produção literária: o autor, o leitor, o mercado e a modalidade literária. Como aponta Souza (2006), esse processo também direcionou a predominância de determinados gêneros nas narrativas juvenis daquela época. Acerca disso, mas também na tentativa de sistematizar os caminhos que essa literatura seguiu de acordo com a teórica, destacam-se ainda como gêneros da década de 1990, além da aventura e do suspense, o romance policial, as adaptações de clássicos, histórias folclóricas, paródias e biografias, inovações gráficas, a prosa poética, identidade e memória (Souza, 2006). A partir dos gêneros elencados, percebe-se tamanha efervescência e produtividade diversificada de textos literários para o público daquele período, o que configura essa década como a de fixação desse campo de inovação literária no cenário nacional. Segundo Turchi (2016):

O movimento da indústria cultural com a criação de selos editoriais para a faixa etária de jovens adolescentes; a indicação anual de prêmios institucionais para a categoria juvenil e a seleção regular de obras literárias para programas governamentais como o PNBE possibilitaram o surgimento de novos autores e obras publicadas entre o final do século XX e a primeira década do século XXI. (Turchi, 2016, p. 85)

Nesse período de transição entre os séculos, Turchi (2016) aponta como os principais elementos presentes nessa literatura: os temas polêmicos e as soluções estéticas. Para a autora, as diferentes vertentes temáticas que por vezes parecem ser completamente opostas são abordadas em muitos textos ao mesmo tempo e de maneira recorrente. Fundamentados nessa proposição, é possível afirmar que as abordagens temáticas que fugiam do já convencional para o público jovem configuraram-se como uma solução estética de muitos escritores da então consolidada literatura juvenil brasileira. Nesse sentido, é cabível avançar na discussão e questionar a razão dos escritos com a temática sobre HIV/aids não serem abordados nas devidas produções teórico-críticas daquele período. Consideramos pertinente afirmar que o caráter paradidático conferido nesses livros e o estigma relacionado ao HIV/aids propiciam o apagamento dessa produção, mesmo sendo a década de 1990 a principal no que diz respeito às publicações no Brasil.

1.3 Panorama das obras juvenis brasileiras que tematizam o HIV/aids

Como abordado anteriormente, a figura do jovem sempre esteve relacionada de algum modo ao surgimento da aids no Brasil. Por conseguinte, produtos culturais direcionados a esse público foram produzidos no decurso da história. Desse modo, neste tópico intenciona-se demarcar as obras literárias juvenis brasileiras que tematizaram o HIV/aids durante os últimos 40 anos de epidemia (1980-2020). Para tanto, os métodos utilizados seguem o viés da História Cultural, uma vez que, como postula Chartier (2017), a partir da relação entre texto e materialidade da obra, assim como o contexto de publicação, circulação e recepção, “o que importa é identificar a maneira como ela [a obra] se constrói em cada momento histórico” (Chartier, 2017, p. 42).

A perspectiva aqui assumida está em consonância com o fato de que a literatura não apenas fala sobre determinados momentos históricos, mas também os molda e os reorganiza. Isso acontece a partir dos arranjos textuais que constroem imagens sobre determinado aspecto do mundo, ultrapassando a barreira do singular e sendo traduzidos enquanto experiência

coletiva, constituindo-se, culturalmente, como representante das manifestações de determinada comunidade (Chartier, 2017). Essa concepção é relativa ao enfoque cultural das obras, que “referem-se, mais fundamentalmente, às relações múltiplas, móveis, instáveis, amarradas entre o texto e suas materialidades, entre a obra e suas inscrições.” (Chartier, 2017, p. 40). Ainda segundo o autor:

Para mudar a fronteira traçada entre as produções e as práticas mais comuns da cultura escrita e da literatura, considerada como um âmbito particular de criações e de experiências, é necessário aproximar o que a tradição ocidental distanciou perpetuamente: de um lado, a compreensão e o comentário das obras; e, de outro, a análise das condições técnicas ou sociais de sua publicação, circulação e apropriação. Essa dissociação tem várias razões: a permanência da oposição entre pureza da ideia e sua inevitável corrupção pela matéria; a definição dos direitos de autor, que estabelece a propriedade do autor sobre um texto considerado sempre idêntico a si mesmo, acima de sua forma de publicação; e até o triunfo de uma estética que julga as obras à margem da materialidade de seu suporte.” (Chartier, 2017, p. 38-39)

Isso implica dizer que elementos paratextuais, como os prefácios, as orelhas, capas e as contracapas dos livros; e textuais, como a linguagem e as características estruturais dos gêneros, funcionam como uma engrenagem ativada pelo leitor, mas que, se desconsiderados, não produzirão os mesmos efeitos de sentido. Logo, o próprio processo de transformação desses aspectos durante a história altera também o modo como eles serão recebidos, lidos e interpretados, de maneira tal que cada leitura do tempo presente recorre a mecanismos que não necessariamente estavam disponíveis à época de publicação de determinado texto para apropriar-se dele, mas analisar e questionar as ferramentas do período auxilia a ampliar a visão sobre determinado objeto cultural. Ou seja, é a articulação entre a multiplicidade de ferramentas para examinar um texto/objeto que propicia reflexões sobre a relação entre o artefato e o mundo, e, conseqüentemente, suas implicações temporais, sociais e históricas.

Além disso, o panorama está apoiado nas proposições realizadas por Sousa (2015a; 2015b; 2016) acerca da literatura pré e pós-coquetel. De acordo com o teórico, em meados da segunda metade do decênio 1980, as artes de maneira geral iniciaram um processo de tematização da síndrome da imunodeficiência adquirida, inclusive a literatura. Isso não significa dizer que esse era um movimento novo, pois se constata a abordagem de outras doenças em textos literários publicados em períodos anteriores. No entanto, segundo Jardim (2019, p. 10), “a aids também mobilizou médicos, pesquisadores, políticos e ativistas, como nunca se vira em qualquer outra epidemia”, como meio de reação à doença. Conforme orienta Sousa (2015a) sobre a aids, o ano de 1996 se apresenta como um ponto de mutação, visto que é neste ano que iniciam as distribuições dos medicamentos pelo SUS para as pessoas que vivem

com HIV/aids. Com isso, a perspectiva mortífera que a doença apresentava nos primeiros anos cede espaço para a vivência, a memória e os impactos sociais, físicos e subjetivos decorrentes da infecção pelo vírus, ou seja, há uma reconfiguração discursiva sobre a temática que é também constatada nos textos literários.

Posto isso, abaixo estão sistematizadas as obras encontradas durante o percurso investigativo desta pesquisa. Elas foram organizadas cronologicamente e com informações que apresentam os livros, a saber título, escritor(a), ilustrador(a), gênero, ano da primeira publicação, editora e série/coleção – quando integrante, a fim de facilitar a compreensão de como eles desenham e/ou formulam também um imaginário sobre a aids. O foco recaiu sobre as publicações impressas, uma vez que elas são mais acessíveis à dinâmica de apreensão panorâmica, diferentemente dos livros publicados no meio digital que, por sua maior facilidade de publicação, implicam também uma proliferação de títulos constante e de complexa sistematização. O levantamento foi realizado a partir de diferentes vertentes: 1) estudos teórico-críticos sobre HIV/aids e literatura; 2) estudos teórico-críticos sobre literatura juvenil brasileira; 3) acervo de bibliotecas públicas¹⁰; 4) documentos oficiais (diretrizes para programas de ensino no Brasil); 5) sites, *blogs* e aplicativos¹¹; 6) Acervo de ONGs, como a do Grupo de Incentivo à Vida (GIV).

Uma primeira versão desse panorama foi publicada em um artigo intitulado *Literatura infantil e juvenil brasileira e HIV/Aids: uma história ainda pouco contada* (Moraes; Segabinazi, 2023). No entanto, como explicita o título, esse primeiro compilado das obras engloba também o sistema literário infantil. Logo, cabe ressaltar que a versão nesta dissertação proposta tem enfoque apenas nas obras juvenis e expande tanto a quantidade de títulos como a discussão apresentada anteriormente.

A exposição é entrecortada por comentários críticos, relações com as conceituações de diferentes teóricos e sínteses dos textos. A fim de facilitar a compreensão do surgimento dos primeiros textos até os mais recentes dentro do período especificado, o panorama foi dividido em dois subtópicos. O primeiro compreende as duas primeiras décadas da epidemia de HIV/aids e os livros que foram publicados nesse intervalo de tempo, diretamente influenciados pelas políticas públicas – tanto no campo da saúde quanto no campo da educação – do cenário brasileiro. Também são correlatos os livros ao momento de consolidação da literatura juvenil

¹⁰ Foram consultados os acervos de literatura infantil e juvenil das bibliotecas *Juarez da Gama Batista* e *Indústria do Conhecimento*, ambas localizadas no município de João Pessoa, Paraíba.

¹¹ Dentre eles: *Amazon*, *Estante Virtual*, *Lhivros* e *Arthivismo* – *blog* que realiza a divulgação de diversos produtos culturais/artísticos nacionais e internacionais em que a temática do HIV/aids está presente – e *Skoob* – rede social colaborativa de leitores, em que são compartilhadas leituras e avaliações de livros lidos.

brasileira já exposto. O segundo, por sua vez, compreende o período mais recente da história, no qual há uma considerável diminuição do número de títulos e novos arranjos discursivos sobre o tema.

1.3.1 Os primeiros escritos (1980-2000): literatura emergencial e tonalidade educativa

Quadro 1 – Panorama da Literatura Juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids (1980-2000)

Título da obra	Escritor(a)	Ilustrador(a)	Gênero	Ano (1ª edição)	Editora	Série/coleção
AIDS: e agora?	Luiz Claudio Cardoso	João Rodrigues Nepomuceno Filho	Romance	1989	Scipione	Série Diálogo
Bravo, pai da Esperança, mãe do Sorriso, discípulo da Solidariedade, namorada do Amigão que viveu com AIDS.	Mário Rudolf	-	Romance	1992	M. Rudolf (produção e editoração)	-
Maurício	Júlio Emílio Braz	Roberto Barbosa	Conto	1992	Moderna	Veredas
Enquanto houver vida viverei	Júlio Emílio Braz	Rogério Borges	Romance	1992	FTD	Coleção questões do nosso tempo
A corrente da vida	Walcyr Carrasco	Martinez	Romance	1993	Moderna	Veredas
Os guerreiros do tempo	Giselda Laporta Nicolelis	Jesus Dias	Romance	1994	Moderna	Veredas
A droga do amor	Pedro Bandeira	Alberto Naddeo	Romance	1994	Moderna	Veredas
Um sonho dentro de mim	Júlio Emílio Braz	Martinez	Romance	1994	Moderna	-
Fase terminal	Álvaro Cardoso Gomes	Marcelo Martins	Romance	1995	FTD	Coleção sinal de alerta
O dono dos pés	Jussara Rocha Koury	Paulo Rocha	Romance	1996	Bagaço	-
A amarga herança de Léo	Isabel Vieira	Avelino Guedes	Novela	1996	FTD	Coleção sinal de alerta

Depois daquela viagem: diário de uma jovem que aprendeu a viver com AIDS	Valéria Piassa Polizzi	Miadaira	Diário	1997	Ática	-
Dias difíceis	Fanny Abramovich	Ricardo Azevedo	Novela	1999	Moderna	-
Aprendendo a viver	Júlio Emílio Braz	Rogério Borges	Romance	1999	Editora Saraiva	Coleção Jabuti - Vida
A vida é agora: ser jovem nos tempos da Aids	Eliane Maciel	Rogério Borges	Romance	1999	Moderna	Veredas
Perdidamente – AIDS: angústias de uma jovem	Júlio Emílio Braz	Rogério Borges	Romance	2000	FTD	Coleção questões do nosso tempo

Fonte: Moraes e Segabinazi (2023) e elaboração própria

Apesar de existirem poucos estudos que se debruçam sobre os livros literários destinados aos jovens com a temática especificada, em contraposição aos voltados ao público adulto, é possível afirmar que eles surgem concomitantemente aos primeiros textos da literatura brasileira orientados pela temática. Em 1989, Luiz Claudio Cardoso publicou *AIDS: e agora?*, o primeiro livro juvenil que tematiza o HIV/aids no Brasil. Diferentemente da abordagem que fizeram alguns autores ao tematizar a aids no início da epidemia, isto é, ao utilizar recursos discursivos como as elipses para encobrir a nomenclatura da doença que atemoriza o período final do século XX; no livro em questão, ela é explicitada ainda nas primeiras páginas quando o personagem Lico indaga: “Será que é Aids?” (Cardoso, 1989, p. 10) acerca da doença que atingiu o pai de Pedrinho e Lena, que tinham parado de circular socialmente entre o grupo de amigos e o inquietava com tal desaparecimento. Esse contorno de mistério inicial da narrativa dialoga também com o próprio estatuto da aids na década de 1980, visto que os sujeitos por ela acometidos enxergavam a si mesmos em um cenário de muitas incompreensões sobre os efeitos físicos e sociais dela, o que gerava certo receio de compartilhar o diagnóstico até mesmo com as pessoas mais próximas.

A trama é situada na cidade de São Paulo e traz alguns pontos relevantes para compreendermos não só a forma como a aids era percebida pelos sujeitos, mas também o modo como essa doença foi representada nas narrativas voltadas ao público jovem. À vista disso, um dos questionamentos do narrador é que não fazia sentido a aids ter escolhido justamente atingir um bairro – nesse caso, Vila Mariana – em que todos os indivíduos pertencentes àquele espaço eram pessoas comuns, como pode ser atestado no seguinte trecho: “Quem mora nessas casas?

Gente comum: bancários, comerciários, dentistas (em início de carreira); gente que, apesar de procurar manter as aparências, vive é controlando o dinheiro” (Cardoso, 1989, p. 12). Tal perspectiva da ficção dialoga com a percepção inicial que se tinha sobre a síndrome, visto que os primeiros atingidos por ela foram jovens homossexuais que tinham certo poder aquisitivo (Teodorescu; Teixeira, 2015; Jardim, 2019).

Na narrativa de Cardoso (1989) reside uma imagem do cenário nacional à época, pois Lico, que acreditava ser a aids “invenção de americano” (Cardoso, 1989, p. 17), personifica o moralismo que envolvia o tema e há também uma figura que representa um espírito democrático e solidário, a personagem Júlia, que mesmo sem ter as respostas adequadas para o que era a doença e seus efeitos, estava sempre aberta ao diálogo sobre a questão. Outrossim, em decorrência da urgente discussão sobre a aids com o público destinatário do livro e da necessidade de democratização do acesso às informações que fugissem do viés sensacionalista e impreciso sobre a síndrome, o enredo é composto por diversas menções às doenças oportunistas, desmistificação das formas de contágio e da deturpação de sentidos sobre a doença, como o encerramento da trama: “E doença, seja qual for, não é castigo” (Cardoso, 1989, p. 50); diálogos com representantes da comunidade médica, até mesmo de certa historicidade sobre o vírus e a doença, informações sobre o sistema biológico e os efeitos do HIV sobre ele, além da primeira medicação que prolongava a vida – o AZT, formas de testagens e diagnóstico, dentre outros aspectos, isto é, um caráter didático e informativo bastante evidente.

Por ser o livro que principia essa produção literária, é válido ressaltar também os elementos paratextuais do livro. Na dedicatória, por exemplo, Cardoso (1989) afirma que o livro é dedicado aos diferentes profissionais (cientistas, educadores, psicólogos, jornalistas, dentre tantos outros) que de algum modo trabalhavam no enfrentamento à epidemia e a favor das pessoas que vivem com HIV/aids, excetuando àqueles que presumiam ser a doença uma espécie de castigo, bruxaria e outros falseamentos que propiciaram a estigmatização dos sujeitos pela doença assolados. Em outras palavras, há uma tentativa de, a partir da ficção, desconstruir imaginários sobre a aids já perpetuados naquele período. Tal perspectiva é ratificada no próprio prefácio do livro, no qual o autor pontua que apesar de trazer informações básicas sobre a aids, o livro não tem a pretensão de ser um manual, mas sim de estimular o debate (Cardoso, 1989). Por fim, destaca-se também a série “Diálogo” em que o livro está inserido, visto que ela, em seu *slogan* “uma série que leva o leitor a sério”, considera o receptor como centro do processo de interlocução da literatura juvenil.

Anos mais tarde, em 1992, Mário Rudolf publica *Bravo, pai da Esperança, mãe do Sorriso, discípulo da Solidariedade, namorada do Amigão, que viveu com AIDS*¹². Esse livro surge a partir de uma discussão entre o autor e o grupo do Projeto AIDS da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo¹³, coordenado por Teresinha Pinto, como revelam as orelhas do suporte. Nelas há ainda algumas informações relevantes, como o indicativo de que o livro será um instrumento de trabalho para o professor na escola, além do fato de que a figura da criança é introduzida na discussão sobre a aids a partir da narrativa de Rudolf. Ademais, a questão da vida – em oposição à morte tão acentuada nas narrativas que circulavam até o momento – já é afirmada no próprio título do livro e mencionada desde os elementos paratextuais.

Acerca da narrativa, apesar de uma criança – o personagem Sorriso – ser o protagonista, é Amigão, tio de Sorriso, o jovem que é acometido pela aids na narrativa, como informa o narrador em 3ª pessoa: “Era a fraqueza e o cansaço que o impediam de caminhar e falar igual a um jovem” (Rudolf, 1992, p. 32); e em outro trecho “Infelizmente, ao invés de um jovem forte, sábio e cheio de entusiasmo, Amigão voltara totalmente debilitado. A vida parecia fugir-lhe do corpo” (Rudolf, 1992, p. 32). Apesar de a aids ser a temática principal do romance, na trama há também uma imersão dos personagens no contexto do Brasil, desde questões políticas, como o fim da Ditadura Militar; até questões sociais, como os meninos e meninas de rua – uma problemática do Brasil dos anos 1980 que é mote para a posterior publicação do ECA – incluindo também o trabalho infantil e outras vulnerabilidades, como a própria aids que atinge também essa parcela da sociedade.

Assim como em Cardoso (1989), na narrativa de Rudolf (1992) também está presente o caráter didático e informativo, até mesmo pelo contexto de produção do livro, isto é, o projeto educacional. Contudo, não é somente esse aspecto que sobressai no livro, uma vez que o processo de metaforização e comparação, tanto do Brasil quanto da percepção de Sorriso sobre o mundo, enriquece a narrativa de ficção. Por último, uma questão que difere a publicação de

¹² O livro foi indicado em um catálogo informativo intitulado *Aids, juventude, educação: catálogo de fontes de informação e materiais educativos* (1993), organizado por Sérgio Haddad, Waltermir Nalles e Cláudia Boacnin, e publicado pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) de São Paulo. Nele, há o indicativo de que a narrativa pretende subsidiar o trabalho do professor.

¹³ No estado foi aprovada a lei 11.288, de 23 de novembro de 1992, que garante a obrigatoriedade da assistência de saúde aos adolescentes na Rede Municipal de Saúde. Além disso, é importante ressaltar que muitas escolas naquele período estavam rejeitando estudantes que vivessem com HIV/aids, o que gerou uma comoção nacional para que essas crianças e adolescentes não fossem excluídos dos espaços educacionais. Sobre essa questão, há um dossiê publicado pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), no âmbito do Programa Educação e Escolarização Popular, que reúne diversas matérias, notícias e reportagens publicadas entre 1992 e 1993, dos jornais *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Gazeta Mercantil*, disponível no acervo da Biblioteca Digital Abong, a Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais.

Rudolf¹⁴ (1992) das outras que compõem o panorama é que o livro foi publicado – assim como os romances do autor *De agosto a agosto com muito gosto* (1990) e *Depois da missa* (1993), destinados ao público adulto – de forma independente, uma vez que poucas livrarias demonstravam interesse sobre suas obras.

No ano de 1992, Júlio Emílio Braz lança a sua primeira narrativa juvenil que tematiza o HIV/aids, sendo ela “Maurício”, um conto que faz parte da coletânea *Sete faces da primeira vez* (1992), que inclui também textos de Carlos Queiroz Telles, Fernando Portela, Flávia Muniz, Marçal Aquino, Pedro Bandeira e Vivina de Assis Viana. A obra toma como norte o processo de maturação dos jovens e o período de transição entre a infância e os primeiros contatos com o universo do adulto. A diegese do conto, por seu turno, é narrada por um adolescente de 13 anos – não nomeado – que rememora a vida de seu melhor amigo, personagem que dá título ao conto, e que tinha acabado de falecer em decorrência de complicações da aids.

Apesar de ser uma espécie de narrativa experimental sobre o tema, esse texto se destaca pelo viés contradiscursivo que impera nas entrelinhas da trama, uma vez que o narrador demonstra ser extremamente empático com Maurício, que, após ter seu diagnóstico divulgado na escola, acaba sofrendo diversas retaliações por parte de outros alunos e pais. Outrossim, ressalta-se também a tensão e o temor dos pais do menino, e dele próprio, acerca da vivência com o HIV, uma vez que a infecção é causada por uma transfusão de sangue – em decorrência da hemofilia – e, por conta disso, tem sua vida transformada. Esse texto também antecede aquilo que Sousa (2015a; 2015b; 2016) vai apontar como característica da literatura pós-coquetel, isto é, as narrativas de memória, o que demonstra como a literatura juvenil brasileira é precursora de algumas abordagens da temática nos textos literários.

Ainda em 1992, outro livro surge no cenário nacional, a saber *Enquanto houver vida viverei* (1992)¹⁵, de Júlio Emílio Braz, dedicado ao ativista e escritor Herbert Daniel (1946-1992). Na mesma esteira dos títulos anteriores, o romance de Braz (1992) também aborda questões como contágio, transmissão, infecções e doenças oportunistas, sintomas e outros elementos característicos desses textos. Na trama, o Mister Aventura – protagonista – sofre um acidente de moto logo após completar 18 anos e, por causa disso, necessita de uma transfusão de sangue, na qual acaba infectado pelo HIV. No decorrer dos capítulos da história há diversos trechos informativos que desmistificam questões relacionadas ao HIV/aids.

¹⁴ Em uma entrevista de Mário Rudolf para Marcelo Secron Bessa (2002), o autor revela que seu sonho desde criança era ser escritor e, nos anos 1990, percebia a aids como uma questão urgente a ser tematizada. Além disso, também pontua que estava perdendo muitos empregos por causa do avanço da doença em seu corpo e a sua escrita foi uma espécie de resposta ao julgamento da sociedade sobre ele.

¹⁵ Desde 2015 o livro virou peça, sob a dramaturgia de Ronaldo Ciambroni.

Alguns aspectos interessantes desse texto são: a percepção do sujeito adolescente enquanto vivente com o vírus e as óticas dos outros personagens conviventes. Outro elemento que merece destaque é o “Castelo dos sonhos”, uma rede de diferentes pessoas vivendo com HIV/aids que é apresentada na narrativa, na qual há a introdução de uma personagem travesti, a Flô, e que revela suas angústias pelo abandono parental e seu estado avançado da doença. Acerca dos elementos paratextuais, destacamos que a edição da FTD não possuía sinopse na contracapa, o que poderia instigar certa curiosidade aos leitores a partir do título e da capa – que revela apenas o rosto de um adolescente –, mas que nas edições mais recentes já é encontrada e, após a narrativa, há a indicação de vários hospitais especializados no tratamento da doença em diferentes estados do Brasil.

Em seguida, Júlio Emílio Braz publica mais um romance que tematiza o HIV/aids, *Um sonho dentro de mim* (1994). Na seção “Autor e Obra” do livro, Braz (1994, p. 65) revela um espectro da morte à época: “[...] retomo o tema sobre outro enfoque, talvez um dos mais dramáticos; ou seja, quando o amor é bruscamente interrompido por algo tão terrível quanto a aids, quando ela chega aos adolescentes”. No texto em questão, uma jovem de 17 anos engravida, a protagonista Ana, e, após alguns exames, descobre que o HIV também está em seu sangue, que para ela já não era mais novidade, pois seu namorado, com quem já fazia planos de casamento, tinha se suicidado após a descoberta do diagnóstico. Como exposto, são várias as temáticas fraturantes que compõem o livro, estando elas intrinsecamente relacionadas ao contexto de publicação do texto e das abordagens temáticas da literatura juvenil brasileira no período. Por último, é importante destacar que, assim como no livro do autor que antecede *Um sonho dentro de mim*, nele todos os capítulos iniciam com um poema que intertextualmente dialoga com o enredo do romance.

Dando sequência ao conjunto de livros de sua autoria com a temática, Júlio Emílio Braz publica anos mais tarde o romance *Aprendendo a viver* (1999), que posteriormente integrou o programa “Uma biblioteca em cada município”¹⁶ e foi adotado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e pelo Departamento de Bibliotecas Infanto-juvenis da Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo. Se no livro antecessor o autor já afirmara que as questões sociais são de fato seu interesse de abordagem temática, no romance do final de século ele continua reafirmando essa perspectiva, no entanto, seguindo a direção das narrativas pós-coquetel (Sousa, 2015b), nas quais a centralidade da vida é uma matéria-prima da escrita. Nesse

¹⁶ Programa de âmbito nacional, fomentado pela Secretaria de Livros e Leitura do Ministério da Cultura (MinC) que objetiva ao menos uma biblioteca pública em cada município do país, conforme os princípios e diretrizes de bibliotecas públicas (Brasil, 2000).

texto, Claudia e Isabel tentam lidar com as implicações sociais, econômicas, físicas e psicológicas da aids, após sua mãe ter recebido o diagnóstico positivo para o HIV. A partir disso, são diversos os percalços enfrentados pela família, inclusive uma tentativa de suicídio por parte da mãe das meninas, de modo tal que é evidenciada a importância de uma rede de apoio para lidar com a questão.

O último livro de Júlio Emílio Braz, que encerra a tematização do HIV/aids em seus textos literários juvenis, é publicado em 2000, sendo ele *Perdidamente – AIDS: as angústias de uma jovem*, romance em que a protagonista Flávia, jogadora de basquete, vive com HIV e resiste às intempéries decorrentes da vivência com o vírus, na mesma tendência dos outros textos por ele escritos. Essa narrativa compõe, tal qual *Enquanto houver vida viverei* (1992), o catálogo da coleção “Questões do nosso tempo”, que, como aponta o próprio título, visava discutir temas contemporâneos ao jovem da década de 1990 e no início dos anos 2000.

A corrente da vida (1993), de Walcyr Carrasco, por sua vez, é provavelmente um dos livros juvenis brasileiros mais conhecidos que tematiza o HIV/aids. Como demarca o próprio título do livro, a narrativa está envolta naquilo que muitos acreditavam ser a principal resposta à aids na virada do decênio de 1980 para 1990, isto é, o esforço coletivo e a solidariedade (Daniel; Parker, ([1991] 2018), representada pela ideia de “corrente” e ratificada pela união das mãos na capa da 1ª edição do texto. O enredo do livro se desdobra a partir da aflição de Raquel – a narradora – sobre a ausência de seu amigo Nelson na escola. Ele já enfrentava as consequências da infecção pelo vírus, já no estágio da aids, e, por conta disso, vários colegas começaram a disseminar o preconceito sobre a doença que assolava o personagem. Então Raquel, Joca e Marcelo unem-se para lidar com a situação. Desse modo, a questão da desmistificação das verdades e mentiras que circundam o imaginário social sobre o HIV/aids é uma das principais facetas do romance. Na 1ª edição, por exemplo, as ilustrações de Martinez revelam o viés investigativo sobre o que era ou não verdade sobre o tema no 3º capítulo, no qual há uma ilustração de Raquel procurando informações em jornais, ou seja, mesclam-se o campo jornalístico e o histórico no enredo.

Ainda sobre a edição publicada em 1993, após a trama, na seção “Autor e obra”, Carrasco (1993) afirma que conviveu ao lado de um amigo que morreu de aids, uma das motivações para a elaboração do livro. Além disso, o autor pontua que outras problemáticas que circundam a doença são: o fato de que muitas vezes ela é tratada como fofoca e a falta de informações sobre ela; o que causava medo nos indivíduos que se viam diante de uma pessoa no estágio avançado da aids ou quando eles revelavam os seus diagnósticos positivos. Em contrapartida, na última edição publicada em 2016, há mudanças significativas no livro, desde

o projeto gráfico até modificações textuais de capítulos quase integralmente. Este movimento revela que, com o avanço do conhecimento científico sobre a doença e a desmistificação de muitos dos mitos a ela relacionados, alguns textos de ficção também foram reelaborados a fim de não perpetuar imaginários outrora construídos. Nesse sentido, o autor aponta:

Atualizei o livro entrevistando médicos sobre o que acontece hoje. A doença que ataca Nel, quando fica com o sistema imunológico enfraquecido, existe sim, e é fatal. Faço referência a remédios, a tratamentos surgidos recentemente. Mas o principal continua intacto. (Carrasco, 2016, p. 94)

Em 1994, por seu turno, Giselda Laporta Nicolelis lança o romance *Os guerreiros do tempo*. A narrativa tem uma relação singular com a questão temporal, pois é narrada em primeira pessoa por Bianca/Arantxa – a protagonista –, que rememora o seu passado, sendo apenas os dois últimos capítulos narrados no tempo presente. Na ficção, a personagem principal enfrenta o processo de descobrimento da vivência com o vírus HIV, após ter sido infectada por seu namorado, que, por sua vez, foi infectado por uma transfusão de sangue. Além disso, há um foco bastante evidente na questão social da escola enquanto espaço de integração/segregação, uma vez que Bianca não é mais aceita onde estudava após o seu diagnóstico e enfrenta uma jornada até encontrar outro espaço de educação formal que a aceite. Esse aspecto é extremamente pertinente ao contexto de publicação do livro, uma vez que vários casos como esse foram denunciados pela mídia brasileira.

No livro da escritora, também está intrínseca a relação entre as metáforas militares e a aids, elucidadas por Susan Sontag (2007), uma vez que a ideia de “guerra” é apontada desde o título e reforçada ainda pela alegoria de Arantxa – personalidade que Bianca assume para enfrentar a problemática em foco. A tematização, no entanto, ultrapassa a aids, pois dialoga com várias questões dos jovens da época e que compuseram os textos juvenis da década de 1990, como relacionamentos amorosos, vida sexual ativa, depressão, gênero, diálogo entre diferentes gerações etc. Por último, como destaca Batista (2018), a narrativa de Nicolelis foi escrita sob encomenda da Editora Moderna, elucidada na seção “Autor e Obra”, o que revela o contexto emergencial em que nasce o livro.

Dando sequência à série “Os Karas”, que despertou o interesse dos leitores jovens brasileiros, Pedro Bandeira publica em 1994 o livro *A droga do amor*. Evidenciado por Lajolo e Zilberman (2022) na seção “Cronologia histórico-literária” do livro *Literatura infantil brasileira: história & histórias*, a obra de Bandeira é a única na qual a temática da aids está presente e é mencionada pelas teóricas. Apesar disso, a doença não é referida em nenhum

momento. O romance foi motivado pelo desejo de uma leitora, que escreveu uma carta solicitando um enredo no qual os personagens entrassem em conflito por causa do amor, como anuncia o autor nas páginas que antecedem o início da narrativa. Nelas, ele também dedica o romance policial à leitora. Essa é uma questão primorosa para a compreensão da produção literária do período em evidência, uma vez que o público influenciou diretamente o processo criativo da série. No desenrolar da sequência narrativa, há uma abordagem pelo viés da ficção científica, uma das vertentes da literatura juvenil no final do século XX, pois, como denota a sinopse, um cientista dos EUA havia encontrado a cura para a “praga do século”.

Bandeira foi um dos poucos autores para jovens que abordaram a temática de forma implícita, assim como fez, por exemplo, Caio Fernando Abreu em contos, novelas e crônicas. Sobre esse aspecto, na seção “Autor e Obra” de *A droga do amor*, o escritor salienta: “Em nenhum ponto do texto, nem agora, citei sua denominação. Há um propósito nessa omissão.” (Bandeira, 1994, p. 128). Segundo o autor, a intencionalidade está relacionada à tentativa de não tornar o romance datado, orientado pelos escritos do dramaturgo norueguês Kenrik Ibsen (1828-1906) e do italiano Luigi Pirandello (1897-1936), que também tematizaram doenças em seus textos sem referenciá-las nominalmente.

Outros autores já consagrados de literatura juvenil também abordaram a temática HIV/aids, como Álvaro Cardoso Gomes no romance *Fase terminal* (1995). Na ficção, o cenário urbano é plano de fundo para a trama desenvolvida, na qual a questão das diferenças sociais entre a classe média e a periferia é retratada pelos personagens principais, que também possuem diferentes conflitos familiares, e, quando Vado chega a óbito em decorrência da aids, as perspectivas de futuro dos outros são alteradas. Além da doença, questões como uso de drogas, abandono parental, rachas de carros e motos e pichações fazem parte do contexto da turma, que abarca um grupo de jovens reativos aos traumas e angústias da vida. Em um texto informativo após a narrativa, o autor afirma: “apesar de seu clima opressivo, revela-se, portanto, um livro profundamente humano e declara seu peremptório amor àqueles que se perderam ou não se encontraram, por culpa quase que exclusiva de um Sistema [...]” (Gomes, 1995, p. 118); tal ressalva acentua o enfoque crítico do texto destinado aos jovens.

O texto de Álvaro Cardoso Gomes integra a coleção “Sinal de alerta” da Editora FTD, que abarcava livros com temáticas que hoje consideramos como fraturantes, isso significa assuntos que afligem as juventudes, no qual também está inclusa a novela de Isabel Vieira *A amarga herança de Léo*, publicada no ano seguinte, em 1996. Ambos os títulos da coleção demarcam adjetivos que contornam a aids, evidenciando uma perspectiva funesta que antecede a TARV e é retratada em muitos textos, inclusive literários. A autora dedica o livro aos jovens

que se foram por causa da doença, que ela compreendia como uma rasteira que a história deu na humanidade e que mistura amor e morte, ideia circunscrita na seção sobre a autora no livro. Na narrativa também se encontram as metáforas militares sobre a aids, ou seja, a doença epidêmica como “invasora” e que precisa ser “combatida” (Sontag, 2007), além de diversas referências a ícones da cultura pop, como *The Beatles* e Cazuza, ao mesmo tempo em que já apresentava uma perspectiva memorialística de Léo, uma vez que sua morte é anunciada ainda nas primeiras páginas da novela. Logo, depreende-se que esta é uma obra de transição entre os períodos pré e pós-coquetel da literatura juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids.

Todos os livros expostos até aqui estão concentrados, no que diz respeito às suas produções, na região sudeste. É somente em 1996, com o romance *O dono dos pés*, de Jussara Rocha Koury, que surge um livro à margem do centro, pois é uma narrativa publicada pela Bagaço, a principal editora de livros infantis e juvenis de Pernambuco. Além de ser um dos precursores de autoria feminina com a temática, no romance, o personagem Nado vive com HIV e em torno dessa questão se constrói o enredo da narrativa. Um dos principais elementos que difere a narrativa de Koury de tantas outras publicadas naquele período é o fato de que o texto possui um final aberto e a demarcação da morte – apesar de muitas vezes ainda aparecer no horizonte – não é o destino do personagem. Por ser o *corpus* de análise desta pesquisa, as questões relativas ao romance serão aprofundadas no último capítulo.

No ano seguinte, em 1997, foi lançado pela editora Ática um dos poucos *best-sellers* brasileiros de seu tempo com a temática da doença, o livro *Depois daquela viagem: diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com AIDS*¹⁷, de Valéria Piassa Polizzi. De acordo com Bessa (2002), “escrito em uma linguagem simples, que tenta estabelecer um *tête-à-tête* com o leitor jovem – inicialmente o seu público-alvo –, o livro foi um estouro comercial e, em apenas um ano, estava na 14ª edição e haviam sido vendidos mais de 50 mil exemplares” (Bessa, 2002, p. 325, grifos do autor). O trecho do crítico, além de evidenciar a rápida popularização do livro, lança luz também para uma problemática comum à época, a saber: a indistinção de reimpressões e novas edições. É justamente em decorrência dessa melindrosa questão do mercado editorial que se torna um desafio alcançar as primeiras tiragens dos livros juvenis publicados no final do século XX, uma vez que muitos deles eram reimpressos sob a capa de

¹⁷ Na seção “Depoimentos” da edição publicada em 2004, a autora traça uma espécie de trajetória percorrida a partir do lançamento do livro. Nela destaca as palestras e os vários diálogos que realizou em diferentes espaços como escolas e faculdades, com jovens que lotavam auditórios para a escutar. Naquele período com mais de duzentos mil exemplares vendidos, o livro também foi traduzido para diversos países, como Itália, Alemanha, Espanha, Chile e Argentina.

“novas” edições. Apesar disso, o livro de Polizzi merece destaque, pois, como acrescenta Bessa (2002):

[...] o livro de Valéria veio, de uma tacada só, dar um impulso na discussão midiática do avanço da AIDS entre mulheres e adolescentes, e também servir de gancho para campanhas e atividades de prevenção junto a esses públicos. Outro motivo para o estrondoso sucesso pode ser creditado à sua utilização “paradidática” do livro em colégios do ensino básico e médio. Ainda que, geralmente, esses livros dirigidos a um público infanto-juvenil corram por fora das listas dos mais vendidos estampadas em cadernos literários de jornais, eles compõem um filão inimaginável, cujos títulos alcançam milhares de exemplares, graças à sua utilização em salas de aula de todo o país. *Depois daquela viagem* caiu como uma luva nesse esquema: uma linguagem coloquial, uma diagramação bem *teen* e, principalmente, com um caráter educativo quanto ao sexo e à AIDS, ou seja, paradidático para diversas disciplinas e, por isso mesmo, extremamente vendável. (Bessa, 2002, p. 325-326, grifos do autor)

A partir dos apontamentos do autor, dois quesitos carecem de destaque: a utilização paradidática do livro e a escola enquanto espaço principal de circulação. Nesse sentido, o livro de Polizzi é apenas um exemplo de um movimento tanto quanto recorrente naquele período. Como já evidenciado anteriormente, a falta de informações sobre a doença – e aqui salienta-se principalmente a ausência de textos que dialogassem com o público jovem – era uma questão de urgência. Em decorrência disso, muitos livros que inicialmente não foram escritos com a intenção de serem utilizados na escola, a exemplo do diário da autora, acabam por ter essa função utilitária atribuída a eles.

Ademais, a relação entre literatura juvenil e escola no Brasil do século XX era uma tendência de formação dessa literatura em processo de consolidação. Portanto, cabe uma ressalva nesta conjuntura: apesar de o viés pedagógico e informativo dos textos juvenis com a temática do vírus e da doença ser notório, nem todos foram produzidos com vistas a esses fins, mas sim empregados dessa maneira. Ainda sobre o *best-seller*, Bessa (2002) esclarece que ele estava na esteira das escritas autobiográficas, ligadas aos referentes reais/biográficos que emergem sobre a aids na década de 1990. Por esse ângulo, o diário de Polizzi diverge do trato ficcional presente na maior parte da produção literária juvenil brasileira sobre a temática.

Antes da virada do milênio, Fanny Abramovich, autora também já consagrada no campo da literatura infantil e juvenil, publica *Dias difíceis* (1999)¹⁸, uma novela em que a personagem Mônica, mãe de Daniel e Lea, recebe o diagnóstico positivo para o HIV após alguns sintomas característicos da infecção, e o enredo se desenvolve até a sua morte no estágio avançado da

¹⁸ Na seção “Autor e Obra” da 1ª edição, Abramovich revela um pouco do seu processo de pesquisa para a elaboração do texto, pois tinha a intenção de discutir a preparação de um sujeito para a morte e a percepção da criança sobre ela. Além disso, cabe destacar que o livro é dedicado aos amigos que ela perdeu em decorrência da aids.

aids¹⁹. Apesar de a sequência narrativa possuir um teor similar a outras já evidenciadas, existem alguns elementos desse texto que justificam um olhar atento para o livro. Um deles é a sintaxe coordenada que o organiza, pois são períodos curtos que vão dando corpo à trama, com uma linguagem acessível ao público destinatário e sem adornos, o que permite certa agilidade na leitura. Outro é a percepção de Lea e Daniel enquanto conviventes com a vivência de sua mãe, de modo que no texto as inquietações dos jovens são denotadas no que diz respeito à ausência de clareza sobre o que era a aids e os seus efeitos.

No entanto, provavelmente são essas particularidades que imprimem certa imprecisão dos interlocutores da narrativa. A novela, assim como tantos outros livros, foi publicada pela Editora Moderna e faz parte da “Coleção Girassol” de literatura infantil do catálogo da editora. Além disso, na edição mais recente, publicada em 2002, parece ocorrer uma espécie de infantilização do livro por meio das ilustrações de Helena Alexandrino. Na primeira edição, contudo, as ilustrações de Ricardo Azevedo, em consonância com o processo de transição de Daniel da infância para a adolescência e Lea vivenciando as idiossincrasias da juventude, permitem-nos afirmar que esta é uma narrativa juvenil. É imperativo postular, então, que a ambiguidade do público está relacionada também ao processo de consolidação da literatura juvenil brasileira que é posterior à infantil, o que possibilitou a catalogação como “literatura infanto-juvenil” deste livro e outros já apresentados. Outrossim, é importante reiterar que ao mesmo tempo em que a morte é o destino de Mônica, alguns elementos como a memória sobre ela aparecem ao final da história. Isso permite que o livro seja configurado também como uma narrativa de transição entre os períodos pré e pós-coquetel postulados por Sousa (2015a; 2015b; 2016).

Em 1999 também é publicado *A vida é agora: ser jovem nos tempos da Aids*, de Eliane Maciel, que é prefaciado por Fanny Abramovich, e, nesse texto que antecede a narrativa, ela descreve a aids como um tema difícil, espinhoso e sofrido. Este livro também é dedicado ao ativista e escritor Herbert Daniel, assim como é repleto de intertextos com grandes nomes da literatura e da música brasileira, a exemplo de Guimarães Rosa e Gonzaguinha. Nele, a questão tecnológica aparece, pois Fred – protagonista que vive com HIV – escreve em seu diário eletrônico, o Mister Byte, suas experiências. Temáticas como abandono parental, drogas, preconceito, morte e outras também são apresentadas na história que é situada em São Paulo.

¹⁹ Outros aspectos sobre esse livro são aprofundados no capítulo “HIV/Aids e literatura juvenil: uma análise de Dias difíceis (2002), de Fanny Abramovich” (Moraes, 2024), componente do livro *A literatura na pandemia de Covid-19: ensino, leitura e crítica* (2024), organizado por Vitor Cei *et al.*, que se debruça sobre a segunda edição da obra.

Na seção “Autor e Obra” do livro, Eliane Maciel destaca a necessidade de urgência em escrever sobre a aids, pois, em seus caminhos como jornalista e professora, se deparou com muitos personagens reais que se assemelhavam a Fred. O caráter didático e informativo também é bastante evidente, com páginas de explicações e conceituações sobre o vírus e a doença. Retrata, ainda, cenas emblemáticas de discriminação contra pessoas vivendo com o vírus e a doença.

Na tentativa de realizar um balanço sobre os dados apresentados, é possível elencar alguns aspectos que são intrínsecos a essas produções com a temática em evidência. Em primeiro lugar, percebe-se um caráter reativo das produções frente ao imaginário social estigmatizante sobre o HIV/aids, uma vez que, na grande maioria dos textos apresentados no panorama, há um esforço ficcional tanto no plano dos personagens quanto dos arranjos narrativos e espaciais de discutir e opor-se aos preconceitos que circundam a doença, ou seja, há um certo grau de criticidade sobre o assunto. Para tanto, observa-se um caráter didático e informativo bastante ostensivo ao mesmo tempo em que esses textos já preconizavam elementos da considerada literatura pós-coquetel, embora muitos deles sejam antecessores a 1996. Além disso, depreende-se o caráter particular do espaço escolar, configurado ora como integrador e ora como segregador, e de diversos temas fraturantes em um mesmo título, excedendo o contexto emergencial da epidemia.

Ainda sobre esse primeiro recorte temporal, algumas problemáticas também estão inerentes ao contexto. Uma delas é a imprecisão entre edição e reimpressão, que afeta diretamente o mapeamento dos livros, visto que é embaraçoso o caminho para chegar às primeiras edições desses objetos. Nesse mesmo intento, a função utilitária/paradidática atribuída a muitos desses textos produzidos no período afeta diretamente a recepção da crítica sobre as narrativas do levantamento, mesmo muitas delas tendo sido escritas por autores já consagrados pela literatura juvenil no decênio de 1990. Isso gerou também o processo de escolarização dessa produção literária, principalmente por ser o ambiente escolar o seu principal disseminador e por majoritariamente serem publicadas por editoras com esses fins, como a Moderna e a FTD. Por fim, na tentativa de estabelecer um encadeamento teórico com as proposições de Sousa (2015a; 2015b; 2016), verifica-se que parte dessa produção concebe um período transitório entre as narrativas pré e pós-coquetel pelo autor caracterizadas.

1.3.2 Os escritos do século XXI: novas abordagens e literatura *Young Adult*

A divisão em dois períodos particulares do panorama, que compreendem, respectivamente, 40 anos da epidemia no Brasil, permitiu observar o que denominamos como um movimento de ascensão e queda da produção literária juvenil brasileira impressa que tematiza o HIV/aids. Na primeira etapa, há uma proliferação de textos em que a temática está presente, fomentada pelo contexto emergencial das duas primeiras décadas de circulação do vírus e em consonância com o processo de consolidação dessa modalidade literária no país. A segunda, por outro lado, é atravessada por um declínio acentuado no número de títulos, uma vez que, com o processo de cronificação da vivência com o HIV, parece ter reduzido o diálogo sobre o tema e, conseqüentemente, atenuado o interesse tanto de escritores quanto do mercado editorial sobre a doença. No entanto, nos últimos anos, desponta aquilo que aparentou ser uma nova tentativa de ascensão, com outros contornos, mas que não vingou. Dito isso, abaixo estão elencadas algumas considerações sobre a segunda etapa do panorama.

Quadro 2 – Panorama da Literatura Juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids (2001-2020)

Título da obra	Escritor(a)	Ilustrador(a)	Gênero	Ano (1ª edição)	Editora	Série/coleção
Papo de garota	Valéria Piassa Polizzi	-	Crônicas	2001	Nome da Rosa	-
Teatro de rua contra a Aids: seis textos para serem encenados	José Mapurunga, Oswald Barroso e Orlângelo Leal	-	Drama	2001	Expressão Gráfica	-
Só uma vezinha	Valéria Piassa Polizzi	-	Crônica	2003	Ática	-
E agora, filha?	Isabel Vieira	Avelino Guedes	Romance	2003	Moderna	Veredas
Aids e teatro: 15 dramaturgias de prevenção	Daniel Souza e Marta Porto (org.)	-	Drama	2004	Senac Rio	-
Diário de uma aborrecente!	Rosane Magaly Martins	Eugênio Colonnese	Diário	2007	Estúdio Criação Bureau	Jóias Literárias
Fake	Felipe Barenco	-	Romance	2014	Dramática	-
Você tem a vida inteira	Lucas Rocha	-	Romance	2018	Galera	-
Às vezes	Marlon Souza	Frank William	Romance	2018	Publiquei	-
Íris	Lyli Lua	-	Romance	2018	Publiquei	-

Fonte: Moraes e Segabinazi (2023) e elaboração própria

Após o sucesso comercial do seu primeiro livro, Valéria Piassa Polizzi é convidada para ser colunista da *Revista Atrevida* (1998 a 2004) e, em 2001, lança uma reunião de crônicas publicadas anteriormente no periódico, intitulada *Papo de garota*, na qual o HIV/aids é tematizado ainda pelo viés autobiográfico, o que se assemelha ao diário que a introduziu na carreira de escritora. Posteriormente, ela retomou a temática em um livro de crônicas publicado em 2003, *Enquanto estamos crescendo*, mas esse não é o foco principal dos textos para ele selecionados e sim as angústias e descobertas da juventude, assim como temas polêmicos, a exemplo do aborto. De certa maneira, Polizzi tentou se distanciar da aids e discutir outros assuntos, uma vez que o HIV aparece apenas como um breve tensionamento na crônica “Só uma vezinha”.

A escritora Isabel Vieira, por sua vez, retoma a temática anos depois de publicar o primeiro título no qual o HIV/aids está presente, mais especificamente em 2003, com o romance *E agora, filha?*. O enredo que gira em torno de diversas mulheres e dá sequência ao livro *E agora, mãe?* (1991), que aborda a temática da gravidez na adolescência. Em *E agora, filha?*, a personagem principal da narrativa do decênio de 1990 já está adulta e sua filha agora é uma adolescente. Por causa disso, Jana (a mãe) se preocupa com as questões que atravessam o universo juvenil, como as drogas e a aids, além da possibilidade de sua filha ter seus sonhos tolhidos, assim como foram os seus outrora. Isso significa dizer que a temática figura como um temor de seu tempo.

Nesse percurso de construção do panorama, a tipologia narrativa e os gêneros dela derivados são consideravelmente preponderantes a outros como a poesia e o drama. No entanto, é importante destacar dois livros com textos dramáticos que foram compilados ao panorama historiográfico do HIV/aids na literatura brasileira sistematizado por Fonseca (2022), a saber *Teatro de Rua Contra a Aids: seis textos para serem encenados* (2001), com peças de José Mapurunga, Oswald Barroso e Orlângelo Leal; e *Aids e Teatro: 15 dramaturgias da prevenção* (2004), organizado por Daniel Souza e Marta Porto. Sobre a primeira, o crítico pontua como aspectos principais o diálogo com grupos juvenis e populares, a conscientização do uso do preservativo, a crítica à desigualdade social e ao preconceito em torno do vírus e da doença, dentre outros elementos. A segunda obra, por seu turno, é composta por diferentes textos selecionados por uma curadoria e por peças que foram encomendadas para compor a obra. No prefácio do suporte, assinado por Drauzio Varella, que considera o livro com um manual, é destacada a intenção de convencer os jovens, por meio do teatro, à prevenção ao vírus com o uso do preservativo.

Se os textos teatrais são poucos, na poesia destinada ao público juvenil o tema praticamente não é abordado. Na investigação realizada, apenas o poema *Under two flags* de Ernesto Wayne foi encontrado. Aqui é válido salientar que originalmente ele foi publicado em uma antologia com vários autores lançada pela Academia Santamariense de Letras, em 1991. No entanto, o poema é um dos textos que compõem a antologia *Poesia fora da Estante – volume 2* (2002)²⁰, organizada por Vera Aguiar, Simone Assumpção e Sissa Jacoby, que visa alcançar o público juvenil, e, como bem ressaltam as organizadoras no prefácio do livro, ao retirar uma obra de seu contexto ela adquire novos significados. Nesse sentido, o poema que originalmente não foi direcionado ao jovem passou a ser. Nos versos do texto em questão, uma espécie de retrato do Brasil da época é construído. A aids aparece apenas nos primeiros versos da 4ª estrofe, como um tipo de ameaça ao povo brasileiro, que diz: “De plástico para o pênis / De um pacote para o sexo, / Camisinha que preserve / O povo de pegar AIDS [...]” (Wayne, 2002, p. 101).

Como é possível perceber, a produção literária juvenil sobre o tema acaba se tornando cada vez mais escassa com o passar dos anos e é bastante lenta a sua independência didática/informativa. No mapeamento sobre os textos literários infantis e juvenis de Santa Catarina²¹, organizado por Eliane Debus, Maria Laura Spengler e Chirley Domingues, no âmbito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), deparamo-nos com o livro *Diário de uma aborrecente!* (2007), de Rosane Magaly Martins. No diário ficcional, a protagonista descreve os seus dias e vivências, inclusive sua primeira relação sexual com um rapaz, que posteriormente resulta no diagnóstico positivo para o HIV. O livro faz parte da Coleção “Joias Literárias” do Projeto Livro Livre, realizado em Santa Catarina, por isso sua venda é proibida e as informações disponíveis sobre ele são poucas.

Após um período de aproximadamente 10 anos em que não foram localizadas obras dentro dos critérios estabelecidos, em 2014 foi lançado o romance estreante de Felipe Barenco, intitulado *Fake*. Essa narrativa inaugura o que se pode compreender como a produção literária juvenil brasileira contemporânea que tematiza o HIV/aids. Em um breve artigo, Melo e Penna (2017) afirmam que o livro foi “escrito numa linguagem acessível e moderna, é importante por trazer a discussão do HIV para as gerações mais novas, que não conviveram com o período da epidemia dos anos 1980 e 90” (Melo; Penna, 2017, p. 6). Em conformidade com o que foi inaugurado ainda nos livros publicados na última década do século XX, a tecnologia e seus

²⁰ Por não ser um livro em que a temática do HIV/aids é abordada em todos os textos, ele não foi incluído no quadro com os títulos cronologicamente organizados. Entretanto, é importante a sua menção, visto que apresenta uma exceção no panorama.

²¹ A pesquisa realizada foi sistematizada no site intitulado “A literatura infantil e juvenil produzida em Santa Catarina” e é de livre acesso. Disponível em: <https://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/>. Acesso em: 02 mai. 2023.

derivados começam a fazer parte de muitos textos direcionados ao jovem. No romance de Barenco, por seu turno, as trocas de mensagens, tanto por e-mail quanto por SMS e MSN, além de diversas referências à cultura pop brasileira e mundial, alusões poéticas, características de linguagem próprias da comunidade LGBTQIAPN+ e momentos históricos, contribuem para uma narrativa singular em contraposição aos textos que o antecederam.

Nesse sentido, é preciso destacar também a importância da narração e seus focos em primeira pessoa, que apontam para uma tendência de comunicação na literatura a partir do próprio indivíduo que vivencia a juventude e paulatinamente abandona perspectivas tradicionais. Tal perspectiva, no entanto, não é recente, mas sim um reflexo da maturação dos livros destinados ao público juvenil. Sobre o enredo do romance, cabe destacar que ele aborda o período posterior ao ensino médio do protagonista Teodoro. Desde as angústias que antecedem a aprovação no vestibular até a vivência no ensino superior, passando pelo processo de aceitação e declaração pública da orientação sexual de Téó, a experiência do relacionamento gay, além de vários dramas familiares, o processo de amadurecimento do jovem e o início da independência que advém com a adultez nessa jornada, todos esses aspectos caracterizam a atualização das abordagens temáticas nessa literatura.

No que diz respeito ao HIV/aids, a questão do diagnóstico, ou melhor, tanto do resultado positivo quanto da possibilidade dele, é um fator que é consubstanciado ao texto. Melo e Penna (2017) acrescentam ainda que Barenco aborda essa e outras questões com leveza e humor. Em razão disso, discute-se a vivência com o vírus na atualidade e relacionamentos sorodiferentes – um indivíduo que vive com HIV e outro não –, como também há referências a personalidades públicas que morreram em decorrência da síndrome, a exemplo do cantor Freddie Mercury; ou seja, há um viés memorialístico. Esses são aspectos cruciais que inscrevem *Fake* (2014) nas narrativas pós-coquetel (Sousa, 2015a; 2015b; 2016).

Além disso, nos últimos anos o que se tem percebido é que a literatura juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids tem se aproximado à corrente norte-americana denominada de *Young Adult* (YA), que no cenário brasileiro emerge com maior ênfase a partir de 2010. Conforme elucidam Segabinazi e Rodrigues (2021), esses textos “apresentam, *a priori*, características, temáticas e linguagem que parecem se distanciar do que a crítica e a escola têm valorizado ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, se aproximado mais dos anseios literários dos jovens leitores” (Segabinazi; Rodrigues, 2021, p. 195). Sob essa perspectiva, a produção literária da última década no Brasil diferencia-se substancialmente daquela produzida nos anos 1990 por distanciar-se dos aspectos outrora preponderantes, a saber o didatismo e a relação com o espaço

escolar, e por recuperar elementos do século XXI que podem ser mais atraentes ao jovem, como é realizado no livro de Felipe Barenco.

Se no final do século XX o diário de Valéria Polizzi foi o maior *best-seller* brasileiro sobre a temática, nos últimos anos o romance do bibliotecário Lucas Rocha, *Você tem a vida inteira* (2018), tem se aproximado também de um estouro comercial significativo. O livro de Rocha segue também a linha YA, e, em 2020, foi traduzido e publicado pela editora estadunidense Scholastic Press, além de ser reconhecido internacionalmente por escritores como David Levithan pela notável construção narrativa da obra. O enredo é narrado por Ian, Victor e Henrique, três jovens entre 20 e 25 anos que são atravessados pelo HIV. O entrecruzamento das histórias dos rapazes propicia uma maior dimensão sobre a vivência e convivência com o vírus na atualidade, uma vez que Henrique já vive há alguns anos com HIV e está entrando em um relacionamento com Victor, neste caso é também uma relação sorodiferente, e esse último está em um processo de descobertas e inseguranças frente à situação; por último, Ian é um rapaz que acabou de receber o diagnóstico positivo para o vírus. Nesse contexto, a trama se desenvolve num processo de aceitação e aprendizado de novas vivências para cada um deles e há uma anticonvencionalidade do recorte da realidade na ficção.

Neste livro, também é possível encontrar uma autodiferenciação que recorre à intertextualidade com diversos elementos da cultura LGBTQIAPN+, a exemplo de trechos de músicas do cantor Cazuza e do programa norte-americano *Rupaul's Drag Race*, uma competição de *drag queens*. Acerca disso, é necessário que o leitor tenha certo repertório sociocultural para compreender os processos de referenciação e intertextualidade frequentes nos textos dos últimos anos. Contudo, isso não se torna um empecilho para a leitura, uma vez que esses livros desafiam o interlocutor a procurar conhecer esses outros universos referenciados. Outrossim, um fator preponderante nas narrativas atuais é levar adiante a reflexão sobre a vivência com o vírus, a introdução das profilaxias pré e pós-exposição, a saber, a PEP e a PrEP, respectivamente, e a desconstrução de estigmas e preconceitos cristalizados desde o início da epidemia. Em um capítulo narrado por Victor, por exemplo, o personagem afirma: “A gente é meio que a construção dos medos dos outros, sabe [...] E a gente sempre ouve tanta coisa ruim sobre o HIV e tem tantas imagens negativas sobre isso que fica um pouco difícil pensar como as coisas hoje são realmente diferentes do que eram há trinta anos” (Rocha, 2018, p. 190).

Por fim, a questão da sorofobia – discriminação e preconceito contra as pessoas que vivem com HIV/aids – é uma temática muito presente também em *Você tem a vida inteira* (2018). No livro, os atos sorofóbicos são praticados em diferentes âmbitos, tanto virtual quanto

real, o que evidencia como a ficção engloba questões do tempo presente que podem gerar extrema avidez no leitor imerso na narrativa. Paralelo a isso, como o próprio título do romance aponta, o texto destaca, seguindo a perspectiva pós-coquetel (Sousa, 2015a; 2015b; 2016; Melo; Penna, 2017), a vida como elemento principal e não mais a morte e a atmosfera amedrontadora muito presente nos primeiros textos literários que tematizam o HIV/aids, evidenciada na contracapa da 1ª edição que traz um diálogo entre Ian e Henrique. Nele, o primeiro, tentando lidar com questões internas referentes ao diagnóstico, indaga o último sobre como é a vivência com o vírus, e Henrique, por sua vez, responde que, apesar de ser assustador, ele está vivo e isso é o importante.

Ainda em 2018, os dois últimos romances desse panorama foram lançados, os livros *Às vezes*, de Marlon Souza, e *Íris*, de Lyli Lua, ambos pela Publiquei, Editora destinada a lançar títulos de escritores independentes e periódicos destinados à divulgação de autores nacionais. O primeiro é o livro de estreia de Marlon Souza, cujo enredo é focado em Téo, um rapaz heterossexual que acaba de receber o diagnóstico de HIV positivo. Quando o protagonista do romance se descobre como uma pessoa vivendo com o vírus, ele acabara de terminar o ensino médio e estava prestes a ingressar na faculdade de Jornalismo. Lá, ele conhece Ana, que era diferente de todas as outras garotas, e, no final da trama, consegue transpor a barreira do preconceito e a aceita. Ana é uma espécie de guia no processo de aceitação de Téo, pois o personagem possui estigmas e preconceitos internalizados. Sendo assim, uma das questões mais primoras do texto é o processo de culpabilização inicial e como ele vai sendo transposto. O enredo não resiste à tentativa didática, com explicações como a diferenciação entre o vírus e a doença ainda nas páginas iniciais, mas que contribui diretamente para a construção da ficção em função do conflito narrativo proposto.

Em *Íris* (2018), a personagem que dá título ao livro vive com HIV desde a infância e, por conta disso, cresce com os efeitos do estigma e do preconceito relacionados ao vírus e à doença. Isso afeta diretamente o modo como ela se enxerga no mundo, uma vez que, durante boa parte de sua vida, ela tenta se esconder dos outros em decorrência de seus temores. Apesar de lançado nos últimos anos, o texto ainda recorre a metáforas, como “a doença do amor”, que eram comuns nos anos iniciais da epidemia. Um aspecto interessante desse livro é que a autora, assim como Marlon Souza, escreve para sites de leitura e escrita compartilhadas, como o *Wattpad*, e o livro surge nesse contexto e depois vai ganhando forma até ser publicado em sua versão final.

Portanto, a partir dos livros e dos elementos evidenciados no panorama da literatura juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids entre 2001 e 2020, algumas perspectivas podem ser

sistematizadas. A primeira é a de que, desde os anos 2010, há uma tendência aos aspectos da literatura YA que, por vezes, os textos com a temática em questão acompanham. Paralelamente a isso, percebe-se também que o viés narrativo dos textos literários é precípuo. Já em contraposição à primeira etapa do levantamento, a maioria dos escritores das últimas décadas são jovens, e essas produções são as que os introduzem no cenário literário brasileiro, como é o caso de Felipe Barenco, Lucas Rocha e Marlon Souza. Ainda nessa conjuntura, outro contraste é o fato de que são as editoras independentes que abarcam e lançam alguns desses escritores e livros. Decerto, esse fator implica uma maior perspectiva estética nesses textos, pois não são veiculados diretamente nas escolas e nem pelo sistema educacional são ditados. No entanto, a tendência pedagógica ainda é inerente à diegese desses títulos.

Além desses aspectos, a entusiasta gama de intertextos com a cultura pop e microcosmos referenciais nas narrativas possibilitam maior apreço estético nesse fluxo de produção literária. Evidencia-se também a ênfase com que a tecnologia é agregada nos livros e para eles, possibilitando conexões e interações com o leitor e o mundo. Acerca do HIV/aids, especificamente, destacam-se a questão da sorofobia e das relações sorodiferentes que são visibilizadas nessas narrativas, ou seja, a atualidade da vivência com o vírus, assim como a transformação do espaço de circulação escolar das personagens para o espaço acadêmico, como ocorre em *Fake* (2014), *Você tem a vida inteira* (2018) e *Às vezes* (2018). Essas novas narrativas também atraem os leitores e a crítica por introduzirem a temática como uma questão da vida e não uma exceção que necessita de destaque como ocorre em textos antecessores. Em suma, nessa descrição panorâmica positivou-se a literatura juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids que esteve latente por muitos anos.

2. LITERATURA JUVENIL E HIV/AIDS NA ESTEIRA DOS ESTUDOS CRÍTICOS

Em entrevista concedida ao *Jornal da Unicamp*, o escritor e médico Moacyr Scliar afirmou: “a literatura é um exemplo do contato humano sob a forma de um texto” (Scliar, 2004, p. 9). A assertiva do autor partiu de sua experiência nos dois campos, o da medicina e o da literatura, e isso fez com que, em seus textos literários, ele pudesse mergulhar nas profundezas que ultrapassam a pretensa objetividade científica que exige o discurso biomédico. Tal perspectiva do autor evidencia um tema primoroso para os estudos literários, a saber, a relação entre literatura e medicina, que reverbera na questão do processo de adoecimento dos sujeitos e as implicações decorrentes disso, mas também no viés do texto como possibilidade de compreensão da doença e até mesmo como elemento terapêutico.

Os fascínios que as enfermidades causam possivelmente estão relacionados aos seus efeitos sobre o humano. Isso não significa apenas sintomas e/ou finais trágicos como a morte que podem ser sucedidos a partir delas. Refere-se também ao *status* social ao qual são marginalizados os indivíduos por elas acometidos e ainda à própria percepção do Eu que é alterada diante da ruptura com o ideal positivista do “ser saudável”. Na literatura, por sua vez, esses estados são matéria-prima para a elaboração artística, de modo que, no campo do literário, e nas artes de modo geral, emergem assuntos nos quais os sujeitos muitas vezes preferem não adentrar pelo caráter abjeto a que são condicionados no meio social.

Posto isso, este capítulo está dividido em três subtópicos. No primeiro, a discussão está centrada nos estudos teóricos e críticos acerca da relação entre HIV/aids e literatura brasileira. Para tanto, empreende-se a argumentação a partir da dinâmica entre literatura e sociedade elucidada por Candido ([1965] 2023), e, em seguida, realiza-se o cruzamento entre as principais contribuições de diferentes pesquisadores para a compreensão do campo. Acerca das duas primeiras décadas da epidemia e a crítica sobre as obras publicadas naquele período, as asserções são baseadas nos estudos de Bessa (1997; 2002), que discute a epidemia discursiva e a construção imagética da aids realizada pela mídia, e de Moriconi ([2006] 2020) sobre o contexto emergencial de ebulição da temática.

No tocante às produções críticas do século XXI, são os escritos de Sousa (2015a; 2015b; 2016) sobre a demarcação pré e pós-coquetel que orientam a explanação, com enfoque nos elementos que caracterizam cada um dos períodos. Decorrentes da sistematização do autor, são acrescidas à discussão as perspectivas de Inácio (2016) e Melo e Penna (2017), que evidenciam o declínio e a ascensão da produção literária e dos estudos críticos sobre o tema, além de ampliarem aspectos da literatura pós-coquetel. Por fim, são incorporadas as contribuições de

Anunciação (2022) sobre o escamoteamento de corpos negro-posit[hiv]os na literatura, e Fonseca (2023) no que diz respeito ao domínio da poesia e aspectos literários dos textos.

No segundo tópico, por sua vez, a argumentação é desenvolvida a partir de dois primas: as temáticas fraturantes e a *teen sick-lit*. Primeiro há uma tentativa de elucidação do que são essas temáticas, uma vez que o adjetivo lhes confere um caráter particular. Toma-se como base os constructos teóricos de Carvalho (2008), Ramos e Vernon (2015) e Iguma (2019), bem como uma fala da pesquisadora Diana Navas, no ano de 2023, em mesa-redonda sobre a questão, que ocorreu em evento organizado pela Companhia das Letras, dentre outros autores. Posteriormente, discorre-se sobre a caracterização da *sick-lit* fundamentados nas proposições de Elman (2012), perpassando também pela popularização do termo realizada pela mídia com a divulgação de artigos em jornais internacionais e nacionais, assim como as tensões que circundam os textos configurados nessa vertente, seguido pela ressignificação do termo realizada no circuito literário e a ênfase dada pelas editoras aos livros, com amparo nos estudos de Novaes (2021). Por último, centralizam-se as contribuições e impasses da literatura juvenil em que as doenças são tematizadas, salientadas por Silveira e Silveira (2016; 2019).

Nos dois primeiros subtópicos são constatados apagamentos no tocante à literatura juvenil e ao HIV/aids. Por isso, o último tópico do capítulo enfoca propiciar elementos presentes nos estudos críticos e nos textos literários que garantem um lugar para a discussão da temática cerne deste trabalho nos textos juvenis. Para tanto, utilizou-se também um viés comparativo com o cenário estadunidense, além de trazer à baila questões como o viés pedagógico das narrativas, a problemática da representação nos enredos e, principalmente, a pluralidade de aspectos que caracterizam as tramas.

2.1 Literatura brasileira e HIV/aids: campo e intersecções

A relação entre os estudos literários e o HIV/aids advém do fato de que o vírus e a doença são questões sociais, assim como a literatura. Ao considerarmos esse ponto como crucial para a compreensão da dinâmica entre ambos os campos do conhecimento, torna-se imperativo, então, retomar um assunto macro, a saber, o encadeamento que ocorre entre a literatura e a sociedade, antes de aprofundar os procedimentos discursivos específicos da temática central e as suas manifestações nos textos literários. Partindo desse pressuposto, no Brasil o principal modelo de análise que procurou estabelecer as convergências entre as duas áreas foi a crítica sociológica difundida por Antonio Candido, do qual tomaremos como base as ideias contidas

no ensaio intitulado *A literatura e a vida social*, publicado pela primeira vez em 1958, sob o título “Arte e vida social”.

No referido texto, Candido ([1965] 2023) afirma que há duas correntes nas quais é possível identificar, em primeiro plano, as influências entre o meio e uma determinada obra, sendo elas: a) a arte como expressão da sociedade; e b) em que medida a arte é interessada em problemas sociais. Para o crítico, ambas não devem ser o foco de análise quando há o intento de traçar paralelos, pois “[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais” (Candido, [1965] 2023, p. 35).

Na medida em que isso ocorre, apresenta-se um movimento dialético entre texto e contexto (Costa; Holanda, 2019), visto que há um caráter inerente aos dois polos, isto significa dizer: a literatura é um produto cultural, logo, também, social, e dependente desse último aspecto para o seu desenvolvimento; ademais, enquanto arte, ela influi diretamente no sujeito – uma vez que é, sobretudo, uma produção humana – que entra em contato com a obra e dela se apropria, pois provoca efeitos de sentido que exprimem o fator artístico e social nela presentes.

Dessa forma, o texto literário não é constituído apenas do esforço singular de seu autor(a) ou somente de fatores externos que nele são refletidos; a convergência é indissolúvel, como aponta Candido ([1965] 2023). Tal referente pode ser expandido para a própria constituição da literatura, visto que, por ser fruto da linguagem, a massa verbal e/ou visual²² – e até mesmo sonora – é tanto a sua forma quanto a elaboração de seu conteúdo. É por isso que, na leitura de um texto, o discernimento desses fatores de modos distintos ocorre apenas de maneira lógica, ou melhor, na tentativa de discernir uma relação de causa e efeito. No entanto, em sua composição e organização, esses procedimentos são inseparáveis (Candido, [1965] 2023).

Diante do exposto, é válido um esclarecimento de que não há, aqui, o intento de estabelecer uma crítica sociológica a respeito das produções que tematizam o HIV/aids e a sua relação com a sociedade; mas sim delinear correlações que agregam tais textos ao rol dos estudos literários. Sendo assim, cabe uma última relação proposta por Candido ([1965] 2023)

²² Apesar de Candido ([1965] 2023) fazer referência apenas à palavra, em nossa argumentação acrescentamos o elemento imagético, pois nosso foco dentro da teia literária é a literatura juvenil e, desde o seu surgimento, ainda relacionada à infantil, o aspecto visual é integrante, o que varia são os graus de equivalência com o verbal dentro de cada obra; e, contemporaneamente, esse componente é ainda mais essencial e vital nessa literatura.

para o esclarecimento desse dispositivo: os condicionamentos autor-obra-público da comunicação artística.

No que diz respeito ao primeiro fator de ligação da tríade, o autor pontua que o artista será sempre condicionado pelo social em maior ou menor grau, seja no momento da produção, da necessidade de elaboração ou da validade qualitativa de bem coletivo relativo à obra, mas, precipuamente, há a integralização de todos os aspectos. Acerca da obra, compete destacar a questão da forma e do conteúdo, pois a variedade de técnicas comunicativas – sejam elas poéticas, narrativas, dramáticas, dentre outras – e até mesmo o suporte influem diretamente na primeira, enquanto as crenças e os valores sociais influenciam o segundo. Por fim, talvez o aspecto mais complexo seja justamente o do público, pois a variedade de indivíduos e suas particularidades, sejam elas de grupos sociais ou não, apresentam a pluralidade do tecido social. Por vezes, é esse enredamento que definirá os padrões apreciativos de uma obra, mesmo que estes não sejam conscientes. Logo, “o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza [...]” (Candido, [1965] 2023, p. 55). Entretanto, é a relação dialética triádica que opera de modo a dar sentido à própria criação.

Realizadas essas elucidações, compete delimitar neste momento o que consideramos enquanto campo de intersecção – ou esfera de domínio – das produções críticas, e, em certa medida, teóricas, que relacionam a temática e os textos literários brasileiros nos quais ocorre a sua abordagem. Por essa razão, é necessário demarcar que, com o avanço da compreensão sobre o vírus e a doença, estudos de diversas áreas do conhecimento emergiram no cenário nacional. No campo dos estudos literários, não foi diferente, uma vez que a aids possui um caráter viral como matéria-prima, tanto no âmbito biológico quanto no discursivo, e a partir de sua disseminação social surgiu uma gama de concepções e definições, ao passo que ela também foi constituída – simbolicamente – por essas caracterizações. Portanto, compreende-se como campo de intersecções entre literatura e HIV/aids todo e qualquer estudo de caráter crítico, analítico e/ou teórico que, na extensão das Ciências Humanas, contribuiu para determinadas perspectivas sobre a aids e as suas representações, em especial, na arte literária, ou seja, as imbricações de tal fato social nas variadas manifestações literárias convencionadas.

Dos estudos brasileiros que se propuseram a tecer considerações sobre esse campo – ainda em expansão – foi o pesquisador Marcelo Secron Bessa seu vanguardista, com os livros *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a aids* (1997) e *Os perigosos: autobiografias & AIDS* (2002), ambos resultados de suas pesquisas de mestrado e doutorado, respectivamente, em Estudos da Literatura. A contribuição do autor é amplamente reconhecida e validada, pois apresenta um panorama da literatura com a temática entre as décadas iniciais da epidemia, e

aponta elementos particulares e semelhantes em diferentes obras para a constituição de um circuito desses textos naquele período, além de um esforço conceitual significativo para a apreciação crítica delas.

Em *Histórias positivas*, Bessa (1997) conceitua uma epidemia discursiva relativa à crise de saúde que, na visão do autor, estendeu-se para além dos limites biomédicos e atingiu também a palavra, o discurso. Nessa perspectiva, o crítico observa que as metáforas que envolvem a aids não estão isentas da falsa ideia de neutralidade do discurso biomédico. Além disso, acrescenta que sua fundação ocorreu em um terreno de dados que “partem de considerações socioculturais de certo e errado, de posições etnocêntricas e completamente ignorantes a respeito da sexualidade humana” (Bessa, 1997, p. 26).

Por isso, ele ressalta que, quando há a intenção de discutir a relação entre literatura e aids, é preciso considerar as doenças também como uma construção. A esse respeito, Sontag (2007) esclarece que o fato de a aids ser uma síndrome, ou seja, um conjunto de doenças oportunistas que geram o quadro avançado da infecção, opera de maneira a constituí-la enquanto um produto do conjunto. De acordo com Bessa (1997):

Discurso biomédico e discurso literário não estão num mesmo plano, não possuem igualdade de valores. É um fato. E deve-se perceber nessa divisão uma opção ideológica e profundamente política ao hierarquizar valores distintos. Se o literário é ligado ao metafórico, ao ficcional, e o biomédico é associado ao literal e ao real, nada mais justo que, segundo essa ótica, o último conduza as discussões sobre AIDS. (Bessa, 1997, p. 28)

Em decorrência desse fator de inclinação, torna-se orgânica a vigorosa presença do discurso biomédico em textos literários. Na produção anterior aos anos 2000, os escritores já demonstravam uma preocupação evidente em abordar informações relativas ao HIV/aids. “[...] Alguns desses livros buscaram trazer conteúdos técnicos ao leitor, como as formas de transmissão do vírus e suas fases de desenvolvimento, bem como criticar situações discriminatórias e, pedagogicamente, apontar caminhos mais humanizados” (Fonseca, 2022, p. 192). O caráter metafórico do literário na discussão sobre o vírus e a doença não se configura apenas no âmbito textual, mas também no do corpo, pois é inerente à linguagem o aspecto infeccioso dela. Logo, “o alienígena – o figurativo, a metáfora – sempre estará presente em qualquer discurso, pois a linguagem contamina a si própria” (Bessa, 1997, p. 31), e o corpo é também uma expressão da tessitura textual.

Há, então, um movimento dialético e, nesse percurso, a literatura elabora novos discursos sobre a epidemia, de maneira que novas imagens são construídas, outras desfeitas,

mas algumas também mantidas. Bessa (1997) já apontava a arte literária como um mecanismo de enfrentamento à aids, uma vez que é compositora de discursividades e a doença tornou-se matéria-prima para a elaboração de textos literários. Sendo assim, por meio do trabalho com a linguagem, é possível abordar a temática também de maneira estética, como orienta Mello (2018). Tal vertente é constatada na contística de Caio Fernando Abreu, especialmente na coletânea *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), pois além dos sintomas presentes nas personagens, a síndrome representa ainda o contraponto entre a liberdade e a repressão sexual em voga no final do século XX (Fonseca, 2022).

Em *Os perigosos* Bessa (2002) envereda pelas autobiografias – gênero emergente na década de 1990 na literatura que tematiza o HIV/aids. Contudo, apesar de o percurso exploratório por meio de entrevistas com diferentes autores²³ traduzirem o espírito daquela época, talvez o mais interessante da obra seja a constituição do circuito literário sobre a aids que o crítico demonstra a partir do discurso midiático que elaborou uma espécie de romance folhetinesco sobre a doença. Nesse percurso, o autor destaca que, inicialmente e de maneira apressada, muitos pensaram que havia uma “literatura da aids” enquanto gênero. No entanto, Bessa (2002, p. 9) esclarece que a aids é o elemento que se apropria dos mais variados gêneros, entre os quais ele evidencia ensaios, romances, textos dramáticos e líricos, além de melodramáticos e cômicos, e até mesmo aqueles que subvertem as classificações.

Outra questão salientada é o fato de que essa produção foi vista como panfletária por alguns e escapista por outros, pois o caráter atual da temática e a aproximação com a realidade pareciam ser empecilhos no tocante à ficcionalização dos textos (Bessa, 2002). Em decorrência disso, o pesquisador informa que “[...] um objeto tão controverso e polêmico como a AIDS é revestido (ou travestido) de uma certa inapreensibilidade” (Bessa, 2002, p. 10).

Não obstante, três questões estão no horizonte das produções das duas primeiras décadas, sendo elas: a) uma relação direta do **autor** com a síndrome; b) a **narração da experiência** com a aids para o leitor; e c) uma extrema avidez que desperta no **público-leitor** (Bessa, 2002, grifos nossos). Na esteira desse pensamento, compreende-se que, “na medida em que a arte é [...] um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe um jogo permanente de relação entre os três [autor-obra-público], que formam uma tríade indissolúvel” (Candido, [1965] 2023, p. 55). Tal perspectiva dialoga intrinsecamente com os três fatores apontados por Bessa (2002), pois estão correlacionados, respectivamente, a cada um dos elementos da tríade do sistema de comunicação.

²³ Na obra são apresentadas entrevistas com Alberto Guzik, Jean-Claude Bernadet, Valéria Polizzi e Mário Rudolf, além de um primoroso esforço crítico acerca da produção literária de Herbert Daniel e Caio Fernando Abreu.

Para a constituição dessa produção que circulava naquela década, a mídia foi um dos principais veiculadores de personagens que foram também mimetizados na literatura. Essas figuras, cujo apelo tendia a um lado vilanesco e outro vitimista, foram alocadas, de maneira eclética, nos estereótipos de “homossexuais, promíscuos, usuários de drogas, prostitutas, bebês inocentes, hemofílicos, africanos, haitianos etc.” (Bessa, 2002, p. 23). Essas assimetrias antitéticas construíram o enredo da aids no Brasil, pois, divulgadas em diversos veículos, são figurações que remetem à síndrome, uma vez que ocorreu a sua antropomorfização nelas. Tais construções fomentaram nos leitores certa curiosidade e os conduziram ao cenário aterrorizante dos primeiros anos de epidemia, posteriormente consolidado de modo a dar um corpo, uma imagem, à aids. Portanto, compreende-se que o empreendimento crítico de Bessa (1997; 2002) traçou intersecções entre discursos biomédico, midiático e literário.

Nesse arranjo da construção do campo, cabe acrescentar ainda em que contexto surgem os textos nos quais a aids figura, visto que, enquanto doença, é uma experiência extrema e produz uma literatura de emergência, como orienta Italo Moriconi (2020). No ensaio intitulado “Urgência, orgia Escritas da Aids”, publicado originalmente em 2006, Moriconi (2020, p. 141) demarca “a balada vivida do HIV em sua transliteração gráfica, seja ela conceitual ou poética, como vertente da literatura da virada do século”. Para o autor, uma literatura de urgência é aquela que parte de uma circunstância singular e histórica do acontecimento, e, na ficção, isso é traduzido pelo registro de diferentes elementos, como o sintoma, a dramatização, a encenação e a estilização de tal experiência.

Nesse sentido, ele destaca, a partir dos escritos de Caio Fernando Abreu, que o escritor viveu uma imersão na “cultura da aids”, pois antes mesmo de atestar em seu corpo a vivência com o vírus, cotidianamente esteve em contato com as notícias e as fatalidades da síndrome de seus dias. Ademais, norteia que “criar uma linguagem para o extremo é levantar véus, é desprezar tabus, é produzir sinergia entre o sublime banal e o abjeto facinoroso” (Moriconi, 2020, p. 142-143), como primorosamente elaborou Caio Fernando Abreu. Desse modo, ao nosso ver, o crítico – além de outras instâncias – intersecciona com certa ênfase o fator histórico no discurso que configura o caráter emergencial.

Todos os aspectos evidenciados circundam o período das duas últimas décadas do século XX. Em seguida, os estudos teórico-críticos parecem entrar em declínio, uma vez que aquele caráter emergencial já não mais fazia parte das facetas atuais da doença. Isso ocorre porque, com o avanço do tratamento, a finitude da vida e o processo de adoecimento tão evidentes entre 1980 e 2000 foram dando lugar à vivência com o vírus e, consequentemente, à convivência com ele por meio da sociedade. O ponto de mutação, no Brasil, como apontamos

no capítulo anterior, é o ano em que inicia a distribuição dos medicamentos para o tratamento do vírus no SUS, especificamente em 1996, promovendo novas configurações à epidemia vigente e, nas artes, inaugurando a vertente pós-coquetel representativa da síndrome (Sousa, 2015a).

Para apresentar a conceituação pré – que faz referência ao período da epidemia discursiva – e pós-coquetel, o pesquisador Alexandre Nunes de Sousa (2015a; 2015b) parte do cenário literário norte-americano para sistematizar as reformulações que a tematização da aids sofre. De acordo com o crítico, nos EUA o ponto de mutação ocorreu em 1999, com o romance *The hours*, de Michael Cunningham, no qual um personagem com HIV afirma poder continuar vivendo apesar do vírus. No entanto, a morte dele decorre de outros fatores não necessariamente relacionados à aids, e é sob essa perspectiva que Sousa (2015a) salienta que o aspecto mortífero deixa de ser a centralidade nas narrativas contemporâneas. Consequentemente, a vivência, a velhice e outras questões começaram a ser representadas.

Em texto complementar, Sousa (2015b, p. 1) ressalta que “as mudanças promovidas pelos fármacos transformaram também as formas de contar a epidemia”. Dando seguimento, ele aponta duas vertentes em que a literatura enveredou por essas mudanças: a) a descentralização da aids e o surgimento das narrativas de memória; e b) as narrativas de cronificação. A primeira diz respeito a uma abordagem dos tempos passados, ou seja, dos anos emergentes da aids, mas em uma perspectiva que já não é mais aquela forma de vivência. A segunda, por sua vez, dá ênfase ao processo de tratamento do vírus como parte integrante da vida de um indivíduo.

Acerca da primeira tendência, Sousa (2015b) destaca o romance YA *Two boys kissing*, de David Levithan, publicado em 2013, no qual o contraste das gerações pré e pós-coquetel é apresentado, e cujo foco narrativo da aids não recai sobre os protagonistas. Sobre a segunda, focaliza a HQ *Blue pills: a positive love story*, de Frederick Peeters, originalmente publicada em francês, em 2001, que relata um relacionamento sorodiferente de um casal heterossexual e o seu cotidiano.

Apesar de Sousa (2015a; 2015b; 2016) basear principalmente suas categorias pré e pós-coquetel em produções estrangeiras, suas assertivas podem traduzir uma gama variada de aspectos dos textos literários de diferentes sistemas. O pesquisador ainda ressalta que a disponibilização e eficácia do tratamento em diversos países “parece ter contribuído para a temática da AIDS sair de pauta dos meios de comunicação” (Sousa, 2016, p. 8). Correlato a isso, ele destaca “uma hegemonia da circulação masculina e a invisibilidade de personagens negras e/ou mulheres na literatura mainstream da AIDS” (Sousa, 2015b, p. 1, grifos do autor).

Assim, o enfoque do crítico na questão farmacológica e nas transformações decorrentes constitui um ponto adicional de interseção no campo.

Além disso, Melo e Penna (2017) ampliam o campo da discussão sobre literatura pós-coquetel. Os estudiosos indicam que, com a distribuição da TARV e a mudança nas expectativas de vida dos sujeitos, houve também um emudecimento discursivo. Este fenômeno se manifestou pela considerável redução do número de campanhas de prevenção à AIDS e de outros esforços governamentais no Brasil. Como resultado, o deslocamento da discussão para a “periferia dos discursos” – nas palavras dos pesquisadores – refletiu na produção literária, evidenciando certo refreamento nas últimas décadas (2010-2020).

Inácio (2016, p. 482) descreve esse fenômeno como um “arrefecimento da AIDS e do HIV nos discursos culturais mais contemporâneos”, que gerou um desinteresse tanto social quanto estético sobre o tema, assemelhando-se a “um trauma vivido, mas superado” (Inácio, 2016, p. 483). No entanto, com a elevação de casos, a AIDS volta a ser um tópico de diálogo.

Melo e Penna (2017, p. 4) acrescentam que “as repercussões são sentidas também no campo da literatura, o que se revela pelo aparecimento de uma nova geração de autores que tratam do tema, em sua maioria jovens”. Com efeito, os autores identificam vários aspectos do viés pós-coquetel, incluindo: a) a desvinculação de imagens datadas dos anos iniciais da epidemia; b) o avanço tecnológico e a ampliação dos meios de comunicação; e c) as relações de poder e conflitos com os fármacos. Destaca-se, por exemplo, o poeta Ramon Nunes Mello, que, numa perspectiva contemporânea, adota um viés político e engajado. Ele compreende a linguagem como um vírus e subverte o monopólio discursivo midiático e biomédico, conforme apresentaram os pesquisadores. Na segunda vertente, eles citam narrativas que surgiram a partir de registros em *blogs*, como *Uma vida positiva* (2012), de Rafael Bolacha, e *O segundo armário: diário de um jovem soropositivo* (2014), de Gabriel Abreu, ambos autobiográficos. Por último, o representante é o romance *Mamãe me adora* (2012), de Luís Capucho, no qual a morte da autonomia do sujeito, em virtude dos medicamentos, é questionada.

Na esteira das figurações contemporâneas do HIV/aids nas artes, Inácio (2016) identifica um novo regime discursivo. Para o ensaísta, a produção posterior aos anos 2000 desloca a doença para o âmbito das vivências humanas, de modo que a AIDS é humanizada na literatura, no cinema, nas artes visuais e em outras formas artísticas. Dessa forma, a pessoa vivendo com HIV deixa de ser apenas um objeto de estudo para se tornar uma enunciativa de sua própria história.

O paralelo memorialístico das gerações surge como um caminho significativo para essa representação, pois promove uma perspectiva de “lembrar para não esquecer” e de “sobreviver

para contar". Isso marca uma mudança em relação ao regime discursivo anterior, que focava mais na doença e em seus aspectos biológicos e estigmatizantes. Contudo, é importante notar que esses regimes discursivos não são totalmente distintos, mas sim parte de uma trajetória histórico-social interligada nas últimas décadas. A mudança de paradigma decorrente dos medicamentos coexistiu com a manutenção de um imaginário estigmatizante anteriormente estabelecido.

No intento de não incorrer na perpetuação da primazia das representações supracitadas por Sousa (2015b; 2016), o pesquisador Maurício da Anunciação (2022), no livro intitulado *Escrita negro-posithiva: as escrevivências como agenciamentos estéticos de pessoas vivendo com HIV*, resultado da dissertação de mestrado do autor em Teorias Críticas da Literatura e da Cultura, parte de relatos autobiográficos de corpos subalternizados para a “reivindicação do lugar de fala e a busca pelo descentramento dos discursos hegemônicos, sobretudo na literatura, que ainda se mostra excludente [...]” (Anunciação, 2022, p. 33). Para esse fim, o estudioso desencadeia uma reconstituição histórica das rotas do HIV para pensar como se dão as opressões sobre a população negra e elenca a categoria corpo-texto-posit[hiv]o a fim de mobilizar a coletividade entrelaçada por vivências marcadas pela sorofobia e o racismo, na esteira dos Estudos Culturais.

Ao realizar tal empreitada, Anunciação (2022, p. 66) evidencia “a emergência de um lugar de enunciação tanto na historiografia quanto na literatura que contemplem as subjetividades de nossos corpos [negro-posithivos]”. É por essa razão que o estudo foge da ótica colonizadora, que conferiu a esses sujeitos a obliteração das suas escrevivências, identidades e subjetividades. Além disso, o pesquisador aponta a literatura como um dispositivo de (re)existência desses corpos, e, dessa maneira, realiza um percurso autoetnográfico de seus próprios escritos, como diversas cartas, tensionando os textos literários – e também críticos – que refletem a manutenção das estruturas de silenciamento e a invisibilização dos sujeitos violentados, em uma tentativa de narrar a si mesmo. Logo, compreende-se o quão extensivo e significativo é o estudo, uma vez que apresenta a intersecção com o viés afrodiaspórico para a ampliação do campo.

Todavia, a hegemonia constatada por Sousa (2015b) não se restringe somente aos sujeitos produtores (escritores) e representados nos textos literários (vivos e convivos). Todos os estudos críticos até aqui apresentados e discutidos centram suas análises em textos narrativos dos mais variados gêneros (romances, novelas, cartas, autobiografias etc.). À vista disso, observa-se que há um escanteamento dentro dos próprios estudos literários que relacionam o HIV/aids com os gêneros relativos ao domínio do texto dramático e da poesia –

este último mais ostensivo. Ao passo que isso sucede, percebe-se também, como orienta Fonseca (2023), que na maioria dos estudos que traçam tais confluências, são os aspectos extraliterários que predominam enquanto focalização.

Partindo dessas lacunas, o pesquisador Leandro Fonseca (2023), no livro intitulado *O verso do vírus: a poesia brasileira contemporânea e o HIV/aids*, resultado da dissertação de mestrado do autor em Letras, envereda pelo campo da poesia para traçar um panorama dessa produção outrora preterida. Para esse propósito, foi inicialmente contextualizado o cenário da criação poética no Brasil entre 1970 e 2000. De acordo com o estudioso, é possível reconhecer um caráter mais subjetivo nas obras desse período, caracterizado por uma poética que ultrapassa aspectos tradicionais de forma espontânea. Observa-se a recorrência de figuras de linguagem como alegoria, eclipse, metáfora e antítese, o uso da linguagem coloquial e do humor, o engajamento político, e a adoção de versos brancos e livres. Nas décadas finais, a poética também passou a incorporar o caráter urbano, a introspecção e a reflexão sobre a epidemia de HIV/aids, que suscita uma análise do corpo, da sexualidade e outras tendências da contracultura (Fonseca, 2023).

Em seguida, o pesquisador realiza um desmembramento cronológico dos poemas que compõem a antologia *Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/aids* (2018), organizada por Ramon Nunes Mello, além de outros textos e antologias analisados ao longo da pesquisa, com o objetivo de construir o panorama abrangente que inclui também poemas publicados nas décadas de 2010 e 2020. Como resultado, Fonseca (2023) sintetiza os aspectos temáticos e formais da produção poética da seguinte forma: a) pluralidade de vozes poéticas; b) obscuridade da epidemia; c) medicalização e possibilidades de tratamento; d) relações afetivo-sexuais; e) memória dos que faleceram em decorrência da aids; f) poemas que utilizam a temática da aids como recurso para discutir outros assuntos, como o fazer poético e questões étnico-raciais; g) diálogo com a estética romântica; h) aliterações, elipses, metáforas, paródias e intertextualidades; i) oralidade engajada; j) semântica referente ao universo biomédico; entre outros.

Por fim, é importante destacar que, para o crítico, a temática ainda é emergencial – posição com a qual concordamos – e demanda novos desdobramentos. Embora os aspectos extraliterários prevaleçam na análise crítica, a contribuição interseccional de Fonseca (2023) se dá, além da ênfase na poesia, pelos elementos literários (forma e conteúdo) que explora com habilidade.

Em resumo, os estudos apresentados traçam intersecções entre diferentes vertentes relacionadas ao HIV/aids. Nessa empreitada, destacam-se os seguintes aspectos: o âmbito

discursivo constituído por diferentes frentes, como o biomédico, o midiático e o literário; a importância do contexto histórico-social do surgimento da aids no Brasil, que configura o caráter emergencial de sua tematização; a virada farmacológica na vivência dos sujeitos e suas implicações na representação; os efeitos da tecnologia no suporte preliminar de algumas obras; a consciência crítica acerca da dependência dos fármacos; a hegemonia excludente de corpos negro-positivos na literatura; e a centralidade em determinados gêneros e aspectos extraliterários.

Esse encadeamento revela não somente o *status* do estado da arte concernente à temática e a sua relação com os estudos literários, mas também a própria potencialidade de pesquisas no campo que vem sendo ampliado na última década a partir dos estudos de Sousa (2015a; 2015b; 2016; 2018), Anunciação (2022) e Fonseca (2022; 2023). Por último, é válido salientar que essas pesquisas traçam um mosaico conceitual-teórico que possibilita a apreensão e expansão de determinadas formulações para o desenvolvimento do campo.

No entanto, constata-se um apagamento de textos brasileiros voltados ao público jovem, o que nos faz questionar como seria possível a intersecção nos estudos literários dessa temática presente em obras juvenis. Logo, faz-se necessário recorrer ao domínio de maior extensão, a saber literatura e doença, para, posteriormente, delinear outras intersecções.

2.2 Literatura juvenil e temáticas fraturantes: a doença em foco

A literatura juvenil tem apresentado, nos últimos anos, diferentes tendências, destacando-se a mescla de vários elementos em uma mesma obra, o que configura subversões de gêneros, temáticas, focalizações e estruturas narrativas. Esse fenômeno revela o caráter experimental de textos que escapam a caracterizações definitivas. Nesse contexto plural, a incorporação de temas fraturantes tem se tornado uma tendência cada vez mais recorrente na produção literária destinada ao jovem.

No entanto, ainda persiste uma certa indistinção na terminologia utilizada para descrever esses temas. A carência de definições específicas sobre o conceito de "fraturante", bem como a sinonímia com termos como "sensíveis", "tabus" e/ou "polêmicos", caracteriza um cenário de opacidade em relação a essa conceituação. Dessa forma, é necessário empreender uma tentativa de esclarecer a noção de "fraturante" e sua relação com a literatura. Para auxiliar a argumentação, recorre-se a definição proposta por Carvalho (2008):

Tornou-se frequente denominar de fraturantes determinados temas que levantam maior volume de polêmica na sociedade, questionam determinadas atitudes e comportamentos, põem em causa valores tidos, até há pouco, como indiscutíveis para amplos setores da opinião pública considerada mais consistente e ambicionam a alteração substancial de alguns códigos. (Carvalho, 2008, p. 1)

Como salienta o autor, o conceito de “fraturante” está diretamente ligado ao tensionamento de assuntos convencionados pelas sociedades. Nesse sentido, a semântica do termo, que remete à cisão, rompimento ou quebra de determinado elemento, evidencia o caráter reativo desses temas em relação às diversas ordens sociais. São temas que frequentemente são ocultados, silenciados ou preteridos para manter e funcionar dentro dos arranjos estabelecidos na teia social. A discussão sobre esses temas pode suscitar a desordem desses arranjos e provocar sua possível reorganização.

Portanto, a natureza fraturante desses temas varia de acordo com o sistema sobre o qual incidem. Por exemplo, o debate sobre álcool e outras drogas com o público adulto não necessariamente rompe com as convenções sociais sobre o que é apropriado discutir com esse grupo. Em vez disso, reflete um aspecto que pode ou não fazer parte da vida dos sujeitos nesse contexto, e o grau de polêmica dependerá das particularidades individuais e do que é concebido como “adulto” no contexto do debate.

Quando se trata de crianças e adolescentes, a referência a temas fraturantes deve considerar a compreensão que se tem sobre esses sujeitos. Na cultura ocidental, as primeiras noções sobre as singularidades da infância e adolescência surgem, respectivamente, nos séculos XVII e XIX. Desde então, desenvolveu-se um ideal de proteção que afasta essas crianças e adolescentes de diversas problemáticas da sociedade. No entanto, com o avanço da compreensão sobre a infância e a adolescência, essas questões começaram a ser exploradas em diversos âmbitos, incluindo a literatura.

Em uma mesa-redonda sobre a mediação dessas temáticas presentes em textos literários, realizada pela Companhia das Letras, a pesquisadora Diana Navas definiu temas fraturantes da seguinte maneira: “Temas fraturantes = temas que fraturam e expõem assuntos e problemáticas de nosso contexto, permitindo que crianças e jovens tenham acesso a temas dos quais, durante muito tempo, foram ‘poupados’” (Companhia na Educação, 2023). Para a especialista, o contato com esses temas nos textos literários permite ao leitor reelaborar seus sentimentos e interpretar questões da realidade por meio da ficção.

Contudo, quais seriam então esses temas? Segundo Ramos e Vernon (2015), eles são praticamente infindáveis. Ainda assim, é possível listar alguns deles: “[...] sexo; morte; violência; sofrimento; terrorismo; guerra; genocídio; doença, incluindo todas as suas variáveis

e combinações” (Ramos; Vernon, 2015, p. 289); miséria, falência familiar, suicídio, álcool, drogas, relação com o corpo, sexualidade, invisibilidade social, pedofilia, estupro, drogas, dentre outros (Companhia na Educação, 2023). Todos esses assuntos possuem uma relação entre si, como orienta Iguma (2019, p. 108), pois “[...] esses temas transitam entre parte do que nos constituem enquanto ser humano”. Esta última autora ainda expande a conceituação para além dos limites denotativos do termo, pois o entende também como uma ruptura com referentes morais determinados por aqueles que detém o saber e as suas diferentes instâncias de consagração.

Em tese intitulada *A ficção juvenil brasileira em busca de identidade: a formação do campo e do leitor*, a estudiosa Raquel Souza (2015) norteia sobre as primeiras obras em que esses temas aparecem com mais ênfase, ocorrência da década de 1970 no Brasil, no caminho das renovações literárias que se sucedem na literatura infantil e juvenil. Para Lajolo e Zilberman (2022, p. 218), naquela década iniciou-se “[...] um esforço programado de abordar temas até então considerados tabus e impróprios para menores”. Um representante desse período é o clássico romance *A bolsa amarela* (1976), de Lygia Bojunga Nunes, em que os conflitos familiares e pessoais são abordados.

Atualmente essas questões já possuem ampla difusão nos livros, alguns exemplos são as narrativas de João Anzanello Carrascoza, como a coletânea de contos *Espinhos e alfinetes* (2010), cujo título já situa elementos que causam dor e desconforto. No livro, a morte e a despedida são centrais em várias tramas, assim como seus efeitos e as diferentes maneiras de lidar com eles. No tocante aos textos com esses enfoques, Souza (2015) informa sobre pontos e contrapontos da produção entre os séculos XX e XXI:

A literatura juvenil legitimada acerta o passo com a pauta progressista do seu tempo, incorporando questões relacionadas à reflexão sobre os papéis de gênero, os novos arranjos familiares, a desigualdade socioeconômica, a exclusão social das chamadas minorias – não com veio instrucional, mas como inevitável matéria de ficção. Quando da emergência desses temas, muitas obras então inovadoras não faziam nada mais que inverter os polos da pedagogia, de modo que ficava clara (aos olhos de hoje) uma tendência a um discurso igualmente didático, mas pelas vias de uma pedagogia libertária. Com o avançar das décadas, cada vez mais se tornou possível o abandono de um viés mais explicitamente engajado para dar lugar a um olhar mais estético sobre a produção destinada ao jovem, que passa a incluir também temas universais e humanos – antes alvo de um protecionismo que ignorava (ou temia) a realidade psíquica do jovem –, como a morte, a solidão, a violência, a sexualidade. (Souza, 2015, p. 77)

Na esteira desse pensamento, as questões progressistas apontadas pela autora são derivadas principalmente dos movimentos sociais negro, *queer* e feminista da segunda metade

do século XX. Nesse cenário, muitas reflexões acerca das fronteiras entre aquilo que deveria ou não ser matéria dos textos direcionados aos jovens foram sendo questionadas e, na medida em que isso acontecia, novos arranjos formais e estéticos foram sendo estabelecidos nesta produção literária.

A pesquisadora e professora Teresa Colomer (2017) destaca que, a partir da década de 1970, a novela juvenil – enquanto gênero – desponta como o principal experimentalismo dos escritores de ficção para jovens. Nesse âmbito, desenvolveram-se duas vertentes principais: o realismo e a introspecção psicológica. A questão didática, por sua vez, está intrinsecamente relacionada ao processo de formação e consolidação dessa literatura e, na iminência da emergência das tematizações, como foi o HIV/aids nas décadas de 1980 e 1990, também engendrou um caminho para esse tipo de abordagem.

À vista disso, a doença, enquanto tema fraturante, como apontaram Ramos e Vernon (2015), é assim considerada pois – a partir do momento em que há a identificação dela no corpo, seja particular ou social – o sujeito passa a ser qualificado, diferenciado e adjetivado por ela. Desse modo, há uma cisão, uma ruptura, com a figura que o antecedia e que passa a assumir uma nova identidade, também circunscrita no indivíduo. Isso significa dizer que a doença configura um corpo não normativo e, conseqüentemente, gera a sua marginalização. Logo, inscreve-se como uma situação traumática em níveis variados, a depender da situação. Sontag (2007) afirma que a doença regulamenta – simbolicamente – uma dupla cidadania: os sãos e os doentes; e todos os sujeitos receberão os passaportes para serem cidadãos desses lugares em algum momento da vida.

É pertinente, então, traçar algumas considerações sobre tal temática e a incidência dela nos textos voltados ao público juvenil. Para esse delineamento, partiremos dos estudos da pesquisadora norte-americana Julie Passanante Elman (2012), com base nos livros da escritora Lurlene McDaniel, a respeito da *teen sick-lit*²⁴, isto é, textos literários em que figuram jovens doentes, também considerado um subgênero da literatura YA. De acordo com a autora, é possível identificar características elementares nesses escritos, sendo elas: enredo de romance em que um adolescente apresenta sintomas e recebe o diagnóstico de determinada doença; a busca por um relacionamento com um personagem “saudável”; e o processo de recuperação afetado de maneira positiva pela relação entre os personagens (Elman, 2012).

²⁴ Neste trabalho, optou-se por não realizar a tradução do termo em virtude da conotação errônea que ela poderia incitar com expressões como “literatura enferma” ou “literatura doente/doentia”, pois as adjetivações parecem qualificar as obras de maneira inadequada. Desse modo, quando esse termo é utilizado no estudo faz referência a literatura juvenil que tematiza doenças, ou seja, tal temática figura e/ou é matéria-prima para a elaboração ficcional e não necessariamente impele na sua qualificação atribuindo sentidos restritivos.

Ela aponta ainda que a *teen sick-lit* desponta na história literária desde os romances vitorianos, pertencente ao campo das narrativas de doenças. Contudo, sua pesquisa é centrada nas narrativas produzidas a partir da década de 1980, na ascensão de um “novo conservadorismo”, compreendida pela estudiosa como uma resposta ao legado histórico pós-1968, demarcado por diferentes movimentos sociais, como a segunda onda feminista, a liberação sexual, o nacionalismo negro e o movimento de pessoas com deficiência.

Com a expansão de diferentes concepções instauradas por esses movimentos, eclode a necessidade de um novo realismo para o jovem, e, dessa maneira, as questões complexas da vida humana são apresentadas para esse público em diferentes produtos culturais. De acordo com Elman (2012, p. 176), houve uma predominância de narrativas baseadas em problemas como forma literária e cultural para os adolescentes, contadas por um viés pedagógico que articulou o desenvolvimento da boa cidadania com a cultura daquilo que é “saudável”.

Por causa disso, muitos desses textos realizaram manutenções de estruturas normativas convencionadas de gênero, classe e raça, além da ideia de gerenciamento emocional apropriada ao contexto em que o sujeito está inserido. Não obstante, a pesquisadora situa que as equivalências presentes nesses textos, como a relação entre heterossexualidade e indivíduo sadio em contraposição às doenças e/ou deficiências que seriam, nessa lógica dominante, a distinção do “normal”, implicam diretamente a ideia de que os marcadores indesejáveis desses corpos podem e devem ser melhorados.

Enquanto essa polarização saúde-doença é um componente característico desses textos, há também uma ambivalência dos corpos acometidos pelo processo de adoecimento (Elman, 2012), uma vez que, socialmente, eles são escanteados, no universo da literatura eles são convertidos de maneira atraente a partir do protagonismo que exercem, ocorrendo até mesmo a erotização transgressiva deles. Outras características encontradas nas narrativas são: a superação da doença em direção à saúde; a convivência e a aceitação da indexação diagnóstica; foco espacial em hospitais; a finitude da vida; além da predominância do câncer nesses textos. Todas elas são amarradas pela conjugação entre romance e doença. Posteriormente, “[...] a categoria foi apropriada pelos jornais e pelo mercado editorial para classificar romances jovens contemporâneos em que personagens enfrentam algum problema de saúde” (Novaes; Travancas, 2020, p. 3).

A *teen sick-lit* gera muitas controvérsias pela sua tematização e abordagem voltada para o realismo, distanciando-se da fantasia. Esse termo começa a ser popularizado em artigo publicado no tradicional jornal britânico *Daily Mail*, no qual a jornalista Tanith Carey (2013) argumenta que os títulos agrupados sob a capa desse gênero são sentimentais e exploradores,

na pior e na melhor das hipóteses, respectivamente. Para ela, essa foi a novidade em termos lucrativos que os editores encontraram para a ficção juvenil após o estouro comercial de histórias de vampiros – destacando a clássica saga *Twilight* (Crepúsculo), escrita por Stephenie Meyer entre 2005 e 2008 –, composta por narrativas que abordam realidades como a doença, a depressão e a morte. Em sua crítica, ela demarca que muitas dessas histórias incentivam adolescentes a praticarem atos mórbidos que são glamourizados nos textos.

Em resposta ao artigo de Carey, a editora Michele Pauli (2013), responsável pela seção de livros, publicou um artigo no jornal britânico independente *The Guardian*. No texto, ela aponta que todas as temáticas presentes nos livros relacionados a esse gênero e voltados ao público juvenil são questões que esses sujeitos enfrentarão durante a vida e ressalta que, na ficção, esses temas são tratados de maneira ainda mais sensível por parte dos escritores, uma vez que eles refletem sobre o efeito desses assuntos no público que consome as obras. Por último, acrescenta: “Crianças e adolescentes – bem, todos nós realmente – lemos para explorar e experimentar outras vidas, pensamentos e situações de maneira segura [...]” (Pauli, 2013, p. 1). Considerando o pensamento da autora, acrescentamos ainda que a literatura é o campo propício para as tensões da vida humana, logo, no ato da leitura interpreta-se o mundo real também por meio da ficção.

Tecidas essas considerações sobre a *teen sick-lit*, faz-se necessário direcionar o olhar para o cenário brasileiro. Ao passo que a polêmica dos artigos publicados nos tabloides britânicos foi sendo reproduzida, outros países também enveredaram na discussão sobre o fenômeno. No Brasil, o jornalista e crítico cinematográfico André Miranda publicou uma matéria no jornal *O Globo*, na qual afirmava que esse “estilo” – como ele define a *sick-lit* – abordava os problemas que a fantasia costumava ignorar. Segundo Miranda (2013), o termo, por sua conotação negativa naquele período, abarcava produções que muitas vezes ignoravam critérios de qualidade relacionados à literatura. É o que ele traduz como “literatura enferma”.

A própria semântica do termo, que remete ao hiperônimo das doenças, parece adjetivar essas obras de maneira inapropriada, esse movimento é constatado por Elman (2012) na formulação da própria denominação, uma vez que seu surgimento está diretamente ligado à ambivalência do indivíduo doente, isto é, tanto no aspecto abjeto quanto no fascínio que gera pela distinção da norma “saudável”.

O número acentuado de matérias jornalísticas acerca do tema no ano de 2013 parece apontar o início da discussão midiática proeminente no século XXI. Meses depois da publicação no *O Globo*, a revista *Veja*, um dos principais periódicos em atuação no Brasil desde o final da década de 1960, publicou em seu site oficial uma reportagem intitulada “‘Sick-lit’: a literatura

que não subestima o adolescente”, escrita por Raquel Carneiro (2013), repórter de entretenimento da revista. Já no subtítulo²⁵ da manchete algumas questões merecem destaque, como a abrangência tanto de doenças físicas quanto psicológicas no escopo do gênero e a ideia de que esses textos apresentam espaços de reflexão sobre a vida e a morte.

No corpo do texto, a repórter destaca que a novidade é a conquista de tantos leitores para as obras, mas que elas existem desde a época de Homero, um destaque feito a partir da fala do professor João Luís Ceccantini. O interessante do artigo é o entrecruzamento das opiniões de diferentes figuras de autoridade – acadêmicos, escritores nacionais e estrangeiros, psicanalistas e editores – que traduz o conflituoso terreno da *sick-lit* sob o crivo tanto dos protecionistas e conservadores quanto daqueles que a enxergam como uma potência para a compreensão de diferentes aspectos da vida humana, derivada de seu caráter realista.

Segundo Novaes (2021), esses textos são impulsionados pela multimidiatização do século XXI, pois as editoras perceberam que as adaptações cinematográficas, a título de exemplo, não afastavam os leitores das obras; ao contrário, incentivavam o consumo dos livros. Ela também destaca que grande parte das críticas sobre essas produções advém de adultos conservadores, pois o público-alvo as consome avidamente.

Salienta, ainda, que a partir das polêmicas envolvendo as obras, diferentes setores do mercado, como leitores, editores, blogueiros e outros, ressignificaram o uso do termo “*teen sick-lit*” distanciando-o do reforço de ideias hegemônicas, como as encontradas nas obras da década de 1980 por Elman (2012) – período em que se passou a reconhecer os adolescentes como um público lucrativo – e o configuraram como uma vertente da literatura YA. Sendo assim, “o uso dessas classificações faz parte de estratégias que visam atender as demandas de novas subjetividades e de novos sentidos atribuídos às adolescências e às doenças na sociedade contemporânea” (Novaes, 2021, p. 59).

Por esse motivo, nos últimos anos, é possível encontrar várias definições sobre o subgênero publicadas por editoras a fim de auxiliar os leitores. No site da editora *Rocco*, na seção para jovens leitores, há um artigo do educador Alexandre Moreira sobre a *sick-lit*. Na época da publicação, o texto surgiu para divulgar o então lançamento da editora, o romance *Lembra aquela vez* (2017), tradução do livro de estreia do autor norte-americano Adam Silveira, e que tematiza diversas questões fraturantes, como o suicídio. Moreira (2017) destaca o caráter transgressor dessa literatura, pois afirma: “O gênero **sick-lit** rompe com um silêncio fatídico sobre diversas crises e questionamentos que jovens passam pela adolescência”

²⁵ Subtítulo: “Pacientes com graves doenças físicas e psicológicas substituem vampiros e bruxos no gosto infantojuvenil e dão espaço para reflexões sobre a vida e a morte”.

(Moreira, 2017, p. 1, grifos do autor). Além disso, é possível encontrar no site da editora um verbete²⁶ sobre o termo e a indicação de vários livros estrangeiros traduzidos no Brasil. Nele há o destaque para o fato de que essas obras propiciam ao leitor formas de lidar com diferentes questões que atravessam o período da adolescência por meio do contato com outros jovens na ficção.

Por último, no *blog* da TAG²⁷ há uma matéria também sobre o gênero, pois, em agosto de 2021, foi enviado para os leitores assinantes o livro *Os cem anos de Lenni e Margot*, da escritora Marianne Cronin. No texto²⁸, é frisado o exercício de empatia e alteridade que os livros sobre doenças graves e/ou terminais impelem ao leitor. Sendo assim, é possível perceber como o mercado editorial e clubes de leitura têm dado ênfase à *teen sick-lit* nos últimos anos, legitimando-a e destacando o viés humanizador desses textos que abordam diferentes temáticas fraturantes.

A obra que inaugura essa concepção contemporânea é o best-seller *The fault in our stars* (*A culpa é das estrelas*), do escritor norte-americano John Green, publicado em 2012. Outras tantas podem ser associadas a essa perspectiva, como: *The perks of being a wallflower* (*As vantagens de ser invisível*), de Stephen Chbosky, publicado em 1999 e adaptado cinematograficamente em 2012; *Lovers letters to the dead* (*Cartas de amor aos mortos*), de Ava Dellaira, lançado em 2014; *All the bright places* (*Por lugares incríveis*), de Jennifer Niven, publicado em 2015 e adaptado para o *streaming* em 2020; dentre outros. No Brasil, o principal representante dessa vertente é o romance *Você tem a vida inteira* (2018), de Lucas Rocha.

Além disso, Novaes (2021) orienta que, muitas vezes, os paratextos dos livros contemporâneos possuem indicativos das doenças que serão abordadas nas narrativas, mesmo que isso não seja explícito diretamente nas capas e/ou títulos. Algumas obras são acompanhadas por entrevistas com autores e recortes de comentários de outros escritores e *booktubers* sobre os enredos – como ocorre na segunda edição do romance de Lucas Rocha –, estratégias do mercado editorial para a difusão desses textos.

Silveira e Silveira (2016; 2019), ao analisarem obras contemporâneas de produção e/ou circulação no cenário brasileiro em que as doenças se constituem enquanto temáticas, orientam que ao abordar processos de adoecimento são evocadas também as construções históricas e

²⁶ ROCCO. **Sick lit**. Disponível em: <https://www.rocco.com.br/lojaespecial/especial-sick-lit/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

²⁷ Clube brasileiro de assinatura de livros.

²⁸ TAG. **Sick-lit**: o gênero literário do mês de agosto da TAG inéditos. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/sick-lit-o-genero-literario-do-livro-de-agosto-da-tag-ineditos/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

sociais, ou seja, os sentidos que foram e são dados àquela doença. De acordo com as pesquisadoras:

Todas as doenças, até mesmo as mais comuns, se associam a metáforas que são carregadas de fantasias e imaginários próprios. Não falamos apenas de seu caráter biológico e de seus sintomas, mas também do que projetamos quando enunciamos o nome dessa doença, de quais medos, ansiedades, fobias projetamos junto a ela. (Silveira; Silveira, 2016, p. 391)

É por isso que por muito tempo existiu um protecionismo quando o assunto diz respeito à criança e/ou jovem, pois a temática dialoga com questões que os seres humanos muitas vezes preferem não encarar. Nesse sentido, a leitura das obras pode ser uma espécie de “evocação” do tema para a sala de estar do corpo, se não literalmente, metaforicamente. Possivelmente essa é uma das razões para o grande apreço do público pelos textos que abordam o adoecimento do sujeito, pois

O campo literário conta com uma “licença ou álibi ficcional” para falar abertamente sobre as doenças e suas metáforas e, até mesmo, criar novas. Além disso, as narrativas literárias descrevem dramas individuais, em que a experiência do sujeito doente ou que convive com a doença pode ser abertamente explorada, sem necessariamente ter que “pedir licença” para se colocar no espaço público, nem sofrer os constrangimentos das “pessoas reais”. (Silveira; Silveira, 2016, p. 392-393)

Apesar disso, as autoras pontuam que a literatura direcionada ao público infantil e juvenil é um tanto refratária às diegeses narrativas que não encerram com algum tipo de contentamento. Essa seria uma das razões para uma certa escassez de obras que envolvem doenças. Contudo, como exposto anteriormente, esta tem sido uma tendência cada vez mais forte nas últimas décadas, principalmente com a tradução de textos que pertencem ao domínio da literatura YA norte-americana.

É por isso também que Silveira e Silveira (2019) orientam que, com o aumento da produção dessas narrativas, elas não escapam do caráter mercadológico e das fórmulas oriundas dos best-sellers que muitas delas já constituem. Ainda assim, as pesquisadoras ressaltam: “[...] é possível que essas novelas juvenis tragam um pouco dessas outras metáforas, contemporâneas, potentes, fortes sobre como viver com doenças” (Silveira; Silveira, 2019, p. 110); e talvez seja essa uma das principais subversões que esses textos têm construído na cena literária.

Logo, é válido destacar alguns aspectos que são possíveis de depreender a partir do exposto. O primeiro deles é o fato de que, apesar da relevância da *teen sick-lit* nos últimos anos no cenário brasileiro, na maioria das vezes, são obras estrangeiras que figuram como

representantes do subgênero. Por isso, três questões podem elucidar esse impasse: a) a pouca ou inexistente produção de livros no Brasil com essa vertente; b) o sucesso das traduções que se sobrepõem aos textos brasileiros; c) o desconhecimento de obras com esse viés por parte da cadeia de produção e circulação de livros, a saber, autores, editores e leitores.

Outros aspectos são: a preponderância do câncer e dos transtornos psicológicos nas obras mais disseminadas; e o romance como principal gênero em que essas temáticas aparecem. É cabível questionar, então, como figura a AIDS nos textos literários voltados ao público juvenil se eles pouco ou nunca são divulgados na *teen sick-lit*.

2.3 Literatura juvenil e HIV/aids: pontos de confluências

A literatura juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids tem sido historicamente preterida em relação a outros sistemas literários e doenças que figuram nos textos voltados para esse público. Essa questão é recorrente em estudos de caráter crítico e até mesmo teórico, visto que o predomínio de procedimentos analíticos em narrativas direcionadas ao público adulto e o ainda moderado espaço que essa literatura ocupa no campo dos estudos literários têm evidenciado tal lacuna. Por outro lado, as pesquisas que se debruçam sobre a presença das doenças em textos juvenis focalizam apenas patologias como o câncer e, atualmente, diferentes transtornos psicológicos. Tal constatação indica a necessidade de um movimento crítico que interrelacione esses polos a fim de ampliar o escopo das abordagens vigentes.

Para traçar pontos de confluência, e isso significa cotejar e concatenar as contribuições de ambos os campos para a expansão daquele que é foco desta pesquisa, faz-se substancial retomar os estudos sobre a *teen sick-lit*. Partiremos de um aspecto comparativo com o cenário estadunidense por considerarmos que as discussões sobre HIV/aids na literatura juvenil lá estão mais avançadas do que no campo ainda incipiente brasileiro. Além disso, é naquele contexto que a conceituação da *sick-lit* é proposta e norteia uma trajetória a ser seguida para a exploração própria das obras produzidas no Brasil. Ainda é importante destacar o reflexo que a aids e as respostas a ela, nos EUA, ensejou em outros países, uma vez que os primeiros casos mundialmente são constatados naquele território, e, consequentemente, iniciaram-se previamente as discussões sobre o tema.

No artigo em que Elman (2012) delinea as primeiras considerações acerca dessa vertente, há uma nota de rodapé na qual a autora afirma que não aborda os textos nos quais a temática do HIV/aids é componente pelos seguintes critérios: quantidade e representatividade.

Conforme orienta a estudiosa, o subgênero, na década de 1980, obteve maior produção; todavia, os títulos que surgiam com a temática da aids eram poucos se comparados a outras doenças, como o câncer, e construídos com base em discursos e representações culturais hegemônicas, como a ideia de “doença gay”. Por isso, a autora aponta que esses textos apenas reafirmavam valores veiculados naquele período e quantitativamente eram inferiores aos relacionados a outras patologias, o que, na visão da pesquisadora, justifica o fato de o recorte estabelecido em sua pesquisa não englobar esses livros.

Apesar de concordamos com a autora em certa medida – como na questão do volume de obras – não é pertinente deixar de abordar esses textos, uma vez que eles surgem paralelos ao período de ênfase da doença na literatura para jovens. Não obstante, a própria pesquisadora deixa de lado o romance *Sixteen and dying* (1992), de Lurlene McDaniel – autora da maior parte das obras por ela analisadas –, em que a temática se faz presente, pois seu foco incide apenas sobre o câncer. Tal aspecto revela que a aids não tem sido prescindida somente na crítica brasileira, mas também em outros contextos.

Contudo, no cenário norte-americano há um levantamento bibliográfico, realizado por Melissa Gross, professora da área de biblioteconomia da *Florida State Univesity*; Annette Goldsmith, professora da escola de informação da *University of Washington*; e Debi Carruth, à época da publicação doutoranda na Faculdade de Comunicação e Informação da *Florida State Univesity*, intitulado *HIV/Aids in Young adult novels* (2010), na qual as autoras realizam um panorama dos textos em língua inglesa, revelando o interesse pela temática e a sua manifestação nos livros, por parte das estudiosas da área informacional, não especificamente dos estudos literários. O empreendimento investigativo realizado pelas pesquisadoras, no recorte temporal abrangente dos anos de 1981 a 2008, resultou na identificação de 93 títulos de diferentes nacionalidades.

Ora, se adentrarmos no aspecto comparativo, o volume de obras apreendidas indica uma predominância acentuada frente ao levantamento que apontamos no capítulo anterior acerca da literatura brasileira, no qual podem ser identificados apenas 16 textos ficcionais que seguem o período e os critérios de gênero também utilizado pelas estudiosas, a saber **narrativas de ficção**, com exceção dos contos. Entretanto, no panorama por elas proposto, são considerados ainda textos publicados em outros países e traduções, pois focalizam na configuração somente da língua. Portanto, atentando a esses fatores, torna-se notório como, de fato, dentro das limitações temporais, o número de publicações ficcionais que envolvem o tema direcionado ao público juvenil é parco em diferentes cenários.

Outra questão que integra a discussão sobre esses textos é o caráter pedagógico intrínseco a eles, que, por conta de sua força em determinadas tramas, são compreendidos como fator concernente ao caráter estético menos elevado. Acerca disso, o estudo de Gross, Goldsmith e Carruth (2010) apresenta na descrição bibliográfica dos livros uma avaliação de qualidade literária²⁹ que seguem cinco níveis: ruim, aceitável, bom, muito bom e excelente. Em determinado momento das análises realizadas, as autoras afirmam que os bons livros que tematizam o HIV/aids o fazem de maneira envolvente nas narrativas, trazendo informações sobre o vírus e a síndrome, e retratam questões que os jovens enfrentam, ou seja, que são componentes das vivências desses sujeitos.

Elas citam como exemplo 7 obras em língua inglesa³⁰, as quais são classificadas nos critérios de qualidade literária nos dois níveis mais conceituados da escala. O arranjo classificatório realizado indica que não há distinção entre grau de discurso pedagógico/informativo no que tange ao aspecto literário dos textos, mas sim que a forma como esse viés discursivo é organizado na tessitura dos enredos ficcionais configura e sinaliza a qualidade estética. Nesse sentido, é importante destacar que, segundo as pesquisadoras, na época em que a aids emerge como problema de saúde pública no território dos EUA, o realismo literário era uma tendência na literatura YA, como também constatou Elman (2012), e assim como é possível verificar na literatura brasileira a partir dos temas fraturantes. Por conseguinte, é orgânica a existência e pertinência desse aspecto no cerne da literatura juvenil em que a temática figura, afinado também à nebulosa paisagem dos anos iniciais da epidemia, o que tornou emergencial a discussão sobre o assunto por meio de diferentes produtos culturais e cujo distanciamento temporal não permitia maior aprofundamento analítico do fato histórico-social.

Na medida em que há a compreensão acerca de qual terreno se dá a construção da tematização da aids, observa-se, igualmente, em virtude do próprio aspecto composicional discursivo das doenças, a necessidade da composição de narrativas com o manejo de variados campos semânticos circunscritos em suas diegeses. Tal perspectiva orienta o sentido de que, principalmente nos textos publicados nas primeiras décadas de manifestação social da doença, informações sobre o vírus e a síndrome foram essenciais para a conscientização das pessoas, e,

²⁹ Apesar de estabelecerem a escala de qualidade literária, no texto não é evidente quais foram os parâmetros utilizados pelas estudiosas para a composição de cada nível. Outrossim, a escala foi estabelecida por pesquisadoras do âmbito acadêmico, isso não significa dizer, por exemplo, que os jovens utilizam os mesmos critérios delas para a qualificação desses livros.

³⁰ São elas: *The Mayday Rampage* (1993), de Clayton Bess (excelente); *Earthshine* (1994), de Theresa Nelson (excelente); *My Brother Has AIDS* (1994), de Deborah Davis (muito bom); *Push* (1996), de Sapphire (excelente); *Touch of the Clown* (1999), de Glen Huser (excelente); *Playing with Fire* (2002), de Henning Mankell (excelente); *The Beat Goes On* (2004), de Adele Minchin (muito bom); e *Chanda's Secrets* (2004), de Allan Stratton (excelente).

por mais que o texto literário não possua uma finalidade educativa no seu horizonte final de elaboração, é inegável que ele também o faz de maneira inerente à sua composição, pois é também uma forma de conhecimento.

Além disso, destaca-se que julgar a arte literária para jovens com critérios que circundam apenas a literatura direcionada ao público geral é também negar as suas especificidades enquanto esfera de domínio discursivo, e, desse modo, é imprescindível considerar as particularidades de produção, circulação e recepção que traduzem os seus referentes elementos estéticos. Esses textos trazem as situações-problema da época para o universo do jovem, e, nesse sentido, é possível que o grande “elefante branco” da questão seja o contraponto com a fantasia, uma vez que esse gênero ficou conhecido por muito tempo pela inventividade e o proeminente grau estético.

No entanto, nas narrativas de caráter realista também se encontram elementos de engenhosidade, como, por exemplo: a metonímia dos aspectos urbanos em relação ao indivíduo, seus impasses e crises; a consciência crítica sobre a sociedade e as relações de gênero, classe, raça, etc.; perspectivas de multifocalização; plurivocidade; o próprio protagonismo juvenil; diversidade de técnicas narrativas – como o fluxo de consciência; não-linearidade; entre tantas outras, relacionadas às transformações do século XX que refletiram também na arte literária. Sendo assim, os livros veiculam tanto valores sociais, que dizem respeito ao conteúdo desses textos, quanto técnicas de comunicação narrativa, que se referem à forma dessas obras, de modo que neles as relações do meio social com a doença são manifestas e por esse meio também são direcionados. Isso significa dizer que aspectos extrínsecos e intrínsecos ao texto estão em um movimento dialético que auxilia na compreensão dessa criação literária.

Nessa esfera de tensão, outro aspecto também carece ser discutido: a representação. É pertinente, então, recorrer ao clássico direito à literatura, sistematizado por Candido ([1988] 2011, p. 177), uma vez que “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Para o autor, o sistema literário é constituído por obras em variados graus de estética, sendo as diferentes massas do conjunto que influem nos sentimentos e conhecimento do leitor. Sob essa perspectiva, é imperativo salientar que se o texto literário é um meio para a representação da sociedade e de seus personagens, ela influencia diretamente na criação de um texto, e, dessa forma, é autêntica a pluralidade de identidades que podem constituir e serem constituídas na literatura. Nesse ínterim, Paulino e Cosson (2012, p. 107) afirmam que “[...] o direito de ser representado e de construir por meio de uma representação sua identidade cultural é também um direito humano que se efetiva por meio da literatura”.

No que tange a essa questão, a literatura contemporânea, que muito se aproxima à YA estadunidense, parece representar o jovem com mais propriedade, pois o diálogo com ele ambiciona ser intermediado apenas pelo livro enquanto objeto material, sem necessariamente exigir a figura do mediador (pais, médicos, professores, psicólogos etc.), como eram indicados em paratextos de alguns livros do período emergencial, o que tornava o jovem um destinatário secundário do texto. Desse modo, converte-se em presença aquele indivíduo que anteriormente figurava de maneira adjacente, num ato de transferência tanto político quanto artístico, como salientam Paulino e Cosson (2012).

Algumas das primeiras representações traduziam esses indivíduos preponderantemente enquanto objetos no contexto ficcional, uma vez que grande parte das produções foi de autores que tomavam como norte discursos médico-científico/biomédico para tematizar a criança e o jovem com o vírus e/ou a doença, sem considerar muitas vezes o impacto deles nas personagens. São textos estudados como *outside*, ou seja, de uma perspectiva de fora, característicos do início da recorrência da *sick-lit* na literatura para jovens.

São exemplos desse tipo de impasse os romances *A corrente da vida*, de Walcyr Carrasco, e *O dono dos pés*, de Jussara Koury, nos quais as histórias dos adolescentes que vivem com HIV/aids são narradas e se tornam conhecidas para o leitor, majoritariamente, por outros personagens próximos a eles, de maneira que os sujeitos no processo de adoecimento pouco ou nada falam desse lugar. Acerca do livro de autoria de Koury, especificamente, os hiatos de foco narrativo³¹, por exemplo, serão evidenciados na análise do próximo capítulo.

Todavia, esse aspecto não denota um sentido totalmente limitante a essas narrativas, haja vista que, embora o protagonismo desses personagens frente à experiência com a doença não seja muitas vezes evidente, outros elementos sobressaem, como as redes de solidariedade e os imaginários sociais sobre a aids, e as tramas giram em torno deles. Logo, o que esses textos revelam, sobretudo, é o cenário de opacidades da temática, cujo desenvolvimento representativo e estético mais acentuado se deu com as variações empregadas pelo surgimento sequencial das obras no contexto nacional.

A percepção de que, talvez, os livros publicados entre 1980 e 1990 podem não atrair mais diretamente os jovens, é decorrente das próprias transformações e pluralidades dessa parcela da população e do mercado editorial voltado a esse público. No século XXI, os hábitos e gostos se diferenciam significativamente das gerações anteriores em virtude dos avanços da

³¹ Consideram-se como hiatos – no sentido de fenda ou abertura – de foco narrativo o espaço-tempo da mudança de narração na trama para outros personagens e que acarreta um distanciamento da perspectiva do próprio protagonista acometido pelo HIV/aids, ou seja, a distância entre o último foco narrativo dele até a sua retomada.

tecnologia – que diversificou os suportes das obras e trouxe um trabalho estético com projetos gráficos muito mais arrojados – e da própria convivência com o vírus na sociedade brasileira.

Embora a pertinência dessa questão seja evidente, não se pode esquecer que são àqueles textos emergenciais e de tonalidade educativa que deram base para as formulações mais recentes, e, conseqüentemente, eles manifestam o espírito daquela época, como também as noções que se tinham sobre o público, o tema e a forma de elaborar literariamente a discussão. Essa literatura – desde a sua gênese – é um campo propício para convergências, o que evidencia a necessidade de novos olhares, principalmente para a produção inicial.

Com relação à representação na literatura juvenil especificamente, Carrijo e Ceccantini (2016) afirmam:

Em se tratando da representação literária dos paradigmas identitários, mais especificamente no que concerne às identidades juvenis, o texto literário nos permite relativizar verdades cristalizadas em torno dos sujeitos compreendidos sob tal rubrica, uma vez que os contempla pelo viés de uma multiplicidade de perfis e não pelo imediatismo das representações unívocas. (Carrijo; Ceccantini, 2016, p. 410)

Com base nos autores, compreende-se que as representações no espaço literário podem ser tão múltiplas que impedem tanto a fixação de uma única quanto o enquadramento de todas as formas como os jovens se constituem e se manifestam na sociedade. Isso é gradualmente percebido com o processo de consolidação da literatura juvenil brasileira, uma vez que a própria quantidade de títulos que são publicados todos os anos impossibilita uma sistematização generalizante das características e representações que mobilizam.

Posto isso, é preciso compreender também como esses textos literários dialogam com os estudos que já estabelecem relações com a literatura geral e a aids. Como salientou Bessa (1997), o literário, em virtude das diferentes metáforas que circundam a doença, acabou tornando-se uma espécie de vilão nos anos iniciais da epidemia por se contrapor à objetividade do discurso biomédico e por ser uma porta que ligava ao referencial conotativo da linguagem. Isso tensionou o âmbito das produções culturais em indagações sobre a possibilidade de fazer criações ficcionais baseadas em uma questão tão dolorosa e real como era a síndrome naquele período, mesmo que as convenções das dimensões entre “literário” e “real” já estivessem sido estabelecidas muito antes da aids.

Ao mesmo tempo, por ter sido uma temática extremamente explorada e esmiuçada pela mídia, o trato ficcional da aids tornou-se mais afanoso do que outras doenças. Não se pode esquecer que a segunda metade do século XX é o remate dos meios de comunicação em massa. Afeito à essa disseminação, produzir uma ficção que extrapolasse o viés descritivo do processo

de adoecimento como um todo volveu laboriosa habilidade artística. Sem embargo, é justamente esse viés que muitas vezes é metamorfoseado nas metáforas sintomáticas e da própria ausência de compreensão sobre a síndrome, além dos seus efeitos sociais e subjetivos. No Brasil, houve uma produção de textos autobiográficos e confessionais de maneira exponencial, é o caso de Jean-Claude Bernadet, com o livro *A doença, uma experiência* (1996), que o escritor afirma ter sido um texto a partir do centro (o sujeito no processo de adoecimento) e, ao mesmo tempo, uma forma de encarar a situação de frente, como relata em entrevista à Bessa (2002).

A literatura juvenil que tematiza a aids constitui-se exatamente nesse terreno de tensão do real e do ficcional, visto que, com exceção do diário de Valéria Piassa Polizzi, todas as obras destacadas no panorama são textos de ficção com características predominantemente realistas. Nesse sentido, é o literário que assume a função de “mocinho” da história, pois, nessas narrativas, ele foi amplamente empregado no engajado combate às metaforizações (pejorativas) da aids. Isso em uma perspectiva social, na qual o caráter reativo desses textos é evidente.

Em contrapartida, se compreendida apenas pelo viés da tradição literária, ele não é apenas o vilão, é ainda o antagonista, pois a função utilitária/pedagógica a ele empregada o destituiria de seu caráter singular e particular. Depreende-se, então, que a literatura juvenil, de certo modo, tentou suprimir a falta de informações da época, de maneira tal que o foco ficcional abarcou também o caráter médico e/ou informativo, componente de diversos trechos das narrativas. Logo, o que se observa nesses textos que tematizam a aids são os binômios conhecidos e criados pelas diferentes esferas discursivas, pois o âmbito literário é espaço de amálgamas, manutenções e subversões.

Outro aspecto situado por Bessa (2002) é o horizonte das produções referentes aos anos 1980 e 1990 destinadas ao público geral ser circunscrito, no aspecto da autoria, em uma vinculação direta com a síndrome, de modo que o público estabelecia uma relação causal. Entretanto, é correto afirmar que, quando o foco é a literatura juvenil – e aqui também é possível incluir a infantil –, essa perspectiva não pode ser atestada em totalidade, uma vez que nos textos para jovens (e crianças) nota-se uma autoria: 1) já consagrada pela crítica à época, como Júlio Emílio Braz, Fanny Abramovich, Walcyrr Carrasco, entre outros; e 2) que não possui uma relação direta com a síndrome³², pois objetivam, primariamente, propiciar um meio de comunicação sobre o tema com o público, e não exatamente relatar uma experiência pessoal –

³² Com exceção de Mário Rudolf e Valéria Piassa Polizzi.

por mais que alguns autores tenham sido impelidos a escrever em razão do contexto e/ou por estarem/serem próximos de pessoas que foram direta ou indiretamente afetadas pela síndrome.

Ademais, é necessário destacar a pluralidade de temas que são contemplados nesses textos juvenis. Para além de uma perspectiva monotemática, os temas fraturantes são costurados de modo acurado nos textos, uma vez que se iniciavam naquele período tais tendências temáticas. Não obstante, deparamo-nos com a questão da gravidez na adolescência, o uso de drogas, diluições das relações parentais, a sorofobia, entre outros. Ou seja, as abordagens temáticas ultrapassam as fronteiras da doença e enveredam também por outras questões sociais.

O viés multifacetado dessas narrativas possibilita ao leitor a identificação com referenciais que vão além do vírus e da doença, pois são outros contextos que também podem se aproximar do que é vivenciado pelo jovem. Por mais que impere uma perspectiva do adulto para o adolescente, carregada também de aspectos morais, as temáticas e os espaços em que os personagens circulam fazem parte dos universos plurais da juventude. A título de exemplo, a peça teatral *Fala, Zé Mané!* (2004), da dramaturga premiada Karen Acioly, publicada no livro *Aids e teatro: 15 dramaturgias da prevenção*, aborda um grupo de adolescentes em situação de rua, entre 12 e 17 anos, cujas vidas são cerceadas por problemáticas como tráfico de drogas, prostituição infantil, infecções sexualmente transmissíveis, violência e compulsória maturidade.

Se focarmos nos aspectos da literatura pós-coquetel, os livros publicados após os anos 2000 nada divergem da literatura direcionada ao público adulto. De maneira análoga, a questão tecnológica não incide apenas em referência ao suporte, que pode ser encontrado em narrativas como *Às vezes* (2018), de Marlon Souza, e *Íris* (2018), de Lyli Lua, publicados primeiramente em plataformas e posteriormente impressos, mas também como elemento que faz parte da cultura juvenil e é também compositor de discursos. No romance *Fake*, de Felipe Barenco, por exemplo, é possível constatar diversas passagens com linguagem informal, característica do espaço virtual. Ademais, percebe-se nessa mesma narrativa a hibridização dos gêneros, pois há trechos de cartas, conversas em redes sociais, dentre outros. Na mesma perspectiva, o romance *Fase Terminal*, de Álvaro Cardoso Gomes, também apresenta o gênero carta integrado a sua composição.

A respeito dos fármacos, um dos livros que apresenta uma visão ampla do assunto é *Você tem a vida inteira* (2018), de Lucas Rocha, já citado anteriormente. Nele dois personagens principais, Henrique e Ian, são atravessados por essa questão diretamente, o primeiro que já vive com HIV há alguns anos e faz o tratamento regularmente, e o segundo que descobre o diagnóstico positivo a pouco tempo e inicia a terapia antirretroviral. Ambos os personagens,

embora em contextos diferentes e em alguns momentos da narrativa, questionam o fato de o vírus ser ou não o protagonista de suas vidas e a própria rotina do tratamento. Tal aspecto aponta para a representação de jovens críticos acerca da vivência, o que pode instigar a reflexão sobre o tema por parte do leitor.

Esses livros podem e devem ser considerados dentro do escopo da *teen sick-lit* não apenas por tematizarem o vírus e a doença, mas também por trazerem à baila a perspectiva dos jovens frente a essa situação em diferentes momentos da história e não apenas como viventes, mas ainda como conviventes, a exemplo da novela *Dias difíceis* (1999), de Fanny Abramovich. Evidenciam ainda como a doença se constitui como uma preferência temática nos escritos de alguns autores nacionais, em virtude da recorrente abordagem em diferentes textos, como é o caso de Júlio Emílio Braz, autor de um conto e vários romances do panorama evidenciado no capítulo anterior.

Ademais, notam-se também narrativas circunscritas por diferentes referenciais da cultura pop, de maneira que esses textos ampliam os repertórios dos leitores acerca das questões históricas e das produções culturais vigentes em diferentes épocas da sociedade, não somente nacionais como também estrangeiras, propiciando um diálogo entre diferentes gerações e culturas. Nesse ínterim, é possível destacar o livro *A amarga herança de Leo*, de Isabel Vieira, no qual é possível depararmo-nos com referências à Segunda Guerra Mundial, ao clássico personagem Robin Hood, aos cantores Jim Morrison e Raul Seixas, ao escritor francês Hervé Guibert – autor da obra *Ao amigo que não me salvou a vida* (1900)³³ –, entre outras.

Por fim, destaca-se que nesse percurso exploratório de confluências foram traçados aspectos que, além de garantirem um lugar nos estudos críticos para a tematização do HIV/aids na literatura juvenil, também evidenciam elementos desses textos que os inscrevem na perspectiva estética do realismo literário. Todavia, tais características não limitam esses textos a esses tópicos, uma vez que a pluralidade temática dessas narrativas e as diferentes representações do jovem que são encontradas nesses textos possibilitam a ampliação das abordagens que restringiam esses textos a componentes pedagógicos/paradidáticos, quantitativos e representacionais, pois traduzem perspectivas de apreensão das relações entre literatura e sociedade convergidas nas diferentes diegeses.

Considerando todo o percurso realizado, no próximo capítulo enveredaremos, especificamente, na análise do *corpus* da pesquisa. A princípio, abordaremos aspectos da vida e obra da autora entrelaçando com dados de uma entrevista episódica. Por último, a fim de

³³ Livro fronteiro entre ficção e narrativa autobiográfica, no qual a aids também é tematizada.

compreender como se deu a representação do jovem com HIV/aids no romance *O dono dos pés* (1996), de Jussara Rocha Koury, será realizado a comparação das edições do romance e empreendida a análise da narrativa.

3. UMA AUTORA, UM LIVRO JUVENIL E UMA(?) TEMÁTICA, O RESULTADO DEU POSIT(HIV)O

Neste capítulo, enveredaremos pela análise do romance juvenil *O dono dos pés* (1996), de Jussara Rocha Koury, procurando compreender como se dá a representação do HIV/aids nessa narrativa. Para tanto, em primeiro lugar, teceremos algumas considerações acerca da vida e obra da autora e, em seguida, analisaremos as duas edições publicadas do livro, a fim de identificar como as transformações do projeto gráfico dialogam também com o contexto da *teen sick-lit*. Por fim, adentraremos na tessitura textual do enredo.

Como instrumento de coleta de dados das informações sobre a escritora e do cenário histórico que gerou a produção do livro, empreendemos uma entrevista episódica. Conforme esclarece Uwe Flick (2013, p. 118), o objetivo desse tipo de entrevista “é permitir que, para cada área substancial, o entrevistado apresente experiências de forma geral ou comparativa, e ao mesmo tempo relate situações e episódios relevantes” (Flick, 2013, p. 118). Ou seja, nas entrevistas episódicas, é o personagem (entrevistado) que relata as experiências e, a partir dos relatos, o entrevistador apreende as informações necessárias sobre o assunto em pauta, pois é por meio do que é narrado que o conhecimento se organiza nesse modelo. Sendo assim, são vantagens das entrevistas episódicas: apresentações contextuais na forma de narrativas, atenção especial a situações experienciadas pelo entrevistado, apresentações gerais e comparativas das experiências, a especificidade dos episódios, entre outras (Flick, 2009).

Para a efetividade do manejo desse instrumento, Uwe Flick (2009) orienta quais são os elementos desse modelo de entrevista, sendo eles: a solicitação da apresentação em formato narrativo repetidamente, por parte do entrevistador, para o entrevistado; a preparação de um guia de entrevista, no qual tópicos importantes para serem narrados são estruturados previamente; a explicação dos princípios básicos desse tipo de entrevista; e incentivos narrativos durante o processo. À vista disso, algumas limitações também estão presentes nas entrevistas episódicas, sendo as principais: a condução da entrevista, que exige o direcionamento específico para o relato dos episódios, e o não acesso às atividades, situações e interações narradas, pois elas apenas podem ser reconstruídas com base no que for contado pelo entrevistado (Flick, 2009).

De maneira específica, para esta pesquisa, procedemos à elaboração do guia de entrevista (cf. apêndice I), que resultou em três blocos de perguntas. O primeiro sobre a vida da autora e a sua relação com a literatura, composto por duas perguntas. O segundo, por sua vez, direcionado ao contexto das décadas de 1980 e 1990, com três questionamentos. Por fim,

o terceiro bloco é orientado para o romance da autora e a relação com a temática do HIV/aids, com mais seis perguntas. É válido destacar, no entanto, que durante a entrevista novos questionamentos foram surgindo diante dos episódios relatados. Por isso, outras questões foram indagadas no momento da entrevista.

Em seguida, entramos em contato com a autora, que se mostrou muito solícita a participar da pesquisa, e apresentamos a proposta da dissertação, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. apêndice II). Após esse processo, a entrevista foi realizada por meio da plataforma Google Meet, em virtude da facilidade de acesso e da agenda da autora, no dia 10 de setembro de 2023, com duração de aproximadamente 1h08min de gravação. Por último, a entrevista foi transcrita com o auxílio de ferramentas de edição do Word.

Com a crescente produção de títulos juvenis no cenário nacional, e ainda com os diferentes mecanismos editoriais de circulação dos textos, muitos escritores acabam ficando à margem do que é considerado uma boa literatura. Essa questão deriva do fato de que a apreciação estética de um texto depende de diferentes fatores, dentre tantos: o nome do autor e seu prestígio social. Como apontado no primeiro capítulo da pesquisa, grande parte dos autores que publicaram narrativas juvenis que tematizam o HIV/aids, especificamente no período emergencial e de tonalidade educativa, já estavam consolidados no campo, como Júlio Emílio Braz, Walcyr Carrasco, Fanny Abramovich, Giselda Laporta Nicolelis, Álvaro Cardoso Gomes e Isabel Vieira. No entanto, o nome de Jussara Rocha Koury parece se destacar justamente pelo contrário, isto é, as poucas informações sobre a autora, **em comparação** a tantos que já possuíam um capital simbólico à época.

Nessa perspectiva, outro fator interessante é o fato de como as instâncias de consagração (as universidades, escolas e prêmios, por exemplo) atuam na validação e popularização de determinados autores. Ao levantarmos pesquisas acadêmicas que se debruçassem sobre os textos literários da escritora, tanto no banco de Teses e Dissertações da Capes quanto no Google Acadêmico, observa-se a inexistência, até o momento desta pesquisa, de estudos sobre ela e sua obra. É válido ressaltar, então, aquilo que orienta Márcia Abreu (2006, p. 49): “mais do que o texto, são os conhecimentos prévios que temos sobre seu autor, seu lugar na tradição literária, seu prestígio (etc.) que dirigem nossa leitura”. Assim sendo, a imagem do autor na cultura é um elemento essencial para a apreciação que se faz das suas obras.

Considerando tais aspectos, a abordagem acerca da vida e obra de Jussara Koury pode possibilitar a consolidação dos seus textos no cenário nacional, na medida em que, ao lançarmos luz sobre a sua produção, estamos também dando visibilidade e fornecendo recursos para o

estabelecimento e a ampliação de uma fortuna crítica. Por isso, é imprescindível compreender que “ao tratar de literatura e de valor estético, estamos em terreno movediço e variável e não em terras firmes e estáveis” (Abreu, 2006, p. 58). Sendo assim, no tópico a seguir adentraremos em aspectos relativos à escritora, entrelaçando com as informações apreendidas na entrevista episódica.

3. 1 “A escrita é a minha cachaça” – Jussara Rocha Kouryh³⁴

Este tópico e o subtópico são orientados pelos relatos referentes aos dois primeiros blocos de perguntas da entrevista, e, ainda, conteúdos que foram surgindo nas respostas a elas. São questões que compuseram os blocos: bloco 1: *Você poderia contar, por favor, quem é Jussara Rocha Kouryh?, e Pelo que você consegue lembrar, como iniciou sua relação com a literatura, a criação e produção de livros, e o universo literário como um todo?* bloco 2: *Fale um pouco sobre as suas memórias da década de 80 e 90. Como você enxergava os acontecimentos sociais, culturais e políticos desse período? Você poderia narrar a sua atuação frente à temática do HIV/aids?, e Por favor, conte uma situação que simbolize a relação entre o HIV/aids e a sociedade para você.*

Jussara Rocha Kouryh (1956-) é uma escritora, jornalista, compositora e pesquisadora brasileira. Filha de Eliete e João, pessoas de extremíssima fé em Nossa Senhora da Conceição, a padroeira do município de Palmares, zona da Mata Sul de Pernambuco, foi nesse lugar que nasceu e cresceu. Como explica em seu relato, é uma região abundante em cana-de-açúcar e que herda a resistência do Quilombo dos Palmares³⁵. Ela também informa que sua formação familiar foi muito sólida, pois seu pai sempre incluiu os filhos em discussões voltadas às questões políticas e sociais. Acerca da sua infância, Kouryh afirma que foi um “moleque de rua”, uma vez que sempre foi incentivada a brincar com as crianças que moravam próximas.

Então jogávamos bola, andávamos de bicicleta, jogávamos chimbra, que hoje se chama bola de gude, pião, queimado, brincávamos de boneca também, entre a gente, meninas. Mas o que foi importante para nós nessa formação? É o não distanciamento

³⁴ Esse tópico e o subtópico abordam questões sobre a vida e produção literária da escritora, por isso utilizaremos a grafia atual de seu sobrenome.

³⁵ Quilombo é o nome dado às comunidades que possuíam organização interna, formadas por escravizados que fugiam da opressão da escravatura no Período Colonial. Contudo, os quilombos não são encontrados apenas naquele período, pois ainda existem diversos espaços de resistência política e cultural da população negra e que assim são denominados (Ancestralidades, [2024a]). O Quilombo dos Palmares, especificamente, foi o maior existente no território nacional e recebeu esse nome em homenagem à Zumbi dos Palmares (1655-1695), um dos líderes do quilombo em questão (Ancestralidades, [2024b]).

das pessoas por uma estratificação social. Não tinha isso. Éramos todos crianças e brincávamos todos juntos. (Kouryh, 2023, informação verbal)

Proveniente de uma família de classe média, a escritora relata que o seu convívio social, durante aquele período, foi demarcado por uma pluralidade étnico-racial, de religiões e classes sociais, o que **lhe** propiciou uma infância sem distanciamentos e diferenciações entre os sujeitos. Para Kouryh, outra questão que auxiliou no seu processo formativo foi a educação escolar pública até o Ensino Fundamental Anos Finais, a última etapa da Educação Básica ofertada em Palmares. Por essa razão, cursou o Ensino Médio em uma instituição privada, o Colégio Diocesano, no qual era bolsista. Segundo a autora, foi a sua formação inicial (familiar e escolar) que **lhe** permitiu usufruir “valores que eram inegociáveis. A ética inegociável, a verdade inegociável” (Kouryh, 2023, informação verbal). Após essa etapa, ela seguiu para Recife, onde foi aprovada no vestibular para Jornalismo, na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), instituição em que se formou entre 1976 e 1979.

Quando finalizou a graduação, começou a trabalhar e enveredou também pela literatura. Desde muito cedo, aprendeu a tocar violão e a música foi sempre a sua companhia, por isso, a sua poesia “encontrou guarida na harmonia musical” (Kouryh, [2024?], *online*). A jornalista informa que seus textos surgem também do contexto em que foi criada, pois, conforme narra, a região de Palmares possui um viés de resistência cultural muito forte, principalmente no âmbito literário, com instituições como a Fundação Casa da Cultura Hermilo Borba Filho, criada em 1983, e da qual foi presidente entre 1987 e 1989, a Academia Palmarensense de Letras (APLE) e o Instituto Belas Artes. A escritora esclarece, então, que durante a década de 1980 surgiu uma revista intitulada *A Região*, editada pela jornalista Inês Koury³⁶, que tratava de assuntos da cidade e de outras em seu entorno. É a revista que dá forma, posteriormente, à Edições Bagaço, uma das principais editoras do estado de Pernambuco que publica literatura infantil e juvenil. No ano de 1989, Jussara Kouryh também exerceu o cargo público de Secretária de Cultura, Turismo e Esportes, em Palmares – PE.

A escritora relata que a Bagaço surge no terraço de sua casa, a partir de conversas de seu pai com outros rapazes da vizinhança. Naquela época, Kouryh trabalhava em Salvador e os primeiros sócios da editora decidiram iniciar com a publicação de seis livros, sendo que o primeiro deveria render lucro suficiente para pagar o segundo e assim sucessivamente. Por

³⁶ Em entrevista concedida à jornalista Ana Eduarda Azoubel para uma matéria sobre o IV Encontro de Literatura Infanto-Juvenil da UNICAP, em 2011, que homenageou Elita Ferreira, Inês Koury relatou sobre o surgimento da revista: “Era uma revista em preto e branco, pequenininha, mas que a gente queria dar voz à mata sul. A gente começou com essa revista e a gente que bancava. De repente, a gente viu que de alguma forma aquele movimento tinha que ter algum gás, alguma coisa. E a gente fez vamos montar uma editora, isso era uma conversa de mesa de bar” (Azoubel, 2011, p. 1).

causa disso, o livro de lançamento da editora foi *O valente galo Zé* (1984), de Elita Ferreira, escritora que é patrona da cadeira 14 da APLE, e da qual Jussara Kouryh é a acadêmica desde 2015. Já para a segunda publicação, os sócios queriam que fosse um livro de poesias de Kouryh: “aí eu digo: mas como assim? Eu escrevia poesia, mas escondia as poesias, porque eu achava que ninguém ia ler nunca na vida. E aí, lá vai eu juntar as poesias para fazer o livro, que nasceu o primeiro livro *Pingos de vida*. [...] No dia 7 de dezembro de 84” (Kouryh, 2023, informação verbal).

Como ressalta a autora, a Bagaço, anos depois, foi transferida para Recife e se tornou uma referência em literatura no Nordeste, sendo o seu *slogan* “A cultura da terra é o nosso papel”. Ela então afirma: “virou a minha cachaça” (Kouryh, 2023, informação verbal). Após a publicação inicial, a autora não parou mais e enveredou por diversos caminhos, da literatura infantil ao romance, enveredando também por livros de formação, pois o universo da própria editora também é diretamente relacionado ao espaço escolar, esclarece Kouryh. Segundo a escritora, já são mais de trinta títulos publicados. Abaixo organizamos cronologicamente os títulos publicados por ela, dando ênfase às obras literárias.

Quadro 3 – Obras literárias de Jussara Rocha Kouryh

Título	Ano (1ª edição)	Gênero	Editora
Pingos de vida	1984	Poesia	Bagaço
Flor de cactus	1990	Poesia	Bagaço
O circo	1991	Conto (literatura infantil)	Bagaço
Biu, o passarinho maluco	1993	Conto (literatura infantil)	Bagaço
O grande festival das cigarras	1993	Conto (literatura infantil)	Bagaço
Cantoria de Natal	1994	Poesia	Bagaço
Liberdade, o sonho dos Palmares	1995	Conto (literatura infantil)	Bagaço
Um voo diferente	1995	Romance (literatura juvenil)	Bagaço
O dono dos pés	1996	Romance (literatura juvenil)	Bagaço
O desafio no asfalto	1996	Romance (literatura juvenil)	Bagaço
Sophia	1997	Romance	Bagaço
Testamento	1999	Romance	Bagaço

O jogo de máscaras	2000	Romance (literatura juvenil)	Bagaço
A gruta do penhasco	2001	Romance (literatura juvenil)	Bagaço
O pote de ouro	2005	Romance (literatura juvenil)	Bagaço
Os quatro reis	2005	Romance (literatura juvenil)	Bagaço
No baque virado de um maracatu	2007	Romance (literatura juvenil)	Bagaço
Na palma da mão	2009	Romance	Bagaço
Fábula	2009	Romance (literatura juvenil)	
Acácias	2014	Poesia	Bagaço

Fonte: Biografia da Arquidiocese de São Salvador da Bahia; *site* oficial da escritora; e *site* da Editora Bagaço.

A produção escrita de Jussara Kouryh ultrapassa o âmbito literário, visto que a escritora também é reconhecida pela escrita de textos biográficos, historicistas, informativos e acadêmicos. A exemplo disso, é possível apontar títulos biográficos como: *Luís Portela: a construção de um mito* (1990), em parceria com Maurício Melo Júnior; e *Da aridez da terra ao ventre da cidade: Josenildo Sinesio* (2009). Livros sobre história, como a coleção *Histórias do Brasil afro-indígena*, que contém quatro volumes; e a coleção *Histórias de...*, com volumes sobre várias cidades pernambucanas, como Caruaru, Recife, Jaboatão dos Guararapes, Palmares, Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho. Acerca dos informativos, é importante destacar a coleção *Conceitos sem preconceitos*, com títulos sobre tráfico de pessoas, internet/redes sociais, HIV/aids³⁷, IST, drogas e bullying. Já no âmbito acadêmico, o livro *Em nome do pai: a negação de crenças* (2018), resultado da dissertação de mestrado da autora em Ciências da religião pela UNICAP. Todos os títulos mencionados foram publicados pela Editora Bagaço. Por último, em 2022, defendeu a tese de doutorado intitulada *Fidelidade incontestada à igreja católica e abertura aos mundos religioso e secular: a mística cristã de Chiara Lubich*, também na UNICAP.

A partir desse breve panorama sobre a produção de Jussara Rocha Kouryh, percebe-se o quão diferentes são os universos sobre os quais se debruça, bem como, quão extensa é a sua produção e o quão consolidada na literatura pernambucana a escritora se encontra. Como

³⁷ Nas guardas do livro informativo da coleção sobre HIV/aids, a escritora agradece a todas as escolas que a permitiram discutir sobre esse assunto com os alunos.

destacado, ela envereda pelo campo da escrita na década de 1980 e não parou desde então, sendo ativa nas publicações com a Editora Bagaço.

A escritora também é ativa em seu canal³⁸ na plataforma *Youtube* – que recebe seu nome – desde 2012. Nele, há vídeos em que ela expõe reflexões sobre variados temas, realiza leitura de textos literários³⁹, publica suas composições musicais e as interpreta. Merece destaque, contudo, o quadro intitulado “Sextou poético”, com vídeos publicados entre 2023 e 2024, no qual Kouryh procede a leitura de poemas com convidados.

3.1.1 A atuação social de Jussara Kouryh frente à aids

Na entrevista episódica, Kouryh destaca, referente àquele período, o fato de vivenciar as tensões do final da Ditadura Militar, como explica: “foi sempre um processo muito doloroso, a reconquista” (Kouryh, 2023, informação verbal). Paralelamente, enfatiza ter sido um período também muito rico, principalmente de grande ebulição cultural, desde a década de 1960. Apesar disso, a autora afirma que apenas em 2002 é que se pode pensar em um processo democrático efetivo, pois é quando iniciam políticas públicas voltadas para o Norte e Nordeste do Brasil. É também naquele período de redemocratização que a aids surge e a escritora também exerceu uma atuação social frente à doença.

A escritora **relata** que, no final da década de 1990, trabalhou em uma ONG, o Centro de Estudos e Ação Social do Recife (CEAS), onde havia auxílio a outras instituições que forneciam apoio às pessoas que viviam com HIV naquela época. Ela destaca, referente ao vírus e à doença, que “era um segredo, era um silêncio, era uma coisa tão sigilosa” (Kouryh, 2023, informação verbal), tanto para homens quanto para mulheres, e de diferentes orientações sexuais, classes sociais, etnias e raças, entre outras questões. Esse fato a encantou, justamente por serem seres humanos e, por isso, estarem suscetíveis a qualquer coisa. Então relata: “naquele tempo, não se podia apertar a mão de uma pessoa que era soropositiva. Não se podia abraçar. Não se podia, não se podia nada. No primeiro contato que eu tive com esse grupo, eu fui lá conversar” (Kouryh, 2023, informação verbal).

A autora narra que, após esse primeiro contato, foi ao Morro da Conceição, em Recife, para conversar com Nossa Senhora da Conceição, como parte de sua crença. Naquele momento,

³⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/@jussarakouryh4879/featured>. Acesso em: 20 abr. 2024.

³⁹ Como exemplo, em um dos vídeos publicados, a escritora empreende a leitura do conto “Restos do carnaval”, de Clarice Lispector. Disponível em: <https://youtu.be/E9xDUvjrXTY?si=yRDqPKpvFmuRGpbt>. Aceso em: 20 abr. 2024.

ela pediu à santa: “me ajude a amar esses seus filhos” (Kouryh, 2023, informação verbal). Na reunião seguinte, já no CEAS, a escritora conta que cumprimentou as pessoas lá presentes com um abraço, o que gerou certo espanto por parte dos sujeitos. Esse relato revela muito do clima de exclusão social ao qual as pessoas que eram infectadas pelo vírus na década de 1990 ainda eram submetidas, uma vez que o contato social, desde o surgimento do vírus, foi uma das premissas para o estigma quando a ideia de que o HIV seria transmitido pelo contato continuava sendo rumorada, mesmo diante de comprovações médicas de que isso era uma inverdade já naquela década.

Kouryh descreve que uma das ações da ONG foi a promoção de máscaras carnavalescas por parte dos voluntários e das pessoas que viviam com HIV. Ao mesmo tempo, ela relata que demonstrava preocupação com aqueles indivíduos, sempre indagando-os se estavam realizando as consultas e tomando os medicamentos. “Eu me lembro que teve uma das pessoas que disse a mim que começou a se sentir viva de novo, porque estava produzindo. E foi um período assim muito bonito, muito bonito esse. Muito doloroso também, porque perdemos algumas pessoas” (Kouryh, 2023, informação verbal). É pertinente enfatizar que, na narração da escritora, ela salienta o fato de que o tratamento naquele período ainda era muito experimental, diferente do que há atualmente disponível no SUS, principalmente no que diz respeito à qualidade de vida das pessoas. Contudo, a jornalista também enfatiza como muitos daqueles sujeitos realizaram descobertas sobre eles mesmos nesse período. Por exemplo:

Tem um rapaz que era da época, que estava lá, e se chama Jair Brandão⁴⁰, e hoje ele faz parte do coletivo, um desses coletivos de luta e já foi para a ONU representando o Brasil nesses coletivos. E hoje faz parte da comissão dentro do Ministério da Saúde e da comissão que cuida do programa de combate ao HIV/aids. Um tempo desses eu conversei com ele, ele estava todo feliz da vida. Quer dizer, foi nesse processo que ele se descobriu ativista, que ele se engajou. Entende? Então qual foi o segredo? Eu acho que aquele pedido que eu fiz lá, à Nossa Senhora da Conceição, é compreender que não eram um vírus ambulante, eram pessoas. Apenas isso. Então foi assim de uma riqueza extraordinária. É de uma riqueza extraordinária. (Kouryh, 2023, informação verbal)

O trecho que enfatiza a descoberta de Jair Brandão aponta como a experiência na ONG foi significativa para Jussara Kouryh. Ademais, evidencia a importância do olhar humanizador

⁴⁰ Jair Brandão fez parte de reuniões de alto nível das Nações Unidas sobre a aids em 2018. Em 2019, foi delegado para representar as ONGs no Fórum Político de Alto Nível sobre Desenvolvimento Sustentável, representando a Rede de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS (RNP+). Em entrevista ao UNAIDS, revelou que se tornou ativista após aconselhamentos e apoio psicossocial que recebeu em uma ONG de Recife, onde percebeu que até aquele momento não compreendia muito sobre espaços políticos e nem mesmo sobre a aids. Ele expressou também que só se engajou politicamente e socialmente após aceitar o diagnóstico, cerca de sete anos depois da descoberta, e se compreender como uma pessoa vivendo com HIV.

sobre as pessoas, distanciando-as de uma visão que sobrepunha, muitas vezes, o vírus sobre os sujeitos, como destaca: “não eram um vírus ambulante”. Quando solicitada a relatar uma experiência singular que representasse a relação entre o HIV/aids e a sociedade, a autora narra sobre uma ação social realizada pela ONG em que atuava, na qual foram produzidos broches com formato de caranguejo (símbolo de Pernambuco) segurando o símbolo da luta contra a aids, um laço vermelho. Com o grupo, houve um incentivo para que as escolas do estado adquirissem o produto. À época, foram ao Colégio Atual, que não está mais ativo, e Jair Brandão contava a sua experiência nas salas de aula. A escritora então relata o seguinte episódio:

Então, numa dessas escolas, quando nós terminamos tudo, um rapaz que estava, um rapaz, um adolescente que estava no fim da sala levantou e veio. E ficou eu e o Jair, nós dois, assim, olhando, esperando o que ia acontecer, porque a gente não tinha noção. E aí, ele olhou para Jair e disse: eu posso lhe dar um abraço? aí Jair disse: pode, claro que sim. Aí ele disse que tinha um primo e começou a chorar, chorou, chorou, chorou, e a gente esperou que ele terminasse. Aí ele disse que tinha um primo que estava, tinha testado positivo, e que ele tinha se afastado dele, e que tinha compreendido, ali, que não podia fazer isso. E que o primo dele continuava sendo o primo, continuava sendo amigo e continuava sendo... Isso para dizer uma coisa que aconteceu, uma das tantas coisas que aconteceram. Então, para mim, quando eu vi aquela cena, eu disse “valeu todo o esforço”. (Kouryh, 2023, informação verbal).

O episódio destacado por Kouryh apresenta a importância da conscientização e da narração da experiência de viver com HIV para o combate ao estigma e preconceito. Pelo trecho, é possível perceber como o diagnóstico do vírus era um determinante para o afastamento até mesmo do ciclo familiar. Situações como essa traduzem também o imaginário social construído acerca do “perigo” que os sujeitos acometidos pelo vírus representavam ainda naquele contexto. Paralelamente, tal situação simboliza ainda a notória ação social que as ONGs sempre tiveram frente à doença, assim como, especificamente, a da escritora no cenário do final do século XX. Posto isso, no tópico seguinte adentraremos no universo do livro literário juvenil da escritora que tematiza o HIV/aids, a saber *O dono dos pés* (1996; 2013), *corpus* desta pesquisa.

3.2 *O dono dos pés* (1996) e suas edições: paratextos e os efeitos de sentido

As asserções a seguir consideram o último bloco de perguntas da entrevista episódica, direcionado especificamente ao livro *O dono dos pés* e composto por um conjunto de seis questionamentos (cf. apêndice I): *Relate, por favor, quais foram as motivações para a criação*

do romance O dono dos pés e o seu processo de elaboração; Você sente que teve dificuldades durante o percurso da escrita? Fale, por favor, sobre uma situação que simbolize isso e que possa ser esclarecedora; De que forma falar sobre HIV/aids no romance é relevante? Você poderia compartilhar suas impressões sobre essa relação?; Conte um pouco sobre o alcance dessa obra e o público a que ela é destinada; Você poderia contar um pouco sobre o fato do livro ter sido reeditado? Qual(is) acontecimentos motivaram essa nova edição?; e Após alguns anos, alguns escritores sentem vontade de reescrever ou modificar trechos de uma obra já publicada, você sente necessidade de reescrever o livro?. Além disso, enveredaremos pela análise das capas, contracapas e paratextos das edições do livro, a fim de estabelecer relações com a *teen sick-lit* e o contexto de produção de cada uma delas.

Lançada a primeira edição em 1996, o romance *O dono dos pés*, de Jussara Rocha Koury, é o segundo título destinado ao público juvenil escrito pela autora. A obra é demarcada por um viés ético, além do estético, reflexo do seu compromisso com questões sociais. A autora aponta duas motivações principais para a escrita do romance, sendo elas: a luta pela quebra de preconceitos e a responsabilidade social que a figura do escritor possui. “Eu compreendo que a minha escrita não é para mim, é para quem ler. Eu não escrevo para mim, eu escrevo para quem lê” (Kouryh, 2023, informação verbal). Em continuidade, a escritora comenta que um dos objetivos da sua escrita é instigar o pensamento crítico sobre diferentes temas. Não obstante, quando escreve para jovens, por exemplo, considera quais são os questionamentos desse público para compor as suas narrativas.

A escritora destaca que a questão do HIV, no período de produção do livro, era um assunto vigoroso. Para ela, isso ocorria por diferentes fatores, como o fato de estar relacionado à sexualidade, a ideia de promiscuidade associada aos sujeitos que eram acometidos pelo vírus e ainda a questão das drogas injetáveis. “A sociedade moralista pensava como um pecado mortal, estava em cima das pessoas que tinham HIV” (Kouryh, 2023, informação verbal). Os apontamentos da autora sobre a questão do HIV/aids na década de 1990 revelam como o imaginário social sobre o vírus e a doença estava infectado pelas diversas inverdades oriundas de um cenário social que ainda procurava compreender o que era o HIV e seus efeitos. Nesse sentido, para a escritora, o que se fazia com os indivíduos que viviam com o vírus naquele contexto era “estraçalhar a sua individualidade” (Kouryh, 2023, informação verbal), o que revela uma consciência acerca dos efeitos para além do processo de adoecimento, ou seja, que afetava também a subjetividade.

Levando em conta esse panorama, Jussara Kouryh sentiu a necessidade de escrever e comunicar sobre o tema para os jovens como uma questão social. O processo de elaboração de um livro para a escritora é comum a todos os seus títulos, que ela considera como algo natural

de sua escrita, divididos em momentos: o primeiro é o de definição, ou seja, a escolha do tema do que será escrito e do público para quem o texto será direcionado; o segundo é o de estudo e pesquisa, o que significa dizer que empreende-se um levantamento de dados a partir de diferentes fontes, entre outras, as conversas entre pares e outros sujeitos; por último, o terceiro momento é o da própria escrita ou da feitura do livro propriamente dito. Por ser um percurso de construção já orgânico da escritora, ela considera que não houve nenhuma dificuldade na construção de *O dono dos pés*. Na entrevista, Kouryh destaca que a questão do HIV/aids começou a inquietá-la de maneira considerável, e esse quase frenesi desencadeou a escolha do tema. Como público, ela considerou os adolescentes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, e “comecei a partir daí a construção dessa pequena novela⁴¹” (Kouryh, 2023, informação verbal).

A escritora afirma que, no final da década de 1990, a Editora Bagaço consultava diferentes autores sobre a disponibilidade de irem às escolas para discutir sobre as obras com os estudantes da Educação Básica, como parte do processo de comercialização de uma obra. Kouryh, que sempre se apresentou disposta a realizar esse trabalho, relata que foi um período muito rico de debate, pois gostava de ir de sala em sala falar com os jovens sobre o livro. Nessas discussões, ela enveredava por questões como o preconceito e as bases familiares das personagens do romance, a fim de ampliar as visões de mundo dos ouvintes/leitores. É nesse sentido também que a autora considera relevante a abordagem do tema, como uma espécie de quebra de paradigmas, o que ocorreu, inclusive, com professores. Em seu relato, Kouryh exemplifica:

Eu me lembro que tem uma professora, que é daqui do Recife, a Rita Rafael, que ela já fez várias quartas capas dos meus livros, eu digo a ela que ela é a dona das quartas capas dos meus livros. Eu gosto muito da forma como ela apresenta o livro na quarta capa, ela consegue fazer uma síntese muito interessante. Então quando ela leu, ela ligou para mim profundamente emocionada e disse “eu preciso trabalhar isso com os meus alunos”. Ela levou para todas as escolas dela. E um outro professor, que também eu encontrei num desses colégios, disse: “Não digo que você conseguiu tirar o

⁴¹ Quando classifica a narrativa como novela, a autora considera as categorizações clássicas dos gêneros literários, a exemplo da definição de Soares (2007), que aponta como características desse gênero a economia do enredo, a extensão intermediária entre o conto e o romance, o corte em determinado momento da vida dos personagens, entre outras. Já na ficha catalográfica da obra, ela é classificada apenas como “Literatura infanto-juvenil”, na edição de 1996, e como “Literatura infantojuvenil” na edição mais recente de 2013. No entanto, nesta pesquisa, consideramos a narrativa dentro do escopo da literatura juvenil, compreendendo-a como independente à infantil e que possui em seu arranjo gêneros próprios, e, por isso, categorizamos o livro como romance juvenil. Em um estudo sobre a formação do leitor literário, Teresa Colomer (2003), a partir de um *corpus* de títulos publicados na Espanha, no intento de caracterizar as narrativas infantis e juvenis contemporâneas, propõe que os romances juvenis são as narrativas destinadas aos jovens entre 12 e 15 anos. Ao considerarmos o fato de que Jussara Koury, quando escreveu a narrativa, tinha como leitor destinatário os sujeitos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, o que compreende a idade escolar entre 11 e 15 anos, depreende-se que, de fato, *O dono dos pés* é um romance juvenil.

preconceito, mas você conseguiu tirar o ranço, no sentido de que me fez compreender que eu preciso estudar sobre”. Essas coisas assim que você vai dizendo assim “valeu a pena” (Kouryh, 2023, informação verbal).

O relato acima aponta como o livro também chega ao público destinatário a partir da mediação de professores. Nesse processo, o que estava cristalizado em muitos desses sujeitos foi também questionado, uma vez que levou à reflexão sobre o tema. Esse exemplo descreve também os efeitos que o texto literário provoca no contato com o leitor, de maneira que despertou tanto a necessidade de compartilhamento dessa leitura quanto a compreensão de que é preciso entender a questão do HIV/aids em suas especificidades. De certo modo, essa resposta à obra, por parte de dois leitores ilustrados no relato de Jussara Kouryh, é ainda uma confirmação para a escritora de que os objetivos pretendidos por ela durante a escrita, como gerar reflexão sobre o assunto, resultaram positivamente, na medida em que afetaram esses professores, isto é, para além dos destinatários principais do livro, o que exprime as potencialidades da narrativa.

Acerca do fato de o livro ter sido reeditado, Kouryh esclarece que, desde a primeira edição, a obra obteve muitas tiragens⁴². À vista disso, a autora considera que a circulação do livro foi expressiva e positiva. Na edição lançada em 2013, ela destaca o fato de o livro ter recebido uma capa mais atualizada: “é porque a editora, vez por outra, faz isso para dar uma repaginada nos livros” (Kouryh, 2023, informação verbal). Por último, quando indagada sobre a vontade ou não de reescrever a obra, Jussara Kouryh pontua que não tem esse desejo, pois considera o livro como o retrato de uma época na forma escrita, mas, apesar disso, ela situa que, se sentisse tal necessidade, o que seria produzido seria uma espécie de complementariedade à obra. Sendo assim, depreende-se que, quando a escritora faz referência ao “retrato de uma época”, ela está considerando diretamente os anos críticos da epidemia de HIV/aids, até mesmo porque não se pode esquecer que a questão ainda é extremamente atual.

Os elementos situados na entrevista episódica pela autora apontam para outros aspectos relevantes sobre livros, literatura e cultura. Quando a escritora considera o livro como o “retrato de uma época”, ela evidencia também um dos núcleos temáticos, dentro da sistematização empreendida por Ceccantini (2021), dos quais as produções juvenis no Brasil têm seguido, a saber, a vertente histórica, cujo peso do contexto histórico que a narrativa retrata é proeminente. É preciso ressaltar, contudo, que o livro adquire o caráter da vertente histórica a partir de um

⁴² Por “tiragens” pode-se correlacionar às reimpressões da edição. Para ter um número mais exato da quantidade, durante o percurso desta pesquisa, entramos em contato com a Editora Bagaço e solicitamos os números, mas não obtivemos retorno da empresa.

olhar contemporâneo, uma vez que sua publicação ocorreu em um período emergencial, como destacado no panorama das obras no primeiro capítulo da pesquisa.

Nesse sentido, à época, o livro não se constituía enquanto uma ficção histórica, mas sim como uma narrativa de viés realista daquele contexto. Apesar disso, outra questão é pertinente: a temática do HIV/aids ainda é atual, seja no que diz respeito ao avanço do tratamento e ao processo de cronificação da vivência com o vírus, seja em decorrência das muitas mortes que ainda ocorrem por falta de acesso ao tratamento de maneira adequada. Por conseguinte, apesar de fazer referência a um período crítico da história, o romance juvenil pode ser lido também como pertencente a outros núcleos.

Como exemplo, a seguir são apontados outros núcleos e suas respectivas características: **narrativas de formação** (*bildungsroman*), ou seja, que “se ocupam centralmente das primeiras experiências dos jovens inseridos na sociedade, em busca de sua plena identidade [...]” (Ceccantini, 2021, p. 19); **desigualdade social/violência**, isto é, obras de “registro verista e crítico, que, tal como vertentes do Realismo brasileiro, se empenham em representar a sociedade brasileira a partir de suas graves contradições [...]” (Ceccantini, 2021, p. 20); **família/amor/amizade**, pois evidenciam “a representação dos relacionamentos humanos, em toda sua complexidade” (Ceccantini, 2021, p. 20); e ainda **bullying/assédio/discriminação**, haja vista que “costuma ser explorado o desastre emocional causado às personagens (geralmente protagonistas) pela ação preconceituosa de determinados sujeitos, que reproduzem à exaustão preconceitos e agressões de variada ordem” (Ceccantini, 2021, p. 21). Isso ocorre porque o HIV/aids, como uma questão social, atravessa todas as vertentes apontadas.

Apesar do recorte temporal de Ceccantini (2021) ser entre 2008 e 2019, o romance juvenil *O dono dos pés*, por exemplo, demonstra que os núcleos podem ser atestados desde o final do século XX. Essa possibilidade de correlação confirma como as temáticas fraturantes são uma tendência da literatura juvenil, que está posta como representações da pluralidade sociocultural com a qual os jovens têm contato.

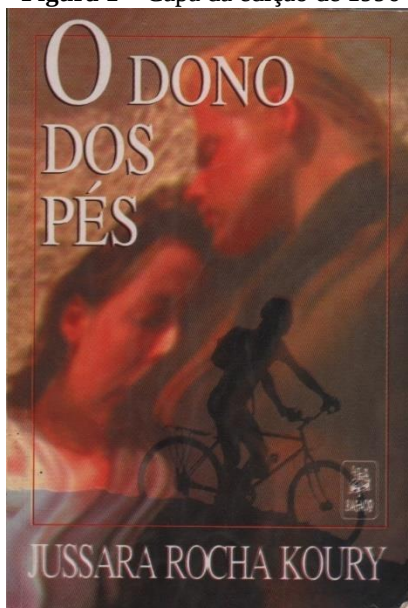
Por fim, outra questão é o fato de o livro receber uma “repaginada”, pois isso diz respeito ao processo de circulação dos textos. Na contemporaneidade, cada vez mais, os livros são consumidos primeiramente pela capa, pois ela é o convite ao texto. Logo, ao receber a atualização gráfica, o livro passa a atrair novamente os leitores e, consequentemente, a circular. Considerando tais fatores, a seguir serão exploradas as capas e contracapas das edições do romance.

3.2.1 O projeto gráfico de *O dono dos pés* (1996; 2013) e suas mudanças

O projeto gráfico de um livro diz respeito à composição de seu suporte, o que leva em conta elementos como capa, ilustrações, título, folha, identidade visual, tamanho das letras, a distribuição das informações nas páginas, entre outros elementos. Nas últimas décadas, encontram-se planejamentos de impressos e digitais cada vez mais inovadores, com uma gama variada de recursos. Muitas editoras utilizam justamente esse conjunto de elementos como estratégia para o consumo da obra, uma vez que, por meio deles, é possível atrair os mais diferentes leitores. Esses elementos são importantes também porque são “[...] designação e classificação dos discursos próprios de um tempo e de um lugar” (Chartier, 2017, p. 37).

No caso específico do romance juvenil *O dono dos pés* (1996; 2013), deparamo-nos, no decurso desta pesquisa, com dois projetos gráficos diferentes que, à sua época, dialogam não somente com o enredo da narrativa, mas também com o público ao qual é destinado, e não somente a ele, visto que o alcance de um livro é variado a partir das estratégias empreendidas em sua publicação e que suplantam as questões gráficas. Esses aspectos dizem respeito também à forma como a obra se constrói em diferentes momentos da história, quando efetuamos uma leitura cultural (Chartier, 2017).

Figura 1 – Capa da edição de 1996



Fonte: acervo pessoal

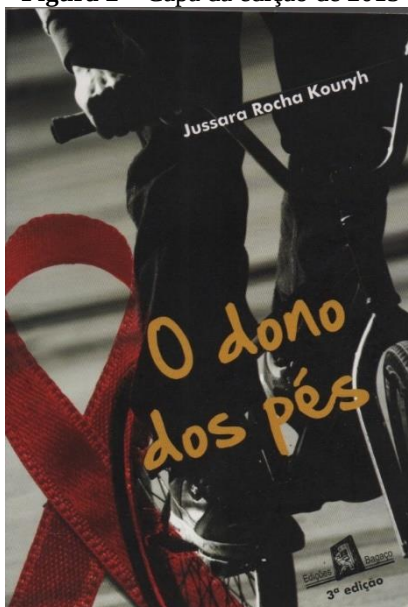
Na capa da 1ª edição do livro, elaborada pelo ilustrador Paulo Rocha, também responsável por ilustrações da mais recente edição do livro infantil *Um voo diferente*, de Jussara

Kouryh, é possível perceber alguns elementos que estão de acordo com os projetos gráficos de muitos livros publicados no final do século XX. A exemplo disso, destaca-se o efeito sépia sobre a fotografia da capa, ou seja, os tons avermelhados e marrom. Na capa também é evidente um enquadramento por meio de um retângulo vermelho, que engloba aspectos essenciais como as duas imagens e o título da narrativa.

Dentro da demarcação, mas não se limitando a ela, encontra-se uma fotografia de fundo, na qual uma jovem apoia o rosto em um rapaz, com uma espécie de ondulação na imagem, o que remete a uma lembrança ou sonho. É presumível, uma vez que não há outras ilustrações no livro, que ambos representem os protagonistas do enredo, a saber, Viviane e Nado. Também há a figura de um rapaz em uma bicicleta, sobrepondo-se à foto de fundo e em sentido oposto aos rostos da outra imagem, fazendo referência ao evento principal da narrativa, chamado de *Pedalandando pela Paz*. Essa imagem possui um grau de transparência e não é possível identificar traços específicos da figura, apenas o contorno, delimitado em vermelho. Por último, na parte inferior do enquadramento, mais especificamente no canto direito, está a logo da Editora Bagaço, na cor branca, em contraste com as cores predominantes da capa, composta pela figura de uma prensa e o nome da editora.

Todas as informações verbais da capa são dispostas em caixa alta, possuem serifas e são sombreadas – com exceção da logo da Bagaço –, em cor branca, sendo o nome da autora posicionado fora do enquadramento, na margem inferior da capa, ainda com a grafia original de seu sobrenome “Koury”. Um fator interessante é o sangramento do “O” para além do enquadramento, como uma espécie de capitular. Por não haver outras informações sobre o projeto gráfico da obra no suporte, além do nome do ilustrador da capa, apenas inferimos que a técnica utilizada para a reprodução da capa seja justamente a da prensa. Observa-se, então, que todas as referências contidas se referem aos protagonistas, mas não evidenciam nada relativo à questão do HIV/aids.

As características da capa são similares a outras daquele período que abordam a questão da doença para os jovens, como os livros de Lurlene McDaniel, cujas capas possuíam também o tom sépia. O mesmo estilo é encontrado ainda em outros livros de Jussara Kouryh, como o romance *Sophia* (1997). Ainda sobre o projeto gráfico dessa edição, destaca-se a figura de uma bicicleta ao final de alguns capítulos da narrativa, como uma vinheta, que, com o avançar do texto, muda de posição, exemplificando o percurso do leitor durante a leitura até a conclusão do enredo. Na lombada encontram-se mais uma vez o título do romance e o nome da autora, seguindo as mesmas características tipográficas apontadas na capa.

Figura 2 – Capa da edição de 2013

Fonte: acervo pessoal

Diferentemente da edição anterior, mas mantendo o mesmo formato, a nova publicação lançada em 2013 propõe um projeto gráfico mais moderno e explícito acerca do HIV/aids. Segundo Genette (2009), uma edição diz respeito à forma como um livro é proposto ao público, e as formas de apresentação, a partir de diferenças em maior ou menor grau, podem gerar outras edições. Por isso, é preciso esclarecer que, apesar de na capa estar descrito “3ª edição”, o suporte apresentado ao público em 2013 diferencia-se consideravelmente daquele considerado como a segunda edição pela ficha catalográfica. Na ficha, a segunda edição é apontada como publicada em 2006; no entanto, o que ocorreu naquele ano foi uma reimpressão da edição original da obra, uma nova tiragem. Não obstante, na mais recente reimpressão do livro, realizada em 2019, a capa indica “2ª edição atualizada”. Ou seja, o exemplo de *O dono dos pés* revela como questões relativas ao processo editorial ainda são complexas.

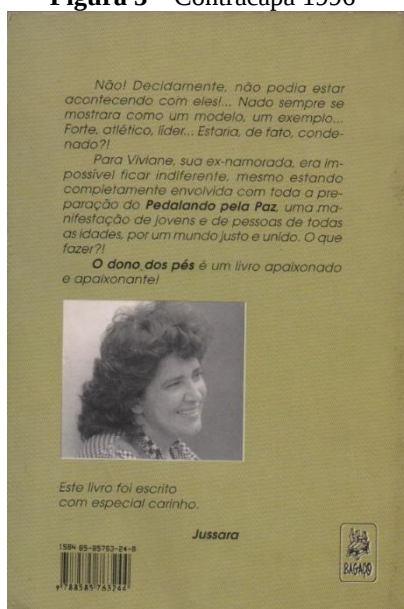
Posto isso, verifica-se ainda que no suporte não há informações sobre a elaboração do novo projeto gráfico do livro. Por isso, acreditamos que a figura de fundo da capa é, provavelmente, oriunda de um banco de imagens. Nela, é possível notar um jovem em uma bicicleta, em tons de preto e branco, com foco nos membros inferiores do rapaz. Como o veículo não aparece completo, dá-se a sensação de movimento para o observador. Outra questão que se destaca são as vestimentas do jovem: calça, casaco e tênis, comuns aos jovens urbanos. No quadro da bicicleta está posicionado o nome da autora, já com a grafia que adotou e assina seus textos atualmente, “Kouryh”, com letras não serifadas e na cor branca, em contraste com o veículo. O fundo da capa é desfocado, dando ênfase à imagem, mas é possível inferir que a cena ocorre em um cenário citadino.

Apesar das novas características já apontadas, as diferenças mais marcantes da edição anterior estão justamente no título e no laço vermelho, esse último que representa solidariedade e comprometimento no combate à aids. Quanto ao título, constata-se uma tipografia mais dinâmica, em tom amarelo, contrastando com a paleta de cores que compõe a imagem, e sem serifa. Já o laço destaca-se por compor grande parte do lado esquerdo da capa, sangrando, inclusive, para a lombada. Nela, por sua vez, não há indicações de título e autoria, como havia na primeira edição. A escolha pela posição e o tamanho ao qual o símbolo foi organizado na capa evidenciam a temática do HIV/aids de maneira explícita na obra. No tocante à logo da editora, nota-se que ela está posicionada assim como na primeira edição; contudo, distingue-se pela nova roupagem que apresenta, uma vez que a figura representada é a de uma capa de livro, na qual um jovem realiza uma leitura, um exemplo metalinguístico da própria cadeia editorial, composta por autores, leitores, livros e mercado editorial. Por último, nesta edição não há o recurso da vinheta representada pela bicicleta ao final dos capítulos.

Diante disso, é importante retomar os apontamentos de Novaes (2021) sobre o mercado editorial e a *teen sick-lit*. Conforme orienta a autora, no contexto do século XXI são utilizadas diferentes estratégias comunicacionais por esse mercado. Nesse sentido, é importante compreender o que comunica o símbolo do laço em uma capa de livro. Em primeiro plano, dois aspectos sobressaltam: a *explicitude temática*, o que pode ser um indicador para o consumidor e facilitador de vendas, não se pode esquecer que de acordo com a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (Failla, 2012; 2016; 2021), em suas últimas três edições, realizadas, respectivamente, em 2011, 2015 e 2019, o tema/assunto é o principal fator de influência na escolha de um livro; e o *reduccionismo temático*, ou seja, a limitação que o símbolo pode impor ao livro caso ele seja percebido apenas pela tematização que desencadeia no enredo.

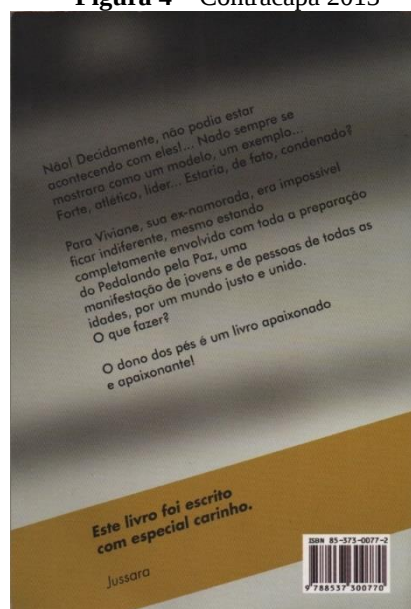
Além disso, as possibilidades de comunicação simbólica a partir do laço são diversas. Ao propor o destaque da figura podem ser ativados também os conhecimentos prévios do leitor acerca do assunto, isso pode ser encarado, inclusive, pelos próprios imaginários que os diferentes discursos sobre a aids produzem, isto é, desde a discriminação/estigma às diferentes vivências da pluralidade de sujeitos afetados pelo vírus e a doença. De todo modo, o que não deixa de ser é uma estratégia de comunicação editorial, reforçada ainda pela atualização dos outros aspectos gráficos da capa, que empregam certa modernização/atualidade ao suporte da narrativa.

Figura 3 – Contracapa 1996



Fonte: acervo pessoal

Figura 4 – Contracapa 2013



Fonte: acervo pessoal

No que concerne às contracapas das edições, constata-se mais semelhanças do que diferenças. Em ambas, são apresentadas massas verbais contendo um trecho do capítulo inicial do livro, uma síntese que provoca o leitor a conhecer a narrativa e uma ideia final da trama com o duplo sentido da paixão, tanto no que diz respeito ao HIV/aids quanto às relações amorosas da história. Diferenciam-se apenas pelo fato de que, na primeira edição, as massas textuais são blocadas, enquanto na edição seguinte, elas são alinhadas à esquerda e inclinadas. Outro elemento comum é o código de barras, que está disposto em lados opostos nas edições. Ambas também apresentam um recado da autora, estabelecendo uma afetividade na relação autor-livro-leitor, sendo disposto, na edição de 2013, em uma faixa inclinada de cor amarela. Contudo, na primeira edição, há destaques em negrito que não aparecem no projeto gráfico mais recente. Outra diferença é que apenas na primeira versão consta uma foto da autora, assim como a antiga versão da logo da editora. Nota-se, similarmente, que cada contracapa segue a identidade visual de cores de sua própria edição.

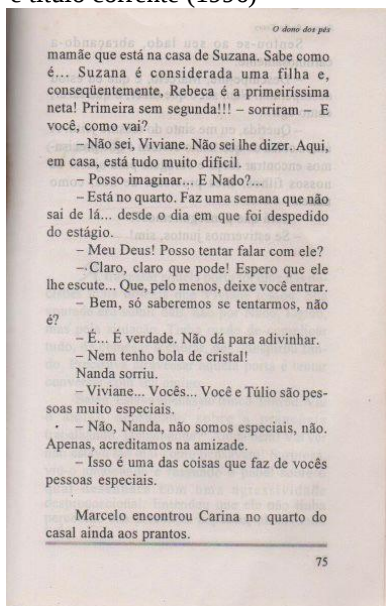
Nas duas contracapas, não há referência explícita ao HIV/aids. Em função disso, observa-se que apenas a capa da edição de 2013 torna manifesto a tematização do enredo, o que pode facilitar a relação do leitor com a *teen sick-lit* ao ver a indicação temática. No entanto, é preciso considerar que, no contexto de publicação da edição original, a questão do HIV/aids ainda enfrentava interdições no campo do discurso, ou seja, comunicar explicitamente sobre o assunto era uma barreira a ser transposta. Ao mesmo tempo, a não referência ao tema permite que múltiplas leituras sejam realizadas não somente do projeto gráfico, mas também da narrativa do livro, que não encara a disposição do tema já na apresentação do suporte, ou seja,

na capa. As edições apontam, então, para um processo de transformação que não compete somente ao mercado editorial e à *teen sick-lit*, mas também ao status que o discurso sobre HIV/aids auferiu com o passar dos anos.

De maneira semelhante, presencia-se a tentativa de apreensão nos projetos gráficos de representações próximas aos adolescentes/jovens. Encaramos como tentativa na medida em que a pluralidade desse grupo social é de utópica totalização. Nesse sentido, as identificações e estranhamentos com os projetos gráficos podem ser variados, independentemente da relação que se estabelece com o contexto editorial de cada época, até mesmo porque todo planejamento a nível de editoração passa por vereditos de uma equipe que julga, a partir de abstrações, qual seria o perfil do público ao qual o livro é direcionado.

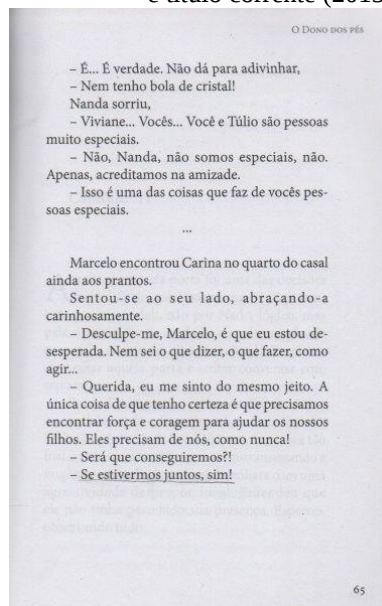
Outros aspectos editoriais também sofreram alterações em relação à primeira edição. Por exemplo, o título corrente nas páginas foi proposto apenas em itálico na edição de 1996; já na versão mais recente, ele é disposto apenas em caixa alta. Os capítulos, na 1ª edição, são indicados com o uso do itálico; já na edição de 2013, esse recurso não é empregado. Outra mudança é a das letras capitulares, pois, na edição de 1996, diferem da fonte mantida durante o texto e são demarcadas pelo recurso do negrito e do itálico; já em 2013, há apenas uma ampliação do tamanho, e o negrito é utilizado. As mudanças de perspectiva narrativa dentro dos capítulos são alteradas com o recurso das reticências na edição atual, o que não ocorria na de 1996, além de demarcar a passagem do tempo (passagens curtas) e trocas de cena. No entanto, o recurso de algumas dessas passagens de tempo/mudança de perspectiva/trocas de cena é suprimido na edição mais recente. Um aspecto comum às duas edições é que a fonte do texto verbal é grande, o que pode facilitar o processo de leitura do público juvenil em processo de consolidação das competências relacionadas à linguagem verbal.

Figura 5 – Mudança de cena e título corrente (1996)



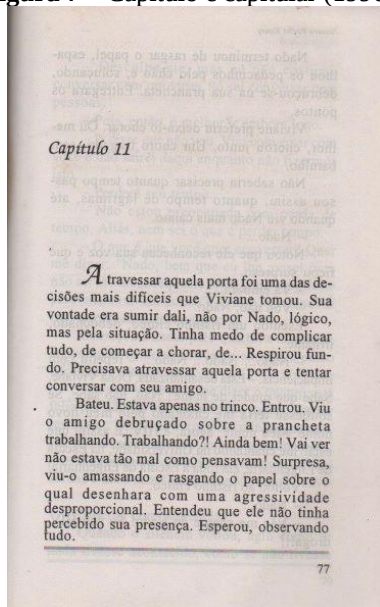
Fonte: acervo pessoal

Figura 6 – Mudança de perspectiva/cena e título corrente (2013)



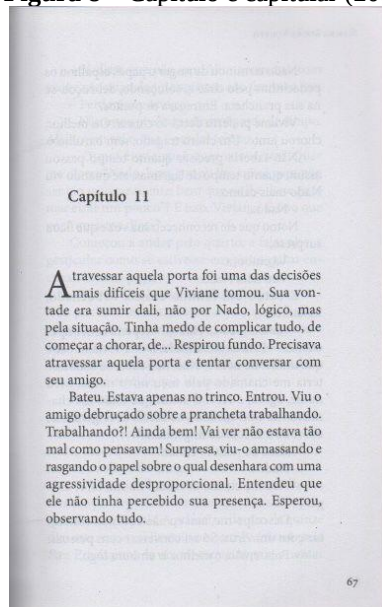
Fonte: acervo pessoal

Figura 7 – Capítulo e capitular (1996)



Fonte: acervo pessoal

Figura 8 – Capítulo e capitular (2013)



Fonte: acervo pessoal

A última versão também recebe atualizações no que diz respeito à ortografia de determinadas palavras, no tocante à retirada de acentos, sinais gráficos, como o trema, e a grafia de “história” no lugar de “estória”, por exemplo. Acerca do uso da pontuação, também se encontram alterações, como o uso da exclamação para indicar interjeições, que, na primeira edição, eram apenas isoladas com o uso da vírgula. Há ainda uma revisão gramatical na edição mais recente, como de regência nominal e verbal, e foram realizadas correções de erros de digitação. Ademais, alguns locais que eram indicados com letra maiúscula no início, em 1996,

não são mais assim grafados em 2013, como “pracinha”. No entanto, também há recursos que foram mantidos, a saber, o uso do maiúsculo para dar ênfase a certas expressões. Atualizam-se, ainda, etapas da Educação Básica e suas equivalências, a exemplo do 1º Grau Menor para 1º ano do Ensino Fundamental, e 8ª série para 9º ano. Na edição de 2013, encontramos as grafias “AIDS”, “Aids” e “aids”, enquanto na primeira edição, padronizava-se a utilização de “AIDS”.

Por último, antecede ao primeiro capítulo uma epígrafe. Esse elemento paratextual é definido por Genette (2009) como uma citação fora da obra, ou seja, que não é parte da composição do enredo propriamente dito. São propostos como epígrafe do romance alguns versos⁴³ (polêmicos) aos quais são atribuídos autoria à Henfil. Henrique de Sousa Filho (1944-1988), mais conhecido pelo pseudônimo Henfil, foi um jornalista, cartunista e escritor brasileiro que publicou muitos de seus textos em revistas e periódicos. Atuante socialmente e politicamente, muito da sua produção era demarcada por essas tônicas. Seus personagens mais famosos, os *Fradinhos*, resultaram em uma revista com o mesmo título, publicada na década de 1970. Ele foi um dos responsáveis por revolucionar as HQ's no Brasil, pois produziu personagens que se aproximavam com mais veemência ao povo brasileiro, haja vista que muito da produção que circulava na época era influenciada pelas HQ's norte-americanas.

Henfil era irmão do músico Francisco Mário de Sousa (1948-1988) e do sociólogo Herbet José de Sousa (1935-1997). Esse último, mais conhecido como Betinho, foi um dos principais ativistas sociais do Brasil a respeito da aids. É ele o responsável pela fundação da organização não-governamental Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), em 1987, e que continua em atividade. Todos os irmãos sofriam de um distúrbio genético que afeta a coagulação do sangue, denominado de hemofilia. Por causa das periódicas transfusões de sangue necessárias para o tratamento da doença, os irmãos foram infectados pelo vírus do HIV, no final da década de 1980, e morreram posteriormente em decorrência de complicações da aids. A escolha de Henfil para compor a epígrafe do livro é evidente no que tange à temática da narrativa e pelos versos⁴⁴ destacados abordarem justamente o fato de que, apesar de circunstâncias adversas, a vida vale a pena, metaforizado na “intenção” da semente.

⁴³ A seguir, os versos: “... Se não houver frutos,/ valeu a beleza das flores;/ se não houver flores,/ valeu a sombra das folhas;/ se não houver folhas,/ valeu a intenção da semente...”.

⁴⁴ No entanto, há uma polêmica que envolve esses versos, justamente a da autoria. No livro *Diretas Já!* (1984), cujo título é o *slogan* da campanha de redemocratização no Brasil, que compila diversos escritos do cartunista, principalmente algumas cartas da mãe (crônicas) – publicadas originalmente na revista *Isto é* – e algumas charges, Henfil, em uma seção sobre o mês de novembro de 1982, afirma: “Um dia, em Jundiaí, um puro, ao ouvir meu OPTEI pela organização do povo, me deu os seguintes versos, que passo adiante amanhã” (Henfil, 1984, p. 63). Na obra Henfil assume que, de fato, a autoria dos versos não é dele, mas sim de um autor desconhecido. Apesar de deixar isso claro em 1984, os versos se popularizam e a ele é atribuída a autoria. Este caso revela o prestígio do nome do autor evidenciado por Márcia Abreu (2006), uma vez que à época Henfil já era consolidado como um dos principais cartunistas e escritor brasileiro, logo, a atribuição de autoria dos versos a ele dá a validade aos

É por esses tantos motivos, leitor, que você encontrará pequenas diferenças no texto (não no conteúdo) se optar por ler a edição mais recente do livro. No entanto, nossa análise será com base na primeira publicação, a que ocorreu em 1996. A seguir, adentraremos na investigação do enredo da narrativa que é *corpus* desta pesquisa.

3.3 Representações do HIV/aids em *O dono dos pés* (1996)

As considerações que serão propostas sobre o romance carregam também as formas como damos sentido ao texto, uma vez que toda análise é, antes de tudo, uma leitura. Segundo Chartier (2017, p. 36), “[...] uma leitura cultural das obras lembra que as formas como são lidas, ouvidas ou vistas também participam da construção de seu significado”. Por isso, não há a intenção de esgotar as possibilidades de leitura do texto, mas sim apresentar uma perspectiva que destaca as representações posit(hiv)as a partir do livro *O dono dos pés* (1996), de Jussara Rocha Koury. Não se pode esquecer, contudo, que as representações do passado propostas pela literatura são incontestáveis (Chartier, 2017). Ou seja, as formas como a história da epidemia de HIV/aids são contadas por meio dos textos literários revelam aspectos cruciais do cenário das décadas finais do século XX.

A partir disso, definimos como categorias de análise os seguintes aspectos: a) relativos ao HIV/aids: os efeitos sociais e subjetivos do vírus e da doença, as relações interpessoais após a indexação diagnóstica, a veiculação e circulação dos discursos sobre a aids – como também a desconstrução e a manutenção desses discursos –, as imagens acerca do “doente de aids”, os imaginários sociais da aids, as oposições entre corpo saudável e o estado de adoecimento, as polarizações entre vida e morte, as mudanças do papel social do sujeito frente ao vírus e a doença, as respostas à aids, o processo de culpabilização e os binômios “vítima” e “vilão”; e b) referente à literatura juvenil: o viés pedagógico da narrativa, a modelagem cidadã, o realismo, as diversas temáticas fraturantes, os diferentes focos narrativos, a abordagem de questões que envolvem a etapa da vida do público destinatário, a linguagem que se aproxima a dos jovens, as características da *teen sick-lit* e suas ampliações, aspectos éticos e estéticos e a tendência das narrativas de formação.

escritos que não haveria se fossem veiculados sempre como de um “autor desconhecido”. Contudo, isso é uma outra história. Quem reivindicou a autoria dos versos foi Maurício Francisco Ceolin (-2015), como poeta: Chico Ceola; professor e escritor que publicou o livro *Saudades da Tribo* (2000), no qual denota os versos – partes de um poema maior – supracitados como componente de sua obra. Outros textos de Ceola podem ser encontrados na antologia *Mar de palavras: poesias reunidas*, organizado pelo Sindicato de Professores do ABC (Sinpro).

O enredo de *O dono dos pés* (1996) é estruturado em 15 capítulos e gira em torno do diagnóstico positivo para o HIV que o protagonista da trama, Nado, recebe, e como isso afeta toda a dinâmica social dos personagens do livro. Paralelo a isso, Viviane, ex-namorada de Nado, junto aos seus familiares e colegas, organiza o *Pedalandando pela Paz*, um evento pelo fim da violência e com o objetivo de promover uma cultura de paz. A história é ambientada em duas cidades de Pernambuco, Olinda e Recife, nas quais os personagens residem e promovem o evento. Contudo, no percurso da narrativa, o leitor tem contato com uma espécie de cartografia verbal e territorial do estado, uma vez que outras localidades são mencionadas durante a composição das cenas. São cenários principais da trama os espaços acadêmicos, como colégio e faculdade, as casas nas quais habitam os personagens e espaços públicos, como praças, ruas e avenidas, entre outros.

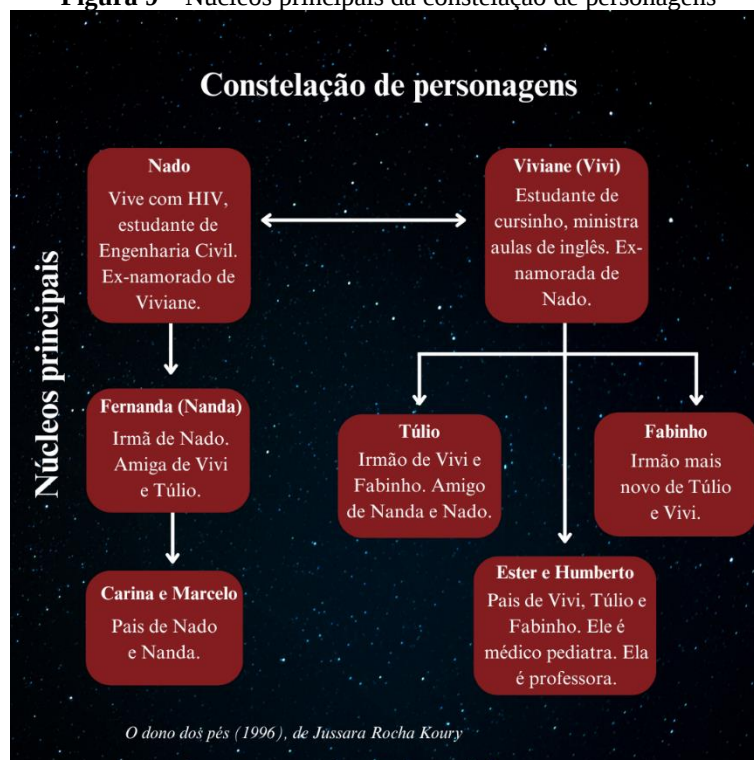
Todo o enredo se desenvolve, aproximadamente, no período de um mês, o tempo desde a preparação até a concretização do movimento contra a violência. A história possui um narrador onisciente, mas é contada majoritariamente a partir de diálogos entre personagens, num tom prosaico, compostos por expressões linguísticas próprias do contexto ao qual está inserida, e marcas de informalidades, referentes à oralidade, que garantem a verossimilhança do texto. A estrutura sintática é composta por períodos simples e curtos, o que facilita a leitura, semelhante à *Dias difíceis* (1999), de Fanny Abramovich. É um romance juvenil ficcional de cunho realista, no qual diversos fatores sociais e históricos do período em que foi lançado podem ser atestados. Na tessitura textual da obra, a amizade e a solidariedade são as forças motrizes para superar as pedras no caminho que a vida impõe, visto que diversos conflitos são retratados no livro. Ademais, deparamo-nos com um processo de hibridização de gêneros, uma vez que estão presentes na estrutura do enredo, além do romance, o manifesto e a oração, por exemplo, que não apenas adornam o texto, mas estão justapostos às falas dos personagens. Nessa narrativa, o protagonista que vive com HIV não morre.

A fim de elucidar as relações propostas na análise que será empreendida, organizamos abaixo uma *Constelação de Personagens*⁴⁵ do romance, organizada em três núcleos: principais,

⁴⁵ A constelação de personagens parte da experiência com práticas de leitura literária realizadas na Educação Básica. A prática é intitulada como “constelação” por considerarmos cada obra como um microcosmo e, nesse sentido, cada personagem representa uma estrela, visto que emitem luz, calor e energia para a composição do enredo. Logo, a ideia de constelação está atrelada às relações entre os personagens dentro do universo referencial da obra, ligadas por linhas imaginárias, no caso, a organização textual interna da narrativa, assim como as estrelas. Essa prática, em sua composição, considera a estratégia de leitura da sumarização, que consiste em elencar o que é essencial de um texto (Giotto; Souza, 2010). Nesse caso, centra-se nas personagens como elementos indispensáveis para a compreensão do romance juvenil. Desse modo, a sistematização em núcleos considera também a experiência de leitura para determinar e hierarquizar os principais, secundários e terciários. Somado a isso, é também relevante para a composição da prática a função de perfilador dos círculos de leitura (Cosson, 2014), que consiste em traçar um perfil das personagens. Em suma, uma constelação de personagens considera

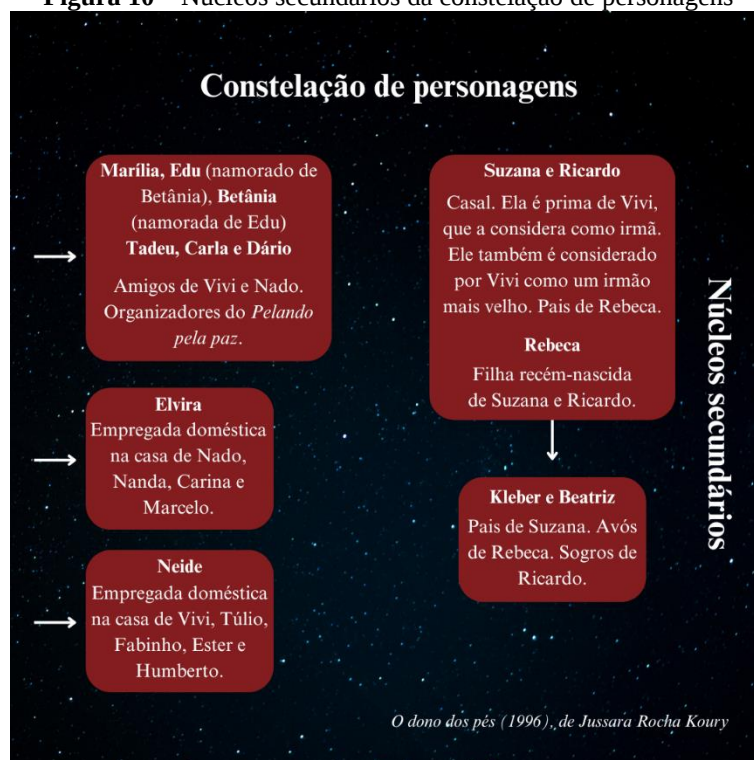
secundários e terciários; referindo-se às atuações que os personagens exercem para a composição do enredo, bem como, o grau de recorrência com que aparecem no texto. Alguns deles não serão mencionados no decorrer da análise, devido ao enfoque da pesquisa, mas a exposição da constelação pretende demarcar a sua existência e relevância para a construção da dinâmica do enredo.

Figura 9 – Núcleos principais da constelação de personagens



Fonte: Elaboração própria com recursos do Canva

quais são as figuras que compõem o enredo de um texto, suas características principais e como estão relacionadas entre si.

Figura 10 – Núcleos secundários da constelação de personagens

Fonte – Elaboração própria com recursos do Canva

Figura 11: Núcleos terciários da constelação de personagens

Fonte: Elaboração própria com recursos do Canva

A narrativa inicia com um momento de tensão, sendo veiculado da seguinte maneira: “A notícia caiu como uma bomba sobre a galera. Ficaram atônitos, como se, de repente,

tivessem perdido todos os movimentos, toda a capacidade de compreensão, de reação, de raciocínio...” (Koury, 1996, p. 7)⁴⁶. Apesar de não ser mencionada a questão do HIV/aids já nas primeiras páginas do livro, é importante destacar os efeitos da notícia sobre os jovens que estavam reunidos em uma praça. As implicações do fato são apresentadas por meio daquilo que Sontag (2007) denominou como “retórica bombástica da aids”. Isso significa dizer que a ênfase dada à notícia por meio da metáfora do “cair uma bomba” já demarca o quão aterrorizante era o modo ao qual o vírus e a doença foram encarados. Tal questão é comprovada a partir das consequências que o narrador relata, diante das perdas que decorrem do fato, como a de movimento, de compreensão, de reação e de raciocínio por parte do grupo.

Um fator igualmente intrigante é a forma como a aids chega ao texto sob a capa de notícia. É válido relembrar, então, aquilo que apontam Daniel e Parker ([1991] 2018) de que antes mesmo dos primeiros casos, a doença chega ao Brasil por meio dos veículos de comunicação. Nesse sentido, apesar de estarmos nos referindo, dentro do texto, às conversas entre os jovens, elas traduzem e estabelecem metonímias na ficção de uma experiência sobre a história da doença. Em seguida, são apresentadas características do protagonista: “Nado sempre se mostrara como um modelo, como um exemplo a ser seguido. Forte, atlético, líder... E de repente... Não! Era tudo intriga da oposição. Só podia ser!” (Koury, 1996, p. 7). O que está implícito nas entrelinhas desse trecho é como eram associados os perfis acometidos pelo vírus e pela doença, isto é, a imagem do “doente de aids”, que estaria justamente no polo oposto ao que Nado representava até o momento. Essa noção é ainda legitimada pela ideia de “intriga da oposição”, ou seja, o narrador estabelece uma comparação de viés político, referindo-se às inverdades que fazem circular os adversários em relação aos candidatos, uma vez que os opositores seriam àqueles que não dispõem das adjetivações de “líder”, “forte” e “atlético”, ou seja, não seriam figuras modulares. Nesse sentido, está latente a ideia de “doença do outro”, como por muito tempo a aids foi encarada.

Então, é a partir da primeira cena do romance que Nado começa a adquirir um novo papel social, uma cidadania diferente daquela vinculada ao corpo saudável, antes mesmo de desempenhar um papel ativo na narrativa. Nas cenas seguintes, quando Fernanda tenta conversar com ele sobre a situação até então não nomeada, sua voz emerge no texto:

⁴⁶ Por basearmos a análise na edição publicada em 1996, utilizaremos a referência de acordo com o livro nas citações diretas, uma vez que, no período de lançamento, a autora assinava como “Koury”, dado presente na capa e na ficha catalográfica do suporte.

Sentou-se ao lado e começou a acariciar sua cabeça com carinho, sem dizer uma palavra. Ele afastou-se bruscamente e foi para a janela. Nanda aproximou-se sem deixar intimidar com aquele gesto. Quis abraçá-lo...

– Não! – gritou.

– Nado...

– Quero ficar sozinho.

– Não seria melhor...

– Não! Quero ficar só, já disse.

– Tá. Só queria que soubesse que não mudou nada. Continuo amando você da mesma forma.

Nado trincou os dentes. Não esperava ouvir aquilo. (Koury, 1996, p. 9).

No diálogo acima, são descritas as reações do protagonista após o diagnóstico, ou seja, a trama agora está centrada nele, não mais na perspectiva de fora que o grupo da praça apresenta na tônica inicial do texto. Ao lado de uma reatividade natural ao experimentar no corpo uma situação indesejada, está a irmã do personagem, Nanda, que introduz uma perspectiva oposta à de Nado, pois afirma que a situação não vai alterar a relação deles. No discurso da irmã está latente uma ideia circunscrita no romance como um todo, a de continuidade. Um ponto de vista que, inclusive, surpreende Nado por não ser aquilo que ele esperava. Desse modo, depreende-se, doravante a reação do protagonista, as exclusões sociais e as transformações das dinâmicas sociais que a construção social da aids impôs às relações para com os sujeitos por ela diretamente impactados, bem como uma das linhas de resposta à doença, a manutenção das relações sociais como meio de sobrevivência, materializada na figura da irmã.

Outra questão que aparece nesse preâmbulo narrativo é a negação do fato, a primeira fase do luto simbólico que é a perda da identidade anterior à doença. Esse elemento aparece no enredo principalmente na perspectiva de outros personagens, como Túlio e Nanda. Em um momento que antecede o diálogo de Nanda e Nado exposto acima, Túlio, que estava na praça e escutou a notícia, considerava que a turma da praça inventou histórias sobre o irmão da menina. Já esta última personagem, em conversa com Túlio sobre a situação, afirma: “Na esperança que *[sic]* tudo seja um pesadelo, apenas um pesadelo” (Koury, 1996, p. 10). Ao final do primeiro capítulo, ainda no diálogo entre Túlio e Nanda, é anunciada a segunda linha narrativa presente no romance, a do movimento contra a violência:

– Escute... Não parece o momento mais apropriado, mas que tal um passeio de bicicleta? A turma está organizando uma espécie de maratona para o final do mês. Ainda não está definido... mas parece que vamos sair da curva, lá perto da Aeronáutica, em Boa Viagem, e iremos até o Pólo *[sic]* do Pina.

– Hum!... será um passeio e tanto.

– Será mais do que um passeio. A ideia *[sic]* é fazer um movimento contra a violência. Iremos todos de branco, pedindo paz, o fim de todo tipo de injustiça (Koury, 1996, p. 12).

A ideia do evento é proposta na obra como uma alternativa para não focar somente na “bomba” que chega até os jovens. Desde o início, já é possível perceber os elementos que imprimem a conceituação denominada de *cartografia verbal*, porque se materializa linguisticamente; e *territorial*, uma vez que é descrito o trajeto que será percorrido pelos participantes do movimento, o que permite ao leitor realizar um processo de visualização, condição que depende dos conhecimentos prévios acerca das localidades referenciadas para sua efetivação. Está contido no romance também uma herança da formação da literatura infantil e juvenil brasileira, a da modelagem cidadã (Lajolo; Zilberman, 2022). Tal concepção é traduzida por meio do objetivo do movimento, visto que é defendido como algo positivo pelo personagem e é sugerido como uma situação a qual a personagem Nanda poderia direcionar sua atenção e, desse modo, afastar-se do imbróglho que a doença representa no contexto. Não obstante, o movimento não é proposto meramente como lazer, o que estaria subjacente na ideia de “passeio”, mas como um evento que ultrapassa esse viés e se torna substancial em escala, isto é, social.

No capítulo seguinte, essa vertente vai ganhando ainda mais corpo na narrativa. A organização do *Pedalandando pela Paz* inicia o contato com diversas instâncias de poder, a fim de legitimar o evento e garantir a ele relevância. Nesse bloco são inclusas autoridades relativas ao trânsito e entidades que pudessem ser parceiras do evento, tanto a nível de divulgação quanto de atuação, não à toa são elaborados dossiês para serem entregues aos órgãos. A estratégia de recorrer a essas esferas de atuação na vida pública, garante relevância ao projeto, ao mesmo tempo em que demarca quais são os caminhos a serem seguidos para uma mudança coletiva. Coincide também a ideia de celebração ecumênica no evento, a fim de garantir a pluralidade de representações religiosas. Logo, o tom pedagógico da trama é delineado.

Apesar de essa questão ser um impasse na crítica sobre a literatura juvenil, ela revela aspectos da constituição desse sistema literário. Jorge Larrosa (2015), em seu ensaio *A novela pedagógica e a pedagogização da novela*, orienta que todo e qualquer texto pode ser lido sob uma perspectiva pedagógica, uma vez que esse caráter é também um efeito do ato da leitura. Compreendendo a perspectiva do teórico, daremos ênfase a outras características fundamentais do romance, sem desconsiderar, claro, essa tonalidade educativa, ou seja, consideraremos tal dimensão de maneira acessória durante o percurso analítico.

Feito esse adendo, adentra à narrativa, ainda no segundo capítulo, a figura de Viviane, a organizadora principal do evento. Em diálogo com seu irmão Túlio, ele comenta sobre a conversa da turma da pracinha e que foi confirmada por Nanda. Até esse momento do texto, não há a menção explícita ao HIV/aids, pois o vírus e a doença são elipsados nas interlocuções

iniciais. Essa questão revela também a dificuldade de nomeá-los como característica das primeiras décadas da epidemia. Ao mesmo tempo, se o leitor tiver contato apenas com a 1ª edição do livro, na qual o símbolo do laço da luta contra o HIV/aids não é veiculado, a tensão criada na narrativa desde as primeiras páginas vai ampliando a sua dimensão. Tal recurso é recorrente em textos literários dos anos iniciais da epidemia, principalmente na literatura direcionada ao público adulto. O que ocorre na narrativa a partir de então é uma espécie de hiato do foco narrativo em Nado – que também sucede em outros momentos da diegese do romance, dando lugar às perspectivas de Viviane.

No terceiro capítulo, a trama expande os aspectos abordados. Segue, então, para assuntos concernentes às etapas da vida juvenil, a exemplo do vestibular e a expectativa de aprovação, como também os sonhos profissionais e a preocupação com o futuro. Tal questão pode ser percebida no diálogo entre Viviane e Ester: “– Do jeito que gosto de ensinar, devia ter estudado Magistério. / – Não é o que fará?! / – Como se, no fim do ano, tenho o vestibular? / – Eu sei, eu sei. Está esquecendo que o curso de Letras lhe dá o direito de ensinar? / – Só que, se estivesse terminando o Magistério, já poderia começar a ensinar rapidinho” (Koury, 1996, p. 26). Na conversa entre as personagens, delineiam-se a ansiedade pela atuação profissional na área desejada e o esclarecimento por parte da mãe, já professora, acerca do exercício laboral que o curso desejado pela menina permite.

Além dos elementos já evidenciados, outro prisma que a narrativa envolve é a importância do diálogo entre pais e filhos, principalmente a partir do núcleo familiar de Viviane. Perante o exposto, deparamo-nos com uma fala de Ester, ao perceber que Vivi e Túlio estavam angustiados, no que tange ao tensionamento central da narrativa: “– Até parece que não criei vocês! Ora, Vivi, vocês podem até querer, mas não conseguem esconder nada de mim” (Koury, 1996, p. 27). Subjaz no trecho a convicção da criação familiar como definidora do comportamento dos indivíduos, uma vez que nada passaria despercebido perante os olhos da mãe. A ideia de família nuclear, estruturada e composta por pais que figuram duas representações singulares na sociedade, a educação e a saúde, em virtude das profissões de professora e médico que exercem, fornecem a imagem de que esse é o caminho para boas condutas nos âmbitos da vida pública e privada.

Destoante a esse ideal, está justamente a família de Nado e Nanda, que se dá a conhecer ao leitor pelo próprio discurso de Ester ao questionar a filha: “– O pai de Nanda aprontou novamente? / – Não, dessa vez não foi o pai...” (Koury, 1996, p. 28). Na fala destacada, apesar de não ser explícito quais atitudes do pai do protagonista levam a essa percepção da personagem sobre ele, salienta-se que o seu comportamento não é de acordo com o esperado pela

configuração social da figura paterna. Coexiste, ainda, a partir da resposta de Vivi na conversa, a substanciação de que Nado praticaria as mesmas atitudes do pai, sendo, desta vez, o cerne da problemática. Com isso, é velada não somente uma ideia de qual tipo de família seria adequada, mas também uma culpabilização do protagonista acerca do que viria a ser nomeado e exposto na continuidade da conversa:

Ele mesmo. Mãe... Nado está com HIV.
 – O quê?!
 – HIV, mãe!
 – Meu Deus! Não pode ser! Nado...?
 – Foi confirmado ontem. Todos os exames deram positivo. Ele é soropositivo.
 – Precisaram doar sangue para um colega do escritório onde ele está estagiando... Só que, agora, antes de qualquer coisa, os bancos de sangue estão fazendo o teste do HIV... (Koury, 1996, p. 28)

A princípio, duas questões são importantes no trecho acima. A primeira é a afirmativa de que os exames deram positivo para HIV, pois muitas narrativas da época já lançavam sobre os personagens (e assim por muito tempo foi veiculado pela mídia) a aids; ou seja, há aspectos das narrativas pós-coquetel (Sousa, 2015a; 2015b; 2016) já presentes no texto, como a distinção clara do HIV e da aids, o vírus e a doença. O segundo aspecto relevante é a afirmativa de que os bancos de sangue já realizavam os exames, pois naquele período também havia muitos receios sobre o processo de doação de sangue, uma vez que, nos anos iniciais da epidemia, muitos sujeitos foram infectados durante o processo de transfusão em bancos de sangue, principalmente os hemofílicos. De acordo com Teodorescu e Teixeira (2015), com base em dados fornecidos pelo Ministério da Saúde, em 1988 os casos infecção pelo HIV por hemoderivados ultrapassava 4 mil⁴⁷.

Isso significa dizer que a narrativa também intenta desconstruir imaginários sobre a aids e indicar os avanços que foram obtidos, por exemplo, no diagnóstico, assim como na prevenção dos meios de infecção, e, ao mesmo tempo, reforça a importância da testagem do sangue. Embora não haja a intenção de o texto ficcional trazer informações exatas sobre o vírus e a doença, por ser um romance realista, característica da *teen sick-lit*, estabelecer conexões entre a diegese da narrativa e fatos sobre a epidemia no Brasil auxilia na apreensão de qual(is) representação(ões) posit(hiv)a(s) é(são) empreendida(s) na literatura juvenil brasileira.

⁴⁷ É importante destacar que, desde fevereiro de 1988, a partir de uma portaria publicada pelo então ministro da saúde do governo Sarney, Roberto Santos, todos os bancos de sangue públicos do país receberam as orientações de obrigatoriedade da testagem do sangue para o HIV. Essa implementação se deu após as mortes de Henfil e, dois meses depois, Chico Mário, que causaram grande comoção no país e muita pressão sobre as autoridades daquele período (Teodorescu; Teixeira, 2015).

A seguir, mais uma perspectiva primorosa acerca da epidemia é estabelecida no enredo. Após relatar a situação de Nado para Ester, Viviane recebe como resposta da mãe: “Ora, Viviane, você e Túlio não estão sozinhos nessa parada. Nós estaremos com vocês, eu e Humberto. E estaremos, também, junto aos amigos de vocês, à família dos amigos de vocês. Meu Deus! Não vamos abandonar ninguém numa hora dessas!” (Koury, 1996, p. 30). O que está contido no discurso da personagem é a noção de solidariedade. Daniel e Parker ([1991] 2018) apontavam como resposta à aids, oriunda principalmente das ações de ONGs no Brasil, a solidariedade, em resistência aos processos de marginalização e estigmatização a que foram (e ainda são) submetidas as pessoas que viv(e)(ia)m com HIV. Segundo os autores, eram os “primeiros passos na tentativa de reescrever a história da AIDS na vida brasileira contemporânea” (Daniel; Parker, [1991] 2018, p. 29). Essa mobilização solidária começa a ganhar força na segunda metade da década de 1980 (Teodorescu; Teixeira, 2015).

É esse movimento que aparece intrínseco à narrativa de *O dono dos pés* (1996), personificado em Ester, o que constitui figurações da aids como um aspecto social e uma objeção à dinâmica excludente dos sujeitos afetados pelo vírus e pela doença. Este último aspecto, relacionado ao abandono dos sujeitos, demarcou muito do que viria a se tornar a experiência com o vírus no corpo e, conseqüentemente, deixou raízes profundas no imaginário sobre a epidemia. Além disso, no diálogo, observam-se ainda termos que se aproximam do universo comunicativo dos jovens, como “parada”. Essa escolha vocabular por parte da figura materna fornece a imagem de pais legais e compreensivos, por meio de uma horizontalidade discursiva. Paralelo a isso, encontram-se o respeito como qualidade do jovem, no viés da modelagem cidadã, sustentada com o recurso do pronome de tratamento. Ou seja, há uma idealização do que seria uma “boa mãe” e, como efeito, uma “boa pessoa”.

Também nesse capítulo, outro ângulo da narrativa carece ser discutido. Na medida em que os tensionamentos do HIV/aids e o processo de organização do movimento pela paz são compositores da estruturação da trama, surgem também novos personagens que alegorizam a representação simbólica da positividade que atravessa a história, são eles a prima de Vivi, seu marido e filha. Esse núcleo de personagens aparece quando Suzana é internada para dar à luz a Rebeca, no hospital em que Humberto trabalha como pediatra.

Saíram correndo. Todas as outras coisas podiam esperar. Agora, era o momento de voar para a maternidade... Será?! Para Viviane, um turbilhão de emoções desencontradas: correr parar ver uma vida começar e ter a impressão que [sic] outra estava no começo do fim. Que estranho! Não saberia definir qual sentimento era mais forte.” (Koury, 1996, p. 30)

Destacam-se, neste trecho do romance, as polarizações entre vida e morte presentes em narrativas da *teen sick-lit* e textos que tematizam o HIV/aids. Os polos são representados, respectivamente, pelos personagens de Rebeca e Nado, mas referidos na percepção de Vivi sobre o contexto. A ideia de “começo do fim” é componente das narrativas que abordam a aids por causa do entendimento de que a doença sempre levaria à morte. Essa noção decorre de discursos sobre a síndrome da imunodeficiência adquirida que reforçam a incurabilidade da doença e a dificuldade de acesso ao tratamento nos anos críticos da epidemia. Em contraposição, o nascimento contém a simbologia da possibilidade de ainda existir uma vida inteira pela frente. Em sujeitos acometidos pelo vírus, entretanto, essa possibilidade seria interrompida pela aids e pelas imagens que foram construídas dela e sobre ela, incutidas na percepção da protagonista da história e reveladas pelo narrador a partir dos efeitos emocionais que tal oposição suscita. Há, então, uma desestruturação da personagem.

Somente no capítulo 5 da trama que o hiato do foco narrativo em Nado encontra uma suspensão. Destaca-se, à medida em que uma dissolução das certezas do protagonista é colocada em xeque após o diagnóstico, o cenário urbano como representação dessa desorganização interna.

Seguiu, meio sem rumo, em direção ao Aeroporto. Pegou a estrada de Prazeres. Parou a moto no alto do Morro dos Guararapes. Sentou no último degrau da escadaria, recostou-se em uma das portas laterais da Igreja, justamente aquela que fica quase sempre fechada. Dali dava para ver Prazeres, Cadeias, Piedade... Começou a imaginar como teria sido a Guerra dos Guararapes. Queria ter vivido naquele tempo. Morreria como guerreiro. Seria muito mais honroso que morrer do jeito que iria... Balançou a cabeça. Não queria pensar! Não podia pensar! (Koury, 1996, p. 40)

A voz narrativa revela o caminho que o protagonista percorre na tentativa de se desvencilhar daquilo que o afligia. O trajeto forma uma espécie de linha imaginária no qual bairros de Jaboatão dos Guararapes – PE são como pontos de referência para a transmutação da angústia em distância e velocidade, cuja implicitude se dá pela demarcação das localidades e pela moto como veículo. Em uma trama de viés realista no qual as percepções de si mesmo são alteradas por um fator extremo, a urbanidade destacada é como uma metonímia da inquietude, pois são trazidos à baila os referentes do sujeito em meio à agitação da cidade e a cidade como elemento que o envolve.

Contudo, talvez o aspecto principal dessa cena seja o fato da comparação que o personagem estabelece entre a honra e a desonra na morte. Apresenta-se então o arquétipo do herói na trama, reforçado pelo itinerário traçado como processo de metamorfose da aflição em experiência. Nesse sentido, a alusão histórica estabelecida com a Guerra dos Guararapes,

ocorrida no século XVII, funciona como referência para o que seria uma representação digna de um herói, neste caso, àquele que luta pelo seu povo, pelo seu território. Por isso, a morte representaria a integridade do sujeito frente ao obstáculo, algo como “cair lutando”. Ao mesmo tempo, enquanto vertente pedagógica intrínseca, opera como uma teatralização da história local e nacional para a concepção de uma cidadania digna.

Mas se a morte honrosa do herói é aquela da batalha em defesa de uma causa maior, no lado oposto da balança está a morte em decorrência da aids concebida no imaginário de Nado como abjeta. Essa perspectiva é resultante dos imaginários da aids como uma doença que origina de práticas “perigosas” como o sexo desprotegido, o uso de drogas injetáveis, entre outras, que implica a culpabilidade da vivência com o vírus, ou seja, não há uma causa maior pelo qual lutar se a morte é em decorrência de atitudes próprias que levam o sujeito a tal fim. Nesse sentido, observa-se não somente a imagem do protagonista para os outros personagens transitando entre os binômios “vítima” e “vilão”, como também uma questão que afeta a percepção do próprio sujeito sobre a sua existência, o que revela a complexidade social da doença e uma incursão também por esses binômios. Logo, para evitar a desintegração completa de si mesmo, a fuga se dá por meio de recursos como a abstração daquilo que representa uma ameaça, por isso, não se podia sequer pensar sobre a aids, era preciso afastar o fantasma à espreita.

Para Silveira e Silveira (2016, p. 392), “[...] a doença, ao modificar o corpo e a forma de o sujeito estar no mundo, muda os seus lugares, fazendo do doente um nômade indesejável que busca seu lugar, mas não é orientado para onde deve ir”. Diante do que sustentam as autoras, é possível afirmar que o trajeto de Nado aponta para a busca incessante de um pertencimento que é perdido ao ser impactado pela aids, mas que também não lhe foi oferecido pelo próprio contexto do que a doença implicava no período que se passa a narrativa, ou seja, uma ruína emergente.

Além desses apontamentos, o enredo do romance juvenil em questão difere em alguns aspectos da *sick-lit*. Enquanto nas narrativas clássicas do gênero há sempre uma relação amorosa entre os personagens (Elman, 2012), seja ela construída durante a trama ou desenvolvida no decorrer dela, a história de Viviane e Nado é pautada após o fim do relacionamento e desenrolada pela perspectiva da amizade. É interessante discutir tanto como um avanço no que diz respeito às limitações das relações de afeto, uma vez que são expandidas, quanto na vertente do HIV/aids como barreira para relações amorosas. Se na primeira perspectiva há uma progressão da tematização presente no gênero, na segunda, por sua vez, revela-se mais uma ruptura que o vírus e a doença implicavam à dinâmica social dos sujeitos

acometidos por eles. Ou seja, está implícita a ideia de “doença do amor” e como ultrapassar essa barreira enredaria na precipitação da finitude da vida também do parceiro(a).

Dando sequência à narrativa, no capítulo 6, Nado e Viviane se encontram para conversar sobre o diagnóstico. O narrador apresenta, em tom lírico, como em uma crônica, os paradoxos componentes da situação, como também, a mudança de foco narrativo no entorno da cena, o que representa os contrastes do tensionamento se comparado à dimensão do todo, exprimido pela imagem da lua cheia: “Ficaram ali... uma conversa sem conversa... um dizer tudo sem dizer nada... brincadeiras povoadas de toda a seriedade... bate-papos amenos recheados de densidade... enquanto observavam a lua cheia nascer no mar. Um espetáculo extraordinário” (Koury, 1996, p. 46). É na sequência do diálogo que o protagonista afirma para Vivi o seu diagnóstico, a partir disso a menina começa a enxergar características físicas de Nado que o diferem da imagem da até então preservada em sua memória:

Parecia abatido, um pouco mais magro e o olhar... Impressionante! Já não possuía o brilho, a vivacidade, a determinação tão características. Pareciam outros olhos. Em alguns momentos, até ausentes, presos a qualquer coisa sem importância, como aquele gesto automático de enxugar o suor do copo com as costas os dedos (Koury, 1996, p. 47).

Nesse trecho, revelado pelo narrador ao leitor sob a perspectiva de Viviane, estão mimetizados os sintomas da aids. Está concentrada a imagem da vida que se esvai do corpo aos poucos, como uma morte progressiva. Na imagem do suor do copo, por exemplo, é metonímico dos calafrios da febre em virtude das infecções oportunistas. Diante disso, o que se observa é aquilo que projeta a menina após a confirmação por parte de Nado da vivência com o HIV, uma vez que a imagem dele é alterada em sua percepção e logo são ostensivos aspectos do corpo que não eram visíveis até a virada narrativa. Ela ocorre, justamente, a partir da indexação diagnóstica atrelada ao rapaz quando profere aquilo que até então só tinha sido divulgado pelos outros, mas que ainda não estava posto frente a frente pelos próprios protagonistas. Não obstante, como uma espécie de súbita tomada de consciência por parte da menina, o narrador anuncia: “Hesitou. Sabia, porém, que a primeira regra do jogo seria tratá-lo da mesma forma que sempre fizera” (Koury, 1996, p. 47).

No enredo da trama, Viviane representa a figura do agir correto em relação à epidemia. Naquela época, a diferenciação e discriminação dos sujeitos que eram diagnosticados com HIV era uma das problemáticas mais evidentes. À vista disso, o narrador e a personagem, de maneira subjacente, deixam pistas para o leitor do que é considerado uma boa atitude frente ao tema, ou seja, o tom pedagógico mais uma vez presente. Tal tonalidade é revestida por um processo de

progressão da consciência da personagem acerca do vírus e da doença, unido às suas crenças e formação humana. Dessa forma, em uma perspectiva macro, idealiza-se a figura do jovem como representante possível para uma transformação social no que tange ao acolhimento de pessoas acometidas pelo vírus e pela doença.

A noção de continuidade e permanência é, provavelmente, a resposta determinante à aids que se instituiu historicamente, e, conseqüentemente, na literatura. Continuar/permanecer vivendo, atuando e estabelecendo relações é ir contra o discurso dominante nas primeiras décadas da epidemia, o qual destinava o sujeito acometido pelo vírus HIV à morte em decorrência de complicações da aids. Nesse sentido, a noção explicitada subverte uma lógica pré-determinada e desencadeia a possibilidade de ir além daquilo ao qual o sujeito já tinha sido determinado a partir do diagnóstico; ou até mesmo, amplia a problemática dentro das percepções estigmatizantes e discriminatórias outrora instituídas, a depender do papel social que o indivíduo representa no meio, neste último caso, as populações marginalizadas.

Outrossim, as convicções de outros personagens também são abaladas no decorrer da história, o que é exposto principalmente em diálogos entre Túlio e Humberto. Nesse enfoque, é possível depreender alguns constituintes da representação do HIV/aids em textos para o público jovem na década de 1990: a dissolução da imagem da pessoa vivendo com HIV; o vírus e a doença como um fantasma que aterroriza uma geração; a falta de compreensão sobre as implicações exatas do vírus e da doença; e ainda a ideia punitiva da doença como culpa dos atos cometidos pelo sujeito. Tais aspectos podem ser asseverados no trecho a seguir:

– Pai, não sei nem o que pensar. Nado, pai! Nado! Passei esses anos todos vendo Nado surfar, pedalar, praticar meio mundo de esportes radicais, saudável, cheio de vida! De repente, uma notícia dessas. É terrível, pai! Depois, esse negócio de HIV... Que estranho! A gente sempre pensa que está bem distante, que nunca vai acontecer com a gente nem com nossos amigos. Daí, constatar que a gente estava totalmente enganado, que esse fantasma está mais perto do que se possa pensar... Ah, pai, estou assustado.

Humberto, percebendo a seriedade do momento, sentou-se para escutar bem o filho e, assim, poder conversar melhor.

“– Filho, é verdade que a vida apronta muitas peças nas pessoas e nós não estamos fora desse contexto. Mas é verdade, também, que muitas peças somos nós que escrevemos. Somos nós os autores, produtores e até principais atores dessas peças.

– Mas, pai...

– Nado escreveu esta peça.

– Mas, pai, ele não se droga, nem é homossexual...

– Eu sei... Eu sei. Porém, nunca teve limites para as suas relações. Na cabeça dele, meu filho, como na cabeça de muitos outros, basta usar preservativos. Mas não é bem assim. Não é bem assim.” (Kouryh, 1996, p. 48-49)

O diálogo revela o medo, as incertezas e o próprio desconhecimento sobre o vírus. Aponta ainda para a perspectiva da “doença do outro”. Acerca disso, Bessa (1997, p. 104) já

orientava que “a AIDS é percebida e vivenciada como a doença do outro, daquele que é visto como estranho, diferente, marginal à sua própria sociedade”. Neste trecho, confirma-se também a ideia de “grupos de risco” cristalizada no imaginário de Túlio, uma vez que ele não compreende como isso aconteceu com o amigo se ele não pertencia a nenhuma das parcelas da população consideradas vulneráveis à doença, questão central no discurso público sobre a aids (Daniel e Parker, [1991] 2018; Sontag, 2007; Teodorescu e Teixeira, 2015; Jardim, 2019). Pode-se destacar também o imaginário da aids sob a capa fantasmagórica, como algo que assombra e que está à espreita/iminência de ocorrer.

Ao mesmo tempo, encontra-se certo moralismo na figura do médico, Humberto, pois, na tentativa de dar respostas mais concretas ao filho, acaba convertendo Nado em vilão, imputando-lhe a culpa. Segundo Silveira e Silveira (2016, p. 392), “seja no discurso social, seja no discurso biomédico, as doenças e os diagnósticos carregam consigo julgamentos morais”. Essa questão é metaforizada no enredo a partir da peça teatral, pois são os atores que a materializam. Entretanto, parece não haver a distinção de que, assim como nas peças de teatro, na vida, a direção, muitas vezes, ultrapassa o controle dos atores. Está contida, então, a arquitetura do médico que ensina o leitor nas entrelinhas, características da sick-lit, visto que, dentro da perspectiva temática, a figura do profissional se configura como uma autoridade.

Apesar de tudo isso, uma inovação de prisma narrativo à época está presente, justamente a desconstrução do imaginário de Túlio pela realidade de Nado, uma vez que era um jovem homossexual, não usuário de drogas, que possuía condicionamento físico invejável, ou seja, contrastante com a concepção do “doente de aids” veiculada nos anos críticos; mas que, ainda assim, como milhares de indivíduos, foi afetado pela epidemia de seu tempo.

No capítulo seguinte, mais uma suspensão do hiato da perspectiva de Nado acontece. Observa-se, a partir do discurso direto, os efeitos do diagnóstico pelo ponto de vista do protagonista, revelando conflitos internos que passa a enfrentar. Em diálogo com Viviane, afirma: “– O que vai dizer, então? Que provoquei essa situação? Que preparei, desde cedo, esse caminho? O que vai me dizer?” (Koury, 1996, p. 52). Os questionamentos do personagem desvelam não somente os efeitos de sentido dos discursos sobre a aids, como também a própria internalização dessas perspectivas por parte dele. Sem embargo, há uma recorrência de afirmações que circunscrevem o vírus e a doença: “– Você entendeu o que eu lhe disse? Eu estou contaminado! Eu estou com o HIV! EU ESTOU COM AIDS!” (Koury, 1996, p. 52-53). O uso das letras em maiúsculo demarcam a dramaticidade da cena. Todavia, por outro ângulo, está o contradiscurso da solidariedade que é expresso por Viviane: “– Entendi, Nado, claro que entendi. O que quero é que você também entenda o que eu lhe disse: o fato de você estar com

o vírus não muda o sentimento que sinto, que sempre senti” (Koury, 1996, p. 52-53). Mais uma vez, a manutenção dos sentimentos e da relação se apresenta como oposição ao discurso dominante sobre o vírus e a doença.

Há, nas entrelinhas do texto, um processo de amadurecimento da compreensão acerca do tema, que vai se desdobrando por diferentes personagens, mesmo que em alguns momentos haja também os questionamentos sobre os próprios juízos de valores que estabelecem, na esteira das narrativas de formação. Esse panorama é expresso, por exemplo, na figura de Túlio, pois, em conversa com a irmã, revela que acredita serem os posicionamentos de Humberto preconceituosos. No entanto, como mencionado acerca das oscilações, em resposta ao irmão Viviane reitera:

– O pior é que papai tem razão, Túlio. Infelizmente, papai tem razão. O que não significa que vamos ficar repetindo isso para Nado, ou para Fernanda. Não. Para eles apenas o nosso afeto, nada mais. Depois, enxergar a verdade não é preconceito. Preconceito é discriminar, desprezar... (Koury, 1996, p. 55)

Na linha argumentativa da personagem, denotam-se aspectos fundamentais do que engendra a representação do HIV/aids nas narrativas juvenis. Um deles é a noção de preconceito sendo discutida por dois jovens, o que demonstra uma atitude ética dos personagens na narrativa. Porém, na medida em que isso é manifesto, também nos deparamos com uma antítese quase velada. Isso porque as atitudes frente à temática se particularizam nas angulações do público e do privado. Por exemplo, na vertente pública, há a perspectiva do afeto. Já na privada, com base na figura de autoridade que o pai representa no contexto da narrativa, há uma conformidade com a culpabilização do sujeito que vive com HIV, sustentada pela ideia de “verdade”, que estaria acima de qualquer preconceito. Dessa maneira, nota-se o próprio processo de construção dos valores sociais veiculados na narrativa por meio de visões que se contrapõem, o que é natural para a aprendizagem e tomadas de posição efetivas. Mas também é crucial lembrar que a história da aids é marcada pela busca de um culpado, o que se reflete em diferentes esferas. A seguir, o diálogo apresenta outras camadas:

– Aquela dos 30 por cento ou quase isso?
 – Exatamente. Lembra-se que falamos sobre o assunto?
 – Lembro: que cerca de 30 por cento das pessoas contaminadas também usavam preservativo.
 – Justamente. E isso não é preconceito. É fato. E papai, do jeito que é estudioso, meu irmão, está por dentro de todas essas pesquisas. Basta pensar na que ele está realizando sobre recém-nascidos contaminados.
 – Mas é que todo mundo diz diferente.
 – Meu Deus, Túlio! Quantas vezes temos que conversar sobre isso? É claro que é mais fácil distribuir preservativos doidamente, do que oferecer educação, informação,

instrução... e por aí vai. Isso sem contar com o laboratório de experimentação que somos, não só nós, brasileiros, mas toda a América Latina.
 – É... – coçou a cabeça – Será?...
 – Isso sem contar com o inacreditável aumento do índice de prostituição entre adolescentes e jovens depois dessa onda de distribuição de preservativos... Ainda vou dizer mais.” (Koury, 1996, p. 56)

No trecho destacado são abundantes as ambiguidades discursivas do período crítico da epidemia. Como exemplo, destaca-se a validação científica do discurso para a suntuosidade dos posicionamentos da personagem. Esse recurso se dá tanto a partir de dados quanto da figura do pai, que é médico. Na esteira das contaminações discursivas, sobressalta a ideia de “laboratório de experimentações”, uma vez que, como elucidam Daniel e Parker ([1991] 2018), a epidemia de aids foi baseada em distorções e desinformação. A própria concepção de “experimentações” se dá principalmente pelas inúmeras e desesperadas tentativas de produzir medicamentos e alternativas de tratamento que fossem eficazes para o combate à doença.

Essas e outras discursividades epidêmicas circularam amplamente entre a população e são refletidas na literatura. Por último, ressaltam-se também as visões acerca da tecnologia dos preservativos, que foi vista pelo menos por uma rota dupla, a primeira sendo a de que ao proteger da contaminação incentivaria relações sexuais, e a segunda, de que a distribuição seria uma espécie de cortina de fumaça para ações mais efetivas de combate à disseminação do vírus. No Brasil, por exemplo, a Igreja Católica apresentou posição contrária à distribuição de preservativos no final dos anos 80 (Teodorescu; Teixeira, 2015). Em vista disso, depreende-se como a narrativa introduz o leitor no cenário complexo que a aids implicou socialmente, revelando os diversos graus de sublimação da obra, pois o HIV/aids é matéria-prima da elaboração narrativa.

Conforme o intrincamento acerca da temática principal se delineia, concomitantemente o Pedalando pela Paz vai ganhando forma. A essa altura da narrativa, já no capítulo 8, a organização do evento estabelece muitas parcerias pela magnitude do que é proposto. No entanto, impasses éticos se apresentam para o grupo: “Não queria atrelar o movimento a nenhum partido, ou campanha de algum candidato, mesmo porque um movimento em favor da paz, e não apenas da não-violência, é algo que engloba todo mundo, que está acima das questões político-eleitorais” (Koury, 1996, p. 61-62). A não aceitação da vinculação do movimento com figuras políticas aponta para uma consciência cidadã dos sujeitos envolvidos no processo. Ao mesmo tempo, demonstra o viés didático da narrativa ao esclarecer que o evento ultrapassa os interesses próprios, pois, mais uma vez, reforça-se o encontro proposto como uma causa social.

Contudo, no entrelaçamento das vertentes temáticas do enredo, um diálogo entre Viviane e Tadeu apresenta outras facetas da representação do HIV/aids no texto:

- Você também, não precisa fazer o teste?
 - O que quer dizer com isso?
 - Nada. Apenas... Bem... Como vocês foram namorados...
 - Não sei quem lhe falou sobre meu relacionamento com Nado, porque isso só diz respeito a nós dois. De qualquer forma, você disse bem, Tadeu. Fomos namorados e apenas namorados, nada mais. E agora somos grandes amigos. Aliás, como sempre fomos.
 - Isso é o que você diz.
 - Como você é mesquinho! Como é miúdo! Sabe de uma coisa? É melhor parar este carro, porque não estou disposta a agüentar [sic] suas insinuações, sua falta de respeito, sua maldade... Quer fazer o favor de parar este carro?
 - Não, não vou parar.
- Viviane percebeu que ele estava ficando nervoso. Não insistiu em descer do carro. Será que ele podia ser irracional? Preferiu não arriscar e esperar o momento oportuno, o que não demorou muito. Logo estavam parados num sinal fechado, em plena Caxangá. Viviane aproveitou, desceu do carro, fechou a porta e ainda teve tempo para se despedir.” (Koury, 1996, p. 63-64)

No trecho, evidenciam-se as violências simbólicas que o imaginário acerca do vírus e da doença representam, principalmente nas primeiras décadas. A imagem do “doente de aids” afeta não somente o indivíduo, mas, assim como o vírus, em uma espécie de metanarrativa, espalha-se entre as relações interpessoais. O que está contido na fala de Tadeu é justamente a associação de que se relacionar com uma pessoa que vive com o vírus é também ocupar esse lugar. Nesse sentido, é como se a cidadania do doente, em oposição ao ideal saudável, fosse alastrada por todo ciclo social que o cerca. A resposta e atitude de Viviane, por seu turno, destacam a oposição frente às associações impostas socialmente, uma vez que demarca uma relação de amizade ainda presente. Ao mesmo tempo, aponta para o receio de ter a sua imagem atrelada à aids de alguma maneira. É preciso lembrar, então, o que destacam Carrijo e Ceccantini (2016, p. 409) sobre a potencialidade da literatura: “ela instaura o múltiplo onde a rigidez de discursos e outros saberes os restringe, frequentemente, à estereotipia”. Sendo assim, na medida em que desconstrói a ideia pré-concebida da associação de imagens entre sujeitos acometidos pelo HIV/aids e seu ciclo social, ela também propicia o contato com horizontes particulares.

Frente a tantos episódios desestruturantes, a protagonista da história também se vê imersa em incertezas de como deve agir diante da situação com Nado, ainda no viés da narrativa de formação. Ela então apresenta suas incertezas para Humberto:

- Estou com medo de não agir da forma correta e complicar ainda mais a situação.

- Não, disso não tenha medo. Se você ficar atenta, a sua percepção, a sua sensibilidade, dirão, exatamente, como você deverá agir, o que deverá dizer... O mais importante é estar diante de Nado, nada mais. Nado que continua a mesma pessoa.
- Como assim, pai? Não entendi direito.
- É que a gente tem a triste mania de ficar diante da doença ou, no máximo, da pessoa doente. Você não vai se encontrar com o vírus... Você vai se encontrar com uma pessoa. Isso Nado tem que sentir da sua parte... da nossa parte. Deu para entender?
- Deu. Sabe, pai, às vezes penso que sou uma pessoa privilegiada por ter nascido nesta família. (Koury, 1996, p. 68-69)

As próprias oscilações do teor discursivo das personagens revelam elementos do período de transição da compreensão acerca do vírus e da doença na segunda metade da década de 1990, apresentando a dialética entre texto e contexto na perspectiva da relação entre literatura e sociedade de Candido ([1965] 2023). À vista disso, encontram-se os conflitos éticos de Viviane. Por outro ângulo narrativo, as falas de Humberto orientam para a desconstrução da imagem do vírus e da doença que se sobrepõe ao indivíduo, comumente disseminada nas primeiras décadas da epidemia, e que tinham como efeito a desumanização do sujeito. Não obstante, parece recuperar na humanidade de Viviane os caminhos que a levariam a ter uma atitude satisfatória, isto é, as esferas emocionais da sensibilidade e percepção. Diante disso, há também uma reação (e responsividade) narrativa contra o estigma, a discriminação e as imagens da aids. Todavia, esse viés deságua, do mesmo modo, no didatismo, uma vez que a resposta final do diálogo apresenta não somente a compreensão da menina sobre a questão central da conversa, como também a legitimação da conjuntura familiar idealizada.

Somente na reta final da história, mais especificamente no décimo capítulo, é que o leitor se depara com o foco narrativo na família de Nado. Como apontado anteriormente, dentro do microcosmo referencial de *O dono dos pés* (1996), a família do protagonista representa a oposição ao modelo familiar idealizado. Esse direcionamento fica evidente em uma conversa entre Carina e Marcelo, na qual, mais uma vez, procura-se um culpado para a aids:

- Que atitude você gostaria que eu tomasse? Pensa que não tentei entrar naquele quarto e conversar com meu filho? Acontece que ele também não quer falar comigo.
- Pois continue tentando. Faça alguma coisa! Assuma sua culpa!
- Que culpa, Carina?! Que culpa?!
- Ora, não era você que saía por aí se gabando da masculinidade de seu filho? Não foi você que o ensinou a não colocar limites em nada e por nada? Não é essa a sua concepção de homem? Vamos, Marcelo, tenha a coragem de assumir! (Koury, 1996, p. 72)

É interessante destacar que ambos os sujeitos tomam o lugar de enunciação na narrativa já imersos no conflito da trama. De maneira análoga, o conflito está presente na relação do casal, pois há a culpabilização de Marcelo por parte da esposa. Por conseguinte, a partir da ótica

de Carina, expandem-se as problemáticas que envolvem o fato, considerando que ela destaca o machismo como fomentador da questão. Diante dessa conduta, verificam-se as atitudes que levam a uma concepção depreciativa da figura paterna durante todo o enredo. Por isso, outra vertente presente no romance são as questões de gênero, reforçadas, inclusive, pelo papel racional defronte aos reveses que exercem personagens como Viviane, Ester, Fernanda e Carina, em diferentes momentos. A problemática é ainda aprofundada envolvendo a violência contra a mulher, uma vez que a reação de Marcelo é de quase partir para a agressão, sendo impedido, logo em seguida, por Fernanda. Após o ápice, seguem as justificativas do homem em continuidade à cena:

- Fernanda, criei você como fui criado: a nós homens, tudo era permitido; enquanto vocês, mulheres, não tinham direito a quase nada. Assim fui criado – falou como se quisesse se desculpar diante da filha.
- Isso é uma mentalidade muito machista...
- Eu sei, eu sei. Mas ninguém muda do dia pra noite! Foi uma vida inteira assim. Depois, eu penso, que a culpa maior foi não ter percebido que o tempo passou e é um outro, completamente diferente do meu. Meu Deus, como eu queria estar no lugar de seu irmão se isso servisse para salvá-lo!” (Koury, 1996, p. 73)

Assente à discussão a problemática estrutural do machismo que é passada de geração em geração. Ao passo que isso acontece, há novamente a tomada de consciência gradativa dos personagens durante a trama, devido ao reconhecimento do machismo intrínseco às próprias convicções por parte de Marcelo. Simultaneamente, Fernanda é apresentada como a figura que nomeia o problema, ou seja, materializa-o em dimensões sociais, históricas e linguísticas, na esteira da racionalidade que as personagens femininas desempenham. Em função disso, acentua-se a empatia no discurso de Marcelo ao desejar poder estar no lugar de Nado, ao mesmo tempo em que é concebida a imagem do pai que é idealizada, por exemplo, na figura de Humberto. De maneira geral, o enredo do romance ultrapassa a tematização do HIV/aids, pois envereda por diferentes problemáticas sociais, por mais que não sejam o foco da narrativa, uma vez que fazem parte do contexto daqueles jovens.

Os diálogos acima destacados versam também sobre os efeitos psicológicos da vivência com HIV de Nado, uma vez que a reclusão social se configura como reflexo do estado depressivo ao qual se encontrava, o que gerou ainda a demissão do estágio no qual o protagonista atuava. Isso revela como as narrativas juvenis do final do século XX englobam diferentes temáticas fraturantes, de maneira que a complexidade de abordagens exprime a maturação dessa literatura, na direção do que destacam Lajolo e Zilberman (2022) sobre a formação e consolidação dos textos voltados ao público jovem. Na medida em que essa

perspectiva pode ser atestada, configura-se ainda no romance um alargamento das doenças que tematiza e, nesse sentido, propicia novos olhares para a *teen sick-lit*, visto que demonstra como esses textos podem não ser limitantes e expandirem o enfoque a partir de outras implicações ao personagem, tanto de ordem física quanto psicológica.

Durante todo o enredo, as dinâmicas e implicações do HIV/aids vão ganhando diferentes dimensões. No capítulo 11, o hiato narrativo de Nado encontra mais uma suspensão. Em conversa com Viviane, a protagonista externa: “Sabe que mudei de nome? Não, não sabe. Se soubesse teria me chamado pelo meu novo nome. Meu nome, agora, é HIV. É assim que estão me chamando na Universidade, na Escola de Engenharia, em toda a Escola de Engenharia!” (Koury, 1996, p. 78). A afirmativa do personagem sobre a mudança de nome sinaliza o processo de reificação ao qual é submetido no contexto universitário, no qual o vírus assume o lugar da pessoa. Já a situação como um todo é um exemplo de sorofobia, revelando as reverberações do preconceito e da discriminação. Decorrente do papel que os personagens exercem na composição da trama, Viviane, com o intuito de tentar reverter a situação, convida Nado para ser o motoqueiro que guiará as pessoas durante o *Pedalandando pela Paz* e também para ser professor de inglês para os meninos da Ilha, onde ela e Ester já atuam como voluntárias.

No contexto da narrativa, os convites simbolizam esperança para o rapaz. Não obstante, o recurso da humanização, por meio da rememoração da infância de ambos, é utilizado por Vivi para convencer Nado na sucessão do diálogo. Tal estratégia revela como os ensinamentos de Humberto resultaram positivamente na vida da personagem. Então, a configuração da personagem de Viviane é enunciada a partir da perspectiva do protagonista ao indagar: “– Viviane... você andando na contramão outra vez, não é?” (Koury, 1996, p. 81). Ainda na conversa, outros aspectos dos efeitos subjetivos do diagnóstico são expressos.

– Um amigo cujo caminho será a morte, inevitavelmente?
 – Não estou pensando no caminho. Estou pensando no dono dos pés. Além do mais, ninguém nasceu para semente mesmo! Chegará o dia para todos nós e para cada um.
 – Ah, como a história se repete! Há muito tempo, os excluídos, entre tantos outros, eram os leprosos. Depois, quem tinha tuberculose, cólera, febre amarela, câncer... O desconhecido, o contagioso, sempre mete repulsa nas pessoas... – fez uma pausa, para concluir: – Quero ficar sozinho. (Koury, 1996, p. 82)

No trecho destacado, o embate de perspectivas aponta para a internalização do destino funesto em oposição à vitalidade por parte do protagonista. Paralelo a isso, a ideia de naturalização da morte como uma etapa da vida é proposta por Viviane em contraposição ao que profere Nado. Em seguida, retoma-se a história das doenças para sustentar como os impactos sociais se repetem, levando sempre à marginalização do sujeito acometido pelo vírus

e/ou a doença. Por isso, é preciso lembrar o que esclarece Sontag (2007) sobre a AIDS, pois ela opera de maneira a fazer com que as pessoas sejam vistas como doentes antes mesmo de adoecerem e, desse modo, leva a uma morte social que precede a física. No discurso de Nado, por exemplo, está pressuposto esse luto em decorrência de uma morte social ao qual ele sofre tanto no contexto acadêmico, ao ser discriminado, quanto subjetivamente, visto que recorre ao isolamento.

No capítulo seguinte, mais um diálogo se torna primoroso para depreendermos as facetas das representações do HIV/aids, agora entre Edu e Nado. Segue o diálogo:

- Nunca entendi você.
- Achou graça naquela afirmação. Apesar de ser alguns anos mais novo que Nado, considerava-o um grande amigo.
- Por que, Nado?
- Sei lá! Acho que é seu comportamento...
- Não tem nada de mais no meu comportamento.
- Como não?! Veja bem: você tem uma namorada e só!
- Agora Edu gargalhou.
- O que você queria? Que eu tivesse uma coleção?! Não! Gosto de Betânia. Ela gosta de mim. O que existe de extraordinário nisso?
- Sei lá!... Quem sabe não é porque nunca consegui ser muito fiel...
- Pode ser.
- E você, como consegue?
- Talvez porque eu tenho compreendido que preciso aprender a ter domínio sobre mim mesmo... Sabe, Nado, esse período de namoro é um período muito bonito para nós dois. Existe um relacionamento baseado no respeito mútuo. Isso nos ajuda a descobrir a beleza um do outro, uma beleza que não é só física.
- Isso é platônico e acaba a liberdade!
- E o que é liberdade, Nado? A ilusão de se fazer tudo que der na telha? Ou de comprar todos os prazeres que o dinheiro proporciona? Essa “liberdade” da qual normalmente se fala, ou se busca, para mim é como um falso brilhante.
- [...]
- Eu, sei. Depois, Nado, não somos animais, não é? Somos pessoas normais, inteligentes... Por que não nos comportarmos como tais? É tanta brutalidade que vejo que, às vezes, tenho a impressão que *[sic]* queremos, de fato, ser bichos. É impressionante! (Koury, 1996, p. 87-88)

Está latente na conversa a ideia de que a infecção pelo HIV/aids é uma questão comportamental. Dentro do contexto dos anos críticos, muito se discutiu acerca das formas como as pessoas se relacionavam sexualmente, tanto que a noção de “promiscuidade” se tornou um grande marcador para o que levaria à aids, sendo diversas práticas sexuais consideradas não naturais, dentre tantos outros aspectos que foram reproduzidos em diferentes esferas discursivas e delinearam a imagem da doença (Daniel; Parker, [1991] 2018; Sontag, 2007; Teodorescu; Teixeira, 2015). Naquele período, duas vertentes falaciosas e clichês eram disseminadas como solução: a abstinência sexual e a monogamia. Nas respostas de Edu, por exemplo, uma visão monogâmica das relações entre casais é defendida em detrimento da liberdade sexual, que é

encarada de maneira inadequada. Nesse sentido, apresentam-se contrapontos que constituem a atmosfera finissecular no Brasil. Essa é uma questão cara à discussão, principalmente no que diz respeito aos textos da *teen sick-lit*, pois, como orienta Elman (2012), muito da produção do gênero que surge a partir da década de 1980 é atravessada pelo conservadorismo em oposição aos movimentos sociais das décadas anteriores, como o da liberação sexual. Ademais, a ideia de controle dos impulsos se aproxima muito ao naturalismo literário, que surge no final do século XIX, o que pode ser atestado pela zoomorfização dos desejos humanos que apresenta a concepção de Edu.

A conversa segue ainda impelida por outros valores sociais e culturais intrínsecos às falas dos personagens, como os ideais voltados à coletividade. Estes últimos são veiculados a partir da noção de reeducação, como um movimento de apropriação daquilo que, infelizmente, não faria parte da conduta humana, o que representaria uma oposição ao superficialismo das relações, muito presente na modernidade. Por causa disso, alegorizam-se nos personagens as figuras do louco, neste caso Edu, por acreditar na transformação das pessoas, e a do descrente em Nado, uma vez que contesta a utopia do amigo. Sendo assim, há em todo o romance uma linha voltada à fraternidade e à igualdade como solução para diferentes problemáticas sociais, ligada aos princípios morais da Igreja Católica. Tal vertente é primorosa para a discussão, pois a igreja exerceu tanto o papel do conservadorismo quanto o da solidariedade. Teodorescu e Teixeira (2015) alertam que a resposta à aids se deu por diferentes agentes, como as ONGs, o governo, a mídia e as igrejas.

O final da narrativa é encaminhado a partir do capítulo 13, no qual se inicia o *Pedalandando pela Paz*. O movimento organizado parece representar uma imersão na cultura de Pernambuco, uma vez que diferentes elementos característicos compõem a cena, como os bonecos de Olinda, grupos de Maracatu, artistas populares, entre outros. Paralelamente, revela-se a pluralidade social compositora do evento, como a participação de pessoas com deficiências. “Eram pessoas de todas as idades, classes e raças lutando, juntas, pela valorização da vida! Uma verdadeira representação da sociedade” (Koury, 1996, p. 99). É importante lembrar que, como bem destacam Lajolo e Zilberman (2022), na literatura do final do século XX, os personagens que eram escanteados socialmente tomam o protagonismo em diferentes narrativas. Nesse movimento de representação, há um querer cultural de fugir das estereotipias tão disseminadas.

Na medida em que isso acontece, no capítulo seguinte é possível observar mais um movimento que dialoga com o próprio processo de consolidação do sistema literário, a hibridização de gêneros. No romance, um manifesto é elaborado pelos jovens para exigir o movimento de paz; ele é retratado na narrativa a partir da leitura do texto que, ao mesmo tempo,

passa a ser compositor da enunciação dos personagens, com referências a documentos legais e enfatizando a questão do pluralismo. Em seguida, a oração de São Francisco é proposta, seguindo a mesma dinâmica narrativa do manifesto, como elemento de união entre os diferentes grupos sociais presentes. Destaca-se no texto, por exemplo, a pluralidade de representantes religiosos para a celebração do Ato Ecumênico.

Nos dois capítulos finais mencionados, nos quais há a descrição do evento, ocorre o último hiato de foco narrativo do protagonista da trama. Apenas no último capítulo do romance, há a retomada de perspectiva centrada em Nado, indicando a finalização da história:

Nado deixou-se envolver por toda aquela energia. Sem dúvida, seus dias ali seriam recheados de sorrisos infantis... e quando os sintomas chegassem... Bem, pensaria neles no momento oportuno. Por enquanto, começara a ler tudo sobre a doença e fazer o tratamento disponível, apesar de ser muito caro, inclusive o acompanhamento psicológico e a estabelecer um relacionamento com os pais que estavam se mostrando dois grandes amigos, como jamais pensara. Por outro lado, as novas descobertas apresentadas na última Conferência Internacional da AIDS foram muito animadoras. Segundo os pesquisadores e cientistas do mundo inteiro, finalmente, é possível começar a ter esperanças. Sabia que os remédios eram muito caros, porém, haveriam de aparecer os recursos necessários. Quem sabe, o Governo não começaria a financiar o tratamento de forma sistemática e sem interrupções?
Estava com AIDS, sim, porém, vivo! (Koury, 1996, p. 107-108)

Na descrição final do narrador onisciente, percebe-se que Nado aceitou a proposta de Viviane de dar aulas de inglês para os meninos da Ilha, embora não tenha participado do evento pela paz. Apesar disso, o que se torna pertinente para a análise aqui empreendida são as dimensões do HIV/aids enunciadas. Primeiramente, retoma-se a oposição vida e morte, sendo a vida metaforizada na infância das crianças da Ilha. Em seguida, destaca-se o processo de vivência com HIV como progressivo, uma vez que os sintomas do avanço da infecção ainda não eram aparentes. Além disso, demonstra a importância da solidariedade, representada pela família, como um meio para continuar vivendo. Os apontamentos acerca dos medicamentos são igualmente significativos, uma vez que as dificuldades de acesso ao tratamento revelam muito do quão crítica foi a situação até o surgimento e disponibilização da TARV pelo SUS. Outro ponto importante é a referência aos eventos científicos sobre a aids, apontando para um processo de desmistificação constante ao se tratar do vírus e da doença, bem como para os avanços já significativos daquela década.

Por fim, dois aspectos são primorosos: a distribuição pelo governo e a ênfase na vivência. Acerca dos medicamentos, o relato do narrador aponta para um desejo que se concretiza no Brasil exatamente no mesmo ano de publicação do romance, isto é, o acesso ao tratamento gratuito pelo SUS. Ao mesmo tempo que aponta para essa esperança, ao encerrar a

narrativa demarcando o fato de estar vivo, demonstra aspectos da literatura pós-coquetel que começam a integrar as narrativas que tematizam o HIV/aids. Desse modo, é possível definir o romance juvenil em questão como uma obra de transição entre os períodos pré e pós-coquetel sistematizados por Sousa (2015a; 2015b; 2016).

Diante do exposto durante a análise, conclui-se que a obra definida como corpus desta pesquisa apresenta diferentes facetas da representação do HIV/aids na literatura, ancorada principalmente em questões do próprio contexto e no *status* do vírus e da doença à época. Contudo, encontram-se no enredo aspectos éticos e estéticos que propiciam novas percepções acerca da tematização empreendida, de maneira que, na condução do leitor a uma imersão finissecular, apresenta também antecipações de características das narrativas que se sucederam. Sobretudo, as diversas dimensões da vivência com HIV, para além do fantasma da morte – por mais que ele ainda se configure como componente narrativo – são marcadas por efeitos sociais e subjetivos que afetam a própria constituição do sujeito no mundo.

A narrativa também sustenta um viés bastante reativo ao enfoque do estigma e da discriminação. No entanto, por causa do fato de as próprias esferas discursivas serem infectadas por inverdades que foram (e ainda são) disseminadas, incorre na manutenção de muitos imaginários sociais acerca da doença. De maneira geral, esse embate de perspectivas revela a complexidade do próprio tema em um contexto emergencial e, dessa maneira, configura-se como um arranjo textual multifacetado. O lugar de enunciação do jovem protagonista que encara o diagnóstico para o HIV, por sua vez, sinaliza as polarizações que envolvem a temática e atesta o espaço de representação.

Ao lado desses elementos, deparamo-nos também com características da literatura juvenil em seu processo de consolidação, como o manejo de diferentes temáticas fraturantes em uma mesma diegese; e ainda aspectos da *teen sick-lit* que não somente garantem um lugar para os textos que tematizam o HIV/aids dentro desse escopo, como também propiciam uma expansão das particularidades dessa vertente literária. Nesse sentido, o livro subverte o protagonismo do enredo de romance em um desdobramento de amizade – ainda que haja ressalvas a essa questão se o enfoque for direcionado para o vírus e a doença –, do mesmo modo que reforça alguns aspectos como o processo de superar situações-problema como representante do amadurecimento juvenil. Destaca-se, por último, que o caráter pedagógico da narrativa é intrínseco a sua própria elaboração, mas que nesse percurso crítico o consideramos de maneira acessória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa considera a necessidade e a atualidade de falar sobre HIV/aids, e encontra na literatura um caminho para tal intento. Após mais de 40 anos desde o início da epidemia, seus reflexos ainda são evidentes. Se, por um lado, o avanço da ciência no que diz respeito ao tratamento possibilitou a vivência com HIV, por outro, o estigma e a discriminação ainda são fatores preponderantes da experiência social e subjetiva dessa vivência. A dissertação foi uma porta para que o “deu posit(hiv)o” possa realmente ser encarado como ele é: um resultado. É nessa dinâmica reagente que falar sobre a literatura que tematiza o HIV/aids para os jovens é positivar textos que sofreram um apagamento na crítica e, desse modo, torná-los componente de uma história que ainda pode ser revista e escrita.

Conforme abordado no primeiro capítulo, a segunda metade do século XX foi um período de efervescências, o que gerou eventos históricos, políticos, sociais, culturais e educacionais. A aids (ou a imagem concebida a ela) começou a circular no Brasil muito antes da constatação dos primeiros casos. Por causa disso, quando as primeiras pessoas infectadas pelo vírus começam a aparecer no cenário nacional, muitas delas no estágio da aids, o status de periculosidade já era associado a elas, problemática que foi ampliada ainda pela onda de negacionismo que perdurou até meados de 1985. Contudo, em conformidade com o processo de redemocratização do país, iniciado após o fim da Ditadura Militar, diversos programas de enfrentamento à doença foram sendo criados, e o país chegou a ser considerado uma das referências mundiais no acesso ao tratamento para as pessoas vivendo com HIV/aids nos anos 2000.

Muitos programas educacionais voltados aos jovens também foram elaborados, com o foco de debater a prevenção ao vírus e outras temáticas, como gravidez na adolescência e o uso de drogas. Apesar disso, é a resposta que exigiram os ativistas sociais, muitos ligados ao campo da cultura, que representa de fato uma tentativa de desmascarar a aids que foi veiculada e que se cristalizou no imaginário social. Esses e outros episódios ainda reverberam, necessitando de novos olhares para o estabelecimento de percepções críticas sobre aquele contexto, principalmente o das décadas de 1980 e 1990.

Paralelamente a isso, diferentes produtos culturais surgem abordando a temática. Na literatura voltada ao público adulto, por exemplo, um movimento autoficcional emerge, à margem do que era considerado “alta literatura” pela crítica. O que há em comum em todas as respostas ao vírus e à doença? Seus autores e rostos eram jovens. Isso significa que, desde o seu advento, a relação entre a aids e os jovens é manifesta. No que diz respeito à literatura

juvenil brasileira, nesse mesmo período da história, constatamos a maturidade do estatuto dos próprios textos literários e dos jovens aos quais eles são destinados.

Essa maturidade é representada por meio das muitas inovações à época que a produção literária empreendeu, entre as quais se apresentaram como soluções estéticas as diferentes temáticas abordadas nos textos, com ênfase nas fraturantes, visto que o leitor jovem estava imerso em diferentes questões sociais. Não obstante, o caráter pedagógico dessa produção, oriundo do contexto de formação dessa literatura, apresentava-se lado a lado das inovações. Não se pode esquecer, contudo, que a escola era o seu principal espaço de circulação. Dentro dessa dinâmica, da qual originaram estudos de ordem teórica e crítica, constatamos a problemática da escassez de pesquisas que relacionassem as vertentes pelas quais este estudo se debruçou, ou seja, a relação entre literatura juvenil e HIV/aids.

Com efeito, esta pesquisa é um espaço de legitimação desses textos, seguindo a vertente da História Cultural e considerando o objeto livro em sua materialidade, bem como as condições de sua produção, circulação e recepção (Chartier, 2017). Isso porque uma obra não se encerra em si mesma, mas fornece elementos da relação entre o objeto e o mundo em variados aspectos. Em função disso, foi realizado um levantamento de livros juvenis brasileiros no qual a temática do HIV/aids pode ser atestada. Os resultados configuram o *Panorama da Literatura Juvenil brasileira que tematiza o HIV/aids*, no qual se constatou a presença de 16 títulos relacionados ao período emergencial e de tonalidade educativa, que compreende o recorte temporal de 1980-2000; e 10 títulos nos escritos do século XXI (2001-2020), que apresentam novas abordagens e aproximações com a literatura YA. Os gêneros que compõem o panorama são predominantemente narrativos, como o romance, o conto, o diário, a novela e a crônica, mas também foi possível localizar textos dramáticos.

Acerca da primeira etapa do panorama, destaca-se que muitos dos livros produzidos durante a década de 1990 foram uma homenagem dos autores aos amigos e amigas que faleceram em virtude de complicações da aids. À vista disso, é legítimo considerar que parte dessa produção literária se constitui também como um tributo àqueles que morreram nos anos críticos. Além disso, grande parte dos autores que abordaram o HIV/aids já eram consagrados na literatura para jovens brasileira, como Walcyr Carrasco, Fanny Abramovich, Álvaro Cardoso Gomes e Júlio Emílio Braz. Também é pertinente salientar que a maioria dos títulos foi publicada na região Sudeste do país, o que demonstra e demarca geograficamente uma concentração expressiva dos livros nos quais a temática figura. No plano literário, são as narrativas ficcionais de cunho realista que predominam ostensivamente, ao mesmo tempo que o caráter informativo e didático é evidente. Todavia, denota-se ainda um viés reativo das obras

acerca da discriminação e textos que antecipam características da literatura pós-coquetel, a exemplo da tendência memorialística.

Na etapa final do panorama, por sua vez, nota-se o movimento de ascensão e queda dessa produção literária, sendo possível subdividi-lo ainda em outras duas linhas: a primeira referente aos textos produzidos até 2010, ainda bastante carregados de aspectos das primeiras décadas da epidemia, mas no qual os textos dramáticos ampliam os gêneros em que a temática está presente na literatura juvenil; e a produção que se desenvolve até 2020, período em que os romances *Young Adult* entram em cena, compostos por diversos intertextos, abordando questões contemporâneas sobre o HIV/aids, como a PEP e a PrEP, trazendo diversos episódios de sorofobia, protagonizando relações sorodiferentes, e apresentando um viés engajado bastante evidente, mas que ainda assim possui marcas dos imaginários cristalizados. Outra questão importante é que a maior parte dos autores que publicaram livros na segunda linha eram jovens quando lançaram os romances.

Já no segundo capítulo da pesquisa, a partir de uma gama variada de críticos literários que teceram considerações sobre a tematização do HIV/aids na literatura direcionada para o público adulto, apresentamos um mosaico conceitual-teórico que demarca o desenvolvimento das intersecções entre o vírus, a doença e a sua presença nesse sistema de comunicação. Demonstramos também como essas relações têm sido expandidas nos últimos anos a partir de estudos nos quais a centralidade do tema, que estava em declínio após a virada do século, é retomada. Atestamos, então, que o HIV/aids constitui a arquitetura desses textos literários, evidenciando elementos do encadeamento entre literatura e sociedade em um movimento dialético da relação autor-obra-público.

Embora as discussões manifestem diversos aspectos que são importantes para a compreensão do tema na literatura, os textos literários juvenis não são retratados na crítica literária existente sobre HIV/aids e literatura. É por isso que recorremos às discussões sobre temáticas fraturantes na literatura para jovens, uma vez que as doenças propiciam rupturas (físicas e simbólicas) com as imagens dos sujeitos, constituindo novas identidades, e encontram na literatura um espaço propício para a sua representação. Esse é um dos aspectos centrais da *teen sick-lit*, subgênero da literatura YA que se desenvolve na década de 1980, mas que é popularizado a partir de 2010. Ao direcionarmos o olhar para essas produções, no entanto, constatamos mais uma vez que as narrativas que tematizam o HIV/aids, na maioria das vezes, não são nem mencionadas dentro de ambos os escopos. Diante disso, o que esta pesquisa também faz é reivindicar, assegurar e demarcar um espaço para esses textos, primeiro, por

abordar um tema fraturante que parece ter sido esquecido com o tempo; e, segundo, como integrantes da *teen sick-lit*.

Ao redirecionarmos esse corpo de obras para o centro da discussão, fornecemos subsídios para o estabelecimento de uma crítica acerca dos títulos compilados no panorama. Essa questão é relevante por acreditarmos ser possível identificar traços estéticos, éticos, históricos, sociais e subjetivos nas narrativas que tematizam o HIV/aids. Nesse ínterim, verificou-se alguns aspectos, como o predomínio de textos ficcionais, múltiplas temáticas fraturantes abordadas nos enredos, um amplo encadeamento narrativo de referências socioculturais, a pluralidade de representações juvenis e a tônica realista. Ou seja, identificamos nessa produção literária muitas possibilidades para ir além do que é convencionalmente imaginado quando se trata de HIV/aids, pois, enquanto matéria da ficção, o vírus e a doença são representados mediante uma pluralidade de aspectos nas tramas.

Percorrido esse caminho, acreditamos que o estudo propicia ampliações acerca da história da literatura juvenil brasileira, uma vez que resgata títulos e autores(as), relaciona-os com o contexto da consolidação do estatuto dessa literatura e identifica temáticas outrora ignoradas. Por conseguinte, no capítulo que encerra a pesquisa, particularizou-se a importância e a contribuição da escritora e jornalista Jussara Rocha Koury para essa literatura, estabelecendo subsídios para a fortuna crítica da autora, por meio de dados obtidos em uma entrevista episódica, e focalizando uma produção que foge do eixo principal de publicações apontado, considerando sua relevância para o cenário da literatura pernambucana. Nesse sentido, o reconhecimento dessa produção legitima o espaço da autora e seus textos na crítica literária sobre a produção juvenil brasileira.

Por último, o enfoque no romance juvenil *O dono dos pés* (1996; 2013) e em suas edições permitiu a apreensão de elementos comunicacionais nos paratextos do livro que podem diferenciar significativamente o olhar sobre a obra, principalmente no que diz respeito à explicitude temática na capa da mais recente edição. Essa questão está alinhada com as formas utilizadas pelo mercado editorial para demarcar a *teen sick-lit* e o próprio *status* dos discursos sobre a aids atualmente. Ademais, constatou-se diversas alterações gráficas na última edição, uma vez que ela foi também atualizada. Apesar disso, o conteúdo continua o mesmo.

Na análise proposta, observa-se que as representações do HIV/aids na narrativa juvenil são diversas e dialogam com o contexto emergencial e a tonalidade educativa do lugar que ocupam no panorama estabelecido na pesquisa. Em *O dono dos pés*, defrontamo-nos com os imaginários construídos sobre a aids, evidenciando ideias como "grupo de risco", "doença do outro", entre outras facetas da complexidade social do vírus e da doença. Ademais, sobressai a

desestruturação que o impacto do diagnóstico provoca não apenas no personagem que passa a viver com HIV, mas em toda a teia social que convive com ele, gerando respostas tanto relacionadas à solidariedade quanto direcionadas para a culpabilização e vilanização do sujeito. A narrativa também destaca as polarizações entre vida e morte, principalmente no que diz respeito à morte social imposta ao protagonista, alterando as percepções dele em todo o seu entorno.

À medida que a narrativa se desenvolve, nota-se um amadurecimento progressivo dos personagens. Essa questão, juntamente com o *Pedalandando pela Paz*, demonstra os traços do caráter didático do livro, intrínseco ao próprio sistema literário que pertence. Nesse sentido, a trama revela aspectos de modelagem, delineados a partir de personagens que representam figuras sociais, como professores e médicos. No entanto, esses mesmos indivíduos apresentam falas contraditórias, envoltas em moralismos e clichês, revelando diferentes nuances do ser humano por meio da ficção e evidenciando como os discursos da época estavam contaminados por imagens cristalizadas que levam ao estigma e à discriminação.

Além disso, a narrativa vai além dessas questões. Os jovens personagens, ao mesmo tempo em que aprendem, desenvolvem posicionamentos críticos frente à conjuntura social discriminatória, evidenciando a tentativa de desconstruir, dentro da dinâmica interna da ficção, os imaginários cristalizados e enveredam pela proposição da continuidade como resposta ao revés. A figura de Nado, que não morre ao final da narrativa, introduz ainda na década de 1990 aspectos que são componentes das narrativas que surgem com a terapia antirretroviral. Paralelamente, o enredo aborda outras temáticas fraturantes, como questões de gênero, conflitos familiares, exclusão social e violência.

Por fim, vale ressaltar que os textos literários, ao propiciarem o contato com realidades diversas, permitem que o leitor reflita sobre aspectos da sociedade que afetam diretamente a percepção do mundo, das pessoas e das relações estabelecidas. Seja ficcional ou o mais próximo do real que a escrita possa traduzir, toda experiência na e com a literatura pode ser (trans)formadora. E, se assim ela viabiliza, há neste texto a tentativa de romper com o escanteamento das produções brasileiras sobre a temática voltadas para o público jovem (mas não se restringindo a ele). Todavia, a pretensão não foi corrigir todas as lacunas existentes, mas iniciar um percurso que ainda pode (e deve) ser muito explorado.

A você, leitor, deixo caminhos, possibilidades, espaços vazios e muitos sentidos nas entrelinhas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. Primeira carta para além dos muros. *In*: ABREU, Caio Fernando. **Pequenas epifanias**. Rio de Janeiro: Agir, 2006a, p. 106-108.

ABREU, Caio Fernando. Última carta para além dos muros. *In*: ABREU, Caio Fernando. **Pequenas epifanias**. Rio de Janeiro: Agir, 2006b, p. 112-114.

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ANTUNES, Benedito. **A literatura juvenil na escola**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019. *E-book*.

ANUNCIAÇÃO, Maurício Silva da. **Escrita negro-positiva**: as escrituras como novos agenciamentos estéticos de pessoas vivendo com HIV. Salvador: Diálogos, 2022.

AZOUBEL, Ana Eduarda. IV Encontro de literatura infanto-juvenil homenageia Elita Ferreira. **Boletim Unicap**, 10 nov. 2011. Disponível em: <https://www1.unicap.br/assecom1/abertura-do-iv-encontro-de-literatura-infanto-juvenil-homenageia-elita-ferreira/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

BAHIA, Arquidiocese de São Salvador da. **Jussara Rocha Koury** (biografia), 2018. Disponível em: https://hugepdf.com/download/biografia-arquidiocese-de-sao-salvador-da-bahia_pdf#. Acesso em: 16 abr. 2024.

BATISTA, Valdirene Barboza de Araújo. **A jornada do herói nas narrativas juvenis de Giselda Laporta Nicolelis**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. Assis, p. 459, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153405>. Acesso em: 30 abr. 2023.

BESSA, Marcelo Secron. **Os perigosos**: autobiografias & AIDS. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas**: a literatura (des)construindo a AIDS. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BRASIL, Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Direitos das PVHIV**. Gov.br, 16 ago. 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/hiv-aids/direitos-das-pvhiv>. Acesso em: 19 abr. 2023.

BRASIL, Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **PEP**. Gov.br, 03 mai. 2022b. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/pep-profilaxia-pos-exposicao-ao-hiv/pep>. Acesso em 19 abr. 2023.

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Passo a passo PSE**: Programa Saúde na Escola: tecendo caminhos da intersectorialidade. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. 6ª ed. Brasília: Senado Federal, 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70318/64.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2023.

BRASIL, Fundação Biblioteca Nacional. **Biblioteca Pública**: princípios e diretrizes. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. De Processos técnicos, 2000. Disponível em: http://consorcio.bn.br/consorcio/manuais/manualsnbp/ArquivoFinal28_08.pdf. Acesso em: 01 mai. 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política nacional de DST/aids**: princípios e diretrizes. 1ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 1999. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_17.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: saúde. v. 10.4. In: BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/parametros-curriculares-nacionais>. Acesso em: 06 mai. 2023.

BRAZ, Júlio Emílio. **Um sonho dentro de mim**. São Paulo: Moderna, 1994.

BRONDANI, Jeanine Porto. **A história infantil como recurso na compreensão do processo saúde-doença pela criança com HIV**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem. Porto Alegre, p. 96, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/49720>. Acesso em: 10 mai. 2023.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social (1965). In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Todavia, 2023, p. 31-56.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura (1988). In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

CARDOSO, Luiz Claudio. **AIDS: e agora?**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

CAREY, Tanith. The ‘sick-lit’ books aimed at children: It’s a dirturbing phenomenon. Tales of teenage câncer, self- harm and suicide... **Daily Mail**, [S./], 03 jan. 2013. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-2256356/The-sick-lit-books-aimed-children-Its-disturbing-phenomenon-Tales-teenage-cancer-self-harm-suicide-.html>. Acesso em: 19 ago. 2023.

CARNEIRO, Raquel. ‘Sick-lit’: a literatura que não subestima o adolescente. **Veja**, [S./], 26 mai. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/sick-lit-a-literatura-que-nao-subestima-o-adolescente>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CARRASCO, Walcyr. **A corrente da vida**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2016.

CARRASCO, Walcyr. **A corrente da vida**. São Paulo: Moderna, 1993.

CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa; CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. Ado(l)e(s)cer: enfermidade, memória e identidade nas narrativas juvenis Treze anos de Brance (1994) e O tempo das surpresas (2007). **Via Atlântica**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 407-426, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/107941>. Acesso em: 13 ago. 2023.

CARVALHO, Abílio Louro de. Temas fracturantes ou sociedade fracturada? (carta dos leitores). **Expresso** 50, Santa Maria da Feira (PT), 23 out. 2008. Disponível em: <https://expresso.pt/opiniaoblogues/correio/cartas/temas-fracturantes-ou-sociedade-fracturada=f433412#:~:text=Tornou%2Dse%20frequente%20denominar%20de,mais%20consistente%20e%20ambicionam%20a>. Acesso em: 09 ago. 2023.

CECCANTINI, João Luís. Literatura juvenil brasileira no horizonte (2008-2019). In: ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro; MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; CECCANTINI, João Luís (org.). **Livro juvenil: estética, crítica e experiência literária**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021, p. 13-28.

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. **Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1977)**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Assis, p. 462, 2000.

CEOLA, Chico. **Saudade da tribo**. Santa Bárbara d’Oeste: Hertz, 2000.

CHARTIER, Roger. Do social ao cultural. In: CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 33-44.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens Indo-Européias aos Brasil contemporâneo**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

COLOMER, Teresa. A criação de narrativas para adolescentes. In: COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017, p. 238-243.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2003.

COMPANHIA NA EDUCAÇÃO. Práticas de leitura: mediação de temas fraturantes na literatura. Youtube, 03 mai. 2023. Disponível em:

<https://www.youtube.com/live/uR0UK6EjSPw?feature=share>. Acesso em: 09 ago. 2023.

CONGRESSO debate doença comum entre os homossexuais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 03 jun. 1983. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8426&anchor=4184434&origem=busca&originURL=&maxTouch=0>. Acesso em: 16 abr. 2023.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Fabrício Lemos da; HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira. A crítica sociológica e dialética de Antonio Candido: entre o fato social e a expressão artística. **Jangada**, [S.l.] n. 13, jan/jun, p. 22-31, 2019. Disponível em:

<https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/216>. Acesso em: 31 jul. 2023.

COSTA, Lúcia de Lourdes Monteiro. **Literatura infanto-juvenil de temática homoafetiva: impasses entre a abordagem dos PCN e a representação ficcional**. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade. Campina Grande, p. 127, 2011. Disponível em:

<http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2442>. Acesso em: 10 mai. 2023.

CRONOLOGIA X – de 1980 a 1990. **Palmares – PE** (blog), Palmares, 27 fev. 2011.

Disponível em: <https://minhapalmares.blogspot.com/2011/02/cronologia-x-de-1980-1990.html>. Acesso em: 20 abr. 2024.

DANIEL, Herbert. AIDS no Brasil: a falência dos modelos (1991). In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. Rio de Janeiro: ABIA, 2018a. p. 33-56.

DANIEL, Herbert. O primeiro AZT a gente nunca esquece (1991). In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. Rio de Janeiro: ABIA, 2018b. p. 139-143.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. A terceira epidemia: o exercício da solidariedade (1991). In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. Rio de Janeiro: ABIA, 2018. p. 13-32.

DUAS décadas de engajamento na resposta ao HIV no Brasil. **UNAIDS**, [s.l.], 15 out. 2019.

Disponível em: <https://unaid.org.br/2019/10/duas-decadas-de-engajamento-na-resposta-ao-hiv-no-brasil/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ELIANE, Cledy. Programas de prevenção em escolas: a experiência do Brasil. In: PINTO, Teresinha; TELLES, Izabel da Silva (org.). **AIDS e escola: reflexões e propostas do EDUCAIDS**. São Paulo: Cortez; Pernambuco: UNICEF, 2000. p. 129-138.

ELMAN, Julie Passanante. “Nothing Feels as Real”: teen sick-lit, sadness, and the condition of adolescence. **Journal of Literary & Cultural Disability Studies**, Liverpool University Press, v. 6, n. 2, p. 175- 191, 2012. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/105/article/480110>. Acesso em: 19 ago. 2023.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 5**. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FONSECA, Leandro Noronha da. **O verso do vírus: a poesia brasileira contemporânea e o HIV/AIDS**. Curitiba: Appris, 2023.

FONSECA, Leandro Noronha da. Um panorama historiográfico do HIV/aids na literatura brasileira (1980-2020). In: PUCCINELLI, Bruno; FERNANDES, Fábio; FONTES, Ramos. (org.). **Aids sem capa: reflexões virais sobre um mundo pós-pandemia**. Salvador: Devires, 2022. p. 181-200.

GALVÃO, Jana; BASTOS, Francisco I.; NUNN, Amy. The Brazilian response to AIDS from the 1980s to 2010: civil Society mobilization and AIDS policy. **Global Health Governance**, New Jersey, v. 6, n.1, dez. 2012. p. 01-22. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6379>. Acesso em: 19 abr. 2023.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIROTTTO, Cynthia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreenderem o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira [et al.] (org.). **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2010, p. 45-114.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

GROSS, Melissa; GOLDSMITH, Annette Y.; CARRUTH, Debi. **HIV/Aids in Young adult novels: an annotated bibliography**. Plymouth: Scarecrow Press, 2010.

HADDAD, Sérgio (Org.). **Aids, juventude, educação**: catálogo de fontes de informação e materiais educativos. São Paulo: CEDI, 1993. Disponível em: <http://bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/1713>. Acesso em: 30 abr. 2023.

HALLAL, Ronaldo. Cascata do HIV e reflexos no SUS. In: LEITE, Vanessa Terto Jr.; PARKER, Richard (org.). **Respostas à AIDS no Brasil**: aprimorando o debate III. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), 2020. p. 167-172.

HENFIL. **Diretas Já!**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1984.

IGUMA, Andréia de Oliveira Alencar. **De quais jovens fala a literatura juvenil brasileira premiada pela FNLIJ de 2000 a 2017?**. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Uberlândia, Pós-Graduação em Estudos Literários, Uberlândia, p. 249, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35212>. Acesso em: 09 ago. 2023.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Carga zerada: HIV/AIDS, discurso, desgaste, cultura. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 479-505, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/118885>. Acesso em: 13 ago. 2023.

JARDIM, Eduardo. **A doença e o tempo**: aids, uma história de todos nós. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

KOURY, Jussara Rocha. **O dono dos pés**. 1ª ed. Recife: Editora Bagaço, 1996.

KOURYH, Jussara Rocha. **Jussara Rocha Kouryh**: jornalista, escritora, doutora em Ciências da Religião UNICAP – PE [2024?]. [S.l.]. Disponível em: <https://jussararochakoury.com/sobre/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

KOURYH, Jussara Rocha. **O dono dos pés**. 2ª ed. Recife: Editora Bagaço, 2013.

KOURYH, Jussara Rocha. **AIDS [HIV]**. Recife: Bagaço, 2018.

LACERDA, Nilma Gonçalves. A literatura para crianças e jovens nos anos 90. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo. **30 anos de literatura para crianças e jovens**: algumas leituras. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998, p. 59-88.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história & histórias. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

LARROSA, Jorge. A novela pedagógica e a pedagogização da novela. In: LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 117-138.

MACHADO, Josué. AIDS, Aids, aids ou sida? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 jan. 1996. Caderno Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/01/cotidiano/10.html>. Acesso em: 30 out. 2023.

MARKITO será enterrado hoje em Uberaba. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07 jun. 1983. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8430&anchor=4185843&origem=busca&originURL=&maxTouch=0>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MELLO, Ramon Nunes. A linguagem é o verdadeiro vírus: corpo é texto. In: MELLO, Ramon Nunes (org.). **Tente entender o que tento dizer**: poesia + HIV/AIDS. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018, p. 14-23.

MELO, Danilo Rodrigues; PENNA, João Camillo. Literatura e HIV/Aids: reflexões sobre a era pós-coquetel. **Z Cultural** – Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro, 1º semestre de 2017, ano XII. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/literatura-e-hiv-aids-reflexoes-sobre-a-era-pos-coquetel/>. Acesso em: 04 mai. 2023.

MIL mãos e mil corações. Direção: Edson Maurício Cabral e Marco José Domenici Maida. Produção: Bernardo Bath, Edson M. Cabral e Marco J. D. Maida. São Paulo: [s. n.], 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mil-maos-e-mil-coracoes/t/gThst2ndKy/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

MIRANDA, André. ‘Sick-lit’, a nova e polêmica literatura para adolescentes. **O Globo**, [S.l.], 21 fev. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/sick-lit-nova-polemica-literatura-para-adolescentes-7633735>. Acesso em: 19 ago. 2023.

MORAES, Isaque. HIV/aids e literatura juvenil: uma análise de Dias difíceis (2002), de Fanny Abramovich. In: CEI, Vitor *et al.* (org.). **A literatura na pandemia de covid-19**: ensino, leitura e crítica. Vitória: Praia Editora, 2024, p. 293-309. Disponível em: <https://letras.ufes.br/pt-br/periodicos-e-publicacoes>. Acesso em: 14 mai. 2024.

MORAES, Isaque da Silva; SEGABINAZI, Daniela Maria. Literatura infantil e juvenil brasileira e HIV/Aids: uma história ainda pouco contada. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 16, n.1, p. 1-17, jan-dez. 2023. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/44304/28272>. Acesso em: 14 mai. 2024.

MOREIRA, Alexandre. Afinal, o que é esta tal de “sick-lit”? **Rocco jovens leitores**, [S.l.], 02 ago. 2017. Disponível em: <https://www.rocco.com.br/afinal-o-que-e-esta-tal-de-sick-lit/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MORICONI, Italo. Urgência, orgia Escritas da Aids. In: MORICONI, Italo. **Literatura, meu fetiche**. Paloma Vidal e Ieda Magri (org.). Recife: Cepe, 2020. loc. 141-156.

NOVAES, Daniele da Silva Garcez. **Sick-lit, o mercado editorial e a cultura terapêutica**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, p. 107, 2021. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?dissertacao=23. Acesso em: 19 ago. 2023.

NOVAES, Daniele da Silva Garcez; TRAVANCAS, Isabel. A literatura sick-lit no mercado editorial brasileiro. In: FERREIRA, Marcos Giovandro; BARBOSA, Maria do Carmo Silva; ANDRADE, Ivanise Hilbig de. **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2020. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1644-1.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2023.

O projeto fita vermelha. **Visual Aids**, [s.l], [s.d]. Disponível em: <https://visualaids-org.translate.goog/projects/the-red-ribbon-project? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt-BR& x tr pto=sc>. Acesso em: 20 abr. 2024.

PAULI, Michelle. ‘Sick-lit’? Evidently Young adult fiction is too complex for the Daily Mail. **The Guardian**, [S.l], 04 jan. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2013/jan/04/sick-lit-young-adult-fiction-mail>. Acesso em: 19 ago. 2023.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. A literatura no território dos direitos humanos. In: LIMA, Aldo (Org.). **O direito à literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 93-114.

PINTO, Teresinha. A 3ª edição do EDUCAIDS. In: PINTO, Teresinha; TELLES, Izabel da Silva (org.). **AIDS e escola: reflexões e propostas do EDUCAIDS**. São Paulo: Cortez; Pernambuco: UNICEF, 2000. p. 13-14.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUILOMBO. **Ancestralidades**. Termos e conceitos, [2024a]. Disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/termos-e-conceitos/quilombo>. Acesso em: 16 abr. 2024.

RAMOS, Ana Margarida; VERNON, Richard. Das dores de crescimento à dor de existir: representações literárias de adolescências feridas. **Acta Scientiarum. Language e culture**, Maringá, v. 37, n. 3, p. 287-295, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/26211>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ROCHA, Lucas. **Você tem a vida inteira**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Galera, 2018.

RUDOLF, Mário. **Bravo, pai da Esperança, mãe do Sorriso, discípulo da Solidariedade, namorada do Amigão, que viveu com Aids**. 3ª ed. São Paulo: M. Rudolf, 1992.

SCLIAR, Moacyr. Para Scliar, ciência e literatura são compartimentos da mesma cultura. Entrevista concedida ao **Jornal da UNICAMP**, 2004. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju253pag09.pdf. Acesso em: 13 ago. 2023.

SEGABINAZI, Daniela; RODRIGUES, Severino. Literatura juvenil e/ou literatura Young adult: duas faces da mesma moeda?. **E-escrita**, Nilópolis, Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v. 12, nº. 2, p. 193-207, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/ojs2/index.php/RE/article/view/4246>. Acesso em: 04 mai. 2023.

SILVA, Kyssia Rafaela Almeida Pinto. **Configurações homoafetivas em romances juvenis brasileiros**. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade. Campina Grande, p. 136, 2012. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2493>. Acesso em: 10 mai. 2023.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SILVEIRA, Bruna Rocha. Doença e juventude na sick-lit. **Em Aberto**, Brasília, v. 32, n. 105, p. 107-120, 2019. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4212>. Acesso em: 13 ago. 2023.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SILVEIRA, Bruna Rocha. A doença na literatura infanto-juvenil – análise de quatro obras contemporâneas. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 389-406, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/108001>. Acesso em: 13 ago. 2023.

SOARES, Angélica. A novela. In: SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2007, p. 55-57.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora / Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SOUSA, Alexandre Nunes. Poesias positivas na era pós-coquetel. In: MELLO, Ramon Nunes (org.). **Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/aids**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018, p. 214-221.

SOUSA, Alexandre Nunes de. Da epidemia discursiva à era pós-coquetel: notas sobre a memória da Aids no cinema e na literatura. **II Seminário Internacional em Memória Social**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/B019-ALEXANDRE-NUNES-DE-SOUSA-normalizado.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SOUSA, Alexandre Nunes de. Literatura pós-coquetel (parte 1). **Revista Cariri**, [S.l.], 2015a.

Disponível em: <https://jovensoropositivo.wordpress.com/2015/10/08/literatura-pos-coquetel-1/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SOUSA, Alexandre Nunes de. Literatura pós-coquetel (parte 2). **Revista Cariri**, [S.l.], 2015b. Disponível em: <https://jovensoropositivo.wordpress.com/2015/10/20/literatura-pos-coquetel-parte-2/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SOUSA, Maria Antonia; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Glossário de informação étnico-racial**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/178/912/7538-1>. Acesso em: 16 abr. 2024.

SOUZA, Gloria Pimentel Correia Botelho de. A literatura infanto-juvenil brasileira nos anos 1990. In: SOUZA, Gloria Pimentel Correia Botelho de. **A literatura infanto-juvenil brasileira vai muito bem, obrigada!**. São Paulo: DCL, 2006, p. 107-198.

SOUZA, Raquel Cristina de Souza e. **A ficção juvenil brasileira em busca de identidade: a formação do campo e do leitor**. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro, p. 459, 2015. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/25/teses/835887.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2023.

TEODORESCU, Lindinalva Laurindo; TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Histórias da aids no Brasil (1983-2003), v. 1: as respostas governamentais à epidemia de aids**. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015.

TIUMAN, Patrícia Elisabel Bento. **Produção literária infantil e juvenil de Walcyr Carrasco: uma análise da construção narrativa e da representação de grupos sociais (1979-2010)**. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Maringá, p. 157, 2011. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/6116>. Acesso em: 10 mai. 2023.

TURCHI, Maria Zaira. Narrativas juvenis: a inovação literária em busca do leitor. **FronteiraZ**, São Paulo, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, nº 17, p. 81-96, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/29410>. Acesso em: 08 mai. 2023.

UWE, Flick. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

UWE, Flick. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WAYNE, Ernesto. Under two flags. In: AGUIAR, Vera; ASSUMPÇÃO, Simone; JACOBY, Sissa. (org.). **Poesia fora da estante – volume 2**. Porto Alegre: Editora Projeto, 2002. p. 100-101.

WHERTEIN, Jorge. A Unesco e o EDUCAIDS. *In*: PINTO, Teresinha; TELLES, Izabel da Silva (org.). **AIDS e escola**: reflexões e propostas do EDUCAIDS. São Paulo: Cortez; Pernambuco: UNICEF, 2000. p. 11-12.

ZUMBI dos Palmares. **Ancestralidades**. Biografias e trajetórias, [2024b]. Disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/biografias-e-trajetorias/zumbi-dos-palmares>. Acesso em: 16 abr. 2024.

APÊNDICE I

GUIA DE ENTREVISTA COM A AUTORA

Bloco 1. Sobre a autora e a relação com a literatura juvenil

Pergunta 1. Você poderia contar, por favor, quem é Jussara Rocha Kouryh?

Pergunta 2. Pelo que você consegue lembrar, como iniciou sua relação com a literatura, a criação e produção de livros, e o universo literário como um todo?

Bloco 2. Sobre o contexto da década de 80 e 90

Pergunta 1. Fale um pouco sobre as suas memórias da década de 80 e 90. Como você enxergava os acontecimentos sociais, culturais e políticos desse período?

Pergunta 2. Você poderia narrar a sua atuação social frente à temática do HIV/aids?

Pergunta 3. Por favor, conte uma situação que simbolize a relação entre HIV/aids e sociedade para você.

Bloco 3. Sobre o romance e a relação com a temática

Pergunta 1. Relate, por favor, quais foram as motivações para a criação do romance *O dono dos pés* (1996) e o seu processo de elaboração.

Pergunta 2. Você sente que teve dificuldades durante o percurso da escrita? Fale, por favor, sobre uma situação que simbolize isso e que possa ser esclarecedora para você e para mim.

Pergunta 3. De que forma falar sobre HIV/aids no romance é relevante? Você poderia compartilhar suas impressões sobre essa relação?

Pergunta 4. Conte um pouco sobre o alcance dessa obra e o público a que ela é destinada.

Pergunta 5. Você poderia contar um pouco sobre o fato de o livro ter sido reeditado? Qual(is) acontecimentos motivaram essa nova edição?

Pergunta 6. Após alguns anos, alguns escritores sentem vontade de reescrever ou modificar certos trechos de uma obra já publicada, seja por questões estéticas ou por questões históricas e sociais. No tocante ao romance *O dono dos pés*, você sente essa necessidade?

APÊNDICE II



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada JUSSARA ROCHA KOURYH,

Esta pesquisa é intitulada **REPRESENTAÇÕES POSITIVAS NA LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DE “O DONO DOS PÉS” (1996)**, de **JUSSARA ROCHA KOURYH** e está sendo desenvolvida pelo pesquisador **ISAUQUE DA SILVA MORAES**, aluno do Curso de **MESTRADO EM LETRAS** da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. **DANIELA MARIA SEGABINAZI**.

Seu objetivo principal é compreender como se deu a representação da temática do HIV/Aids na literatura juvenil brasileira a partir do romance *O dono dos pés* (1996), a fim de evidenciar como essa literatura corrobora para uma representação singular desse universo. Os objetivos específicos são: a) investigar o cenário político, educacional, social e cultural da década de 90 no Brasil; b) realizar um panorama histórico da literatura juvenil brasileira que tematiza o HIV/Aids (1980-2020); c) apontar como a inclusão da temática do HIV/Aids e de outras doenças foi essencial para a consolidação da literatura juvenil brasileira e os aspectos que proporcionaram o apagamento dessas obras nos estudos teóricos-críticos; d) produzir material, a partir de uma entrevista episódica, que sirva de subsídio para a fortuna crítica da autora Jussara Rocha Kouryh, como sua biografia e a sua importância para a literatura juvenil pernambucana; e) comparar as duas edições do romance *O dono dos pés* (1996; 2013) durante o processo de análise; f) analisar a categoria temática do HIV/Aids no romance, mediante uma abordagem sociocultural.

A finalidade deste trabalho é apresentar como a temática do HIV/Aids foi representada na literatura juvenil brasileira, especificamente no romance *O dono dos pés* (1996). Como benefício, esta pesquisa pretende produzir subsídio para a fortuna crítica da autora. Solicitamos a sua colaboração para a aplicação de uma ENTREVISTA EPISÓDICA, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados seu nome será mantido em sigilo.

Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. No momento da entrevista poderá ocorrer um desconforto psicológico (constrangimento) e, para que isso seja evitado, deverá ser escolhido um local privado livre da presença de pessoas alheias ao estudo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o/a senhor/a não é obrigado/a a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela/o mestranda/o ou doutoranda/o. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

O/A pesquisador/a responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

João Pessoa, 15 de setembro 2023



JUSSARA ROCHA KOURYH

ISAQUE DA SILVA MORAES

APÊNDICE III

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Legenda:

C = Comentário.

R = Resposta.

Entrevista realizada no dia 10 de setembro de 2023, via *Google Meet*.

Pergunta. Você poderia contar, por favor, quem é Jussara Rocha Kouryh?

R. Eu sou... não sei lhe dizer quem eu sou. Vamos por partes. Eu nasci em Palmares, aqui na zona da cana de açúcar, na zona da Mata Sul de Pernambuco, numa região tradicionalmente de resistência, porque é uma região que herdou um pouco esse perfil do Quilombo dos Palmares. Você sabe que esse Quilombo dos Palmares era uma coisa imensa, ele perpassou uma região que ia do Cabo de Santo Agostinho até a fonte do São Francisco, então o litoral, hoje o que é a Zona da Mata do estado de Pernambuco, litoral e Zona da Mata do estado de Pernambuco e Alagoas foi região do Quilombo dos Palmares. E, conseqüentemente, também Palmares. Então existe uma característica muito grande do pessoal da Zona da Mata, que é uma característica de resistência, de resistência em todos os sentidos que a gente possa pensar. Então eu sou, eu nasci nisso, nasci nesse leito da cana que tem o doce, o doce mais doce que a pedra de açúcar provoca e o fel mais fel que esse processo de dominação provoca. Então desde muito cedo eu comecei a compreender que essa questão da injustiça social, essa questão do preconceito que se tem com a gente, nordestino, de modo geral, essa questão sempre me incomodou muito. Eu tive uma formação de família muito sólida, muito tranquila, mas muito sólida e também muito voltada às questões políticas, meu pai era uma pessoa muito envolvida, embora não fosse militante de nenhum partido, mas era uma pessoa extremamente esclarecida, uma pessoa que discutia com a gente essas coisas todas e tinha reuniões lá em casa dos amigos que faziam parte da política. E junto a ele mamãe, com toda sua força, sua garra e com toda sua fé, também foi uma pessoa de extremíssima fé, papai também era uma pessoa de extremíssima fé, embora não participasse sistematicamente, digamos assim, de nenhuma religião, nenhuma igreja, mas ele tinha uma fé muito grande, sobretudo em Nossa Senhora da Conceição, que é a padroeira de Palmares. Então, existia entre a gente uma relação muito boa, muito de família, com todos os percalços que qualquer família tem, as brigas, mas o que prevaleceu nessa relação foi o “querer bem”.

Morávamos em uma rua que era bem pertinho da beira do rio e na beira do rio ficava a população com mais necessidade, eu diria assim, mais pobre, mais marginalizada da cidade. Porém, lá em casa não tinha isso, brincávamos todos juntos, então fomos “moleques de rua”, graças a Deus, tivemos essa possibilidade de sermos “moleques de rua”, no sentido da palavra claro, então jogávamos bola, andávamos de bicicleta, jogávamos chimbra, que hoje se chama bola de gude, pião, queimado, brincávamos de boneca também, entre a gente, meninas. Mas o que foi importante para nós nessa formação? É o não distanciamento das pessoas por uma estratificação social. Não tinha isso. Éramos todos crianças e brincávamos todos juntos. E uma outra coisa muito interessante, entre nós, é que enquanto estávamos na rua brincando ou no quintal de qualquer uma das casas, os pais e as mães naquela casa daquela família, eram também os nossos pais e as nossas mães. Então não tinha esse inferninho “Ah!!! Mãe que vai para a porta da casa de...”. Não tinha nada disso. Porque se a gente estava na casa de um amigo nosso, e o pai dele nos chamava atenção, acabou. E a gente obedecia como se fosse o pai da gente ou a mãe da gente. E isso era fruto de uma relação de amizade muito grande entre os nossos pais. Então eu cresci nesse caldo, digamos assim, sem preconceitos, sem barreiras, de nenhum tipo. Nem de crenças, porque tinha uma variedade muito grande de expressões religiosas, nem de cor de pele, nem de poder aquisitivo, nada. Entre nós, tinha gente que tinha grana, que não era o caso da nossa família, era uma família de classe média, mas tinha também aquelas pessoas que moravam, que tinham menos do que a gente. Depois, outra coisa que contribuiu muito nessa minha formação foi ter estudado a minha vida inteira na escola pública. Sempre. Até onde foi possível, porque só tinha até o que hoje é o Fundamental II. Não tinha o Ensino Médio na escola pública. E aí quando eu terminei esse período todo, eu tive que ir pra uma escola particular, que foi para o Colégio Diocesano, conseguimos uma bolsa. Porque o município não oferecia, só oferecia até o Fundamental II, como hoje também é assim, o município só oferece até o Fundamental II. O ensino médio fica por conta do estado. E depois eu vim para Recife, para fazer faculdade, e aí foi uma outra coisa. Mas aí eu trouxe esse bojo, eu diria, e nesse bojo tinham valores que eram inegociáveis. A ética inegociável, a verdade inegociável. Não tinha que estar mentindo para pai e para mãe. Não, não tinha. A gente aprendeu a assumir as consequências dos nossos atos. Então, eu sou assim. Porque fui criada dessa forma. Não sei se deu para você...

Entrevistador

C. Deu, com certeza. Assim, eu tenho uma noção de algumas questões da sua vida, por causa das minhas pesquisas e tal. Mas assim, ouvir você falar amplia muito mais esse horizonte do

que eu já tinha sobre você. Então assim, saber desse contexto seu familiar, da sua criação, a gente percebe também como isso reflete também nos seus próprios textos literários. Assim, é muito interessante ver todo esse espectro muito mais amplo que antes eu não tinha o contato, porque muitas vezes a gente só tem contato com a biografia, que às vezes é muito mais uma síntese do que de fato a história de uma pessoa. Então, é muito bom poder ouvi-la falar.

Pergunta. Se você pudesse falar também um pouquinho dessa sua fase adulta, dessa fase ali da universidade, o mestrado, doutorado, enfim, também.

R. Eu vim para o Recife e aí eu comecei, passei no vestibular, porque na época não tinha ENEM, não tinha essas facilidades que hoje tem. Então era o vestibular e ponto, ou você passava ou você não passava. Então, eu vim para fazer jornalismo. E aí estudei jornalismo na Universidade Católica e depois comecei a trabalhar e enveredei também pela literatura. Foi quando eu enveredei pela literatura. Lá em Palmares, é uma das resistências muito fortes em Palmares, que ainda hoje é assim, é a questão cultural, sobretudo a questão literária. Hoje, tem duas instituições que têm um papel muito importante, nesse sentido, é a Fundação Casa da Cultura Hermilo Borba Filho e a Academia Palmarensense de Letras. Então essas duas instituições têm mexido muito. Depois, tem o Instituto de Belas Artes, com Paulo Profeta, tem outros movimentos, mas essas duas instituições têm um peso muito grande. Lá, nessa perpetuação, digamos assim, da resistência cultural, com um recorte muito forte na literatura. Então aí, na década de 80, nasceu lá em Palmares, fruto dessa resistência, dentre tantas coisas, tantas reivindicações, nasceu a revista A Região. Era uma revista que tratava dos assuntos ali da região de Palmares, e das cidades circunvizinhas. E da revista A Região, nasceu a Edições Bagaço, lá em Palmares. Nasceu no terraço lá de casa, conversando, numa conversa dos meninos com o papai. Nessa época, eu trabalhava em Salvador. Estava trabalhando lá em Salvador. E aí, eles decidiram, eram 6 os primeiros sócios, e decidiram fazer seis livros. Então eles juntaram dinheiro para fazer o primeiro que tinha que se vender, se pagar, e financiar o segundo, e assim sucessivamente. A perspectiva era de publicar 6 livros. Quando publicaram o primeiro, que foi um título que eu gosto demais e o texto é belíssimo, você precisa ler, é *O valente galo Zé*, é de Elita Ferreira. E ela questiona as rinhas de briga de galo, e aí tem um galo que decide não ser mais galo de briga. E aí começa toda a confusão. Mas é uma história, para mim é, o livro que Elita escreveu pra mim é um dos melhores, se não para mim. Porque mostra toda essa, como é que eu digo?, essa inquietação por aquilo que a sociedade estabelece e que precisa ser mudado de uma certa forma. Então se publicou o de Elita, em outubro, porque era um livro infantil, e aí falaram comigo, eu estava em Salvador, e disseram: “o segundo livro, a gente quer que seja o

seu, de poesias”. Mas eu não fazia nem parte da editora assim. Aí eu digo: mas como assim? Eu escrevia poesia, mas escondia as poesias, porque eu achava que ninguém ia ler nunca na vida. E aí, lá vai eu juntar as poesias para fazer o livro, que nasceu o primeiro livro que *Pingos de vida*. E foi lançado em 84, dezembro de 84. No dia 7 de dezembro de 84. Então, foi o segundo livro da editora, depois a editora cresceu, se transferiu o escritório, transferiu-se para Recife. É, e se tornou, durante um bom tempo, a editora referência da literatura do nordeste. Então a Bagaço tem, teve um papel muito importante para a literatura de Pernambuco e do Nordeste, de modo geral, porque, inclusive o slogan da Bagaço ou o lema da Bagaço é “A cultura da Terra é o nosso papel”. Para dizer o quanto estava inserida, engajada nessa questão da cultura pernambucana e nordestina. E aí, pronto, e aí virou a minha cachaça. E aí eu não parei mais de escrever e depois enveredei pela literatura infantil, infanto-juvenil, depois os romances, depois livros de formação para adolescentes, porque o universo da Bagaço era um pouco o universo escolar. E a gente, eu digo, eu preciso tentar escrever para esse público. E aí foi muito interessante e a gente fez muita coisa interessante. É são mais de 30 títulos, eu nem sei quantos, mas tem mais de 30 títulos publicados. E agora, o último, foi exatamente a minha dissertação de mestrado. Aí foi aí entra, envereda pela escrita científica, digamos assim, que é muito engessada, muito diferente da ficção, muito diferente da ludicidade infantil, é outra história, outro universo, outra coisa. Porém, eu não abri mão de escrever do jeito que eu sei escrever. Então que me permitam a academia, foi uma briga na academia, uma boa briga até conseguir, não é impor, mas é conseguir convencer que era possível você escrever um texto científico de forma leve, sem aquela coisa engessada, sem aquela coisa pesada. E ter um peso, não ser pesado e ao mesmo tempo ter o peso de um texto fundamentado, teoricamente falando, e dentro das exigências, enfim. É mais ou menos esse o percurso.

Entrevistador

Pergunta. Então é possível dizer, a partir disso que você me conta agora, que você envereda pela literatura também em consonância com a Bagaço?

R. Não, tudo foi... Esse trabalho todo foi feito em parceria a Bagaço. Todos esses títulos foram publicados com a Bagaço. Todos eles. Teve o último, o ultimíssimo que eu fiz, que foi a história de uma família da Paraíba, a família Nogueira, é o único que não foi editado pela Bagaço, mas os outros todos foram editados pela Bagaço.

Entrevistador

Pergunta. Então todo esse universo de produção, de criação literária, inicia também nesse período da década de 80?

R. É, começa na década de 80 e vai simhora. Vai, vai, vai...

Entrevistador

Pergunta. Então, aproveitando já esse ensejo aí da década de 80, eu queria que você me falasse um pouco das suas memórias sobre esse período da década de 80 e 90 e como que você enxergava os acontecimentos sociais, culturais e políticos desse período.

R. Esse período, veja, é um período pós golpe militar. Um período que a gente sonhou muito. Mas que foi muito, muito duro depois que se terminou, digamos assim, depois, até o processo de reabertura foi muito doloroso, porque foi um “acordão”, né? Então, não foi uma coisa. Foi uma eleição indireta, né? Que botou o Sarney lá porque o Tancredo faleceu, enfim. Então, foi sempre um processo muito doloroso, a reconquista. Depois veio o Fernando Henrique, depois veio o período do Collor e toda aquela confusão, enfim. Foi uma reconquista ou uma Conquista, uma retomada, porque nós tínhamos a esperança da retomada dos movimentos sociais, que era a grande abolição, digamos assim, ebulição, digamos assim. Ali na década de 60, no começo da década de 60, final da década de 50, começo da década de 60. Que aí se porta por conta dos movimentos sociais. Então a gente vê um Imperialismo que não permite que o pobre tenha as conquistas. Então, foi um período, assim, doloroso, porém, um período muito rico também. Porque teve uma ebulição cultural muito forte com os festivais de música, depois a própria Jovem Guarda, Bossa Nova, etc. Porém, nas nossas cidades também, como foi o caso de Palmares. A gente conseguiu, por exemplo, nesses movimentos todos, a preservação do prédio do teatro, do Cine Teatro Apollo, o primeiro, o segundo teatro do interior de Pernambuco. Ia ser vendido, a família ia vender para ser um Supermercado, para ser uma coisa assim. E foi tanta confusão. Foi todo mundo para a rua. E aí a prefeitura comprou, digamos, eu não sei o termo certo juridicamente, mas a prefeitura... E hoje é o auditório da Fundação Hermilo Borba Filho. Então se preservou. Então isso tudo são conquistas. Mas são conquistas que tem uma moeda muito, muito cara, digamos assim, mas a gente tem esse perfil de resistência, de tentativas. Então, na realidade, esse processo democrático, efetivamente falando, ele começa em 2002 com a eleição, a primeira eleição do Lula. Porque aí começa uma política, um governo que pensa um país como um todo, que não excluiu o Nordeste, que não excluiu o Norte, que não exclui as minorias, que não são minorias, porque se você pensa na população negra, é mais de 50% da população brasileira. Então, é ilusório você dizer que é minoria, não é minoria. Você

pensa no número de mulheres, é mais de 50 mil, então não é minoria. Então, você percebe que só a partir dali, de fato, a gente começa um processo efetivo de tentativa de democracia no país, porque entendendo-se a democracia como a participação de todos os cidadãos brasileiros. Cidadãos e cidadãs. E ver o Brasil como um todo. Sem excluir. Sem excluir. Porque, até então, o Brasil se restringia ao Sudeste e ao Sul. Nós, nordestinos, e o povo do norte, nós não fazíamos parte das políticas públicas. Efetivamente não. “Mas tem o SUS que era para todos”, sim, mas não se tinha esse olhar, esse carinho, esse zelo, esse cuidado. Que se tem. E que a gente aprendeu e que a gente sentiu, que a gente experimentou, a partir do governo, do primeiro governo de Lula. E aí quando isso foi crescendo, precisava interromper. E aí se interrompe. Com outro golpe. Que hoje está provado, né? Já foi dito, já foi provado. Agora, ultimamente, já foi dito legalmente, que realmente não tinha nada contra, que foi uma armação para não dizerem “golpe”. Mas que se retoma esse processo, que também foi outro período muito doloroso, quando há essa interrupção. Porque, de novo, o povo brasileiro, o povo enquanto povo, a nação não foi mais vista como nação.

Entrevistador

Pergunta. Aproveitando que você falou dessa questão, por exemplo, da política pública que era o SUS, que era para todos, mas que a gente tem essa noção de que nem sempre de fato é para todos, eu queria que você me dissesse um pouco, também, da sua atuação social frente a temática do HIV/aids, que surge nesse contexto ali da década de 80. E tem um livro seu, que é da coleção “Conceitos sem preconceitos”, que nas guardas dele você afirma, enquanto agradecimento, todas as escolas que permitiram trabalhar com esse tema com os alunos. Então, eu acredito que você tenha tido uma espécie de atuação social em relação com a temática e eu queria que você contasse um pouco sobre.

R. O livro nasceu... vamos lá por partes. Porque esse é o segundo livro meu que trata dessa questão. O primeiro foi uma novela infanto-juvenil e esse é mais uma coisa informativa. Esse é mais uma questão de formação, que faz parte de uma coleção que se chama “Conceitos sem preconceitos”. A coleção compões 6 títulos e o HIV/aids é um dos títulos. Quando eu pensei de tratar essa questão... é, veja, eu trabalhei numa ONG, uma organização não governamental, que fez uma parceria com uma outra ONG, daqui do Recife, que trabalhava com um grupo de pessoas portadoras do HIV. Eu não sei hoje como é que se diz isso, politicamente correto, mas eram pessoas soropositivas. Então, era um segredo, era um silêncio, era uma coisa tão sigilosa. E quando eu cheguei para trabalhar com esse pessoal, eu vi que pessoas soropositivas, estavam ali um punhado, digamos assim, um punhado, tinham pessoas dos dois sexos, tinham pessoas

de todas as orientações sexuais. É assim que se diz hoje, não é? Tinham pessoas de todas as cores, tinham pessoas de todas as condições sociais. Então, eu fiquei encantada, se eu posso dizer assim. Não pelo vírus. Não pela saúde, não por nada disso, não. Mas por uma percepção de que nós somos nós somos muito, muito, muito iguais. Porque somos seres humanos e como seres humanos, estamos sujeitos a qualquer coisa. Não importa. Agora, nós tivemos uma experiência terrível com Covid. Então quando ele veio, quando a pandemia veio, a pandemia não veio só para quem era nem pobre, nem negro, nem branco, nem rico, nem nada. Ela veio. E aí, o que eu percebi também é como o pré-conceito, eu gosto muito de dividir essa palavra, pré-conceito, é expressão máxima da ignorância, no sentido de ausência de conhecimento. Então naquele tempo, não se podia apertar a mão de uma pessoa que era soropositiva. Não se podia abraçar. Não se podia, não se podia nada. No primeiro contato que eu tive com esse grupo, eu fui lá conversar, etc., etc., etc.

Entrevistador

Pergunta. Isso foi em que período Jussara?

R. Eu acho que já foi no final, no começo da década de 90, tenho a impressão. Mas não me lembro não, a data exata. Mas foi por aí. Final da década de 90, por aí. Vê no livro... Não, eu já tinha escrito *O dono dos pés* na realidade, quando eu comecei esse trabalho. Então, eu me lembro que eu saí de lá, e aqui é uma coisa muito particular minha, eu saí de lá, dessa reunião, e fui para o morro da Conceição. O morro da Conceição, aqui no Recife, é uma das partes mais altas de Recife, onde tem uma imagem extraordinariamente bonita de Nossa Senhora da Conceição. Embora Nossa Senhora da Conceição não seja a padroeira do Recife, a padroeira é Nossa Senhora do Carmo, porém, o coração do povo recifense pulsa de amor à virgem da Conceição. A festa é uma coisa belíssima. Então eu subi lá no morro e fiquei lá conversando com Nossa Senhora. Isso aí é a parte da minha crença. Não significa dizer que todo mundo tenha que acreditar nela. Não, absolutamente. Eu me lembro que depois de muito tempo de silêncio, assim, absoluto, entre eu e ela, eu tive a sensação de que ela me dizia, simples assim: “São meus filhos”. E eu me lembro que eu consegui dizer, dentro de mim, “me ajude a amar esses seus filhos”. E no outro dia, que teve a outra reunião, o meu cumprimento a cada um deles foi abraçá-los. E foi um espanto para eles, não para mim. E começamos a trabalhar juntos e fizemos ações, assim, maravilhosas, de geração de renda. Então fizemos máscaras carnavalescas, íamos para as prévias dos carnavais de Recife para vender e eu ia com eles acompanhá-los. E aí com o cuidado? E aí, como é que está o coquetel? Foi para o médico? Mas também fazemos produzirem. Eu me lembro que teve uma das pessoas que disse a mim que

começou a se sentir viva de novo, porque estava produzindo. E foi um período assim muito bonito, muito bonito esse. Muito doloroso também, porque perdemos algumas pessoas. Porque na época, era tudo experimental. Não se tinha o que se tem hoje, de controle, de qualidade de vida. Era tudo muito experimental. Perdemos algumas pessoas muito caras, muito queridas. Mas também vimos muitas pessoas crescerem. Por exemplo, tem um rapaz que era da época, que estava lá, e se chama Jair Brandão, e hoje ele faz parte do coletivo, um desses coletivos de luta e já foi para a ONU representando o Brasil nesses coletivos. E hoje faz parte da comissão dentro do Ministério da Saúde e da comissão que cuida do programa de combate ao HIV/aids. Um tempo desses eu conversei com ele, ele estava todo feliz da vida. Quer dizer, foi nesse processo que ele se descobriu ativista, que ele se engajou. Entende? Então qual foi o segredo? Eu acho que aquele pedido que eu fiz lá, a Senhora da Conceição, é compreender que não eram um vírus ambulante, eram pessoas. Apenas isso. Então foi assim de uma riqueza extraordinária. É de uma riqueza extraordinária.

Entrevistador

Pergunta. Você lembra o nome da ONG?

R. A que eu trabalhava era o CEAS, C-E-A-S, Centro de Estudos e Ação Social do Recife. Porque tinha também a de Salvador, essa era a do Recife. E depois fechou o CEAS, mas fechou depois que eu saí de lá. Mas foi um trabalho assim, extraordinário, porque também nós tínhamos um diretor, o Breno Gonçalves, que é uma pessoa lindíssima, de coração largo, bonito, sabe? E aí foi possível fazer essas coisas todas. Então, depois, inserir esse grupo junto aos outros grupos, que a gente também assistia, e aí foi uma outra experiência maravilhosa. Porque aí, do jeito que a gente os tratava, os outros grupos também passaram a tratá-los. Entende? Então você vai quebrando esses pré-conceitos, você vai abrindo, você vai...

Entrevistador

Pergunta. Eu queria aproveitar, queria que você me contasse uma situação que para você simbolize a relação entre o HIV e a sociedade.

R. Ah, sim! Eu posso contar. Nós fizemos uma campanha. Com eles, com esse grupo para poder... é porque ia ter um Congresso Internacional em Cuba, em Havana, e a gente escreveu um trabalho para apresentar lá. Eles escreveram esse trabalho. A gente ajudou. E foi aprovado para apresentar nesse Congresso, em Cuba. Só que a gente não tinha dinheiro não. Então vamos fazer as atividades todas para conseguir. E uma das coisas que a gente fez foi um broche, que a

gente chamava um pin, não sei como é, aquele que bota na lapela, de metal. E era um caranguejo, que é o símbolo de Pernambuco, que é um dos símbolos de Pernambuco. O caranguejo segurando aquele laço que é o símbolo do HIV, não é um laço, o símbolo da luta do HIV não, o símbolo da luta contra o HIV, não é? Bom, então nós fizemos umas propostas de algumas escolas de adquirirem esses broches, esses índices. Qualquer nome que a gente queira dar. E a gente fazer, levar as pessoas para conversar com os alunos sobre essa questão, do HIV/aids. E aí, o Colégio Atual, eu me lembro muito do Atual. E a gente foi num desses colégios na época. O Atual nem existe mais, mudou de direção, mudou de nome, mudou de grupo. Então seguiu, mas enfim. Então, nós fomos a um desses colégios e quem ia com a gente para falar, eu ia para dizer da história da campanha. Porém, ia conosco o Jair, esse Jair que eu falei, o Jair Brandão. E ele contava na sala de aula a experiência dele, a vida dele. Então, numa dessas escolas, quando nós terminamos tudo, um rapaz que estava, um rapaz, um adolescente que estava no fim da sala levantou e veio. E ficou eu e o Jair, nós dois, assim, olhando, esperando o que que ia acontecer, porque a gente não tinha noção. E aí, ele olhou para Jair e disse: eu posso lhe dar um abraço? aí Jair disse: pode, claro que sim. Aí ele disse que tinha um primo e começou a chorar, chorou, chorou, chorou, e a gente esperou que ele terminasse. Aí ele disse que tinha um primo que estava, tinha testado positivo, e que ele tinha se afastado dele, e que tinha compreendido, ali, que não podia fazer isso. E que o primo dele continuava sendo o primo, continuava sendo amigo e continuava sendo... Isso para dizer uma coisa que aconteceu, uma das tantas coisas que aconteceram. Então, para mim, quando eu vi aquela cena, eu disse “valeu todo o esforço”.

Entrevistador

C. É, foi como uma confirmação de todo o trabalho que vocês estavam realizando.

R. Claro. Claro. E você, você não espera aí, não é um vírus ambulante, né? Que é o que a gente diz no livro *O dono dos pés*.

Entrevistador

Pergunta. Sobre o romance, eu gostaria que você me falasse quais foram as motivações para a criação do livro *O dono dos pés*, e como foi o processo de elaboração.

R. O que motivou, sempre, é essa questão da luta, eu diria, pela quebra de preconceitos. Essa é uma coisa. A segunda coisa é a responsabilidade que nós, enquanto escritores, temos, e aí eu compreendo assim. Eu compreendo que a minha escrita não é para mim, é para quem ler. Eu

não escrevo para mim, eu escrevo para quem ler. E se eu estou tratando de jovens, eu preciso escrever para jovens e os questionamentos que os jovens têm. Não é? Não para doutrinar, não para nada disso. Mas para fazê-los pensar. Para fazê-los pensar. A professora Evangelina, que você conhece, e que eu conheço também, que é daí da Universidade Federal, ela diz uma coisa que eu gosto muito, ela diz: o pecado é não pensar. Então, para que se pense, para que se discuta as questões. Então os meus livros para esse público são assim, por exemplo, tem esse do HIV, só para fazer um contexto e depois voltar para o livro, tem um que é sobre a adolescência, a gravidez na adolescência, tem um que é a relação de amizade, dos “pega” no meio da rua, que rouba o carro do pai para fazer “pega”, porque na época era uma coisa assim muito forte. Então são temas que estão no dia a dia dos jovens. Se eu for escrever, hoje, um livro infantojuvenil, sem dúvida, eu não posso deixar de fora a questão da orientação sexual. Porque é o que está no... é o prato do dia, digamos assim, ou é o que está posto na mesa. Uma das questões que estão postas na mesa, não é? Então, essa questão do HIV era uma questão muito forte. Muito forte. Não é? Era tipo assim, de dizer se você... Primeiro que estava associado à questão da sexualidade, primeira coisa. Então, ou você, enquanto rapaz, era homossexual, e aí já tinha todo um peso enorme de ser homossexual, muito mais que hoje. Ou então era promíscuo, que vivia de galho em galho, que vivia... não é? Então era uma coisa assim absurda, como se entrava na individualidade da pessoa para estraçalhar essa individualidade. Então, além de ter o peso da doença, de estar contaminado por um vírus que ninguém sabia o que era, estava ainda em processo de estudo, estava ainda, não é? É, tinha todo esse peso. E o terceiro elemento, que era a questão do vício nas drogas injetáveis, porque aí você compartilhava agulhas, então tudo o que a sociedade pensava, a sociedade moralista pensava como um pecado mortal, estava em cima das pessoas que tinham HIV.

Entrevistador

C. É uma questão bem interessante para a gente pensar. Porque isso dá também um panorama da própria sociedade da época, não é?

R. Claro. Claro. Que hoje não é muito diferente não. Hoje tem outros, outros entre aspas “HIV’s da vida” que você coloca em cima da pessoa todo esse peso. Aí, por exemplo, quando eu estava com esse grupo, que era muito heterogêneo, eu conheci uma senhora que descobriu que estava com HIV porque o marido morreu e quando o marido estava prestes a morrer, o diagnóstico veio que ele era portador do HIV e tinha desenvolvido a doença, tinha desenvolvido a aids, e o médico disse “a senhora vai ter que fazer também os testes”, ela se descobriu. Mas foi o único namorado, único homem que ela teve, de uma fidelidade absurda a ele. Entende? Então, não

tinha da parte dela nenhuma promiscuidade, não tinha da parte dela nada disso. E, de repente, ela estava ali. Quer dizer, éramos todos vulneráveis. Então mexeu muito, muito, muito, muito com a cabeça da gente naquela época, e eu disse, não, eu preciso dizer para esses jovens que existe a questão, que precisa ser enfrentada, que existe uma questão comportamental, que que existe uma questão social. E que as pessoas que são portadoras do HIV não são vírus ambulantes. São pessoas. E foi um trabalho muito lindo nas escolas com esse livro, realmente foi um livro que circulou. Então *O dono dos pés* provocou isso, de uma forma muito bonita nas escolas. E aí, como a gente se colocava sempre a disposição de visitar as escolas, e de começar não com um grande grupo, que eu nunca gostei dessa história de grande grupo, mas de conversar a questão de sala em sala. Então tinha dias de eu ir para a escola e passar um período inteiro, porque eram 3 ou 4 salas, e eu ia de sala em sala conversar com os meninos e as meninas a respeito, um papo simples, leve.

Entrevistador

Pergunta. Esse trabalho com o livro foi alguma iniciativa de algum tipo de projeto, de algum tipo de programa? Ou foi uma iniciativa pessoal?

R. Não, não. Era uma iniciativa da própria editora que, claro em consulta com os autores e autoras, perguntava quem tinha essa disponibilidade, e eu sempre me coloquei à disposição para isso. Então a editora fazia toda a parte de comercialização e depois eu ia. A escola entrava em contato direto comigo e a gente agendava e eu ia fazer esse trabalho assim, que foi um trabalho, é sempre muito rico ir nas escolas. É sempre muito rico. Eu gosto muito, muito, muito, muito, muito de ir.

Sobre a elaboração, para mim ele é muito, eu digo assim, ele é comum a todos os livros que eu escrevo. Eu divido o livro, não é que eu divida assim na minha cabeça, eu vou fazer assim, assim e assim. Não, é um processo natural da minha escrita. Então, ele tem um primeiro período, um primeiro momento, eu diria, que pode demorar ou não, que é a definição: o que eu quero escrever? Sobre o que eu quero escrever? E para que público eu quero escrever? Então, definido o tema e o público, aí chega a parte mais longa, eu diria, que é a parte de estudo, de pesquisa, de conversa com um com outro, aquela coisa de jogar conversa fora, sabe? E aí depois, o terceiro passo, que é quando isso está definido, aí vem a questão da feitura do livro propriamente dita. Talvez a feitura do livro seja o processo mais rápido. Porque essa parte inicial já está definida. Então, *O dono dos pés* passou por esse processo, essa coisa começou a me incomodar demais. Qualquer tipo de preconceito me incomoda muito. E aquele dali ficou me

incomodando, me incomodando como um martelo, um prego na minha cabeça. Até que eu decidi escrever sobre o tema. E aí, para os adolescentes. Os adolescentes dos anos finais, a gente diria hoje, né? Porque os menorzinhos já é outro nível de interesse, digamos, dos anos finais. E aí eu comecei a pensar como seria, como seria para eles interessante a abordagem de um tema desses. Então eu achei que seria interessante através de uma pequena novela, que se contasse toda uma história etc. E aí eu comecei a partir daí a construção dessa pequena novela. Então, o personagem principal, claro que teria que ser aquela pessoa que se descobria soropositiva, mas também teria que ter um contraponto. Não é? E o contraponto viria de duas formas, de uma forma muito preconceituosa e de uma forma que quebrasse esses preconceitos, que é o papel da Viviane. Ela e a família dela, não somente ela. No texto é colocado com muita clareza que ela tem uma formação, uma base familiar muito interessante que permite com que ela tenha uma outra leitura de mundo, digamos assim, e vê sempre as situações por outra ótica. Então tudo isso foram elementos que foram discutidos em sala de aula com esses meninos e essas meninas.

Entrevistador

Pergunta. Você sentiu algum tipo de dificuldade durante o processo de escrita desse romance?

R. Não, não, não, não. Porque quando eu estou no processo de escrita é interessante, porque quando já está tudo definido, está definido o tema, está definido o público, está definido o assunto, está definido o eixo central, aí quando eu vou começar a escrever vai simhora. Comigo é assim, com outras pessoas eu não sei.

Entrevistador

Pergunta. De que forma para você, falar sobre HIV/aids nessa novela e para esse público é relevante?

R. Ele foi na época relevante por todas essas coisas que a gente já conversou. Sobretudo, pela quebra de preconceitos, de paradigmas, até para os professores na época foi muito interessante.

Entrevistador

Pergunta. Você poderia falar algum tipo de situação, por exemplo, com professores especificamente?

R. Eu me lembro que tem uma professora, que é daqui do Recife, a Rita Rafael, que ela já fez várias quartas capas dos meus livros, eu digo a ela que ela é a dona das quartas capas dos meus livros. Eu gosto muito da forma como ela apresenta o livro na quarta capa, ela consegue fazer

uma síntese muito interessante. Então quando ela leu, ela ligou para mim profundamente emocionada e disse “eu preciso trabalhar isso com os meus alunos”. Ela levou para todas as escolas dela. E um outro professor, que também eu encontrei num desses colégios, disse: “Não digo que você conseguiu tirar o preconceito, mas você conseguiu tirar o ranço, no sentido de que me fez compreender que eu preciso estudar sobre”. Essas coisas assim que você vai dizendo assim “valeu a pena”.

Entrevistador

Pergunta. Você poderia falar um pouco sobre o alcance dessa obra? Esse alcance de público.

R. Aí eu não sei lhe dizer do alcance se em termos numéricos, eu não sei lhe dizer não. Eu sei lhe dizer que foi um livro que não deu prejuízo para a editora.

Entrevistador

C. Já diz muito sobre a circulação da obra.

R. Mas ele circulou muito bem. Tanto ele quanto a coleção que você tem aí também, “Conceitos sem preconceitos”.

Entrevistador

Pergunta. Eu queria que você me falasse um pouco agora sobre o fato de o livro ter sido reeditado, ter recebido uma nova edição agora mais recente.

R. É, ele teve uma outra edição. Na realidade, ele teve muitas tiragens. É que são duas coisas diferentes. Ele teve muitas tiragens da primeira edição, muitas, eu não sei exatamente precisar quantas, mas ele teve muitas tiragens. E depois se fez uma outra edição com outra capa, uma capa mais atualizada, mais assim. E continua, eu acho que é um dos livros que continua. Assim, continua entrando bem nas escolas, elas continuam me chamando para conversar sobre. Entende?

Entrevistador

Pergunta. Existe algum tipo de motivação específica que levou a essa nova edição?

R. Não, eu acho que é a Bagaço... é porque a editora, vez por outra, eles fazem isso para dar uma repaginada nos livros. E aí é, tem umas que fazem assim em termos numéricos, se chegar até X exemplares vendidos, eles fazem uma nova edição. A Bagaço não funciona assim. A Bagaço funciona por tiragem, várias tiragens. Mas depois chega um ponto que é como se tivesse

uma saturação da capa. E aí, eles fazem uma nova capa e botam como uma segunda edição ou uma terceira edição. É um outro tipo de procedimento que a editora faz. Mas eu nunca me incomodei com essa questão não. Claro que eu sobrevivo de direitos autorais, mas a minha questão mais é, sempre foi, esse contato direto com o público. Porque, como eu disse antes, eu escrevo para as pessoas. Então, veja bem, eu escrevo para você. Então a minha preocupação, Isaque, é que você entenda o que eu estou escrevendo, até para você discordar. Mas eu preciso que você compreenda o que eu estou escrevendo. E aí, eu posso conversar com você sobre. E você pode concordar ou discordar, não tem problema. Eu não tenho essa preocupação de fazer, não é a minha ideia fazer aquela coisa rebuscada. Tem gente que escreve que quanto menos as pessoas compreendam, eles acham que é uma coisa extraordinária. Pode ser para eles, para mim, não. Para mim, o extraordinário é você compreender o que eu escrevi. E você ter condições de discutir comigo aquilo que eu escrevi. De concordar, discordar, de complementar. Entende? Esse aqui que é o tesouro do resultado da minha escrita.

Entrevistador

Pergunta. Após alguns anos, alguns escritores sentem uma vontade de reescrever ou modificar alguns textos, de algumas obras que foram publicadas a um determinado tempo, seja por alguma questão ética, por uma questão histórica e até mesmo social. Eu queria saber se você sente algum tipo de necessidade de reescrita com o livro *O dono dos pés* até mesmo pela mudança do HIV/aids.

R. Não, eu não sinto não. Sabe por quê? Eu não sinto porque ela retrata uma época escrita. Então, se eu tiver que escrever alguma outra coisa atualizada sobre o HIV/aids não será *O dono dos pés* reescrito. Será, talvez, uma complementariedade. Será, talvez, uma outra coisa, porque aquele livro retrata uma época. É, por exemplo, o primeiro romance que eu escrevi, só para contextualizar essa questão, se chama *Sophia*. Então, quando eu escrevi *Sophia*, estava na época de transição entre o *pager*, era um equipamento assim pequenininho, que era ultramoderno na época, e que você recebia mensagem, entre isso e o celular. O celular era artigo de luxo. E a médica, que Sophia era a personagem central, é uma médica, a personagem central, que faz a questão de cirurgias plásticas corretivas. Ela não faz cirurgia plástica estética. Tem uma diferença enorme, que hoje se faz até... Como é que se chama? Harmonização facial. Mas enfim. E aí, ela tinha esse “aparelhozinho”. E ela sai com um colega de trabalho. Vão lá assistir um show do balé popular do Recife, que na época era um show belíssimo de danças populares nossas. E aí ele comenta com ela, porque ela não tem um celular, que ela diz que não gosta disso não, ela gosta de investir nas coisas da profissão dela. O celular não discute isso não. Ora,

hoje está extremamente desatualizado. É atrasado, da idade da Pedra. Mas você quer mudar isso? Não. Porque eu quero dizer que naquela época em que o livro foi lançado, era assim. Então você tem nas salas de aula, se você quiser, você tem um gancho de aproveitar isso daí e de fazer todo um percurso do desenvolvimento da comunicação. Então, eu acho que tem essas coisas assim. E depois, como a gente está num processo evolutivo de uma velocidade estúpida, assim, louca, se você for atualizar o texto, você atualiza todos os dias. E ainda está atrasado, quando sair já está atrasado.

Entrevistador

Pergunta. Você tem interesse em produzir uma nova obra sobre a temática com uma perspectiva mais contemporânea?

Não, com HIV não. Agora eu fiz um livro sobre uma família daí, a família Nogueira. Foi lançado ano passado. Estou concluindo um aqui, agora no Recife. E estou também concluindo o livro do meu doutorado. Eu acho que esse semestre a gente começa com os lançamentos vários, nas várias cidades, o livro do doutorado, espero, porque também depende de muitas variantes, mas eu espero sair com esses 2 livros agora, esse ano. Para o ano que vem, já está pronto, mas ainda não foi, não sei quando será publicado, é um livro, uma novela, um livro assim infantojuvenil sobre Marinês, Marinês e sua gente. A grande paraibana, que na realidade ela era daqui de Pernambuco, mas Campina Grande foi a cidade que acolheu Marinês e ela se tornou a grande dama do forró. Então tem uma história dela que está contextualizada num livrozinho assim para infantojuvenil e tal, e eu não sei como é que a gente, como é que eu vou trilhar com essas três produções. Agora, eu quero, nesse sentido mais provocativo, o próximo romance que eu vou escrever, que já está todo desenhado na minha cabeça, ele vai girar em torno dessa questão da orientação sexual. Que eu acho que é uma coisa muito séria e muito importante de ser discutida, de ser colocada na mesa para ser conversada e para ser desmitificada, derrubada esses horrores de preconceito que tem a respeito.